

Daniela Magalhães da Silveira

CONTOS DE MACHADO DE ASSIS:
Leituras e leitores do *Jornal das Famílias*

Dissertação de Mestrado apresentada
ao Departamento de História do
Instituto de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Estadual de
Campinas sob a orientação do Prof.
Dr. Sidney Chalhoub.

Este exemplar corresponde à
redação final da Dissertação
defendida e aprovada pela
Comissão Julgadora em
28/02/2005.

Banca:

Prof. Dr. Sidney Chalhoub (orientador)

Profa. Dra. Regina Horta Duarte (membro)

Prof. Dr. Jefferson Cano (membro)

Prof. Dr. Robert Slenes (suplente)

FEVEREIRO/2005

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA CENTRAL DA UNICAMP

Si39c	<p>Silveira, Daniela Magalhães da. Contos de Machado de Assis : leituras e leitores do “Jornal das Famílias” / Daniela Magalhães da Silveira. – Campinas, SP [s.n.], 2005.</p> <p>Orientador: Sidney Chalhoub. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>1. Assis, Machado de, 1839-1908. 2. Jornal das Famílias. 3. Contos brasileiros. 4. Leitura de jornais. 5. Escritores e leitores. 6. Imprensa. I. Chalhoub, Sidney, 1957- II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.</p>
-------	--

Palavras -chave em inglês (Keywords): Short stories, Brazilian.
Newspaper reading.
Authors and readers.
Press.

Área de concentração: História social.

Titulação: Mestre em história social.

Banca examinadora: Sidney Chalhoub, Regina Horta Duarte, Jefferson Cano.

Data da defesa: 28/02/2005.

Resumo

Esta dissertação tem como objetivo central estudar uma revista feminina, intitulada *Jornal das Famílias*, editada entre 1863 e 1878. Uma de suas principais questões girava em torno de se disponibilizar leituras com certo tom moralizante e religioso, que servissem como lições às leitoras. Seus colaboradores posicionaram-se de maneiras diferenciadas. Machado de Assis, literato que mais assinou contos para essa revista, recorreu de várias estratégias para se aproximar mais de suas leitoras. Escreveu textos não só com caráter moralizador, mas também questionadores desse mesmo tema, da política Imperial e das formas de domínio à época. Também por meio da criação de personagens leitores e da indicação de alguns romances em seus contos, abriu-nos a possibilidade de saber algo do perfil dos leitores daquela revista.

Abstract

This dissertation is a study of the *Jornal das Famílias* – a female magazine published in Rio de Janeiro from 1863 to 1878. Despite differences in style and politics, most writers who collaborated to the *Jornal das Famílias* offered women a whole set of essays with moralizing and religious overtones. Machado de Assis, the intellectual who wrote most of the short stories published by the magazine, deployed several strategies to get closer to his female readers. For instance, he wrote fictional pieces with characters who played the agents of morality and, at same time, questioned royal politics and forms of domination. Also through his “reader-characters” and suggestions of some novels, Machado allowed us to know something about the profile of that magazine’s readers.

Para os meus pais:
José Augusto e Sônia,
por tudo

AGRADECIMENTOS

Nos últimos anos, meu assunto principal não poderia ter sido outro que Machado de Assis. Muitos, portanto, foram os que ouviram minhas histórias, descobertas, perguntas, inquietações... enfim, ajudaram-me a contar as histórias que compõem as páginas desta dissertação. Começando pelas instituições, agradeço ao CNPq pelos meses de ajuda financeira. No Museu Histórico Abílio Barreto, dividi, no primeiro semestre de 2003, as obrigações do Acervo de Objetos com pessoas imensamente especiais. Agradeço a todos os seus funcionários que ajudaram a amenizar aquela correria. Os funcionários do Arquivo Edgard Leuenroth – AEL –, na Unicamp, foram sempre os mais atenciosos, e me auxiliaram, mesmo sem saber, a terminar a pesquisa.

Logo no começo, na ausência absoluta de idéias e projetos, Regina Horta Duarte com profissionalismo mesclado a certa dose de carinho, como só ela sabe fazer, foi a responsável por me encorajar a seguir em frente. Foi com ela que consegui arduamente a fazer o primeiro projeto, depois vieram outros, até chegar naquele que originou nesta dissertação. Talvez seja impossível agradecer a confiança e as palavras ditas na hora certa, ficando a minha esperança de poder retribuir de alguma forma.

Pelos caminhos da História, encontrei amigos muito especiais e acumulei, proporcionalmente, uma grande dívida com todos eles. Sirlene foi a mais solícita e, com certeza, a que mais ouviu as minhas lamentações. Joanna esteve presente em todas as situações. Seus bilhetinhos carinhosos serviram de estímulo, quando me sentia sozinha. Dividi aflições e incertezas muito parecidas com Janice, uma grande amiga da História e de histórias. Muito distante de casa, encontrei amigos, que não serão esquecidos. Lembro-me do jeito afetuoso e estabonado da Juliana, e das conversas que tive com a Isadora, depois de um longo dia no Arquivo, em Minas. À Isadora ainda devo agradecer todo o seu carinho e atenção, mesmo quando já não estava no Brasil, e o seu “auxílio” para a elaboração do abstract desta dissertação. Encontrei também um casal de amigos, André e Silvana, que me acolheram num momento delicado, e dividiram comigo tensões e alegrias. Tenho uma enorme dívida com a Uliana, que foi responsável por amenizar as minhas aflições com seu

jeito e palavras atenciosas, além de ter me recebido em sua casa com carinho fraternal. Jamais me esquecerei de nossas histórias, medindo distâncias no mapa, atravessando caminhos escuros e pantanosos para chegar à Unicamp ou rindo do Pitico escondido debaixo da cama!

Encontrei no Cecult um lugar excelente para desenvolver a minha pesquisa. Fui acolhida por Luciana e Flávia que foram mais que profissionais atenciosas. Foram também as companheiras certas para a hora do almoço, ou para quando estava perdida entre a Biblioteca e o Arquivo. Tenho orgulho de dizer, também, que fui aluna dos professores mais dedicados e competentes, que são os que compõem a Linha de Pesquisa em História Social da Cultura. Em minha Qualificação, Robert Slenes e Jefferson Cano foram leitores gentis, perspicazes, caturras... que me fizeram perceber pontos ainda encobertos. Com certeza, todos os capítulos só ganharam com os comentários por eles feitos.

Faz alguns anos que sou leitora do meu orientador, Sidney Chalhoub. Acho que existe até mesmo uma coincidência entre a minha leitura de seus escritos e a vontade de fazer História. Como sua orientanda, devo agradecer, primeiro, a enorme paciência e confiança, quando eu tinha certeza de que todos aqueles contos eram iguais e de que tudo daria errado. Depois, o cuidado e atenção ajudando-me a escrever o texto. E, finalmente, suas palavras e brincadeiras que tanto ajudaram a suavizar minhas preocupações. Por tudo isso é que tenho certeza de que faria tudo novamente, da mesma forma.

Resta agradecer à família, principal responsável por tudo. Meus pais foram o estímulo de que tanto precisava. Acredito que meu pai não saiba o quanto seu carinho, quando nos despedíamos para mais uma viagem rumo a Campinas, foi importante. Minha mãe foi responsável pelos mimos e pela alegria de voltar para casa e encontrar aquele aconchego especial. Ela representa para mim força, e a certeza de que tudo vale a pena, mesmo quando o cansaço parecer mais forte. Completando a nossa grande família, agradeço à Dinda pelo carinho maternal e cumplicidade. Aos meus irmãos, Wanda, pela presença, mesmo distante geograficamente; Zé Augusto, pelo interesse em minhas histórias; Juarez, que desde o começo serviu de estímulo; e Ronaldo, por todo o seu carinho e ajuda na parte prática, com impressões, travamentos do computador e afins. Cada um de vocês, em momentos e de maneiras muito variadas, foi essencial para que tudo terminasse bem.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:

<i>JORNAL DAS FAMÍLIAS: ÀS GENTIS LEITORAS</i> -----
01

CAPÍTULO I:

ENTRE LIÇÕES E AMENIDADES-----
17
1 – “Confissões de uma viúva moça” -----
17
2 – Viúvas: a ambivalência da situação-----
24
3 – Casamento e esposa modelo-----
38
4 – Meninas loureiras e casadoiras-----
58
5 – Triângulos amorosos: a arte e o passatempo-----
72

CAPÍTULO II:

LITERATURA E POLÍTICA -----
85
1 – “A parasita azul” -----
85
2 – Da rua do Ouvidor ao <i>Jornal das Famílias</i> -----
95
3 – As artes da dissimulação-----
113
4 – Questões de herança-----
125

5 – Dependência e escravidão-----

134

CAPÍTULO III:

LENDO COM MACHADO DE ASSIS-----

147

1 – “Quem conta um conto...” -----

147

2 – Leitores acorrentados-----

153

3 – Personagens leitores-----

166

4 – *Paulo e Virgínia* ou *Fanny?*-----

180

FONTES-----

203

BIBLIOGRAFIA-----

205

ANEXO-----

209

INTRODUÇÃO

JORNAL DAS FAMÍLIAS: *ÀS GENTIS LEITORAS*

Era no tempo dos romances publicados em folhetins, convites à estréia de peças de teatro, livros trazidos da Europa que chegavam à livraria Garnier, rua do Ouvidor repleta de passantes derrubando ministérios e formando outros com a mesma rapidez; mas também de anúncios de compra e venda de escravos, recompensas a quem encontrasse ladino fugitivo, histórias de agregados que manipulavam situações para manter espaços arduamente conquistados. Surgia, então, o *Jornal das Famílias: publicação ilustrada, recreativa, artística, etc.* A sua redação funcionava à rua do Ouvidor, 69, livraria de B. L. Garnier, Rio de Janeiro. De janeiro de 1863 a dezembro de 1878, naquele endereço, muitas estratégias de venda, correções de novelas, e vários acertos foram realizados. Tudo com a finalidade de agradar às gentis leitoras, como foram, muitas vezes, chamadas as suas assinantes. Esse foi um momento em que a imprensa, de forma geral, conquistou espaços inexplorados, com o lançamento de inúmeros títulos.¹ Alguns efêmeros e outros que duraram muitos anos. Dentre aqueles dedicados aos interesses domésticos, o *Jornal das Famílias* destaca-se pelo fato de permanecer, durante quinze anos, levando páginas que mesclavam moda e literatura.

Na verdade, a sua estréia ocorrera sob o nome de *Revista Popular*, também editada por B. L. Garnier. Lançada ainda em janeiro de 1859, suas propostas não eram modestas. Dizia oferecer “um pouco de tudo”.² Isso parece não ter ficado apenas em promessas de editorial de abertura. Pois, ao longo de sua publicação, é possível conferir desde seções de “Agricultura” até as freqüentes “Crônicas” quinzenais, assinadas por Carlos.³ Com o público alvo cobiçado, tinha que ser assim mesmo. Para escrever “de tudo e para todos”, os temas

¹ Para uma análise da produção impressa, nesse período, ver SODRÉ, Nelson Werneck. “A imprensa do Império”. In: *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

² “Introdução”. In: *Revista Popular*. Janeiro de 1859. P. 2.

³ Em seu primeiro ano, a *Revista Popular* trazia seções de Agricultura, Bibliografia, Catequese, Colonização, Crônicas, Economia Política, Esboços Biográficos, Literatura, Filologia, Poesia, Romances, Ciências Naturais e Variedades. Estas seções, com algumas pequenas alterações, permaneceram até o último ano de edição sob aquele título.

deveriam variar, como o proposto. Os leitores pretendidos iam desde lavradores a engenheiros e filósofos. Do mesmo modo, o público feminino não foi esquecido:

Não haverá pois na Revista parte alguma, que por qualquer princípio vos esteja vedada, formosas filhas de Eva; mas haverá uma privativamente vossa, pelo que ficareis melhor aquinhoadas. (Assinai pois ou fazei assinar vossos pais, ou maridos, que é o mesmo.) Os trabalhos de agulha para as solteiras, a economia doméstica para as casadas, e as – modas para todas – tudo isto é do vosso exclusivo domínio e nós lhe reservamos um cantinho.⁴

Havia, dessa forma, partes específicas destinadas às leitoras. Além disso, dentro daquilo reservado a esse mesmo público existiam outras subdivisões. Às solteiras e casadas, cabiam obrigações diferentes, portanto leituras apropriadas a cada situação. Apenas as modas podiam ser compartilhadas. Os responsáveis por atender a interesses tão diversos também foram muitos. Vários deles permaneceram apesar das mudanças ocorridas e ocuparam as páginas do *Jornal das Famílias*.⁵ Vale a pena destacar o caráter geral propalado pela *Revista*, pois é isso que não desejava mais, após as modificações ocorridas com a troca de título. Mesmo porque não foi só uma mudança de *Revista Popular* para *Jornal das Famílias*. Houve inserção de novos colaboradores, restrição do público almejado, periodicidade alterada, além de transformações ocorridas na própria organização de suas seções. O que foi lançado em 1863 já não era mais a *Revista Popular*.

Ainda assim, o novo periódico informava, logo em seu primeiro número, ser a “mesma *Revista Popular*”, contudo seria “exclusivamente dedicada aos interesses domésticos da família brasileira”.⁶ Enquanto a sua antecessora pretendia atender a todos, trazendo até mesmo no título a indicação de ser publicação popular, agora as seções e os textos publicados pretendiam atrair o público feminino. Tudo isso pode ser justificado pelo fato de que já a antiga revista, provavelmente, alcançava mais esse público do que outro qualquer. Se, de fato, isso acontecia, as gentis leitoras deveriam ser mais ouvidas e ter seus interesses atendidos.

⁴ “Introdução”. In: *Revista Popular*. 1859. P. 4.

⁵ Os colaboradores que, ao longo da *Revista Popular*, assinaram artigos e poesias foram muitos. Dentre eles destacam-se aqueles que colaboraram também com o *Jornal das Famílias*, como Juvenal Galeno, Augusto Fausto de Souza, Bittencourt Sampaio, Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto de Sousa e Silva, Luis Antônio Burgain, dentre outros.

⁶ “Aos nossos leitores”. In: *Jornal das Famílias*. 1863. s/p.

Assim, os artigos de “Agricultura”, dentre outros tão distantes da realidade delas, seriam substituídos por “aqueles que mais importarem ao país, à economia doméstica, à instrução moral e recreativa, à higiene, numa palavra, ao recreio e utilidade das famílias”.⁷ Esta a nova proposta. Resta saber em que medida foi cumprida.

Em seus primeiros anos de edição, o *Jornal das Famílias* conservou muito das características da *Revista Popular*. No entanto, o tom religioso e moralizador foi marcante. Talvez por causa da presença de padres assinando seções fixas, ou mesmo devido ao pensamento de alguns em educar a parcela de leitoras a quem aqueles escritos eram dedicados.⁸ Logo em janeiro de 1863, a revista trazia em “Mosaico” sentenças retiradas de “livro sumamente religioso e raríssimo”, que deveriam ser “bem recebidas” pelo público, por causa de seu “estilo singelo e clássico”, além de possuir certo “cunho de moralidade”.⁹ Histórias bíblicas também foram constantes nesses primeiros números. Assinadas pelo padre Francisco Bernardino de Souza¹⁰, traziam textos inspirados na Bíblia, e entremeados por linguagem mais acessível. Lázaro, judeus, Esaú e Jacó e Eva compuseram trechos dedicados a público específico. A História da Criação, por exemplo, é refeita com ênfase em Eva, em tentativa de aproximar as lições contidas no texto ao dia a dia das possíveis leitoras.¹¹ A criação do homem, o fruto proibido, a tentação e, por fim, a consumação do pecado. Quadros narrados de forma a demonstrar às leitoras o papel ocupado por elas. A seção denominada “História” foi quase toda assinada por esse padre. Quando o seu nome deixou de figurar, em 1867, os textos ali agrupados resistiram apenas por mais dois meses.¹² Isto sugere a relação

⁷ Idem.

⁸ A produção literária do século XIX teve como uma de suas funções a de instruir seu público e passar lições relativas à moral. Os romances ao final de seus enredos deveriam reafirmar a lição que o leitor teria que tirar com aquela leitura. Esses escritos poderiam, inclusive, servir como “guia de conduta” aos seus leitores. Ver, AUGUSTI, Valéria. *O romance como guia de conduta: A Moreninha e Os dois amores*. Unicamp: Dissertação de Mestrado em Teoria Literária, 1998.

⁹ “Sentenças”. *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1863. Pp. 13-15.

¹⁰ O padre Francisco Bernardino de Souza foi poeta, memorialista, ensaísta, orador, tradutor, jornalista, professor e membro do Instituto Histórico Brasileiro. Até o ano de 1867, foi nome constante nas páginas do *Jornal das Famílias*, tanto nas seções de “Romances e Novelas”, quanto na de “História”. COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001. V. 2. P. 1530.

¹¹ Souza, Francisco Bernardino de. “Eva”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1865. Pp. 278-282.

¹² A última história assinada pelo padre intitula-se “A saída do Egito” (abril de 1867). Outros dois textos apareceram nessa mesma seção – “História” –, assinados por Emília Augusta Gomide Penido. Também possuem ênfase religiosa, sendo intitulados “A ressurreição de Cristo” (junho de 1867) e “O milagre de Nain” (junho de 1868). Depois disso a seção é extinta, além de a participação do padre ser interrompida em todo o periódico.

direta entre cada parte do periódico e seus responsáveis. De fato, era algum literato específico que oferecia sustentação a cada seção. Estas eram criadas com a chegada de novos colaboradores, do mesmo modo que foram extintas quando estes não mais mandavam seus textos para o editor.

“Romances e Novelas” ocupava parte central. Também aqui apareceu alguma colaboração do padre Francisco Bernardino de Souza, mas foram poucas.¹³ O nome mais freqüente foi mesmo o de Machado de Assis. São 85 contos publicados, nesta seção, de junho de 1864 a dezembro de 1878.¹⁴ Durante esses quatorze anos, poucos foram os meses em que não havia alguma história por ele assinada. Além de freqüentar as páginas de “Romances e Novelas”, seus escritos compuseram as seções de “Viagens”¹⁵ e “Poesias”.¹⁶ A maioria das histórias teve seu fim prorrogado por pelo menos um mês. Algumas delas alcançaram até quatro números seguidos. O suspense constituiu-se em uma das estratégias usadas para prender a atenção do público de mês a mês.

A participação de Machado de Assis no *Jornal das Famílias* tornava-se mais fundamental e constante a cada número. Se em 1864 figuraram apenas quatro contos e o início

¹³ Dentre essas colaborações, destacam-se os textos intitulados “A sereia” (fevereiro de 1864), “Ahasverus” (março de 1865) e “A laranjeira” (junho de 1866). Todos eles com caráter religioso e moral.

¹⁴ Existem muitas controvérsias em torno do número de contos publicados por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, por causa do reconhecimento de alguns dos seus pseudônimos e dos colaboradores daquele periódico. José Galante de Souza reconhece como pseudônimos usados por Machado nessa revista *J., J.J., Job, Victor de Paula e Lara*. Somando esses pseudônimos àquelas assinadas com o seu próprio nome, teríamos para o periódico 62 histórias. Jean-Michel Massa e Raimundo de Magalhães Júnior também discutem a questão dos pseudônimos e a colaboração de Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*, mas não fecham seus apontamentos. Massa refere-se aos contos que tiveram autoria confirmada nas coletâneas organizadas pelo literato e aos atribuídos. John Gledson, estudando os contos de Machado, faz referência a 70 contos publicados nessa revista. Nesta dissertação, estou levando em consideração, como contos de Machado de Assis, aqueles que foram identificados por esses três estudiosos em seus diferentes trabalhos. Sobre a identificação dos contos de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, ver SOUSA, José Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1955; MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870). Ensaio de bibliografia intelectual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971; MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981; CAVALCANTE, Djalma Moraes. *Contos Completos*. Juiz de Fora, MG: Editora da UFJF, 2003; e GLEDSON, John. “Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo”. In: ASSIS, Machado de. *Contos/uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁵ Na seção “Viagens”, apareceu, em abril e maio de 1866, o conto intitulado “Uma excursão milagrosa”. Com este, Machado de Assis publicou o total de 86 contos inéditos, nessa mesma revista.

¹⁶ De acordo com Magalhães Júnior, a primeira aparição de Machado de Assis no *Jornal das Famílias* foi através de versos, datados de junho de 1863. Dentre suas poesias, pode-se destacar, “Tristeza” (agosto de 1866), “Amor passageiro”, “Hino do cristão” e “Em sonhos”, as três últimas, respectivamente, em junho, julho e outubro de 1869. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. *Vida e obra de Machado de Assis*. Op. Cit. V. 1. P. 187.

de outra história,¹⁷ e em 1865 foram publicados o final da história começada no ano anterior, mais duas outras completas e o início do conto, “Linha reta e linha curva”,¹⁸ já em 1866 pode-se observar aumento considerável de narrativas. São nove histórias completas e um epílogo, assinadas por sete diferentes iniciais, pseudônimos e uma anônima.¹⁹ Em março de 1868, uma de suas histórias chegou a ocupar todas as páginas.²⁰ Dessa forma, esse literato foi tornando-se o maior colaborador da seção. Quando as mudanças ali ocorreram, foram motivadas pelos rumos oferecidos por ele mesmo em sua participação. Assim sendo, distinção marcante entre os dois periódicos é a participação de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*, já que na *Revista Popular* não há nada por ele, ou por algum de seus pseudônimos, assinado.²¹

Quando Machado de Assis publicou ali sua primeira história, era um jovem e ainda não muito conhecido escritor de 25 anos. Já havia colaborado em outros periódicos e participava, de forma ativa, no jornal *Diário do Rio de Janeiro*.²² Mas foi na revista dedicada aos interesses das gentis leitoras que empreendeu, pela primeira vez, colaboração regular, extensa e pensada para público mais definido.²³ Dessa experiência, selecionou histórias que,

¹⁷ Em 1864, as histórias publicadas além de “Frei Simão”, são “Virginius, narrativa de um advogado”, “O anjo das donzelas”, “Casada e viúva” e o início de “Questão de vaidade”. Os pseudônimos e iniciais usados foram *M. A.* e *Max*, além de *Machado de Assis*.

¹⁸ Em 1865, Machado de Assis chegou ao final de “Questão de vaidade”, publicou o polêmico conto “Confissões de uma viúva moça”, “Cinco mulheres”, e iniciou “Linha reta e linha curva”. Além de assinar com seu nome – *Machado de Assis* –, usou a inicial *J.* e o pseudônimo *Job*, que apareceu como autor de um grande número de histórias.

¹⁹ Em 1866, Machado de Assis levou a público o epílogo de “Linha reta e linha curva” e os contos “O oráculo”, “O pai”, “Diana”, “Uma excursão milagrosa”, “O que são as moças”, “Felicidade pelo casamento”, “A pianista”, “Astúcias de marido” e “Fernando e Fernanda”. Nessas histórias, assinou como *Job*, *Max*, *M.*, *A.*, *S.*, *J. J.* e *Máximo*. A história anônima é “Diana”.

²⁰ Nesse número, aparece apenas um conto na seção “Romances e Novelas”. Além dessa seção, são publicadas ainda a de “Poesias” e “Trabalhos”. O conto que saiu no mês de março de 1868 foi “O carro nº 13”, assinado por *Victor de Paula*, um dos pseudônimos usados por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*.

²¹ Machado de Assis conheceu o editor dessas revistas – B. L. Garnier – ainda em 1859, quando a *Revista Popular* começava a ser publicada. Entretanto, não participou desse periódico. MAGALHÃES JÚNIOR, op. Cit., P. 91. Massa faz referência a uma possível colaboração de Machado na primeira revista de Garnier, mas logo depois contesta essa possibilidade. MASSA, Jean-Michel. “Machado de Assis contista (1864-1869). Os enigmas ‘Jornal das Famílias’”. In: *A juventude de Machado de Assis (1839-1870). Ensaio de biografia intelectual*. Op. Cit. Pp. 531-2.

²² Para uma análise da participação de Machado de Assis no *Diário do Rio de Janeiro*, ver CAVALLINI, Marco Cícero. *O Diário de Machado: a política do Segundo Reinado sob a pena de um jovem cronista liberal*. Unicamp: Dissertação de Mestrado em História, 1999. Sobre as crônicas por ele publicadas, também no *Diário do Rio de Janeiro*, ver GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação (à roda dos jornais)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

²³ MAGALHÃES JÚNIOR, op. cit., P. 232.

agrupadas, formaram suas duas primeiras coletâneas de contos.²⁴ Além disso, pôde avaliar sua própria colaboração – já que o periódico estendeu-se por longos anos –, retomando temas e revendo posicionamentos. A sua leitura desses contos, com certeza, auxiliou-o nos caminhos e novos rumos seguidos. Por isso, ambas as trajetórias – da revista e do literato – podem ser, muitas vezes, confundidas.

“Romances e Novelas” também contou com a participação de outros literatos conhecidos. Dentre esses se destacam as contribuições de Augusto Emílio Zaluar, Augusto Fausto de Souza e Caetano Filgueiras.²⁵ Em listas de colaboradores, encontradas nos anos de 1870 e 1877, ainda apareceram outros nomes.²⁶ Contudo, a maioria das assinaturas é mais esporádica. Machado de Assis àquela época fazia parte do mesmo grupo de alguns desses colaboradores, para além da revista da qual participava. O jovem literato chegou a freqüentar o escritório de Caetano Filgueiras, juntamente com outros nomes da literatura.²⁷ Filgueiras ainda foi o prefaciador do primeiro livro de poesias, organizado por Machado. Compondo o grupo, estava também Augusto Emílio Zaluar, outro importante colaborador da revista. Este, aliás,

²⁴ Na primeira coletânea de contos, publicada por Machado de Assis – *Contos Fluminenses* –, de suas sete histórias, seis foram antes lidas pelas leitoras do *Jornal das Famílias*. A segunda coletânea – *Histórias da Meia-noite* – foi toda composta por histórias publicadas naquele mensário feminino. Ambas as coletâneas foram editadas por B. L. Garnier em 1870 e 1873, respectivamente.

²⁵ Zaluar, dentre outros, escreveu o livro *Peregrinação pela província de São Paulo*. Nascido em Portugal, chegou ao Rio de Janeiro em 1849 e passou a colaborar assiduamente tanto na imprensa portuguesa, como na brasileira. Augusto Fausto de Souza escreveu várias histórias para o *Jornal das Famílias*, assinando as iniciais A. F.. Caetano Filgueiras também apresenta destacada colaboração ao periódico, além de ter escrito o prefácio do primeiro livro de poesias de Machado de Assis – *Crisálidas*. MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1969.

²⁶ Em 1870, a lista de colaboradores traz os nomes de Dr. Augusto Fausto de Souza, Augusto Emilio Zaluar, Bittencourt Sampaio, D. Emília Augusta Gomes Penido, Cônego Francisco Bernardino de Souza, D. Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, Dr. Caetano Alves de Souza Filgueiras, Cônego Dr. J. C. Fernandes Pinheiro, Dr. Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Norberto de Souza e Silva, J. L. Teixeira de Macedo, Dr. José Joaquim Pessanha Pova, José Rufino Rodrigues Vasconcellos, José Nicolao Vergueiro, Juvenal Galeno, L. G. P. Guimarães Júnior, Luiz Antônio Burgain, Machado de Assis, Manoel Ignácio Marrocos Mendes, D. Paulina Philadelphia e V. Colonna. Enquanto que na de 1877 aparecem os nomes de Dr. Augusto Fausto de Souza, Augusto Guanabara, Dr. Bern. Joaq. Da Silva Guimarães, D. Emília Augusta Gomes Penido, Ernesto Castro, Heitor da Silveira, D. Honorata Minelvina Carneiro de Mendonça, Dr. Joaquim Manuel de Macedo, Joaquim Norberto de Souza e Silva, J. L. Teixeira de Macedo, Dr. José Joaquim Pessanha Pova, José Rufino Rodrigues Vasconcellos, Juvenal Galeno, L. G. P. Guimarães Júnior, L. L. Fernandes Pinheiro Júnior, Machado de Assis, Dr. Manoel Duarte Moreira d’Azevedo, D. Maria Ignacia Magna, D. Paulina Philadelphia, P. A. Gomes Junior, V. Colonna. Como se vê, muitos deles repetem-se e outros aparecem apenas em uma ou outra lista.

²⁷ No prefácio a *Crisálidas*, escrito em meados de 1864, portanto, quando Machado de Assis começava a colaborar com o *Jornal das Famílias*, Filgueiras apresentava-se como “protetor” de jovens intelectuais, que se reuniam em seu escritório. Destacava os nomes de Casimiro de Abreu, Gonçalves Braga, Machado de Assis e José Joaquim Cândido de Macedo. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. *Vida e obra de Machado de Assis*. Op. Cit. Pp. 30-32 e 309. Sobre as amizades do ainda jovem Machado de Assis, ver também MASSA, Jean Michel. *A juventude de Machado de Assis*. Op. Cit. Pp. 163-168.

segundo Magalhães Júnior, teve até mesmo uma obra criticada pelo jovem colaborador do periódico.²⁸ Esses literatos mantiveram relações que haviam tido seu começo antes mesmo do período de publicação do *Jornal das Famílias*, o que deve ter estimulado conversas em torno das questões ali levantadas. Essas conversas compuseram as páginas dos periódicos em que colaboravam. Além disso, esses mesmos nomes também freqüentavam o principal ponto de venda do periódico: a livraria Garnier. Luiz Edmundo, em seu *O Rio de Janeiro do meu tempo*, faz observação importante:

Machado de Assis jamais falta ao ponto da Garnier, como ao da repartição onde trabalha. É figura regular, na livraria.

Quando ele entra, rompendo a curva augusta da “Sublime-Porta”, que outra não é senão a de arco monumental que dá ingresso à livraria, derrubam-se chapéus, arqueiam-se espinhaços:

- Mestre!²⁹

Embora o relato seja referente a período posterior ao de publicação do *Jornal das Famílias*, é possível imaginar que aqueles que o compravam ali tinham acesso aos colaboradores. Estes se beneficiavam de comentários feitos tanto pessoalmente, quanto de conversas ouvidas ao acaso. Ao conhecer as opiniões desses leitores especiais, podiam, como reposta a eles, fazer modificações em seus escritos e até mesmo no modo como atuavam. Como o periódico em questão foi publicado durante quinze anos, observa-se em cada novo texto algo desse diálogo estabelecido entre os próprios colaboradores e os seus leitores, conforme veremos ao longo desta dissertação. Saber algo dessa relação, do modo de atuação daqueles literatos e dos próprios leitores é objetivo central.

Além da seção de “Romances e Novelas”, outra que esteve presente em vários números foi o “Mosaico”. Esta, se nos primeiros anos não possuía característica bem definida, logo em 1866 passou a compreender as anedotas de Paulina Philadelphia, colaboradora que teve lugar

²⁸ Idem. P. 32.

²⁹ EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. V. II, P. 709.

garantido ao lado de Machado de Assis.³⁰ Suas pilhérias foram alvo de elogios feitos naquelas mesmas páginas:

Anedotas espirituosas e morais têm por certo causado a VV. EEx. o prazer que as pessoas de finíssima educação experimentam nesse gênero de amena literatura, e mais de uma vez conseguiram dissipar as névoas da melancolia que se haviam acumulado nas belas fronteiras das nossas leitoras.³¹

Tinham, portanto, a função de amenizar as preocupações causadas pelo dia a dia. Mas isso não acontecia por meio de qualquer dito chistoso. Logo no início, havia a afirmação de que as anedotas eram “espirituosas e morais”. Essa indicação ajuda-nos a perceber que alguma lição deveria esconder-se por detrás de palavras aparentemente tão amenas. Além de ressaltar a diferenciação entre a boa e a má piada. Ou seja, para Paulina Philadelphia e seus leitores, aquela seção relacionava-se ao riso, desde que este não fosse degradante, dirigido a alguma pessoa de forma específica, com a função de ridicularizá-la.³² Importa destacar também que suas anedotas estavam de acordo com aquilo que era publicado em todo o *Jornal das Famílias*. Neste sentido, observa-se a relação direta estabelecida, por exemplo, entre a seção de “Medicina Popular” e o conjunto do periódico:

Um médico que esperava dias inteiros em seu consultório que lhe aparecessem algum chamado, admirava-se de que um charlatão, seu vizinho, foi um dia ter com ele e perguntou-lhe: “Por que segredo tendes vós tanta clínica sem terdes estudos nem diplomas, ao passo que eu possuindo tudo isso não tenho chamado algum? – Quantas pessoas julgais vós que passem por esta rua no decurso do dia? perguntou o charlatão, sem responder a sua pergunta. – Não sei, retorquiu-lhe o médico. – Pois bem, disse-lhe o interrogador, suponhamos que são cem,

³⁰ A primeira participação de Paulina Philadelphia, no *Jornal das Famílias*, é datada de junho de 1865, em “Romances e Novelas”, com a história intitulada “Jovens interessantes”. Ainda nesse mesmo ano, essa assinatura começa a aparecer também em “Economia Doméstica”, a partir de novembro, com dicas contra queimaduras. Esta seção passa, a partir daí, a contar sempre com a sua participação, com receitas culinárias, entre outras dicas para as donas de casa. As anedotas por ela assinadas começam a figurar naquelas páginas em janeiro de 1866. Além das seções de “Romances e Novelas”, “Economia Doméstica” e “Mosaico”, essa colaboradora ainda participou de “Medicina Popular”.

³¹ “Às nossas leitoras”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1869. P. 37.

³² Sobre o “bom riso” e o “mau riso”, no século XIX, ver SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Pp. 37-55.

quantas pessoas sensatas julgais vós que haverá entre essas cem? – Duas, disse o médico. – Eis o segredo, exclamou o charlatão, as sensatas vão ter convosco e as loucas são para mim.³³

É comum esse tipo de brincadeira com relação às práticas médicas e seu exercício. Havia anedotas referentes ao charlatanismo de alguns médicos, pacientes com doenças não identificadas, e ainda a ignorância dos doentes na hora da aplicação do receituário. Tudo de acordo com as dicas e sugestões oferecidas em “Medicina Popular”. Esta parte da revista estava, aliás, associada à divulgação de remédios caseiros e outras fórmulas de cura e prevenção de doenças. Trazia, geralmente, dicas retiradas dos dicionários e guias médicos do Dr. Chernoviz.³⁴ Ao longo da publicação, muitas vezes, a seção confundiu-se com “Economia Doméstica”, que também trazia receitas e dicas domésticas. Não havia distinção muito grande entre o que pertencia aos conselhos domésticos e o que se relacionava a ensinamentos de cuidados e prevenção a doenças. No mesmo espaço dedicado às várias receitas culinárias encontram-se, também, receitas de remédios e pomadas, com utilidades diferentes.

Além das anedotas referentes às práticas médicas, as próprias mulheres e suas vaidades foram alvo constante das pilhérias de Paulina Philadelphia. Neste ponto, assemelhava-se à sua participação em “Romances e Novelas”, com lições sobre moralidade e fórmulas de como realizar casamento bem sucedido.³⁵ Por fim, havia enorme quantidade de anedotas sobre fidalgos franceses, condes e seus palácios, possivelmente inspiradas nas leituras feitas pela colaboradora, em periódicos vindos da Europa. Depois de mais de 140 anos, é difícil encontrar algum motivo para riso naqueles ditos chistosos; mas estes foram, com certeza, compreendidos e apreciados por seus leitores contemporâneos. Mesmo porque ocuparam muitas páginas e em vários números. Não foi participação esporádica, mas efetiva e consolidada.

³³ Paulina Philadelphia. *Jornal das Famílias*. Julho de 1867. P. 214.

³⁴ “Medicina Popular” começa a ser publicada a partir de julho de 1866, com dica retirada do *Dicionário de medicina popular*, de Chernoviz. Depois disso, passa a ser seção quase sempre recorrida, com ensinamentos retirados ora desse dicionário, ora do *Formulário ou Guia Médica*. Como esses eram vendidos na livraria Garnier, o *Jornal das Famílias* trazia constantemente referência a alguma nova edição, às vezes, até mesmo, com o “Prólogo”, como aconteceu com a quinta edição, de seu *Dicionário de Medicina Popular*.

³⁵ Em “Romances e Novelas”, a participação de Paulina Philadelphia teve característica moralizadora. Publicou artigos com conselhos às jovens leitoras – que serão analisados com mais vagar no primeiro capítulo desta dissertação –, e a tradução da novela “Dolores”, de novembro de 1865 a junho de 1868.

Diversas seções compuseram números esparsos e depois não voltaram mais àquelas páginas. Algumas delas não chegaram a ultrapassar uma única revista, como “Conselhos”, assinados por Victoria Colonna.³⁶ Outras permaneceram por mais alguns números, sem chegar a constituir-se em seção fixa, como “Bibliografia”, “Floricultura”, “Variedades” e “Viagens”.³⁷ O que valia mesmo era a proposta de oferecer às assinantes leitura agradável e mesclada a certa dose de “instrução”:

Recrear suas leitoras com poesias e variados artigos de mero interesse literário, não é missão exclusiva do *Jornal das Famílias*.

Além deste propósito, que por certo não deixa de ser digno de toda a solicitude da parte de sua redação, tem o nosso jornal por timbre e dever instruir o sexo, cujas graças naturais por sem dúvida se centuplicam, quando realçadas pelo brilhantismo de uma educação esclarecida.

É por isso que, não só por mais de uma vez nos temos ocupado de assuntos pertencentes à ciência, como estamos resolvidos a empreender a publicação de uma série de artigos, onde possamos desempenhar perfeitamente os dois grandes fins da nossa folha.³⁸

“Recrear” e “instruir” eram, portanto, as duas principais propostas do *Jornal das Famílias*. De fato, muitos dentre seus colaboradores empenharam-se nesse intuito, mas usaram de caminhos diferentes. A maioria deles posicionou-se como instrutores de mulheres leitoras. Seus textos apresentavam forte caráter moralizador e religioso. Pretendiam ensinar às mulheres a cuidar de suas casas, escolher seus cônjuges e educar seus filhos. Possivelmente, acreditavam que por esse caminho chegariam ao futuro da nação. Ou seja, aos filhos de suas leitoras. Quando apostaram no riso, tal qual Paulina Philadelphia, adotaram a posição de criticar aqueles que não se enquadravam nesse ideal civilizador. Mas, de outro modo, Machado de Assis, como principal colaborador do periódico, procurou muito mais se aproximar do dia a dia de suas leitoras. Mesmo quando fosse preciso abrir mão dessa proposta tão explícita de educar leitores. Machado tornou-se não só o principal debatedor das questões

³⁶ Victoria Colonna. “Conselhos”. *Jornal das Famílias*. Novembro de 1874. Pp. 343-345.

³⁷ “Bibliografia” aparece em abril e setembro de 1864, “Floricultura” em março e maio de 1872, “Variedades” em julho de 1874 e janeiro e abril de 1878, e “Viagens”, que é a mais longa dessas seções, aparece em alguns números entre 1864 e 1866.

³⁸ *Jornal das Famílias*. Outubro de 1874. P. 304. Essa série de artigos foi assinada por Caetano Filgueiras nas revistas de out. de 1874 a jan. de 1875. Refere-se à cultura de figueiras.

propostas, por meio de outros colaboradores, mas também interlocutor de suas leitoras. Ao ler os seus contos é marcante a busca por temas discutidos em outras seções, ou por ele mesmo em suas próprias histórias. Seus personagens repetem-se. São modificados, provavelmente, de acordo com aquilo que “ouvira” dos leitores. Não só como forma de agradá-los, mas também de suscitar novas leituras.

A seção que concentrou maior número de colaboradores foi a de “Poesias”. São inúmeros os nomes que apareceram, com poesias bastante românticas. Além de Machado de Assis, destacam-se, mais uma vez, as participações de Caetano Filgueiras, Augusto Emílio Zaluar e Honorata Minelvina Carneiro. A identificação da maioria das assinaturas não é tarefa fácil, por trazer apenas iniciais e, provavelmente, devido à contribuição de leitores desconhecidos. Esse reforço foi incentivado, em especial, naquilo que se refere aos escritos sobre economia doméstica e higiene. Levando-se em consideração as assinaturas dos artigos, foi mesmo “Poesias” que mais recebeu esse tipo de colaboração. É interessante observar como outras participações, para além dos literatos fixos à redação, era incentivada:

As pessoas que quiserem honrar este jornal com a sua colaboração terão a bondade de remeter os seus artigos, em carta fechada, à comissão da *Redação do Jornal das Famílias*, **rua do Ouvidor, 69, livraria de B. L. Garnier, Rio de Janeiro, ou em Paris, rua Cujas, 9**. Aceitam-se sobretudo com prazer os artigos instrutivos e que tratem de economia doméstica, higiene e interesses do Brasil; esses artigos, porém, não poderão mais ser reclamados por seus autores, ainda quando por qualquer motivo deixem de ser publicados. (grifos no original).³⁹

Esse auxílio não foi encontrado em “Economia Doméstica”, que concentrou em Paulina Philadelphia a maior responsabilidade. Mas parece que a revista, aos poucos, vai se abrindo até mesmo a novas participações. Os leitores/leitoras poderiam até se arriscar enviando algumas linhas. Entre colaborações identificadas ou não, cada edição do *Jornal das Famílias* trazia 32 páginas, o que ao final de cada ano completava um único número com 384 páginas. Ao longo desses quinze anos de publicação, essa revista teve a mesma capa: uma mulher sentada em meio a apetrechos de costura, manuseando linhas e agulhas. Era periódico para ser colecionado de mês a mês. Os assinantes poderiam escolher entre ler e acompanhar os

³⁹ *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1870. s/p.

suspenses provocados pelos cortes nas histórias, ou esperar o final do ano e ter em mãos o volume completo. O principal colaborador de “Romances e Novelas”, provavelmente, acreditava que seus leitores esperavam a continuação do conto no próximo mês. Alguns cortes foram planejados de modo a manter a curiosidade de quem o acompanhava.⁴⁰

A regularidade do mensário, *Jornal das Famílias*, foi quase perfeita. A única interrupção aconteceu em 1871. Neste ano, foram publicados os números de janeiro, fevereiro e março, que contaram com a colaboração de Machado de Assis, nos meses de janeiro, com duas histórias curtas – “Mariana” e “Aires e Vergueiro” – e em março houve o início de “A felicidade”. O final deste conto só pôde ser lido em outubro, quando a revista voltou a ser publicada, como antes. Para quem as colecionava formando um único número, o prejuízo não foi tão grande, pois as histórias já começadas se completaram. Nas próprias páginas do periódico, não existe nenhuma justificativa para a suspensão daqueles meses. O certo é que os leitores da história interrompida puderam retomar sua leitura, sem maiores danos.

Para sustentar a variedade de histórias e agradar às gentis leitoras, mantendo a publicação durante esse longo período, Garnier contava com correspondentes fora do Rio de Janeiro, como também do país.⁴¹ As assinaturas feitas por um ano, de janeiro a dezembro, custavam, para o Rio de Janeiro e Niterói – 10\$000 – e, para as províncias – 12\$000; enquanto o número avulso era vendido a 1\$000. Esses preços foram mantidos durante os quinze anos de edição. Embora seja possível pensar no público alcançado pela revista a partir de seu custo, esse dado é insuficiente, por causa de sua circulação entre leitores que liam o número sem tê-lo comprado, e porque nem todos os que podiam freqüentar a livraria Garnier e adquirir seu periódico o faziam. Resta saber ainda em que medida a venda e leitura dessa revista chegou a outros lugares fora da corte. De acordo com os temas e questões privilegiados naquelas páginas, fica a impressão de que havia leituras interessantes para um público diverso. Não resta dúvida de que o privilegiado era o do Rio de Janeiro, mas ainda assim é possível encontrar alguma ênfase em outras províncias do país, em especial de onde os colaboradores

⁴⁰ Os cortes, tão usados nas novelas de meados do século XIX, compõem nova caracterização dos periódicos daquele período, que buscavam “imitar” seus precursores franceses. Machado de Assis foi um dos que usou dessa possibilidade, principalmente na revista em questão. Sobre os cortes de mês a mês e a chegada do romance-folhetim no Brasil, ver MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

⁴¹ Havia correspondentes do *Jornal das Famílias* em vários lugares do Brasil, como em Minas Gerais, São Paulo, Bahia, Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Pará. E em outros países também, como Portugal e França.

eram originários. “Viagens” pode ser considerada como exemplar, nesse sentido. Contudo, como já exposto, não durou muito tempo.

A seção presente em todos os números e que parecia agradar a todas era a de “Modas”, também chamada de “Anexidades”. Trazia moldes de vestidos e outros figurinos para ser confeccionados pelas próprias leitoras ou modistas, com explicações detalhadas, para diversas ocasiões. Essa seção era preparada com cuidado especial, conforme indicado em agradecimento às leitoras pelo aniversário do periódico:

Empenhamos todos os esforços para que os figurinos e os moldes, acompanhados de suas respectivas explicações, estivessem ao par do que de melhor se publica em Paris, onde temos um agente especialmente incumbido deste importantíssimo objeto.⁴²

Essa era a única parte da revista preparada fora do Brasil. Nisso assemelhava-se a outras revistas femininas, como *A Estação*.⁴³ Ao lado dessa seção, outra que ganhou destaque ao longo dos anos foi aquela dedicada aos trabalhos manuais. O certo é que o *Jornal das Famílias* foi pensado como um conjunto integrado de seções, colocando seus colaboradores em constante diálogo capaz de atender e agradar ao público. Em uma seção era possível encontrar referências sobre as outras. Por exemplo, em história de “Romances e Novelas”, aparecia elogios aos modelos encontrados em “Modas”.⁴⁴ Em setembro de 1877, saía pequena narrativa, em que um rapaz que não conseguia se apaixonar por nenhuma moça, acabou se rendendo por uma em especial. Certo dia, ao sair das celebrações da padroeira da Paraíba, viu em frente da Igreja uma “mocinha de seus 15 a 16 anos que arregaçava graciosamente a saia e a túnica de um vestido vaporoso”.⁴⁵ Pela primeira vez, encontrava-se encantado por uma moça. A partir desse momento, passou a frequentar a Igreja com maior assiduidade. Lá podia observar aquela menina que estava sempre tão bem vestida. Até que acabaram se casando ali

⁴² “Às nossas leitoras”. *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1869. Pp. 2-3.

⁴³ *A Estação* era a versão brasileira da publicação francesa *La Saison*. Na verdade, era impressa em Berlim, e distribuída em cidades como Paris, Bruxelas, Berna, Londres, Nova Iorque, Madri, Milão, Porto, Rio de Janeiro, Praga e Copenhague. A publicação brasileira tinha, assim, uma parte literária redigida por literatos brasileiros, entre eles Machado de Assis, uma seção consagrada à moda parisiense, e era, finalmente, impressa em Berlim. *La Saison* circulou no Brasil entre 1872 e 1878, e *A Estação* entre 1879 e 1904. Ver, MEYER, Marlyse. “De estação em estação com Machado”. In: CÂNDIDO, Antônio. *A crônica: o gênero, sua fixação, e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

⁴⁴ C. F. “Um jornal casamenteiro”. In: *Jornal das Famílias*, setembro de 1877. Pp. 179-282.

⁴⁵ Idem. P. 280.

mesmo. Depois do dia desse casamento, o comentário geral entre as outras moças era o de que a menina havia conquistado seu esposo não por causa de sua beleza, mas devido a seus belos vestidos. Uma delas explicava que, no primeiro encontro do casal, a menina estava usando um dos vestidos copiado do *Jornal das Famílias*. E assim concluía a história: “E a mocinha bonita que quiser casar depressa deixe S. Gonçalo de Amarante, e agarre-se com os figurinos do jornal casamenteiro, o *Jornal das Famílias* do Sr. Garnier”.⁴⁶

Cada seção do *Jornal das Famílias* foi pensada levando-se em consideração as preferências e necessidades de seu público, não resta dúvida. Por isso, encontrar diálogos entre leitores e colaboradores por aquelas páginas não é tarefa muito complicada. Apesar de não haver nenhuma seção de cartas, comentando as histórias publicadas, ou revistas com anotações de um ou outro leitor mais metódico, posso afirmar com segurança que as “gentis leitoras” do *Jornal das Famílias* e a “perspicaz leitora” de Machado de Assis existiram no passado, mais exatamente entre 1863 e 1878. E foram além, inseriram em suas discussões questões encontradas naquelas páginas, e, de alguma maneira, participaram da própria forma de conceber a revista. Uma alternativa para encontrar essas “leitoras” de forma ativa é observar o diálogo estabelecido entre os próprios colaboradores do periódico. Isso é possível quando perseguimos temas específicos ao longo dos anos de publicação, atentando para a sua recorrência e para a forma como esses literatos os trabalham. A partir disso podemos notar as repostas oferecidas pelos próprios colaboradores da revista para os seus colegas e para os leitores sobre questões por eles escolhidas. Além de o posicionamento de cada um deles diante de seus leitores, quando a idéia é de conversar, oferecer lições ou mesmo provocar. Outro fator importante para se chegar ou para saber um pouco mais sobre os leitores, constitui-se em tentar perceber as leituras imaginadas pelos escritores, bem como as discontinuidades e nuances dos textos. Essas “leituras”, “descontinuidades” e “nuances” estão no próprio texto. Estão relacionadas às várias formas de interpretação, que dependem das experiências particulares de cada leitor. Assim, a partir de um mesmo texto é possível fazer várias leituras. Algumas delas são delineadas pelo próprio escritor, que organiza seus escritos, de acordo com seus diferentes leitores de classe e experiência social variada. Entretanto, outras leituras nem mesmo o escritor as imaginou. Algumas dessas “outras leituras”, não pensadas pelos

⁴⁶ Idem. P. 282.

escritores, chegaram até eles e são perceptíveis hoje por meio de suas repostas aos leitores. São as mudanças encontradas na abordagem de algumas questões, textos claramente reescritos e a busca por outras formas de tratar a mesma questão. Claro que nem toda mudança na escrita se dá por causa de uma resposta ao leitor. Ao se “repetir” a mesma história, oferecendo argumentos diferentes, ou para reforçar alguma idéia outrora levantada ou para mudar de posição, a interferência do leitor pode ser notada com clareza. São as repercussões do texto que chegam ao literato, e que são inseridas em cada história contada. Algumas vezes chega a ser uma troca de idéias, em que tanto o leitor, quanto o escritor refletem sobre o lido e aprendem com o texto.

Por fim, ler o *Jornal das Famílias* possui um diferencial importante que deve ser levado em consideração para delinear melhor qual era, de fato, o público ou os leitores dessa revista. Percebe-se, através dessa leitura, não só um ou outro autor ou tema, mas as discussões levantadas e as diferentes maneiras de se posicionar diante de um mesmo tema na revista. O que pode indicar até mesmo algumas diferenças entre os próprios leitores de cada seção ou autor, por exemplo. Além disso, observa-se também o constante retorno a algumas questões específicas, o ato de reescrever histórias e o autor como leitor de si mesmo. Nesse sentido, ter Machado de Assis como principal colaborador é uma enorme vantagem sobre qualquer outro periódico pensado para o mesmo público feminino. Machado foi, de forma especial, sensível às questões que mais interessavam a suas leitoras, além de ter se posicionado intencionalmente em seu texto como interlocutor dessas mulheres. Soube “escutar” as repercussões de um ou outro conto, e pôde ler em suas próprias páginas leitoras diferentes.

Dentre os contos publicados por Machado de Assis nessa revista, alguns foram depois por ele mesmo coletados e organizados em coletâneas. Outros podem ser lidos hoje em coletâneas organizadas depois de seu falecimento. Entretanto há uma diferença entre ler tais contos diretamente na revista e ler em alguma coletânea. Ao ler o *Jornal das Famílias* o que se nota é que os escritos desse literato formavam um conjunto com todo o periódico. Suas idéias dialogavam com os outros colaboradores e com os próprios pseudônimos usados por ele. Foram histórias pensadas especialmente para serem publicadas naquela revista e para aqueles leitores. Todo o texto que segue foi pensado a fim de demonstrar justamente esse conjunto formado pelo *Jornal das Famílias*. Muitas vezes, a impressão que se tem é que Machado de Assis formava o próprio conjunto da revista, por meio de seus pseudônimos. Isso sugere,

talvez, o quanto as histórias desse literato ao longo dos anos agradaram aos seus leitores. Indica também a disponibilidade do escritor de escrever pensando em seu público, tentando conhecê-lo e aprendendo com ele.

As histórias de leituras e de leitores contadas nas próximas páginas foram estruturadas a partir dos temas mais recorrentes entre os colaboradores daquela revista. O primeiro capítulo tem como ponto de partida as personagens femininas mais frequentes naquelas histórias. A principal questão era a moralidade presente ou não naqueles contos, o modo de esse tema ser abordado pelos diferentes colaboradores. Ao perseguir a mesma personagem ao longo da revista percebe-se os diferentes tratamentos oferecidos tanto temporalmente, quanto de acordo com o colaborador. Isso significa a possibilidade de vislumbrar uma possível interferência dos leitores em tal caracterização. O capítulo seguinte traz as histórias em que a política foi colocada em pauta. Histórias que poderiam ser lidas de maneiras diferentes, de acordo com a experiência de cada leitor. Abrem a possibilidade de pensar em leitores diferenciados para aquelas mesmas páginas, que não estariam restritos ao público bem de vida e casamenteiro da corte fluminense. Finalizando o percurso, o terceiro capítulo foi dedicado a pensar especialmente nos leitores daquela revista e conseqüentemente de Machado de Assis. Ao colocar em suas histórias personagens leitores, Machado abriu a possibilidade de vislumbrar aquilo que considerava como leitor e leitura ideal. Qual era a melhor forma de ler seus textos. Junto a isso, fez indicações de romances aos seus leitores, e, assim, leu cada uma daquelas histórias ao lado de seus leitores. É hora de chegarmos então às leituras e leitores do *Jornal das Famílias*.

CAPÍTULO I

ENTRE LIÇÕES E AMENIDADES

1. “Confissões de uma viúva moça”

Em abril de 1865, o conto “Confissões de uma viúva moça” abria o *Jornal das Famílias*. História narrada em primeira pessoa, por meio de cartas que teriam o “efeito de um folhetim de periódico semanal”, traz revelações de uma viúva à sua amiga, sobre o tempo em que era casada. Serviria de lição não só à correspondente, como também a quem viesse a ler aquelas cartas.¹

(...) a lição há de servir-me, como a ti, como às nossas amigas inexperientes. Mostra-lhes estas cartas; são folhas de um roteiro que se eu tivera antes, talvez, não houvesse perdido uma ilusão e dois anos de vida.²

Jovem casada e muito vaidosa, Eugênia oferecia, em sua casa, ponto de reunião nos idos de 1860. Época que deixou saudades para muitos, tempo de “teatros animados” e “mil outras distrações”, ir ao teatro Lírico poderia, também, ser motivo de desavenças entre casais. Este foi o caso de Eugênia e seu marido, que não desejava sair naquela noite. Cedendo aos impulsos da esposa, acabaram saindo e, como castigo, presenciaram cantores “endefluxados” e espetáculo de causar sono. Para dirimir um pouco o tédio da noite, admirador impertinente chamou atenção de Eugênia, talvez por causa da insistência dele ou mesmo pelo gosto de ser observada. Ao retornar a casa, o episódio não foi logo esquecido, apenas depois de oito dias. Nesse ínterim, o mais conveniente era “não ir ao teatro durante algum tempo” e se limitar “à distração das reuniões à noite”. Mas, eis que surge de dentro dos trabalhos de linha e agulha misteriosa cartinha daquele que tanto custava a sair da memória. Todo esforço de tentar esquecê-lo fora inútil, restava queimar o achado e torcer para que nenhum escravo tivesse visto. Atirar-se nos braços de seu marido, foi a reação de Eugênia ao vê-lo entrar, no momento

¹ J. “Confissões de uma viúva moça”. In: *Jornal das Famílias*. Abril a junho de 1865.

² J. “Confissões de uma viúva moça”. In: *Jornal das Famílias*. Abril de 1865. P. 98.

em que ainda existia fuligem voando sobre a vela. Sua dor aumentou por perceber que nem curiosidade conseguiu despertar naquele que representava sua salvação.³

Tínhamos, assim, a primeira carta de Eugênia à amiga Carlota. Mais que isso. Havia material suficiente para provocar a fúria dos leitores de plantão a favor da moral e dos bons costumes das leitoras de folhetins e periódicos de moda e literatura. Logo no primeiro dia do mesmo mês de abril, foi publicado, em jornal de circulação diária, *A pedido* acusando o *Jornal das Famílias* de se afastar de seu programa.⁴ Somente com a leitura do início do conto, já era possível delinear o que estava por vir, afirmava *O Caturra*. Aliás, pseudônimo significativo para figurar em escrito contrário a essa leitura, já que pode ser associado a pessoa presa a hábitos ultrapassados.⁵ Assim, suas opiniões não deveriam ser levadas em extrema consideração pelas jovens leitoras do periódico, pois faziam parte de outros tempos. Mas enfim ressaltava que aquelas, que mais tarde, cuidariam da educação de seus filhos, estariam expostas a páginas perigosas, que as fariam repelir a nobre “missão da mulher”. Era preciso ter mais cuidado com as leituras oferecidas às moças. Ficava o apelo aos responsáveis pelas famílias, “*pés de boi*”, nas palavras do guardião das leituras das jovens donzelas.

O autor do conto não poderia deixar de responder a essa provocação. Foi o que fez *J.* logo no dia seguinte.⁶ Seria mesmo *O Caturra* inimigo pessoal do Sr. Garnier? Esta a explicação encontrada para o ataque sofrido. Além do mais, naquele pequeno excerto, não era possível encontrar linha sequer que ofendesse a moral das leitoras e nem muito menos concluir pela imoralidade do que viria. Em defesa própria, achou conveniente fazer breve intróito do romance e deixar convite às leitoras que verificassem elas mesmas o primeiro capítulo, para ver a implicância sem fundamento do *Caturra*. Bastante esperto foi o autor do conto, com certeza. Defesa e convite à leitura, em jornal de grande circulação, podiam significar também mais alguns leitores em tempos complicados para angariá-los. Afinal, quem não se interessaria em saber de que lado estava a razão? Ou mesmo, que conto era esse que provocava tão acirrado debate? Pois, ainda nesse mesmo mês de abril, surgia novo *A pedido* relativo à

³ Idem. Pp. 99-103.

⁴ *Correio Mercantil*, 01 de abril de 1865.

⁵ O pseudônimo *Caturra*, assim como os outros que apareceram naqueles *A pedidos* podem ser associados à criação de personagens que dialogavam entre si. Sobre a utilização de pseudônimos, no século XIX, ver PEREIRA, Leonardo. *O carnaval das letras: Literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

⁶ *Diário do Rio de Janeiro*, 02 de abril de 1865.

história da viúva.⁷ *Um velho* colocava-se de acordo com *O Caturra*. Aquela história não era apropriada para ser publicada no *Jornal das Famílias*. Chegara a esta conclusão depois da leitura do conto e do posicionamento do *Caturra*. O debatedor de agora dizia pertencer ao grupo dos “pais escrupulosos” e pedia àqueles que se encontravam na mesma situação que ele que verificassem as leituras de suas filhas, mesmo que fossem chamados de “rabugentos”. Estava preparada toda a confusão, restando esperar o próximo mês, para ver onde iria dar essa polêmica e quais caminhos “Confissões de uma viúva moça” tomariam.

O polêmico conto volta a abrir o *Jornal das Famílias*.⁸ A história prosseguiu e nada de Eugênia esquecer-se da misteriosa carta que ela mesma havia queimado. A sua “imaginação” fora aguçada. Para um “espírito fraco”, isso representava a completa perdição. O esforço em esquecer o perigo iminente continuou, e quando outra vez parecia obter algum sucesso, em noite de diversão na casa do casal, seu marido chegou levando homem desconhecido, que fora apresentado como Emílio. Não custou muito para que a esposa se recordasse quem era o novo conviva. “Era *ele*”, o misterioso admirador do teatro Lírico. Dessa vez, Eugênia pôde reparar melhor nas qualidades daquele homem. “Cabeça formosa e altiva, olhar profundo e magnético, maneiras elegantes e delicadas, certo ar distinto e próprio que fazia contraste com o ar afetado e prosaicamente medido dos outros rapazes”.⁹ Exame minucioso feito por anfitriã nem um pouco desatenta, que logo descobriria que, além dos dotes físicos, o rapaz possuía também boa educação e bastante dinheiro. Verdadeiro *dândi* daqueles tempos. Depois desse novo encontro, o misterioso não saiu mais da cabeça de Eugênia, mesmo porque o seu casamento havia sido “resultado de um cálculo e de uma conveniência”. Além disso, em oposição a Emílio, o marido dela “entendia o casamento ao modo da maior parte da gente; via nele a obediência às palavras do Senhor no Gênesis”.¹⁰ Isto a deixava ainda mais vulnerável aos encantos do recente freqüentador de sua casa. Mas ela ainda não havia se esquecido de suas obrigações de esposa fiel.

A amizade entre o marido de Eugênia e Emílio estreitava-se. As reuniões naquela casa passaram a contar com a presença do rapaz. E disso para as visitas rotineiras durante o dia foi um pequeno passo. Menor ainda foi o tempo gasto por Emílio para declarar o seu amor e

⁷ *Correio Mercantil*, 11 de abril de 1865.

⁸ J. “Confissões de uma viúva moça”. In: *Jornal das Famílias*. Maio de 1865. Pp. 129-137

⁹ Idem. P. 130.

¹⁰ Idem. P.132.

revelar ser o observador do teatro. A primeira reação de Eugênia foi afastar-se daquele homem que significava o amor que lera nos livros. Mas o suposto sofrimento de Emílio, depois da recusa dela, causava angústia, já que, pelo menos por algum tempo, ele não freqüentara aquela casa. Essa atitude fez com que todos imaginassem que o galante conquistador estava doente. Pensava Eugênia que tudo acontecera por sua causa e pressentia o amor que passava a sentir por pessoa tão cheia de artimanhas.¹¹

Findo mais um capítulo, *O Caturra* mais uma vez deixa suas impressões.¹² Agora nem mesmo o título do conto escapou das observações relativas à moralidade da história, ou falta dela. Afinal, o que teria uma viúva moça para confessar? Não só o *Jornal das Famílias*, “apóstolo do loureirismo”, era acusado pelo empertigado protetor das donzelas, mas também o autor do conto, definido como “mestre na especialidade erótica”. A história contada pela viúva, recheada do mais “sedutor fraseado”, era capaz de desviar a formação daquelas que em breve se tornariam “esposa e mãe de família”. A educação das jovens leitoras de periódicos precisava ser baseada nos princípios da “moral religiosa”. Por isso os colaboradores desse tipo de impresso deveriam buscar outros assuntos e recursos que não a descrição de quadros tão fortes para a imaginação delas.

Depois de acusação tão direta, o autor do conto, que até ali tanto no *Jornal das Famílias*, como no *A pedido* assinava sob a inicial J., sentiu-se obrigado a declarar sua verdadeira identidade. Para surpresa de alguns, Machado de Assis era o seu verdadeiro autor, e pedia que esperassem até o final da história para avaliar a sua moralidade.¹³ Diante dessa revelação, *O Caturra* recorreu às páginas do *Correio Mercantil*, ainda naquele mesmo mês.¹⁴ O peso das acusações já não se encontrava mais na imoralidade da história, mas por ser inapropriada para jornal que se dizia das famílias. Apesar de continuar a destilar palavras contrárias à leitura, dizia estar em minoria, preferindo permanecer debaixo da proteção do pseudônimo. Alguns dias depois, a polêmica ganhou mais uma debatedora, chamada *Uma mãe de família*.¹⁵ Em defesa do conto, essa assinante do periódico de Garnier aconselhava a leitura ao lado do *Jornal do Commercio*, diário de grande circulação, que publicava folhetim

¹¹ Idem. Pp. 133-137.

¹² *Correio Mercantil*, 01 de maio de 1865.

¹³ *Correio Mercantil*, 02 de maio de 1865.

¹⁴ *Correio Mercantil*, 04 de maio de 1865.

¹⁵ *Correio Mercantil*, 09 de maio de 1865.

intitulado *A San Felice*, com protagonista também de caráter duvidoso.¹⁶ Para *O Caturra*, em resposta a *Uma mãe de família*, a questão por ele levantada estava sendo mal interpretada, pois o problema, de maneira alguma, passava pelo editor daquele jornal, mas pelo traçado que tomava a história da viúva e as conseqüências de sua leitura, como se o editor não participasse das escolhas dos textos publicados.¹⁷

Finalmente, em junho, Machado de Assis colocaria ponto final nessa história, que já se prolongara por três meses, causando tamanha discussão na imprensa.¹⁸ Depois de se afastar por alguns dias, Emílio retornava, trazido pelos braços do marido de Eugênia, ainda muito abatido, por causa de alguma enfermidade, embora, para a jovem esposa, fosse claro que o motivo da prostração de seu amante consistia na recusa ao pedido por ele feito. Pressionada por esse conveniente mal-estar, Eugênia não pôde mais resistir, e se confessou apaixonada, exigindo que ele vivesse. Para confirmar o namoro proibido, passou a trocar correspondências com o conquistador de mulheres casadas. Em passeio proposto pelo marido de Eugênia, Emílio sugeriu uma fuga. Tal idéia significava, para Eugênia, a “desonra”, além do mais ela desejava permanecer “até certo ponto... pura”.¹⁹ Mais conveniente que a doença de Emílio, foi a moléstia seguida de morte do próprio marido dela. Entretanto, quando a agora viúva imaginou realizar seus sonhos, Emílio afastou-se de sua casa, e terminou por mandar carta, afirmando ser “homem de hábitos opostos ao casamento”.²⁰ Teríamos, assim, o castigo para a esposa vaidosa.

Como teria ficado *O Caturra* diante desse desfecho? É muito provável que convencido da lição final do conto, pois nem mesmo retornou aos jornais, para concluir suas acusações. Apareceu, sim, alguém que até agora não se pronunciara.²¹ *Sigma*, leitor inteirado do desenrolar da história, colocou-se a favor de sua leitura por quem quer que seja. Além de oferecer breve resumo da narrativa de “Confissões de uma viúva moça”, declarou não morrer de amores “pela *escola realista*” e aconselhou aquela leitura como de “subida vantagem”.

¹⁶ No período em que “Confissões de uma viúva moça” era veiculado pelo *Jornal das Famílias*, o *Jornal do Commercio* publicava, no seu espaço de folhetim, o romance *A San Felice*, de Alexandre Dumas. Estava no seu décimo volume e havia sido iniciado ainda em dezembro de 1863, com uma interrupção entre janeiro e abril de 1865. DUMAS, Alexandre. *A San Felice*. In: *Jornal do Commercio*, 1863 a 1865.

¹⁷ *Correio Mercantil*, 15 de maio de 1865.

¹⁸ J. “Confissões de uma viúva moça”. In: *Jornal das Famílias*. Junho de 1865. Pp. 161-180.

¹⁹ Idem. Pp. 165.

²⁰ Idem. P. 167.

²¹ *Correio Mercantil*, 03 de junho de 1865.

Encerrava-se, assim, a polêmica que durante três meses colocou a moralidade de um conto do *Jornal das Famílias* em questão.

As repercussões dessa polêmica não são fáceis de apreender. Constituem-se em um importante documento histórico para entender aquilo que Machado de Assis esperava de seus leitores. Isso porque o conto se prolongou por mais de um mês, deixando algumas questões em aberto, e, dessa forma, colocando em discussão idéias dominantes à época. O grande embate estava na falta de moralidade, em história publicada num periódico feminino. Para que figurasse naquelas páginas, era necessário haver alguma lição, mesmo que fosse em seu desfecho, como aconteceu. Entretanto, enquanto isso não ocorresse, muitos leitores poderiam se divertir com as atitudes de certas personagens, aborrecendo os prováveis “caturras”.

A estrutura do conto é preparada para colocar a leitora em contato direto com as cartas de Eugênia. Transformaria-se em amiga da viúva e ouviria a experiência dela, para que não cometesse aqueles mesmos erros. Nem “estudo”, nem “romance”, o conto é convertido em “livro de verdades”. São capítulos feitos de cartas semanais que ofereciam a impressão de maior proximidade. “Gostar e aprender” foram as promessas deixadas ao leitor cheio de curiosidade para saber o que a jovem viúva iria revelar de tão constrangedor que a deixaria corada, se aquilo fosse feito pessoalmente. Talvez isso tenha inquietado tanto *O Caturra* e feito com que ele visse, naquelas linhas, algum perigo às filhas que logo se tornariam esposas e mães. Boa história era a que ajudava na formação das leitoras. Longe de entretenimento ingênuo, possuía função específica de oferecer lições sobre casamento e fidelidade, além de auxiliar na educação oferecida pelos pais. Ao menos a partir da primeira leitura do conto e do posicionamento de Machado de Assis diante da questão, parece que esse literato concordava com essa idéia. Deveria mesmo escrever histórias com o objetivo de oferecer exemplos às suas leitoras. Afinal, o conto apresentava, como protagonista, esposa que trocava correspondências com outro homem e gostava de se deixar observar. O marido, personagem sem importância, que não tem nem mesmo nome, cedeu aos desejos da mulher. Contrastando com tudo isso, nas últimas páginas, Eugênia foi castigada de maneira exemplar. Quando imaginava poder realizar os seus desejos, descobriu que o homem a quem cedera aos encantos, não passava de conquistador, que não conhecia o verdadeiro sentido do casamento. Fora abandonada. Dura lição deixada para a amiga da viúva e as leitoras. Esse epílogo já havia sido anunciado por

Machado, no *A pedido*, quando propôs ao *Caturra* e aos leitores que aguardassem até o final da história para avaliar melhor o seu mérito.

O que mais impressiona ao ler a polêmica e a narrativa do conto, da forma linear como descrito anteriormente, é a consciência, por parte de Machado de Assis, daquilo que esperava o seu leitor. A história, de fato, necessitava de certo tom moralizador, que justificasse tanto a sua escrita, quanto a leitura. Saindo em defesa própria, afirmava que o autor daquelas linhas “respeita, mais do que ninguém, a castidade dos costumes”.²² Bastava aguardar, com calma, os outros dois números da revista, que Eugênia e sua amiga saberiam o que acontecia com quem era vaidosa e colocava em xeque a validade do casamento e da família. Tudo de acordo com o que almejava o severo leitor *O Caturra* e quiçá outros leitores/leitoras do *Jornal das Famílias*. Resta saber quem era esse leitor, que nem mesmo depois de Machado ter se revelado o autor do conto saiu do anonimato do pseudônimo. Em biografia sobre Machado de Assis, Magalhães Júnior levantou a hipótese de que toda a polêmica em torno de “Confissões de uma viúva moça” não teria passado de artifício publicitário.²³ Ao lado de B. L. Garnier, Machado preparara esse imbróglio para chamar a atenção dos leitores, em momento que a revista não ia bem, com queda nas vendas, devido às preocupações causadas pela guerra com o Paraguai. As atenções voltavam-se para outro tipo de periódico, como, por exemplo, o *Diário do Rio de Janeiro*, o *Correio Mercantil* e o *Jornal do Commercio*, que traziam notícias sobre aquela situação. Então, nada melhor do que levantar a polêmica nesses jornais. Era leitura garantida e curiosidade despertada. Junta-se às suspeitas de polêmica forjada, a forma como as repostas eram publicadas nos jornais e os próprios pseudônimos escolhidos, tanto *O Caturra*, quanto *Sigma*.²⁴ Parece lógica a argumentação de Magalhães Júnior. Mas, e os outros participantes do debate, como entraram nessa história, todos não passaram de mera criação de Machado de Assis?²⁵

²² *Diário do Rio de Janeiro*, 02 de abril de 1865.

²³ MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. *Vida e obra de Machado de Assis*. Op. Cit.

²⁴ Sigma é a letra S em grego, que aparece três vezes em Assis. Ver, MAGALHÃES JÚNIOR. Op. Cit. P. 324.

²⁵ John Gledson ressalta que, caso essa polêmica tenha sido realmente forjada por Machado de Assis, a capacidade de o literato “imaginar outras vozes” fica ainda mais clara, além de revelar também até que ponto o autor tinha “consciência do contexto ideológico” do qual fazia parte. Ver, “Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo”. In: ASSIS, Machado. *Machado de Assis: Contos: uma antologia*. Op. Cit. P. 22.

De fato, não é nada simples saber quem eram os autores desses *A pedido* ou se tudo não passou de armação publicitária.²⁶ Seja como for, a polêmica deve ter rendido bons frutos, pois, pouco mais tarde, esse conto veio a se juntar a outros em coletânea organizada por Machado de Assis e editada por Garnier.²⁷ A leitura do periódico e, em especial, do conto, foi incitada. Ou por simples curiosidade, ou mesmo para ver quem tinha razão, é provável que um maior número de leitores passou a folhear as páginas do *Jornal das Famílias*. Importa perceber como as escolhas dos temas de suas histórias tinham sempre como ponto de partida o leitor. O quanto o literato era consciente de com quem dialogava. Assim como seu interesse em trazer novos leitores para aquelas páginas. Por isso, em seu debate com o *Caturra*, um pequeno resumo do conto fazia parte de suas observações, talvez com a intenção de situar e despertar o interesse daqueles que ainda não eram leitores habituais do periódico. O que se propõe nas próximas páginas é tentar entender as participações de Machado de Assis, bem como dos outros colaboradores do *Jornal das Famílias*, a partir da criação de personagens, dos temas mais recorrentes, e dos debates estabelecidos entre os próprios literatos e entre estes e seus leitores. Importa saber algo sobre os objetivos e intenções desses colaboradores, se dialogar, provocar, passar lições ou instruir.

2. Viúvas: a ambivalência da situação

Viúvas figuraram em vários escritos à época de “Confissões de uma viúva moça”. Não só Machado de Assis, como outros homens de letras inseriram essa personagem em suas histórias. *A Viúvinha*, de José de Alencar, traz personagens e situações significativas para a compreensão de tamanha insistência em focalizar essa protagonista. Publicado em forma de

²⁶ Além de Magalhães Júnior, Jean-Michel Massa também discute a polêmica em torno de “Confissões de uma viúva moça”. Ver, MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870). Ensaio de biografia intelectual*. Op. Cit. P. 533. Transcrição de toda a polêmica em torno desse conto, exceto o *A pedido* assinado por *Um Velho*, pode ser encontrada em MASSA, Jean-Michel. *Dispersos de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1965. Pp. 210-217 e 520-521. Brito Broca também faz referência à polêmica, argumentando que havia, na realidade, era uma rivalidade política entre os jornais *Correio Mercantil* e *Jornal das Famílias*. Ver, BROCA, Brito. “Entre a política e as letras”. In: *Machado de Assis e a política*. São Paulo: Polis, 1983.

²⁷ “Confissões de uma viúva moça” faz parte da primeira coletânea de contos, organizada por Machado de Assis – *Contos Fluminenses* (1870).

livro pouco antes de o *Jornal das Famílias* entrar em circulação²⁸, esse romance tem como trama central a recuperação financeira e moral de um rapaz, motivado pelo amor de uma bela e jovem donzela.²⁹ Jorge e Carolina eram namorados. Assim que ficara órfão, Jorge teve suas finanças cuidadas por um velho amigo de seu pai. Quando chegou a maioridade, a herança recebida foi dia a dia dilacerada por amantes e luxo. Passados esses arroubos da juventude, começou a procurar a solidão. Teve, até mesmo, vontade de ir à “igrejinha da Glória”. Foi lá que pela primeira vez viu Carolina. Tão encantado ficou, que a seguiu até a casa dela. O namoro teve assim seu início. Logo começaram a pensar no casamento, que deveria se realizar de forma bem simples. Entretanto na véspera do tão esperado dia, o rapaz recebeu em sua casa visita inesperada. Era seu antigo tutor. Este levava a notícia de que Jorge estava arruinado. Apesar de tudo o que aquilo significava para quem havia sido rico e estava agora pobre, o rapaz imaginou poder trabalhar e recuperar o dinheiro perdido. Para sua surpresa, aquilo não seria possível, por causa das dívidas que o pai havia deixado. Assim, além de ter gastado inutilmente todo o dinheiro que recebera, ainda por cima manchava a memória de seu pai. A noiva que havia poucas horas era a sua maior alegria, tornava-se mais uma preocupação. Sentia não poder mais se casar. Todavia, caso aquele matrimônio não fosse celebrado, a menina teria a sua reputação prejudicada. Pensou em uma solução, mas resolveu guardá-la para si.

A cerimônia de casamento foi realizada. Jorge pediu a sua esposa perdão por todos os seus erros e, um cálice que havia dado a ela, fez com que dormisse. Depois disso, saiu e foi para a praia de Santa Luzia. Desde a casa de Carolina, um vulto o seguia. Tinham chegado a um dos lugares preferidos por aqueles que pretendiam se matar. Logo depois, ouviram-se “dois tiros de pistola”, e os trabalhadores do local encontraram um corpo de homem com rosto desfigurado e uma carta. Correram cinco anos. Dois homens que haviam acertado um negócio na Praça do Comércio seguiam pela rua do Ouvidor. Um deles tinha resgatado “uma letra de um homem já falecido, de uma firma falida”. O outro contava a história desse mesmo homem que fora declarado falido depois de morto, por causa das atitudes inseqüentes do filho. Fez

²⁸ A primeira edição de *A Viuvinha* é datada de 1860. Antes de ser editado em forma de livro, esse romance foi publicado aos domingos, em folhetins, no *Diário do Rio de Janeiro*, no período de agosto de 1856 a janeiro de 1857, quando foi interrompido pelo autor, devido a um erro de publicação, que fez imprimir um capítulo que não era continuação do anterior. Ver, ALENCAR, José de. *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951. V. III. P. 80.

²⁹ ALENCAR, José de. *A Viuvinha*. In: *Obras Completas*. Op. Cit.

referência, também, ao casamento de Jorge e Carolina. Dizia ser a jovem Viuvinha a “moça mais linda, a mais espirituosa e a mais *coquete* dos nossos salões”.³⁰ A menina recebera esses adjetivos, porque “ouvira todos os protestos de amor, mas para zombar deles; o seu espírito se interessava nessa comédia inocente de sala; a sua malícia representava um papel engenhoso; mas o coração foi mudo espectador”.³¹ De donzela recatada à coquete frívola, eis a nova imagem que a sociedade fluminense de então fazia da Viuvinha, que passara a ter “olhos negros e brilhantes”, além de “vivacidade e de malícia”. Duas imagens contrárias encontravam-se. Embora viúva, e com maior liberdade para freqüentar lugares que a outras jovens não eram permitidos, o fato de não se casar novamente fazia de Carolina mulher frívola aos olhos de quem não a conhecia. O rapaz que ouvira aquela história era, na verdade, o próprio Jorge que retornara de seu exílio forçado, usando o nome Carlos, com a finalidade de recuperar a imagem do pai e o amor de Carolina. Romance açucarado como aquele, com personagens tão boas e movidas por nobres sentimentos, teve final feliz e levou às lágrimas tantas leitoras que se comoveram com a narrativa. Recompensado será agora o meu leitor com história hilariante saída da lavra de Martins Pena.

Comédia em um ato representada em 1846, *As desgraças de uma criança* tem como uma de suas personagens outra viúva.³² Contudo, Rita era diferente da Viuvinha, de José de Alencar. Essa, logo depois da morte de seu marido passou a ser cortejada por Manuel Igreja, que, aliás, havia se apaixonado ainda quando acompanhava a celebração do casamento dela. Para completar o intróito, rezara como sacristão no enterro do falecido esposo:

Namorei a viúva a bandeiras despregadas. Abandonei festas, enterros e missa para passar-lhe pela porta vinte, trinta vezes no dia. No primeiro mês chorou ela a morte do marido; no segundo, chegou à janela; no terceiro, reparou que eu passava muitas vezes; no quarto, sorriu-se para mim; no quinto, recebeu uma cartinha; no sexto, esqueceu-se completamente do defunto; no sétimo, veio à escada conversar comigo; e no oitavo...³³

³⁰ Idem. P. 123.

³¹ Idem. P. 147.

³² “As desgraças de uma criança”. In: MARTINS PENA. *Comédias*. Rio de Janeiro: Ediouro. S/d. Pp. 335-354.

³³ MARTINS PENA. Op. Cit. P. 337.

Contava à ama do filho de Rita, a forma como conquistou a sua viúva, enquanto tentava convencê-la a entregar carta. O primeiro casamento de Rita fora realizado contra a vontade de seu pai. Depois que ficara viúva, reconciliou-se com ele e voltou para casa, levando filho pequeno. Agora o sacristão desejava unir-se a ela. O problema era que dessa vez não queria contrariar aquele que a acolhera em maus momentos. Pelo menos foi essa a justificativa apresentada ao seu pretendente, dizendo ser melhor encontrar-se às escondidas. Sabia que não receberia permissão para se casar com o novo escolhido, e que eram muitas as dificuldades para que Manuel Igreja se tornasse “empregado público”, como era sua sugestão. Podia, ao conservar a posição de viúva, viver sob a proteção do pai; ter ama que cuidasse de seu filho, esquivando-se de todas as preocupações; livrara-se de marido que “era um demônio de gênio” e ainda podia encontrar-se com o sacristão, sem firmar compromisso. Como se vê, não deixava de se divertir, mesmo com criança pequena. Afinal, “uma criança é a melhor capa de namorados que se conhece”.³⁴

Tanto no teatro, quanto nos romances as viúvas eram personagens centrais por aqueles tempos. Jovens e belas, em busca de novo casamento ou usufruindo as vantagens advindas da morte do marido, fizeram rir e chorar, além de oferecer espaço para que vários escritores buscassem a sua caracterização. Os contos escritos por Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*, estão cheios dessas viúvinhas “de vinte e três anos, bela como todas as viúvas dessa idade que não são feias, inteligente, amável, perfeitamente educada, e largamente instruída”.³⁵ Dessa forma, alguns desses contos tendem a colocar em cena viúvas e mulheres em outras situações, como as donzelas e as casadas, demonstrando o quão específicos eram os espaços ocupados por elas. No geral, Machado propôs comparações em que suas viúvas, mesmo tendo que atender a algumas exigências sociais, sendo obrigadas a se casar novamente, ainda assim tinham maior liberdade de atuação que as outras personagens femininas.

Publicado no *Jornal das Famílias* alguns meses antes de “Confissões de uma viúva moça”, “Questão de vaidade” traz história de homem “ vaidoso como um tolo e tolo como um vaidoso”,³⁶ que seduz e envolve duas mulheres diferentes: uma jovem donzela e uma viúva, de beleza e juventude comparáveis. Maria Luiza, a “interessante viúvinha”, residia na Corte,

³⁴ Idem. P. 339.

³⁵ Otto. “Quinhentos contos”. In: *Jornal das Famílias*. Junho de 1868. P. 166.

³⁶ Machado de Assis. “Questão de vaidade”. In: *Jornal das Famílias*. Dezembro de 1864. P. 350.

onde morava com a mãe, que já estava velha, embora fosse “um desses tipos de velhice respeitável e afável a um tempo”. Procurava na viuvez verdadeiro amor, já que o falecido marido “não conhecera nunca o tesouro que possuía e tomara aquela mulher pela razão que fez Abraão ao tomar a escrava Agar”.³⁷ Outra explicação bíblica para justificar o primeiro casamento morno e a procura por novo amor. Também Eugênia, no polêmico conto da viúva moça, fora desposada dessa maneira. A outra personagem envolvida por Eduardo, este o nome do apaixonado pelas duas mulheres, era Sara. Esta se encontrava sob a proteção da família, composta por pai, irmão e tio. A sua beleza contrastava com a de Maria Luiza:

Quanto à beleza física, imagine o leitor o que podia fazer contraste com a beleza da viúva Maria Luiza. Esta (...) acusava em suas feições uma alma dada à violência das paixões, uma rara energia moral. Sara não era assim. Parecia uma criatura do outro mundo caída por engano no mundo dos Eduardos. Era um alfenim, uma delicadeza que não parecia natural. Delgada e um tanto alta, olhos negros, cabelos alourados, porte senhoril sem altivez, elegante sem artifício, graciosa sem afetação; tal era Sara.³⁸

Maria Luiza, a viúva, “amava como as italianas; era ardente, apaixonada, violenta”, já que possuía alguma experiência com o casamento anterior, era um pouco mais velha e não tinha mais tantas pessoas para controlar os seus encontros com os possíveis pretendentes. Sara, a donzela, “amava como as alemãs; era meiga, resignada, sentimental”, apresentava família que zelava por ela, encontrava-se em posição oposta a de uma viúva.³⁹ Era mais frágil, enfim. Não conhecia artifícios necessários para contornar a situação em que fora envolvida. Sem conhecer bem as características do namorado, a viúva tentava pressioná-lo a decidir-se pelo casamento. Eduardo usava de todos os seus artifícios para protelar esse fim. E ao notar quais eram as intenções da sua viúva, “mudava de assunto com tão rara habilidade que a própria moça não percebia a trama”. No seu canto, Sara apenas sentia-se “feliz e nada ousava indagar nem saber”.⁴⁰ Se a realização desse casamento dependesse de alguma cobrança sua, jamais se

³⁷ Idem. P. 352.

³⁸ Machado de Assis. “Questão de vaidade”. In: *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1865. P. 2.

³⁹ Idem. P. 3.

⁴⁰ Idem. P. 10.

concretizaria. E, de fato, nem uma nem a outra conseguiu casar-se com ele. Esses são os contrastes delineados, que alcançam seu ápice logo que Eduardo é descoberto.

Convencido do amor de Sara e Maria Luiza, o namorado desejava mostrar suas duas paixões no mesmo baile. Apenas não imaginava que elas iriam trocar confidências e descobrir que eram enganadas. A sua resolução, ao pressentir que ambas haviam se descoberto, foi mandar cartas e tentar dissipar aquelas desconfianças. Era a melhor decisão, mesmo porque, meditava o rapaz:

No papel posso dizer mais facilmente aquilo que convier: tenho a faculdade de rabiscar, alterar, adoçar, enfeitar, como me parecer, as palavras...⁴¹

Quase obtive sucesso, mas “Maria Luiza foi inflexível”. Os seus rabiscos açucarados não conseguiram vencer o “grande orgulho” da viúva. Quanto a Sara, ficou doente. “Adoeceu no dia seguinte ao do baile; veio um médico e a primeira coisa que fez foi obrigá-la a conservar-se de cama”, contava o tio Silvério a Eduardo, acrescentando a opinião do médico que, depois de consultar a menina, chegou ao diagnóstico de que aquela era “uma doença moral”.⁴² Logo que o tio de Sara saiu da casa de Eduardo, ele percebeu que era a salvação da jovem enferma, a quem enganara e que agora sofria e poderia morrer por sua causa. Entre Maria Luiza e Sara, esta se entregava à doença. Ao saber disso, a viúva decidiu que deveria ajudá-la, mesmo porque sua rival contava ainda “dezessete anos”, estava na “aurora da vida”. Escreveu carta a Eduardo, pedindo que se casasse com a menina. Assim, seria perdoado. Quando o rapaz chegou, já era tarde. Sara havia morrido.⁴³

Esse conto coloca em evidência as diferenças não só físicas, como também sociais entre viúvas e donzelas. Maria Luiza soube reagir melhor à traição, não se entregou, e cedeu o seu amor em prol de sua rival, para salvá-la da morte. Sara, ao contrário, não passava de frágil mocinha, que ainda não conhecia as maneiras para se livrar daquele tipo de situação. Além disso, enquanto a viúva tomava suas decisões sozinha, sem muitas explicações, a jovem solteira encontrava-se debaixo da proteção de toda a sua família. O leitor que folheasse o

⁴¹ Machado de Assis. “Questão de vaidade”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1865. P. 66.

⁴² Idem. P. 69.

⁴³ Idem. Pp. 72-74.

Jornal das Famílias encontraria, logo em suas primeiras histórias, vários contos enfocando e contrastando essa protagonista com outras personagens distintas. Assim, as viúvas, de fato, ocupavam lugar privilegiado nas histórias contadas por Machado de Assis. Outro conto, também significativo, mesmo porque recebeu tratamento especial por parte de seu autor, é “Linha reta e linha curva”.⁴⁴

As posições diferentes são focalizadas agora em relação às amigas Adelaide, mulher casada, e Emília, viúva que já havia se casado duas vezes, embora contasse apenas vinte e cinco anos. A viúva é assim apresentada:

D. Emília era uma moça a que se pode chamar uma bela mulher; era alta na estatura e altiva de caráter. O amor que pudesse infundir seria por imposição. De suas maneiras e das suas graças inspiravam um não sei que de rainha que dava vontade de levá-la a um trono.⁴⁵

Tudo isso fazia de Emília senhora digna de muitos olhares. Morava com uma velha tia, que “era uma boa senhora, amiga da sobrinha, e inteiramente escrava da sua vontade”.⁴⁶ De casa, portanto, não partia impedimento para que pudesse sozinha decidir o que era melhor para ela – casar-se, deixar ser requestada por vários ou até mesmo tentar infringir pena a homem que dizia não se render a nenhuma mulher. Este, aliás, era o caso de Tito, frequentador da casa de Adelaide, que alardeava preferir partida de voltarete ao amor. Acostumada a “vingar o sexo”, Emília sentiu-se tentada a fazer algo contra aquele que a colocava “abaixo da dama de copas”. Enquanto que, para Adelaide, só cabia se indignar com o dito nada chistoso e ser cúmplice das travessuras da amiga:

⁴⁴ “Linha reta e linha curva” foi primeiramente escrito como peça de teatro, intitulado-se *As Forças Caudinas*. Com algumas modificações, passou a figurar no *Jornal das Famílias*, nas edições de outubro de 1865 a janeiro de 1866. Logo depois, em 1870, foi um dos contos escolhidos para ser publicado na primeira coletânea organizada por Machado de Assis, *Contos Fluminenses*. Para uma análise das modificações desse conto, em seus diferentes suportes, ver SILVA, Ana Cláudia Suriani da. *Linha reta e linha curva: edição crítica e genética de um conto de Machado de Assis*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2003.

⁴⁵ Job. “Linha reta e linha curva”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1865. P. 294.

⁴⁶ Job. “Linha reta e linha curva”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1865. P. 323.

Que queres que eu faça a um homem que diz aquilo? Se não fosse casada era possível que me indignasse mais. Se fosse livre era provável que lhe fizesse o que fizeste ao outro. Mas eu não posso cuidar dessas cousas...⁴⁷

Combinado entre as amigas que Tito beijaria os pés da astuta viuvinha, esta colocou seus planos em prática. Até aquele momento o seu pretendente mais empertigado era Diogo, “braceiro” infalível para a rua. Havia prometido a ela um urso, enquanto era aplacado por chá bem quente, conforme o seu próprio gosto. Diogo e seu urso, aos poucos, foram deixados de lado e a cada dia Emília usava mais as vantagens de sua posição. Ou até certo ponto, porque acabara ela mesma se apaixonando por Tito e fazendo insinuações sobre casamento, como o de Adelaide, que era tido como a união mais feliz. Além disso, era dona de “moral severa” e não podia usar de todos os benefícios de sua situação, para conquistar arisco pretendente:

Emília jogava um jogo perigoso. Era preciso decidir entre os seus desejos de vingar o sexo e as conveniências da sua posição; mas ela era de um caráter imperioso; respeitava muito os princípios de sua moral severa, mas não acatava do mesmo modo as conveniências de que a sociedade cercava essa moral. A vaidade impunha no espírito dela, com força prodigiosa. Assim que a bela viúva foi usando todos os meios que era lícito empregar para fazer apaixonar Tito.⁴⁸

Coroando essa história, como a bela Emília soube respeitar todos os princípios morais vigentes à época, recebeu como gratificação o amor de Tito. Se no princípio do conto o que desejava a viúva era fazer brincadeira, com o desenrolar da trama deixou-se envolver e acabou apaixonada. Tudo muito bem calculado, já que, há algum tempo, Emília desprezara aquele mesmo amor de forma cruel. Lição dada, poderiam ser felizes, unidos pelos laços do casamento. Desfecho feliz de lado, mais uma vez é possível notar as mesmas características entre as personagens viúvas. Jovens morando com parentas velhas e com maior liberdade de escolha. Entretanto, não deixavam de cumprir certas regras. É fato que possuíam posição diferente das donzelas, bem como de mulheres casadas; mas, ainda assim, não podiam fugir a alguns princípios morais, caso contrário ficariam conhecidas sob o epíteto de “viúvas alegres”.

⁴⁷ Job. “Linha reta e linha curva”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1865. P. 299.

⁴⁸ Job. “Linha reta e linha curva”. In: *Jornal das Famílias*. Dezembro de 1865. P. 354.

O melhor mesmo era contrair novo casamento ou se preparar para cair na pena da galhofa de Martins Pena, como já vimos acontecer com Rita. Casar, esse o remédio e “A última receita”.⁴⁹

A viúva Lemos adoecera; uns dizem que dos nervos, outros que de saudades do marido. Fosse o que fosse, a verdade é que adoecera, em certa noite de setembro, ao regressar de um baile. Morava então no Andaraí, em companhia de uma tia surda e devota. A doença não parecia coisa de cuidado; todavia era necessário fazer alguma coisa. Que coisa seria? Na opinião da tia um cozimento de alteia e um rosário a não sei que santo do céu eram remédios infalíveis. D. Paula (a viúva) não contestava a eficácia dos remédios da tia, mas opinava por um médico.⁵⁰

Veio o médico. Não qualquer homem já velho, mas jovem “sujeito de boa presença, assaz elegante e médico feliz”, que morava nas proximidades da casa de D. Paula. É provável que já tivessem mesmo se encontrado por uma daquelas ruas. Trocado olhares, enquanto a viúva o observava de sua janela. A doença não era grave, apesar dos três tipos diferentes de remédios receitados, que foram tomados com avidez. Viúva, bonita e com “alguma coisa de seu”, razões suficientes para querer viver por longos anos, D. Paula procurava nesse estado, no qual já se encontrava por treze meses, outra união. O primeiro casamento havia sido fruto de “arranjo de família”, o que ela aceitou com resignação. Agora deveria ser diferente, porque ela mesma poderia procurar pessoa que correspondesse às suas expectativas. Portanto, não desejava morrer, muito pelo contrário.

Além de a enferma ser prudente, o médico mostrou-se “assíduo”, promovendo logo a cura daquela pequena constipação. Porém, para a viúva, o seu completo restabelecimento ainda não fora efetivado. Alegava “dores de cabeça, a que o médico chamou de nevralgia, e uns tremores, que foram classificados no capítulo dos nervos”. Era conveniente manter aquela presença em casa e, com o desaparecimento dos sintomas da doença, isso não seria mais possível. Então, novos achaques e presença do médico Avelar garantida.

A tia, apesar de surda, não era nem um pouco “tola”, logo percebeu que, quando o médico chegava, a sobrinha “ficava mais doente”. Junto a isso, não sabia se a moça fazia uso

⁴⁹ J. J. “A última receita”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1875. Pp. 273-279.

⁵⁰ Idem. P. 273.

correto dos medicamentos receitados, o que não causava prejuízo à sua saúde. Percebeu também que D. Paula, que era morena, aproximando-se a hora da visita do médico, “fazia uma aplicação mais copiosa de pó-de-arroz”, cumprindo o efeito de deixá-la mais pálida. O certo é que D. Paula não mais freqüentava os bailes que tanto gostava, atendendo prescrições médicas do “mais absoluto repouso”. Até mesmo a leitura de um livro foi considerada perigosa em seu estado:

- Deu o passeio que lhe aconselhei?

- Não tive ânimo.

- Fez mal. Não passeou e está lendo...

- Um livro inocente.

- Inocente?

O médico pegou no livro e examinou-lhe a lombada.

- Um livro diabólico! Disse ele atirando-o para cima da mesa.

- Porque?

- Livro de poeta, livro para namorados, minha senhora, que é uma casta de doentes terríveis. Não se curam eles; ou raramente se curam; mas há pior, que é adoecerem os sãos. Peço-lhe licença para confiscar o livro.

- Uma distração! Murmurou Paula com uma doçura capaz de vencer um tirano.

Mas o médico mostrou-se firme.

- Uma perversão, minha senhora! Em ficando boa pode ler se quiser todos os poetas do século; antes, não.⁵¹

Que livro causaria tamanha irritação ao médico? Algo que o afastava de sua doente, além de fazê-la descumprir as suas recomendações. Mesmo porque estas a cada dia eram mais deixadas de lado. Não dava os passeios indicados, continuava sua leitura e não cumpria o seu severo regime. Permanecia apenas sem freqüentar os salões, fato inusitado que deixou todos preocupados com ela. Qual seria então aquela doença? “Muitas pessoas achavam que a doença devia ser interna, muito interna, profundamente interna, visto que lhe não apareciam sinais no rosto. Os nervos (eternos caluniados!) foram a explicação que geralmente se deu à singular

⁵¹ Idem. Pp. 275-276.

moléstia da moça”.⁵² O tempo foi passando e alguma solução deveria ser encontrada por ambos – viúva e médico. Afinal, não era mais possível oferecer a mesma desculpa para tantas visitas, pois a paciente já havia se curado. Mas ainda existia uma última e infalível receita: chamar um padre e promover o casamento deles. Era remédio velho, “inventado desde muitos séculos e que provavelmente só acabará no último dia do mundo”.⁵³ Ficava, assim, realmente curada a viúva e salva a sua reputação de se transformar em coquete, já que era freqüentadora assídua dos bailes àquela época.

As histórias de viúvas seguiam modelinho básico. Primeiro casamento motivado por conveniências exteriores à sua vontade, viúvas jovens e belas, morando com velhas parentas, maior liberdade para freqüentar festas e salões, além de a escolha de novo casamento ser apenas sua. Não são poucas as narrativas que seguem esse princípio e estão espalhadas pelo *Jornal das Famílias*. Quem vem seguindo as datas de publicação dos contos, deve ter percebido que “Questão de vaidade” e “Linha reta e linha curva” figuraram naquelas páginas entre 1864 e 1866, enquanto que “A última receita” saiu, na revista, em 1875. Salto que foi preenchido por outras histórias com a mesma caracterização dessa personagem, guardados pequenos detalhes, próprios de cada conto.⁵⁴ Sendo assim, essas histórias agradavam às leitoras de então. As respostas do literato ao seu público leitor podem ser notadas a partir de modificações inseridas, ao longo do tempo, na construção da personagem. Aos poucos ela vai se sofisticando e ganhando contornos até ali impensados. Quando Machado de Assis colocava um detalhe a mais em suas histórias, e, em especial, nesses enredos mais recorrentes, a participação do público leitor deveria ter exercido algum peso. Era parte daquilo que ouvia de seus leitores, e também do que lia nas páginas daquela mesma revista. Por outro lado, tais alterações tinham também a função de criar histórias que se confrontavam dentro daquelas mesmas páginas. Histórias essas escritas pelo mesmo colaborador, às vezes, apenas com pseudônimo diferente. Em “Conversão de um avaro”, publicada no último ano de edição do *Jornal das Famílias*, D. Rufina Soares é viúva importante para perceber algumas dessas modificações feitas por Machado de Assis.⁵⁵ Além das semelhanças com diversas narrativas, a

⁵² Idem. P. 276.

⁵³ Idem. P. 279.

⁵⁴ Para outros exemplos da condição da viúva nos contos de Machado, no *Jornal das Famílias*, ver também “Diana” (fev. 1866), “O carro nº 13” (mar. 1866) e “Quinhentos contos” (jun. e jul 1868).

⁵⁵ Machado de Assis. “Conversão de um avaro”. In: *Jornal das Famílias*. Junho a agosto de 1878.

personagem em questão contava com características que as outras não apresentavam – olhos negros e “misteriosos” que deixavam seu pretendente “embasbacado”, e um primo muito ambicioso. Nos contos até aqui analisados, uma das vantagens da situação de viúva era o fato de a própria personagem poder escolher o melhor casamento, sem a influência de suas famílias. Entretanto, nova união deveria ser buscada, para que a personagem não passasse a ser conhecida como alguma “viúva alegre”, ou como a “coquete” dos salões. Em algumas histórias publicadas a partir de 1870, essa personagem já não demonstrava mais a intenção de se casar apenas por causa desse desejo de ela mesma poder optar por quem mais a agradasse. Além disso, passou a se importar muito pouco com aquilo que as outras pessoas poderiam falar. O que interessava mesmo era conquistar homem rico e disposto a gastar toda a fortuna para atender seus caprichos.

Nesse sentido, Gil Gomes era o principal candidato de Rufina Soares. Possuía todas as qualidades por ela procuradas. Era um colchoeiro de cinquenta e dois anos que “ganhara um bom pecúlio, a vender colchões e a não usar nenhum”. O homem tentava resistir aos encantos da viúva por medo de ser obrigado a gastar parte de seus cabedais guardados com tanto afinco durante muitos anos. Para sorte de Rufina, o homem fora acometido por febre que parecia exigir cuidado, para além de chás. Tais cuidados foram oferecidos justamente pelo primo da viúva – José Borges. Este colocava sua casa à disposição e tudo o que o outro pudesse necessitar enquanto se restabelecesse. Em princípio, a oferta fora negada, pois imaginava Gil Gomes que o companheiro poderia pedir alguma compensação. Não faltavam motivos para essa conclusão. Afinal, José Borges não era nada por aqueles tempos, apenas “preparava-se para ser milionário”, mesmo que aparentemente estivesse longe de alcançar tal fim. Apesar de saber disso tudo, a doença o obrigou a aceitar a oferta do amigo. Acolhido naquela casa, José Borges aproveitou-se para se aproximar ainda mais do rico colchoeiro. Gil Gomes esquivava-se de todo modo. Só não contava que iria encontrar a mais bela das viúvas. Conforme afirmava o primo dessa nova viúva, “um pedaço de mulher”.⁵⁶

Todas as artimanhas possíveis foram usadas por D. Rufina, para dobrar o seu pretendente. Trejeito com os olhos, pés que se tocavam durante o jogo da bisca, apertos de mãos mais prolongados, encontros casuais. Nada fazia curvar o já experimentado Gil

⁵⁶ Machado de Assis. “Conversão de um avaro”. In: *Jornal das Famílias*. Junho de 1878. Pp. 170-172.

Gomes.⁵⁷ Escapou a ele o fato de que a corte feita à viúva teria a participação de seu amigo. Este não perdeu tempo. Foi logo falando em casamento e exaltando as qualidades da prima:

Teceu, os maiores elogios à viúva, à sua beleza, aos seus pretendentes, às suas virtudes. A maior destas era a economia; pelo menos, foi o que ele mais louvou. Quanto aos pretendentes eram muitos, mas ultimamente estavam reduzidos a cinco ou seis. Um deles era desembargador.⁵⁸

Tantas qualidades aliadas a certa dose de esperteza da parte da própria viúva, prenderam de vez o avaro Gil Gomes, que já não era mais tão avaro assim. Havia comprado casaca e oferecido “camarote de teatro à viúva”. De acordo com o narrador do conto, o que representou mesmo “o fim do mundo”, foi o fato de ele ter emprestado “duzentos mil réis, sem fiança, nem obrigação escrita” ao primo de sua noiva.⁵⁹ Depois de casado, os gastos foram só aumentando. A grande qualidade da esposa – economia – que em outros tempos fora tão exaltada por seu primo, parecia não ser realidade. Afinal, ela “amava o luxo, a vida estrondosa, os teatros, os jantares, os brilhantes”. Com os anos, Gil Gomes já não possuía mais colchões para vender, nem dinheiro para emprestar. Rufina “retirou deste mundo”, deixando o ex-avarento na completa miséria.⁶⁰ Lucro de verdade com essa história teve José Borges, que soube calcular muito bem a forma de adquirir seus empréstimos.

Outra viúva que merece ser destacada para pensar nas nuances encontradas na caracterização dessa personagem por Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*, ao longo dos anos, é Ângela, de “Antes que cases”.⁶¹ Neste conto, o pretendente a novo esposo é bastante diferente de Gil Gomes a começar pelo fato de não possuir muitos bens. Assim, a narrativa tem início com a seguinte afirmação: “Era um dia um rapaz de vinte e cinco anos, bonito e celibatário, não rico, mas vantajosamente empregado”.⁶² Tal rapaz chamava-se Alfredo, e sonhava em encontrar esposa que fizesse de sua vida de casado pura poesia. Encontrou Ângela. Linda viúva, como todas as outras daquelas páginas. A jovem morava com uma tia

⁵⁷ Machado de Assis. “Conversão de um avaro”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1878. Pp. 204-205.

⁵⁸ Machado de Assis. “Conversão de um avaro”. In: *Jornal das Famílias*. Agosto de 1878. P. 230.

⁵⁹ Idem. P. 230.

⁶⁰ Idem. Pp. 232-233.

⁶¹ B.B. “Antes que cases”. In: *Jornal das Famílias*. Julho a setembro de 1875.

⁶² B.B. “Antes que cases”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1875. P. 204.

velha e um primo. O caminho percorrido pelo rapaz para aproximar-se de sua viúva, em alguns pontos, foi muito semelhante com o de Manuel Igreja, na peça de Martins Pena, analisada páginas atrás. Também ele passou debaixo de sua janela, depois mandou cartas, e, finalmente, marcaram a primeira “entrevista”. Sem a ousadia de Rita, Ângela estava mesmo disposta a se casar outra vez. Casou-se e gastou todo o dinheiro que possuía em jóias, bailes, teatros, entre tantas reuniões sociais que aborreciam sobremaneira ao seu marido. A questão que pode ter surpreendido mais aos seus leitores foi o fato de a esposa ter traído ao marido com um ministro para conseguir certas facilidades em negócio tramado por seu primo. Isso aconteceu logo depois de o casal ficar pobre. Então, para não colocar fim a vida de luxo, Ângela encontrou em um ministro que freqüentava os mesmos bailes que ela, solução para o seu problema.

Nesses contos as viúvas não são mais apenas personagens em busca de outro amor ou de verdadeiro amor, não permitido antes do primeiro casamento. Elas são muito mais ousadas. O maior destaque ficava por conta da maneira como elas – as ex-viúvas – tratavam seus esposos. Assim, Machado de Assis se divertia ao contar como o avarento Gil Gomes perdera toda a sua fortuna para atender os caprichos de Rufina, da mesma forma que deve ter provocado o riso em muitos de seus leitores ao contar as decepções de Alfredo, depois de ter se casado com sua cobiçada Ângela. A intenção do literato não era mais apenas a de mostrar as vantagens e desvantagens da situação de viúvas naquela sociedade. O que ele fez também foi colocar mulheres em cena que sabiam exatamente o que queriam, que brincavam e faziam gato e sapato de seus maridos. Para cumprir tal objetivo, o caráter moral da história se perdia. Assim, uma das funções de fundamental importância em literatura para moças – a função educadora – ficou para trás. Se em “Confissões de uma viúva moça” Machado pedia paciência aos seus leitores “caturras”, agora a esses nem explicações foram dadas. Tiveram mesmo que se contentar em ler e ver como suas filhas se divertiam com o tal escritor “mestre na especialidade erótica”, como outrora fora qualificado.⁶³

As histórias de viúvas presentes não só no *Jornal das Famílias*, como também em outras páginas literárias publicadas àquela época, demonstram o quanto a discussão em torno dessa personagem era carregada de significados. Era o campo no qual os principais debates em

⁶³ Para outros exemplos de viúvas, como Rufina e Ângela, ver ainda “Aires e Vergueiro” (jan. 1871) e “O passado, passado” (ago. 1876).

torno da maior ou menor liberdade das mulheres, bem como dos espaços por elas ocupados naquela sociedade, estavam acontecendo. Ao centralizar muitos de seus enredos nessa personagem, Machado de Assis interagia com as suas leitoras e também com aqueles outros preocupados com o tema. Mulheres viúvas deveriam formar número considerável no século XIX. Algumas daquelas jovens viúvinhas poderiam ter perdido seus maridos em alguma daquelas muitas epidemias, ou então por causa da própria idade avançada dos homens com quem se casavam. Uma das questões que veremos a seguir, aliás, refere-se justamente a necessidade de nivelar as idades dos nubentes, quando da escolha do casamento para as filhas. Era comum o casamento de mulheres extremamente jovens com homens mais velhos, o que proporcionava o aumento de viúvas. Tudo isso compunha as questões discutidas naquela revista. Relacionava-se à necessidade de criar casais com a finalidade de gerar filhos saudáveis, o futuro da nação. Machado de Assis, conforme vimos, provocou a ira de muitos pais caturras e se colocou nesse debate como escritor aberto a “conversar” com as maiores interessadas no assunto: as mulheres. Mesmo quando para isso fosse preciso lançar algum desafio, provocar um ou outro leitor.

3. Casamento e esposa modelo

Histórias centradas no tema do casamento sobressaem nas páginas do *Jornal das Famílias*. A repetição exaustiva de lições dirigidas às leitoras, em textos de vários colaboradores, pode levar a pensar que na publicação havia projeto dedicado à formação moral das mulheres do período. Em tempos de efervescência de idéias dedicadas a coibir os “maus instintos”, esse pressuposto não parece fora de lógica. Mesmo porque à mulher dirigia-se parte considerável dessas preocupações, talvez por sua importância no seio da família. A imprensa guardava, assim, papel fundamental na disseminação de idéias formuladas em teses médicas, no parlamento e em vários outros lugares de discussão. Guias de orientação deveriam passar a fazer parte da leitura diária das mães, para que elas soubessem mostrar aos seus filhos e, em especial, às filhas, o melhor caminho a ser seguido.

Nas últimas décadas, alguns estudos sobre esse tema mostram-se preocupados em demonstrar as influências do discurso romântico na hora da escolha do matrimônio.⁶⁴ Até as primeiras décadas do século XIX, o que prevalecia era, em última instância, as vontades e necessidades das famílias envolvidas. Estas se ocupavam sobretudo com o casamento das filhas, porque eram elas que poderiam atrair maiores vantagens socioeconômicas. Além disso, apenas as meninas estavam incluídas na prática do dote, o que conferia certa força à mulher dentro do casamento. Por outro lado, os homens tinham mais liberdade de escolha. Especialmente os mais pobres, como forros e escravos, tendiam a uma maior autonomia para escolher seus matrimônios. Tanto por parte das famílias, como dos nubentes, o casamento correspondia a um certo desejo de estabilidade. Segundo o discurso moral católico, no casamento, não era a felicidade individual que estava colocada, mas essencialmente a procriação. Já a partir de 1840, o que pode ser observado são mudanças significativas nessa moral conjugal. Teses médicas e romances passam a disputar com a Igreja influências sobre as decisões familiares. Os romances produzidos questionavam as práticas matrimoniais. O que deveria ser privilegiado já não eram mais os interesses socioeconômicos, mas sim aqueles relacionados ao amor. As escolhas familiares contrapunham-se às individuais. As famílias deveriam respeitar as opções dos filhos. Tinham que orientá-los, sem impor decisões. O namoro passa a ter função importante. A maior preocupação difundida pelo discurso médico referia-se à prole. Por isso o interesse em delimitar as idades e parentesco dos nubentes. Entretanto, de acordo com Sílvia Brügger, essas mudanças foram mais efetivas nos discursos do que na vivência. Os casamentos continuaram ocorrendo sob a orientação das famílias, o que mudou foi a forma de articular a união.⁶⁵ O que pode ser observado nas páginas do *Jornal das Famílias* são os debates realizados entre os seus próprios colaboradores com relação a esse tema. O diálogo ali construído é fascinante. Demonstra o quanto Machado de Assis estava atento aquilo que era publicado na revista como um todo, e como ele se posicionava diante dessas questões.

⁶⁴ Sobre o tema, ver especialmente, D'INCAO, Maria Ângela. "O amor romântico e a família burguesa". In: *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989; D'INCAO, Maria Ângela. "Mulher e família burguesa". In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997; BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Valores e vivências matrimoniais: o triunfo do discurso amoroso (bispado do Rio de Janeiro, 1750-1888)*. Dissertação de Mestrado em História: UFF, 1995.

⁶⁵ BRÜGGER, S. Op. Cit. P. 72.

Nesse sentido, ao lado do nome de Machado de Assis, outros dois colaboradores destacam-se durante os quinze anos de publicação do *Jornal das Famílias* – Paulina Philadelphia e Victoria Colonna. Além da própria assiduidade, vale a pena destacar o modo de atuação dessas narradoras na revista. Com tom moralizador, as idéias expostas nos escritos dessas duas célebres desconhecidas tinham endereço certo: as leitoras. Suas participações foram diversas. Enquanto à Paulina cabia a formação prática da dona de casa, ou seja, responsabilizava-se pelas receitas culinárias, dicas de economia doméstica e anedotas para ajudar a amenizar o dia-a-dia daquela que se dedicava com tanto afincamento ao lar, à Victoria ficava a forma mais dura de passar as lições. As suas “amigas” deveriam ser atingidas de maneira direta, sem eufemismos, pilhérias ou qualquer artifício para suavizar a mensagem. As duas, portanto, dividiram muito bem o espaço com Machado de Assis, além de manter constante diálogo com o maior colaborador do periódico.

O casamento era tema central da maioria dos artigos por elas assinados. Nesta questão, Victoria Colonna oferecia “reflexões” que muito nos ajudam a compreender o sentido de sua participação.⁶⁶ Com mensagem dirigida às mães, conselhos são oferecidos com o intuito de fazer com que as leitoras pudessem aproveitá-los, quando da escolha do matrimônio de seus filhos. A idade mais adequada para o casamento é item bastante discutido. Na busca por liberdade e ao desejar livrar-se das responsabilidades maternas, famílias são acusadas de casar precocemente as meninas. Estas estariam preparadas para unir-se a um homem apenas depois dos 14 anos, idade em que o físico e a inteligência estavam mais desenvolvidos.⁶⁷ Mesmo porque, os filhos gerados a partir dessas uniões eram sua maior preocupação. Ao enumerar as condições necessárias para o melhor casamento, essa idéia ficava evidente:

Uma das condições indispensáveis no casamento é a harmonia das idades. Tão clara é essa asserção que não precisa de provas; por quanto uma moça e um velho, ou uma velha e um moço, são incompatíveis para formarem bons casamentos, visto como são duas quantidades heterogêneas que produzem – *uniões sem união*. – As vontades e os gostos, estando sempre em oposição, fazem do matrimônio uma pesada cadeia, e os filhos desse discordante consórcio são as vítimas inocentes imoladas à inqualificável ambição das famílias; porque nascidas de uma

⁶⁶ Victoria Colonna. “Os casamentos de hoje”. In: *Jornal das Famílias*. Junho de 1875.

⁶⁷ Idem. P. 180.

mãe, ainda não completamente formada, ou de um pai já gasto, trazem uma constituição caquética e doentia que os condena a arrastarem uma vida de incessante sofrimento; e depois, vivendo nesse lar sem amor, nem harmonia, desconhecem a doçura desse néctar chamado – *amor de família* – criam-se rixosos, egoístas, intempestivamente independentes e não sentem a menor afeição nem respeito pelos autores de seus dias que lhes não souberam dar a mais proveitosa das lições – *o exemplo*.⁶⁸ (grifos no original)

A idéia de que as mães deveriam receber informações necessárias para ajudar a formar seus filhos foi difundida com regularidade na imprensa daquele período. Periódicos, com o fim exclusivo de instrução, passavam a compor as leituras cotidianas de muitas mulheres.⁶⁹ Para o melhor incremento da instrução pública, ao lado do pedagogo colocou-se o higienista. O desenvolvimento físico da criança, futuro cidadão do país, seria assim preservado.⁷⁰ Concordando com essa ideologia, a fiel colaboradora do *Jornal das Famílias* ressaltava que filhos nascidos de casal com grande disparidade etária não teriam boa formação física. Para além de dicas referentes a como ajudar a escolher o melhor casamento para seus filhos, o que estava em pauta eram os maus acarretados por uniões entre pessoas de formação física diferentes. Isso porque o casamento só cumpriria o seu fim, se gerasse bom fruto. O que era possível apenas entre casais igualmente saudáveis e de idades compatíveis.

Dando continuidade aos seus conselhos, Victoria afirmava que a união da “inteligência à imbecilidade, a virtude ao vício” e “a saúde à enfermidade”, não resultaria em bom casamento. Afinal, o que aconteceria com casais em que um dos cônjuges era destinado a ser “enfermeiro do outro”, ou um deles não fosse compreendido, devido à estupidez de alguma das partes e, pior ainda, quando a honestidade fosse obrigada a combater a “infâmia”? Sua crítica era dirigida às famílias que permitiam que seus filhos fossem movidos apenas por certa paixão imprópria. Já que “a sorte do casamento” relacionava-se à “conformidade das qualidades físicas, morais e intelectuais”, as mães de família deveriam ser preparadas para completar a educação dos filhos. Esse papel, atribuído a elas, era considerado de suma importância para o próprio desenvolvimento do país, pois, as mães não eram responsáveis

⁶⁸ Victoria Colonna. “Os casamentos de hoje”. In: *Jornal das Famílias*. Junho de 1875. P. 181.

⁶⁹ Ver, por exemplo, *A mãe de família: jornal científico, literário e ilustrado*, publicado a partir de janeiro de 1879.

⁷⁰ “A mãe de família”. In: *A mãe de família: jornal científico, literário e ilustrado*. Janeiro de 1879. P. 2.

apenas por seus filhos, mas pelo futuro da nação. Para terminar, não poderia deixar de falar elogio ao trabalho:

Terminarei aconselhando à maioria dos pais que eduquem suas filhas mais amigas do trabalho e da virtude que do luxo, assim como a seus filhos, e a procederem de modo que possam servirem-lhes de exemplo; a atenderem cuidadosamente ao gênero de pessoas que admitem em sua intimidade para evitarem o perigo de uma inclinação inconveniente e a abjurarem a falsa idéia em que estão de que na riqueza se encerram todos os elementos necessários à verdadeira felicidade doméstica.⁷¹

Pais deveriam servir de exemplo aos filhos, cultivando eles mesmos o gosto pelo trabalho. Além disso, cuidariam para que os vícios não viessem de fora da casa, penetrando, por meio de vizinhos e amigos, no lar e contaminando os bons ideais plantados pelas famílias. A repressão à ociosidade era idéia que permeava vários dos discursos à época. Saía do parlamento e proliferava na imprensa com alvo certo. Entretanto, o significado de trabalho não era o mesmo para todas as classes sociais. O trabalho sugerido por Victoria Colonna às “filhas” pode ser relacionado à seção da revista que traz a denominação de “Trabalhos”. Consistia em ensinar trabalhos manuais às leitoras, como flores, caixa para luvas, sapatinho para crianças e enorme variedade de outras atividades; além da clássica seção de modas, com moldes bem explicados, de vestidos para várias ocasiões. Eram trabalhos para ser executados como forma de ocupar o tempo vazio, sem a intenção de trazer rendimentos financeiros, apesar de o controle sobre o que as mulheres fariam daqueles ensinamentos não fosse assim tão simples. Sobre a ocupação mais adequada oferecida aos “filhos”, Machado de Assis foi quem mais gastou páginas, tentando colocar em cena personagem ímpar. O tom usado por ele variou da galhofa à seriedade, por meio de personagens castigados pelo fato de pensar e freqüentar apenas o “Alcazar Lírico da rua da Vala”, entre outros divertimentos não muito decorosos. Com Machado de Assis, essa diferença de ocupação segundo a classe social fica bem mais clara. Por enquanto, é melhor retomar os escritos de Victoria Colonna, já que ainda há muito espaço para pensar no caso do crítico e galhofeiro Machado de Assis.

⁷¹ Victoria Colonna. “Os casamentos de hoje”. In: *Jornal das Famílias*. Junho de 1875. P. 182.

Ao colocar em pauta não só a questão da moralidade, amplamente seguida e discutida por diversos colaboradores do *Jornal das Famílias*, como a saúde física dos novos cidadãos do país e a transformação dos filhos em trabalhadores, como maneira de garantir o bom desempenho do casamento, fica evidente a intenção de promover a civilização à moda européia, tomando como ponto de partida a própria família.⁷² Escrever historinhas com esse tom de guia de orientação foi uma das bases da participação de Victoria Colonna. Além de detalhar, passo a passo, o melhor caminho para o sucesso no casamento, como acabamos de ver, outra faceta sua era a de envolver seus personagens em tramas de fácil associação a diversas questões que o país enfrentava. A guerra do Paraguai foi tomada como forma de fazer com que as juvenis leitoras pensassem bem antes de desobedecer aos pais.⁷³

Publicado em meio às confusões geradas pela guerra do Paraguai, “Cecília a voluntária” traz história em que uma jovem vaidosa ouve aquilo que um médico tem a dizer sobre Cecília. Esta moça, desejando acompanhar o noivo, havia deixado a mãe e tomado nome de homem, partindo para o campo de batalha. Ferida, teve a oportunidade de conversar, sem revelar quem era, com o noivo, enquanto se recuperava. Para sua surpresa, soube que o soldado reprovava a idéia:

(...) além de julgar um exército o mais impróprio dos lugares em que devesse achar uma moça, acrescia não poder esperar que viesse a ser boa esposa e boa mãe quem não houvesse sabido ser boa filha; pois que abandonando ela a autora de seus dias sem que a lei a obrigasse a isso, como acontece aos homens, ela a faria morrer de pesar.⁷⁴

Depois de ouvir essas palavras, a corajosa menina resolveu voltar para casa e não contar a aventura ao noivo. Contudo, antes de concluídos seus planos, recebeu carta em que ficou sabendo de que sua mãe havia falecido “de pesar em sua ausência”, da mesma forma que prevenira o noivo, dias antes. Para tornar a lição ainda mais dura e enfática, após ler aquela notícia, Cecília suicidou-se deixando duas cartas – uma para o médico que a atendesse e outra

⁷² No século XIX, muitos foram os projetos dedicados à formação do povo que se queria. Entre esses é possível destacar aqueles que indicavam a educação e a instrução dos brasileiros, como possibilidade de distinção desse povo. Educar, portanto, era entendido também como forma de alcançar princípios “éticos e morais”. MATTOS, Ilmar. *O tempo saquarema*. 2ª edição. São Paulo: HUCITEC, 1990. P. 274.

⁷³ Victoria Colonna. “Cecília a voluntária”. In: *Jornal das Famílias*. Maio de 1868.

⁷⁴ Idem. P. 154.

para o noivo – ambas contando a sua desgraça. Dessa forma, a história de Cecília serviria de lição à menina para quem o médico a relatara e para as leitoras do *Jornal das Famílias*. O caráter educativo presente nas participações de Victoria Colonna corresponde à intenção de propagar uma literatura que servisse para levar os princípios morais e religiosos às leitoras. Para isso, esse colaborador ou colaboradora escondeu-se durante todo o tempo de dedicação à revista atrás de pseudônimo provavelmente não identificado nem mesmo por seus leitores. Afinal, não há nada naquelas páginas que indique, de maneira direta, sua origem. Entretanto, tal assinatura pode ser associada à poetisa romana que viveu entre fins do século XV e princípios do XVI.⁷⁵ Outro misterioso pseudônimo feminino, presente durante todo o tempo de edição do *Jornal das Famílias*, é Paulina Philadelphia.⁷⁶

A participação de Paulina foi bastante variada. Seguindo os passos de Victoria Colonna, também se ocupou de passar lições às vaidosas⁷⁷. Sua colaboração mais efetiva foi por meio dos vários ensinamentos de economia doméstica e culinária. As suas receitas não traziam apenas os ingredientes para o cozimento de determinado prato, mas como servi-lo, além de dicas de reaproveitamento de alimentos, sempre demonstrando alguma proximidade às leitoras:

Este guisado manda-se à mesa numa travessa levando espetados por cima e entorno, fatias de pão, fritas em manteiga.

Observando esta última explicação tereis, amáveis leitoras, além de um excelente guisado, um prato extremamente agradável à vista e que podereis apresentar sem receio num jantar de cerimônia.⁷⁸

O mistério em torno de sua identidade era incitado por ela mesma, que além de não se revelar, oferecia dicas para que as leitoras pudessem imaginar quem seria aquela colaboradora:

⁷⁵ OLIVEIRA, Américo Lopes de. *Dicionário de mulheres célebres*. Porto: Lello e irmão – editores, 1981. P. 263.

⁷⁶ Essa assinatura apareceu uma vez na *Revista Popular*, em artigo intitulado “Mais um bom romance”. No *Jornal das Famílias* apresentou-se como colaboradora fixa. Paulina Philadelphia. “Mais um bom romance”. In: *Revista Popular*. Janeiro de 1862. Pp. 40-42.

⁷⁷ Ver, Paulina Philadelphia. “A vaidade corrigida”. In: *Jornal das Famílias*. Abril de 1868.

⁷⁸ Paulina Philadelphia. “Economia doméstica”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1872. P. 25.

Não riem deste meu conselho, nem pensem que sou alguma velha que veio para o Brasil com D. Maria I. Sou moça, mas conheço que não perde a graça quem se ocupa como nossas avós nos misteres e cousas úteis de uma casa.⁷⁹

Este trecho é parte de ensinamento de como se certificar da qualidade das meias de lã, de como usá-las e tricotá-las. Em todo o caso, se ainda assim as leitoras não tivessem muita experiência com as agulhas, o último conselho era o de passar na casa Garnier⁸⁰ e comprar o “indispensável” livro *Leçons de couture, crochet, tricot et frivolités*, com explicações necessárias entre as páginas 136 e 149. O importante era oferecer condições ideais para que a boa dona de casa fosse formada. Isso incluía saber conduzir a educação dos filhos, assim como cuidar bem da casa.

A partir disso vê-se como as participações de Victoria Colonna e Paulina Philadelphia seguiam a mesma linha pedagógica e moralizante. Suas instruções eram baseadas naquilo que acreditavam como a melhor maneira de se formar uma mãe e, conseqüentemente, os filhos dela. Mesmo quando tentavam uma maior aproximação de suas leitoras, ainda assim o que prevalecia era o tom instrutivo, cheio de lições e fórmulas de como ser a melhor esposa, de como conduzir o lar, receber visitas em suas casas, e educar os filhos. A mulher imaginada como leitora estava em busca de um espaço dentro da casa. Entretanto, tal lugar era restrito, e ligado à obediência dos filhos à mãe, e desta a um princípio maior de formação daqueles que representavam o futuro do país. O casamento, se bem escolhido, era a única possibilidade para que suas leitoras atuassem nessa sociedade. Portanto, cabia às colaboradoras oferecer dicas de como eleger a melhor união. Assim, pretenderam assumir, ou completar, a educação dessas mulheres leitoras. Ao escrever textos com esse sentido, dialogaram diretamente com o principal colaborador da revista. Essas dicas de como ser boa esposa e mãe não estavam apenas nas páginas de “Economia Doméstica” ou nos textos por elas assinados, na seção de “Romances e Novelas”. Fizeram parte também das linhas escritas por Machado de Assis. Resta saber como esse literato posicionou-se diante dessas questões, bem como das leitoras

⁷⁹ Idem. P. 26.

⁸⁰ Essa dica, de Paulina Philadelphia às leitoras, está relacionada ao fato de o *Jornal das Famílias* ser uma publicação editada por B. L. Garnier e vendida em sua livraria. Parecia interessante, portanto, fazer uma propaganda para o editor.

por ele imaginadas. Assim, muitos podem surpreender-se com *Lara* descrevendo perfeita dona de casa.

Dentre as personagens femininas do conto “As bodas do Dr. Duarte”, destaca-se dona de casa envolvida nos preparativos do casamento de sua filha.⁸¹ Em dia de festa, os compromissos com a casa são ainda maiores. Tudo deve estar perfeito, para isso D. Beatriz não ficava parada, ia “da sala para a cozinha, dando ordens, apressando as escravas, tirando toalhas e guardanapos lavados e mandando fazer compras”.⁸² Além disso, ainda cuidava das crianças. Bastava reprimenda ou simples olhar para que tudo se resolvesse. A maior obrigação de D. Beatriz, naquele momento, era a de oferecer lições à filha que iria se casar:

Minha filha, hoje termina a tua vida de solteira, e amanhã começa a tua vida de casada. Eu, que já passei pela mesma transformação, sei praticamente que o caráter de uma senhora casada traz consigo responsabilidades gravíssimas. Bom é que cada qual aprenda a sua custa; mas eu sigo nisto o exemplo da tua avó, que na véspera da minha união com teu pai, expôs em linguagem clara e simples a significação do casamento e a alta responsabilidade dessa nova posição...⁸³

Discurso acompanhado de silêncio, já que a boa mãe havia se esquecido do restante da lição. Na verdade, aquelas não foram palavras espontâneas, mas preparadas pelo esposo, José Lemos, para que a mulher falasse e não corresse o risco de cometer alguns erros gramaticais. *Lara*, pseudônimo que assinava aquele conto, em seguida, esclarecia que “melhor fora que D. Beatriz, como as outras mães, tirasse alguns conselhos do seu coração e da sua experiência. O amor materno é a melhor retórica deste mundo”.⁸⁴ Tentava, a família Lemos, cumprir o dever de preparar os filhos para o casamento. O revelador, e também o diferencial desses escritos com relação às dicas encontradas no periódico, é o tom usado pelo colaborador, sempre numa tentativa de se aproximar do dia-a-dia das leitoras, mães de família, mesmo que para isso fosse preciso contrariar algumas regras gramaticais. O amor materno, melhor conselheiro em situações como aquela, não precisava corresponder aos elevados princípios higienistas, como muitas vezes fora sugerido. Mesmo que em alguns momentos fosse possível associar o

⁸¹ Lara. “As bodas do Dr. Duarte”. In: *Jornal das Famílias*. Junho e julho de 1873.

⁸² Lara. “As bodas do Dr. Duarte”. In: *Jornal das Famílias*. Junho de 1873. Pp. 181-182.

⁸³ Idem. P. 183.

⁸⁴ Idem. P. 184.

pseudônimo usado com alguma colaboradora interessada em ajudar na formação de suas leitoras, há diferenças importantes. A começar por essa crítica feita às mães, que decoravam discursos prontos.

Uma das preocupações da família era sobre qual o melhor horário para servir o jantar – antes ou depois da cerimônia de casamento. José Lemos pensava que o jantar deveria preceder a cerimônia e nisso era acompanhado por um dos filhos, que almejava os acepipes que seriam servidos. D. Beatriz “achou esquisito ir para a igreja com a barriga cheia”. Para ficar bem claro, o narrador fez questão de frisar que não havia ali “nenhuma razão teológica ou disciplinar”, pois a senhora Lemos “tinha opiniões especiais em assunto de igreja”.⁸⁵ O que valia, nessa importante decisão, era o bem-estar dos convidados e não convenções previamente estabelecidas; além disso, as idéias sobre religião daquela personagem eram definidas, de acordo com princípios particulares. Nesta e noutras histórias o papel assumido por Machado de Assis, por meio de *Lara*, foi o de questionar certos princípios, posicionando-se como interlocutor tanto de Victoria Colonna e Paulina Philadelphia, como de suas próprias leitoras. Nesse sentido, o conto encerrava de maneira significativa:

Quando a festa acabou de todo, ainda os dois últimos Abencerragens do copo e da mesa lá estavam levantando brindes de todo o tamanho. O último brinde de Vilela foi ao progresso do mundo pelo algodão, e o de Porfírio à ascensão da democracia universal.

Mas o verdadeiro brinde dessa festa memorável foi um pecurrucho que viu a luz em janeiro do ano seguinte, o qual perpetuará a dinastia dos Lemos se não morrer na crise de dentição.⁸⁶

No ano seguinte ao de publicação desse conto, Paulina Philadelphia assinou artigos tanto na seção de “Economia Doméstica”, quanto em “Medicina Popular” oferecendo remédios e dicas para a conservação dos dentes.⁸⁷ É visível o conjunto formado pela revista, o interesse de colaboradores diferentes de construir debates por aquelas páginas. Seus posicionamentos são específicos, mas os temas são, de modo geral, compartilhados mês a mês.

⁸⁵ Idem.

⁸⁶ Lara. “As bodas do Dr. Duarte”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1873. P. 207.

⁸⁷ Paulina Philadelphia. “Remédio contra a dor de dente”. In: *Jornal das Famílias*. Março de 1874. P. 89 e “Conservação dos dentes”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1874. P. 280.

Publicado quase dez anos antes, “Casada e viúva” também trazia indicações de como ser boa esposa.⁸⁸ Eulália Martins e José de Menezes formavam o casal mais invejado daqueles tempos. Era desejo das mães que suas filhas fizessem casamento como o de Eulália, encontrando esposo tão dedicado como aquele:

Mas cumpre dizer, para inspirar amor a maridos tais como José de Menezes, era preciso mulheres tais como Eulália Martins. Eulália em alma e corpo era o que há de mais puro unido ao que há de mais belo. Tanto era um milagre de beleza carnal, como era um prodígio de doçura, de elevação e de sinceridade de sentimentos. E, sejamos francos, tanta cousa junta não se encontra a cada passo.⁸⁹

O mérito de ter realizado tal casamento era de Eulália. A melhor e mais amada das esposas. Para completar união tão feliz, tiveram uma filha. Tudo parecia muito perfeito, quando outro casal entrava em cena, vindo das Minas Gerais. Já eram conhecidos de outros tempos. Cristiana e o capitão Nogueira formavam união diferente de Eulália e José de Menezes. Como o autor daquelas linhas tinha “por timbre contar as cousas como as cousas são”, não perdeu a oportunidade de esclarecer que o que uniu Cristiana ao seu esposo não foi amor, mas estima. Acrescentava também que, como ela ainda era muito jovem, acreditava que, voltando à corte, teria a oportunidade de “levar uma vida mais própria aos seus anos de moça do que a passada na fazenda mineira na companhia fastidiosa do reumático” tio. Apesar desses pequenos detalhes, esse casal também levava vida de causar inveja, assim como Eulália e José de Menezes.

Os quatros a cada dia estavam mais íntimos, compartilhando momentos de completa felicidade. A sintonia era tamanha que José de Menezes teve a idéia de os dois casais dividirem a mesma casa. Sugestão recusada, o até ali fiel esposo passou a fazer perguntas e propostas indecorosas à amiga de sua esposa. Antes do casamento, Cristiana e José de Menezes haviam trocado cartas. Este envolvimento era classificado por ela como “um desses namoros, sem conseqüência, em que o coração empenha-se menos que a fantasia”. Essa era a sua idéia, não a dele. Depois de algumas investidas do esposo infiel, Eulália tudo descobriu, e

⁸⁸ Machado de Assis. “Casada e viúva”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1864.

⁸⁹ Idem. P. 314.

ainda ficou sabendo de outros envolvimento extraconjugais que ele tivera. Sua primeira intenção foi terminar com aquele casamento:

Eulália mostrou ao princípio grandes desejos de separar-se de seu marido e ir viver com Cristiana; mas os conselhos desta, que, entre as razões de decoro que apresentou para que Eulália não tornasse pública a história das suas desgraças domésticas, alegou a existência de uma filha do casal, que cumpria educar e proteger, esses conselhos desviaram o espírito de Eulália dos seus primeiros projetos e fizeram-na resignada ao suplício.⁹⁰

Histórias de ex-namorados que se reencontravam depois de casados multiplicam-se nas páginas do *Jornal das Famílias*. A ênfase maior, na história aqui contada, é em Eulália, que, por causa da educação oferecida à filha, resistiu à traição do marido. Continuou casada, mas o antigo relacionamento feliz deixou de existir. Quando casados, o melhor mesmo era esquecer a antiga paixão, mesmo que o reencontro fosse inevitável. Cumpria às jovens casadas educar os filhos e não permitir que alguma coisa viesse a abalar as aparências de um casamento feliz. Essas idéias, como se vê, são compatíveis com aquilo que outros colaboradores do periódico queriam transmitir às suas leitoras. Provavelmente estão de acordo com aquilo que parte dessas leitoras acreditavam e queriam ler. Mas isso não significa que todos os leitores e o próprio Machado concordavam com tais princípios. O que o literato fazia também ao escrever histórias como a de Eulália era disponibilizar linhas que pudessem contrastar com aquilo que ele mesmo escrevia, oferecendo espaço de discussão para os seus leitores. Assim, criou enredos que polemizavam a continuidade de casamentos infelizes, que não eram desfeitos apenas para seguir algumas regras sociais. Junto a isso demonstrou a suas leitoras como o espaço sugerido a elas no lar, muitas vezes, estava restrito à fidelidade e à infelicidade.

Machado é insistente no tema de ex-namorados que se reencontravam depois de casados. Fernando era órfão e havia sido criado pela mãe de Fernanda, como se fora seu filho.⁹¹ Logo os irmãos, Fernando e Fernanda, descobriram que se amavam mais do que se fossem irmãos. Não conseguiram ocultar aquilo por muito tempo da mãe, que “era uma boa velha”, chamada Madalena. Ela própria cuidava dos negócios da família, ajudada por ambos

⁹⁰ Idem. P. 325.

⁹¹ Máximo. “Fernando e Fernanda”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro e dezembro de 1866.

os filhos. Cabia às obrigações de mãe, que Madalena procurasse saber “até que ponto a inocência” de seus filhos era realidade. Já que foram criados como irmãos, compartilhando a mesma vida doméstica, era bom mantê-los sob sua vigilância. Não foi preciso esforço muito grande, pois o jovem casal nada sabia “do caráter e do mistério dessa afeição”. Aprovado o romance pela mãe, a única exigência era a de que Fernando seguisse alguma profissão. Assim, o rapaz primeiramente partiu com toda a família para a corte e, em seguida, foi para a Europa, agora sozinho, para completar seus estudos. Fernanda ficara sob os cuidados de Madalena.⁹²

De volta ao lar, Fernando foi recebido com muitos protestos de carinho maternal. O que o rapaz mais queria saber era de sua irmã, Fernanda. Recebeu a dura notícia de que ela havia morrido. Contudo, não foi nenhuma doença que a levou, mas o casamento, que possuía a função de matá-la, para o irmão:

Fernando desesperou ao ouvir as palavras de sua mãe. Esta veio com imediatos conselhos de prudência e resignação. Fernando a nada atendia. Formara durante tanto tempo um castelo de felicidade, e eis que uma simples palavra derrubara tudo. Mil idéias lhe atravessaram o cérebro; o suicídio, a vingança, voltavam a ocupar-lhe o espírito, cada qual por sua vez; o que ele via no fundo de tudo era a perfídia negra, a fraqueza do coração feminino, a zombaria, a má fé, ainda nos corações mais virgens.⁹³

Foi acalmado por D. Madalena, que lhe explicou como acontecera o casamento de Fernanda. Com a ausência do namorado, a menina sofreu bastante. “Chorou longos dias sem consolação”. A mãe, tentando trazer a filha de volta à vida, levou-a às reuniões, fazendo com que convivesse com outras meninas da mesma idade. Pouco a pouco a tristeza da moça foi desaparecendo e cedeu lugar à nova vida, até então desconhecida por ela. Se em princípio Fernanda manteve-se fiel ao seu primeiro amor, não demorou muito para que desejasse imitar as amigas, contraindo namoro. Augusto Soares foi o escolhido. Dentre as qualidades desse mancebo, destacava-se a de ser “filho de um rico capitalista”. Este era o seu único mérito, porque de resto não passava de afamado néscio. Apesar desse pequeno detalhe, Fernanda não

⁹² Máximo. “Fernando e Fernanda”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1866. Pp. 329-331.

⁹³ Idem. P. 333.

teve como resistir por muito tempo e se casou com Soares.⁹⁴ A inocente menina transformara-se na mais requestada dentre as mulheres da Corte. A educação oferecida por sua mãe, que até ali vinha sendo perfeita, cedeu aos caprichos vaidosos da filha. Restava ao namorado recém chegado, respeitar o casamento da irmã e se afastar dela.

Todavia, o reencontro não demorou muito e as antigas lembranças voltaram aos dois. Logo Fernando percebeu que aquela já não era mais a mesma menina, que deixara, havia alguns anos:

Fernanda estava uma casquilha. Ar, maneiras, olhares, tudo era característico de uma revolução completa em seus hábitos e em seu espírito. Até a palidez natural e poética do rosto desaparecia debaixo de umas posturas de carmin, sem tom nem graça, aplicadas unicamente para afetar um gênero de beleza que não tinha.⁹⁵

Enfim, Fernanda adquirira todas as características das mulheres vaidosas tão repelidas por vários dos colaboradores do *Jornal das Famílias*. Madalena não soubera completar a educação da filha, permitindo que se realizasse casamento tão prejudicial à moral da menina, agora mulher. Restava ainda vigiar para que os irmãos não se reaproximassem, fato este que seria catastrófico para aquela família. Para isso, Madalena contou com a “indiferença de Fernando”. Como o rapaz ficou muito triste, a mãe achou por bem oferecer os mesmos conselhos outrora concedidos à filha. Desejava vê-lo nos bailes e festas com pessoas de idade correspondente. Aos poucos, Fernando foi adquirindo outros hábitos. Passara a aproximar-se de Fernanda “sem comoção”, pensando ter sido melhor aquele desenlace, pois mulher como aquela, depois de casada com ele, não demoraria a traí-lo.⁹⁶ Para Fernanda, o contato com o irmão foi muito mais complicado. Dona de espírito frívolo, como deve ter pensado Victoria Colonna ao ler a história, vivia entre o sentimento de fugir de quem a ignorava ou, outras vezes, sentia-se arrastada para ele. O “pintalegrete” de seu marido não demorou a perceber que ela já não era a mesma:

⁹⁴ Idem. Pp. 333-335.

⁹⁵ Idem. P. 337.

⁹⁶ Máximo. “Fernando e Fernanda”. In: *Jornal das Famílias*. Dezembro de 1866. P. 353.

Começou a suspeita pela indiferença com que Fernanda o acompanhara na discussão dos méritos de suas novas qualidades de posturas do rosto, assunto grave, em que Soares desenvolvia riquezas de dialética e grande soma de elevação. Prestou mais atenção e convenceu-se de que Fernanda tinha alguma cousa no espírito que não era a pessoa dele (...).⁹⁷

Cumpria ao marido previdente acompanhar melhor os pensamentos da esposa. Esse nada alcançou. Convidados os dois irmãos a um baile, Fernando conheceu mulher com experiência semelhante a sua – fora também abandonada por “figura indiferente ou antes zombeteira”. Por fim, Fernando apaixonara-se de novo, enquanto Fernanda encontrava-se outra vez gostando do irmão. Mas agora era diferente do amor de seus primeiros anos, “era um amor egoísta, calculado, talvez misturado de remorso”. Não era atitude apropriada à boa esposa, ainda mais que fora coroada por declaração de Fernanda a Fernando. Não sabia a moça que o antigo namorado havia iniciado romance com a mulher do último baile. Logo veio o casamento, no qual Fernanda não compareceu. Passado algum tempo, ambos os casais foram felizes. Felicidades opostas, já que Fernando realizou união comparada a de Adão e Eva, sem a intervenção da serpente; enquanto Fernanda voltou aos antigos dias que antecederam ao retorno do irmão.⁹⁸ Algumas das leitoras mais assíduas de outras páginas da revista saberiam que a felicidade mais adequada era a vivida por Fernando, que soubera ser fiel aos seus princípios de homem recatado, não cedendo aos encantos de antiga paixão.

Outras tantas histórias, próximas a essas, continuam a povoar as páginas do *Jornal das Famílias*, ao longo de seus quinze anos de edição. Na maioria das vezes, traziam mulheres casadas que resistiam ao primeiro amor, sendo fiéis ao marido e até mesmo descobrindo que se apaixonaram.⁹⁹ O que fica com a leitura desses contos escritos por Machado de Assis é a busca dos mesmos temas escolhidos por outros colaboradores da revista. Entretanto, a sua posição é muito mais maleável. Suas histórias poderiam ser lidas tanto com ênfase em situações nas quais parecia concordar com aqueles princípios dominantes, como de alguém que os questionava. Suas lições muitas vezes acabavam até mesmo por se perder, oferecendo maior espaço às amenidades e brincadeiras com o leitor. Essas histórias cada vez mais se distanciavam de determinado cientificismo que justificaria o ponto de vista exposto em outras

⁹⁷ Idem. P. 354.

⁹⁸ Idem. Pp. 355-359.

⁹⁹ Ver, “Astúcias de marido” (out. e nov. de 1866) e “Onze anos depois” (out. e nov. de 1875).

páginas. Seu objetivo foi o de tentar aproximar-se do leitor. Para isso, o tom usado para descrever algumas passagens não era de imposição de pensamento, mas de idéia colocada para ser debatida, questionada, e, quem sabe, até transgredida. A estratégia escolhida foi a de muitas vezes colocar-se de acordo com outros colaboradores, sem deixar de problematizar idéias prontas e recorrentes ali mesmo no *Jornal das Famílias*. Ao se propor como interlocutor de suas leitoras, não ficou restrito às seções da revista, trazendo também temas discutidos em outros lugares. Portanto, a história de Fernando e Fernanda ao mesmo tempo em que concordava com o posicionamento de colaboradores mais conservadores, brincava com situações consideradas importantes para a formação das mulheres e para a realização de casamentos perfeitos. Quando Machado quis passar alguma lição, esta fora muito mais maleável e dúbia. A interpretação de suas histórias dependia de quem fosse o leitor. Ou seja, quando a história fosse lida por Victoria Colonna e leitoras semelhantes, o mais louvável do escrito seria o aprendizado oferecido às mães que deveriam educar suas filhas. De outro modo, quando lida por leitor menos severo, ou pelas “meninas vaporosas”, estas certamente se deliciariam com as inquietações do esposo de Fernanda e com a maneira que ela agia com Fernando, causando a maior confusão na cabeça do “irmão”.

Até aqui, a preocupação maior foi com a relação amor/moralidade, mas outra questão também fazia parte dos escritos de Machado – amor/moralidade/trabalho. Páginas atrás, ficou dito que a boa educação era completada com o incentivo ao trabalho. De forma quase sempre irônica, Machado enfatizou em seus contos personagens que não possuíam outra preocupação além de gastar heranças incalculáveis; mas também, vez ou outra, colocou em cena mulheres que sobreviviam de seu trabalho e eram orgulhosas de sua situação. Para elas, trabalhar significava, de alguma forma, não depender de outras pessoas que estavam ao seu lado. Os diferentes significados do trabalho podem ser vislumbrados, com minúcia, em vários dos personagens construídos por Machado de Assis.

No conto “A pianista”,¹⁰⁰ Malvina é delineada como personagem de “vinte e dois anos” e “professora de piano”. “Era esse o único recurso que tinha para sustentar-se e a sua mãe”, que já estava velha e fatigada por “uma vida trabalhosa”. Era estimada por todos e possuía fama de “mulher honesta acima de toda a insinuação”. Com frequência, era convidada

¹⁰⁰ J. J. “A pianista”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro e outubro de 1866.

para saraus e jantares, não só para tocar o seu piano, como também para compartilhar “como conviva elegante e simpática”. Sabia pagar esses convites com “a mais perfeita distinção”.¹⁰¹

Em 1850, dentre as famílias atendidas por Malvina, havia a de Tibério Valença. Curiosas eram as tradições nas quais Tibério fora educado. Nascido em 1800, contava oito anos quando a família real portuguesa chegou ao Brasil. Por essa época, e como era dono de “queda especial para os estudos nobiliários”, Basílio Gonçalves Valença, pai de Tibério, nem mesmo esperou que fosse despejado para alojar um dos “nobres que acompanhavam o príncipe regente”. Foi logo cedendo sua casa, “que era das melhores”. Essas mesmas “idéias” e “simpatias” foram transmitidas ao filho. Com o andar do tempo, outras idéias semelhantes vieram se juntar a essas. Não admitia em sua família ninguém que, na sua opinião, estivesse abaixo dela. Entretanto, pretendia entrar para as famílias nobres, mesmo considerando-as muito acima de si. Isso tudo não era compreendido por ele de forma clara. O certo é que em 1850 já não era necessária “linha de avós puros e incontestáveis”, apenas “uma fortuna regular”. Isso ele tinha. Seu filho, Tomás Valença, apesar dos esforços do pai, não adquiriu esses mesmos princípios. “Era moço, recebia a influência de outras idéias e de outros tempos”. Além de Tomás, Tibério possuía uma filha, Elisa. Era para essa moça que Malvina dava aulas de piano.¹⁰²

Malvina e Elisa, depois de três meses de convivência, transformaram-se em amigas íntimas. As aulas eram assistidas pelo irmão da menina, que “da conversa ao namoro, do namoro ao amor decidido” não levou muito tempo. Tudo corria de maneira tranqüila até que Tibério notou os olhares trocados pelo casal. Isso e o fim do namoro foram a mesma coisa.¹⁰³ As palavras de Tibério não demoraram muito:

Possuo uma fortuna redonda que pretendo deixar aos meus dois filhos, se eles forem dignos de mim e da minha fortuna. Tenho um nome que, se se não recomenda por uma linha ininterrompida de avós preclaros, todavia pertence a um homem que mereceu a confiança do rei dos tempos coloniais e foi tratado sempre com distinção pelos fidalgos do seu tempo. Tudo

¹⁰¹ J. J. “A pianista”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1866. P. 257.

¹⁰² Idem. Pp. 258-260.

¹⁰³ Idem. P. 260.

isto impõe aos meus filhos uma discrição e um respeito de si mesmo, única tábua de salvação da honra e da fortuna. Creio que me expliquei e me compreendeu.¹⁰⁴

As filosofias de Tibério não eram claras para seu filho. Com idéias forjadas em outros tempos, Tomás queria novas explicações, porque aquilo tudo não passava de um monte de palavras sem significação para ele e para muitos dos leitores, seus contemporâneos; porém, claríssimas para algum possível “amigo” de Tibério que se aventurasse por aquelas páginas. Para não haver mais dúvidas, o melhor mesmo era dizer de outra forma:

É essa pianista, cuja modéstia todos são unânimes em celebrar, mas que eu descobro agora ser apenas uma rede que ela arma para apanhar um casamento rico.¹⁰⁵

Pautando as idéias da pianista por suas próprias formulações, Tibério exigia o fim daquele romance. Caso contrário, o filho poderia considerar-se deserdado. A condição humilde da moça, mesmo que fosse honesta professora de piano, não era suficiente para convencer o pai de Tomás. Este optou pela afeição do pai, não por seu dinheiro, fato que o deixou desconcertado, mas vitorioso. As lições de piano foram canceladas e, depois de procurar alguma explicação, Malvina aceitou o ocorrido com resignação. Depois disso, Tibério tratou de afastar o filho da corte, pensando ser a pianista assim esquecida. Afastados, nem um, nem outro esqueceu aquele amor abruptamente interrompido.

Algum tempo depois, e ao contrário de Tomás, Elisa foi agraciada por amor aprovado pelo pai. Era um “jovem deputado” que conquistara grande estima de Tibério. Afinal, “ter por genro um homem abastado, gozando de certa posição política, talvez ministro dentro de pouco tempo” era o que um pai, como ele, mais queria. Usando o pretexto do casamento da irmã, Tomás encontrou meio de retornar à corte. O primeiro lugar que o jovem visitou foi a casa de Malvina. Ambos protestaram muitas saudades, mas assim que a moça percebeu que a volta do namorado não fora desejada por Tibério, exigiu que se separassem outra vez. Afirmava que “um casamento clandestino não nos ficaria bem”. Mesmo porque pertenciam a classes sociais diferentes. Enquanto a moça tinha consciência das implicações de suas diferenças sociais,

¹⁰⁴ Idem. P. 261.

¹⁰⁵ Idem. P. 262.

Tomás não conseguia entender que o que os separava era o fato de ela não ser da mesma situação que ele. O que valia no pensamento do rapaz era “a nobreza moral”. Essas “miseráveis considerações do cálculo e do egoísmo” não pertenciam a sua concepção de casamento. Contudo, eram claras para Tibério, que ao saber do retorno do filho e dos motivos que o haviam trazido de volta, tratou-o com frieza. Passando por cima das objeções de Tibério, Tomás e Malvina casaram-se. À cerimônia não compareceu nem o pai do noivo, nem qualquer outro parente seu.

Findo o ano de 1850 nada de novo veio perturbar a cena. Logo no princípio do ano seguinte, Tibério foi acometido por grave moléstia. Assim que soube do ocorrido, Tomás foi visitar o pai. Com o agravamento da doença, Malvina ofereceu-se para cuidar do sogro. Não demorou muito para que com a sua presença a doença fosse se dissipando pouco a pouco. Ao descobrir quem conseguira seu restabelecimento, Tibério foi obrigado a agradecer:

Em tais circunstâncias os preconceitos só dominam os espíritos inteiramente pervertidos. Tibério Valença, apesar da exageração dos seus sentimentos, não estava ainda no caso. Acolheu a nora com um sorriso de benevolência e de gratidão.¹⁰⁶

Quando acordou, Tibério não sabia de nada do que havia se passado, naquele tempo. Sentia-se como se houvera acordado “de um longo sono”. Soube, por meio da nora, que tivera “delírios e constantes sonolências”. Os médicos diziam que agora ele estava salvo. Malvina dispensava os agradecimentos, pois, segundo os seus ideais, não tinha feito nada além de sua obrigação. Mesmo porque, “as mulheres são essencialmente donas de casa” e, naquele momento era disso que precisava. Como o pai já entrava em recuperação e Tomás conseguira emprego público, a presença daqueles enfermeiros, na casa de Tibério, já não era mais necessária. Ainda tomando por base os seus próprios cálculos, Tibério imaginava que a nora só havia cuidado dele motivada por interesses particulares:

Este pensamento era lógico no espírito de Tibério Valença. No fundo do enfermo agradecido havia o homem calculista, o pai interesseiro, que olhava tudo pelo prisma estreito e falso do

¹⁰⁶ J. J. “A pianista”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1866. P. 292.

interesse e do cálculo, e a quem parecia que não se podia fazer uma boa ação sem laivos de intenções menos confessáveis.¹⁰⁷

Acreditava Tibério que ambos, Malvina e Tomás, interessavam-se em uma reaproximação por causa de sua fortuna. Ele não contava que, depois de curado, não fosse mais procurado por seu filho e pela pianista. Mas certo “cálculo” podia ser observado na atitude de Malvina: é que a moça queria que a sua ausência fosse percebida. Para Tomás, ela justificava a decisão explicando que não desejava que o sogro imaginasse que tinham sido motivados por algum interesse. O fato é que Tibério foi procurá-los em casa. Encontrou Malvina sozinha, que afirmava que não mais retornara aquela casa por causa de seus afazeres domésticos. Naquela visita, Tibério não resistiu comparar a vida modesta levada por seu filho à sua abastança. A imagem da nora não lhe saía da cabeça. Não conseguia compreender tanta resignação. Foi vencido, e resolveu procurar o filho, para que participassem de jantar oferecido, por ocasião do retorno de Elisa e seu genro:

O pai arrependido apresentava aos amigos e aos parentes, aqueles dois filhos que tão cruelmente quisera excluir da comunhão da família.¹⁰⁸

Embora Malvina fosse conhecida por toda a cidade como trabalhadora honesta, o que fez com que Tibério aceitasse o casamento do filho foi a moral da nora aliada à sua falta de vaidade. De fato, o significado do trabalho era bem diferente para cada um daqueles personagens. Se para Malvina equivalia a certa independência, para o pai de Tomás ratificava a sua posição social inferior, enquanto que, para os outros colaboradores da revista, significava bela lição às ociosas leitoras. Essa história, contada por Machado, está entremeada por situações que podem passar despercebidas, por corriqueiras e sem importância, mas que ganhavam a função de manter o leitor/leitora mais próximo. Não eram apenas conselhos longe da realidade cotidiana de algum possível interlocutor. Adotar esse posicionamento no *Jornal das Famílias* fez com que sua participação fosse passível de modificação dependendo também daquilo que “ouvía” de seus leitores e da interpretação que oferecia a tais repercussões.

¹⁰⁷ Idem. P. 294.

¹⁰⁸ Idem. P. 300.

Esses contos sobre casamentos e donas de casa escritos por Machado de Assis podem ser pensados como intervenções que tiveram interlocução tanto com os outros colaboradores da revista, quanto com os leitores que se identificavam com as personagens e situações ali expostas. As outras participações mais regulares por aquelas páginas concentravam-se nas colaborações de Victoria Colonna e Paulina Philadelphia. Como vimos, essas histórias eram pautadas em princípios científicos, religiosos e moralizantes. Machado de Assis, como principal colaborador de “Romances e Novelas”, seção que ocupava maior espaço, colocou-se como debatedor ímpar de questões que estavam em todas as páginas da revista. Certa leitura desses seus escritos podia identificar o quão preconceituosos eram os princípios buscados por esses outros colaboradores. Já que o literato abordava situações idênticas. Para isso, lançava mão de ironias, chistes, lições ambíguas, ou perdidias entre tantas páginas contraditórias, e donas de casa com intenções que iam além de apenas formar seus filhos para a nação. O interesse das mães propostas por Machado era o de ajudar os filhos a encontrar felicidade de acordo com aspirações próprias. Como a D. Beatriz, de “As bodas do Dr. Duarte”, que decidiu servir ceia sem pensar em preconceitos religiosos, *Lara*, narrador desse mesmo conto, que acreditava ser melhor que as mães retirassem de sua própria experiência conselhos aos filhos, ao invés de ficar decorando discursos prontos, e D. Madalena, de “Fernando e Fernanda”, que aconselhava seus filhos a freqüentar bailes e outras diversões, sem se preocupar com a formação moral deles. Por outro lado, quando tais histórias são pensadas como um conjunto que formava com toda a revista, podiam ter certo princípio moralizante. Esses contos estavam assim abertos a mais de uma leitura, e, portanto, a leitores com características específicas.

4. Meninas loureiras e casadoiras

O público leitor do periódico de Garnier era variado. Não se formava apenas por senhoras casadas à procura de informações para o dia-a-dia, ou de pais preocupados com as leituras de suas filhas, mas também jovens moçoilas, sem outras responsabilidades que não àquelas ligadas a ocupar o tempo com namoros – se possível fosse, com vários namorados diferentes. Regras estipuladas por aqueles que estavam mais preocupados com o futuro da

nação pouco importavam a elas. Afinal, essas meninas namoradeiras e casadoiras apresentavam conceituação de amor e casamento que lhes eram próprios. Baseados em seus interesses particulares. Apesar disso, por agir de forma que fugia às regras da boa família, vigentes à época, não deixaram de sofrer reprimendas, por meio de histórias com pequenas lições, mesmo que concentradas nas últimas linhas do escrito. Entre histórias com fim mais didático e outras mais galhofeiras, os leitores podiam escolher aquelas que mais agradassem. Rir de algumas, proibir ou questionar uma ou outra pela falta de lições explícitas, e até mesmo se identificar com algumas daquelas personagens, fazendo com que aqueles contos não se perdessem, mas, ao contrário, se transformassem em fontes de diálogo. Este um dos objetivos de Machado de Assis.

Em “Uma loureira”, Luisa pode ser considerada como uma dessas personagens que sabe brincar perfeitamente bem com a sua posição.¹⁰⁹ Era filha do comendador Nunes, que de comendador não tinha nada, pois esse título fora adquirido por meio de “deliciosa falsificação”, e de D. Feliciano “toda dada aos cuidados do governo doméstico”. Era senhora “rechonchuda” de 46 anos que se casara contrariando os desejos do pai, mas este, logo que viu o genro “fazendo fortuna”, soube perdoar a filha e morrer nos braços de ambos. Família que se completava com outros dois filhos – Nicolau e Pedrinho. No transcorrer da história, foi mesmo em Luisa que D. Feliciano tentou empregar todos os seus esforços, com o intuito de não contrariar a “sua ascendência”, formada por “uma linha não interrompida de donas de casa”. Preparava, então, a chegada de suposto noivo para a filha, que, bem escolhido, como afirmado páginas atrás, completaria a formação da menina, embora, até mesmo a mãe já tivesse escapado dessas convenções, casando-se com o Sr. Nunes. À primeira vista, Luisa não apresentou nenhuma objeção ao casamento escolhido pela família, “estaria por tudo o que o pai quisesse”. Cabia à mãe consultar o coração da filha e descobrir suas verdadeiras intenções, aconselhando-a a melhor opção. Só não sabia D. Feliciano o quanto a menina era versada nesses assuntos, embora muitas vezes tentasse dizer o contrário:

- Luisa, disse ela, eu fui feliz no meu casamento porque amei muito teu pai. Só há uma coisa que faça uma noiva feliz, é o amor. O que é o amor, Luisa?

- Não sei, mamãe.

¹⁰⁹ Lara. “Uma loureira”. In: *Jornal das Famílias*. Maio e junho de 1872.

Feliciano suspirou.

- Não sabes? disse ela.

- Não sei.

- É incrível!

- É verdade.

- E serei eu com os meus quarenta e seis anos, que te ensine o que é o amor? Estás zombando comigo. Nunca sentiste nada por algum rapaz?

Luisa hesitou.

- Ah! disse a mãe, vejo que sentiste já.

- Senti uma vez palpitar-me o coração, disse Luisa, ao ver um rapaz, que logo no dia seguinte me escreveu uma carta...

- E tu respondeste?

- Respondi.

- Desgraçada! Nunca se respondem a estas cartas sem ter certeza das intenções do autor delas. Teu pai... Mas deixemos isto. Respondeste só uma vez?...

- Respondi vinte e cinco vezes.

- Jesus!

- Mas ele casou com outra, segundo soube depois...

- Aí está. Vê que imprudência...

- Mas nós trocamos as cartas.

- Foi só esse, não?

- Depois veio outro...

D. Feliciano pôs as mãos na cabeça.

- A esse escrevi só quinze.

- Só quinze! E veio mais outro?

- Foi o último.

- Quantas?

- Trinta e sete.

- Santo Nome de Jesus!

D. Feliciano estava louca de surpresa. Luisa, a muito custo, conseguiu acalmá-la.

- Mas em suma, disse a boa mãe, ao menos agora não amas nenhum?

- Agora nenhum.¹¹⁰

¹¹⁰ Lara. "Uma loureira". In: *Jornal das Famílias*. Maio de 1872. Pp. 144-145.

Apesar de longo, o diálogo acima é rico em idéias. D. Feliciano, tentando cumprir com suas obrigações de mãe precavida, dispõe-se a conversar com a filha sobre assuntos por ela mesma considerados espinhosos. De acordo com aquilo que imaginava, a menina deveria saber, sem necessitar de seu auxílio, “o que é o amor”. Mas cabia a ela essa indagação. Tentando escapar do inquérito da mãe, Luisa acabou confessando mais do que devia, embora ainda assim não tenha dito tudo. Para acalmar a mãe, escondeu o namorado com quem trocava cartas naquele momento. Essa mentirinha não possuía apenas a função de aplacar a surpresa de D. Feliciano, mas também de deixá-la na posição de avaliar o novo pretendente e, assim, decidir com quem queria se casar. Para Luisa, essa era uma decisão que poderia manipular, de forma a que, ao fim, sua vontade fosse atendida, mesmo que de forma tortuosa. Essa idéia não era só sua, mas compartilhada com Chiquinha, uma de suas amigas, que freqüentava as mesmas reuniões. Uma compreendia bem a posição da outra – e leitoras, em situação parecida a daquelas duas, também deveriam compreender aqueles diálogos de forma particular. Ambas usavam dos mesmos artifícios, seja para ocultar seus namoros das famílias, seja para avaliar os predicados dos escolhidos. Alberto, Coutinho, Antonico e outros possíveis namorados daquelas duas loureiras nem mesmo percebiam a trama na qual eram envolvidos. E quando notavam, não conseguiam desatar os nós preparados. Foi nesse embate que se prenderam Alberto, o noivo escolhido pela família de Luisa, e Coutinho, último de seus correspondentes.

Assim que foi apresentado a Luisa, Alberto não despertou grande interesse na menina. Os motivos dessa recusa foram, antes de todos, entendidos por Chiquinha, que logo viu que tudo não passava de despeito “de moça bonita”. Luisa desejava que o futuro noivo, se era isso o que pretendia, tivesse olhos somente para ela e não ficasse distribuindo elogios e atenções a todos. Logo no dia seguinte, Alberto passou a se comportar como verdadeiro conquistador. Foi mais atencioso e não demorou muito para pedi-la em casamento. Essa situação a colocou contra a parede, pois deveria escolher rapidamente qual dos dois pretendentes estava mais de acordo com seus desejos. Se em alguns momentos o preferido era Alberto, em outros sentia saudades de Coutinho, que já era namorado aceito. Além do mais, a moça pensava que Alberto “queria dominá-la” depois do casamento, enquanto que Coutinho era “um verdadeiro paz d’alma”. Encontrava-se nesse impasse, quando o escolhido por sua família percebeu a

existência de concorrente ao coração da menina. O quase namorado decidiu, então, com o consentimento do candidato a sogro, que não era bom “proceder por meios violentos”.

Enquanto Alberto e Coutinho travavam dura batalha para conquistar por definitivo o coração de Luisa, e esta namorava a ambos tentando adiar sua decisão, Gonçalves, filho de um irmão de D. Feliciano que acabara de chegar das Minas, espreitava a situação, que não era dissimulada por Luisa na sua frente, por acreditar que ele não passava de “papalvo” dificilmente encontrado em outro lugar. Contudo, não demorou muito para que Luisa descobrisse em seu primo terrível sonso. O mais interessante é que, apesar dessa qualidade, Gonçalves não foi de todo desprezado. Durante o tempo em que Alberto e Coutinho disputavam a preferência da namorada, por meio de cartas, ameaças, cenas teatrais e outros artifícios conhecidos, outro namoro foi consolidado na casa dos Nunes – Luisa e Gonçalves. Como os outros pretendentes, esse também foi ocultado da família e, para surpresa de quem vinha acompanhando a história da pequena loureira e esperando epílogo em que alguma correção fosse oferecida, Luisa deixou a família e os dois namorados para trás, e fugiu com o primo.

“Uma loureira” foi mais um conto assinado por *Lara* nos anos de 1870. Isolado das outras histórias, pode parecer exceção no meio de tantos enredos com mocinhas resignadas e abandonadas por “heróis canalhas”.¹¹¹ Contudo, muitas outras namoradeiras povoaram as páginas do *Jornal das Famílias*, cada uma delas com o mesmo objetivo de escolher elas próprias o seu casamento, usando para isso mil e um artifícios diferentes. Aos poucos, as personagens construídas por Machado de Assis foram ganhando características cada vez mais marcantes, sem perder a leveza das primeiras histórias. Quase um ano depois da publicação de “Uma loureira”, outro pseudônimo usado por Machado de Assis publicou história intitulada “Ernesto de tal”.¹¹² É bem provável que os leitores que haviam gostado da história de *Lara*, divertiram-se também com *J.J.* Isso porque vários personagens e situações encontradas em um conto podem ser relidas no outro, apesar das distâncias temporais, pois enquanto a primeira narrativa passara-se em abril de 1860, a outra retrocedeu por mais de dez anos. Em algum sábado de outubro de 1850, Ernesto fora convidado para jantar na casa de sua namorada. Não

¹¹¹ Expressão usada por Marlyse Meyer, em MEYER, Marlyse. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

¹¹² J. J. “Ernesto de tal”. In: *Jornal das Famílias*. Março e abril de 1873.

era qualquer encontro entre amigos, pois para aquela reunião o tio de Rosina exigia casaca. Essa seria a ocasião perfeita para Ernesto encontrar a menina e tentar descobrir por qual motivo zangara-se com ele, já que se recusava a responder suas cartas. Entretanto, esse era um herói sem casaca e na falta de vestimenta tão importante não poderia comparecer a casa dela. Para suprir a falta de descrição detalhada de Luisa, de “Uma loureira”, eis Rosina, que nos modos pode ser considerada irmã gêmea da outra:

Veja o leitor aquela moça que ali está, sentada num sofá, entre duas damas da mesma idade, conversando baixinho com elas, e requebrando de quando em quando os olhos.

É Rosina.

Os olhos de Rosina não enganam ninguém... exceto os namorados. Os olhos dela são espertinhos e caçadores, e com um certo movimento que ela lhes dá, ficam mais caçadores e espertinhos.

É galante, e graciosa; se o não fora, não se deixaria prender por ela o nosso infeliz Ernesto, que era um rapaz de apurado gosto. Alta não era, mas baixinha, viva, petulante. Tinha bastante afetação nos modos e no falar; mas Ernesto, a quem um amigo notara isso mesmo, declarou que não gostava de moscas mortas.¹¹³

Requestada por muitos, também essa colecionava cartas e namoros. E era mesmo por causa de outro pretendente que estava tão esquivada. Havia muito cálculo nas escolhas dos seus namorados. Entre os convivas naquela reunião especial encontrava-se o “rapaz de nariz comprido”, outro pretendente ao coração da menina. Enquanto o “rapaz de nariz comprido” contava a seu favor “uma elegância na maneira de arquear os braços” e também de “concertar os cabelos”, além de bom emprego em casa comercial, que permitiria à futura esposa comprar vestidos e freqüentar espetáculos. Ernesto possuía apenas um emprego no Arsenal de Guerra e provavelmente não “subiria muito nem depressa”. Tudo isso entrava em sua decisão e fazia com que Ernesto tivesse menos merecimento ao seu coração.¹¹⁴

Ernesto conhecia o terreno em que pisava, afinal, com três meses de namoro, já tinha descoberto mais de cinco outros namorados. Ela “com sua varinha mágica, trazia o rapaz a bom caminho, escrevendo-lhe duas linhas ou dizendo-lhe quatro palavras de fogo” e assim

¹¹³ J. J. “Ernesto de tal”. In: *Jornal das Famílias*. Março de 1873. P. 78.

¹¹⁴ Idem. Pp. 80-81.

tudo ficava entendido. O “palerma” logo se rendia e confessava ter visto mal. Para os amigos do mal-sucedido namorado, Rosina não passava de uma namoradeira. Para Rosina, as suas atitudes encerravam explicação bastante simples:

As intenções de Rosina, leitor curioso, eram perfeitamente conjugais. Queria casar, e casar o melhor que pudesse. Para este fim aceitava a homenagem de todos os pretendentes, escolhendo lá consigo o que melhor correspondesse aos seus desejos, mas ainda assim sem desanimar os outros, porque o melhor deles podia falhar, e havia para ela uma cousa pior que casar mal, que era não casar absolutamente.¹¹⁵

Os métodos usados por essa loureira não eram lá muito originais. Estavam de acordo com os de outras namoradeiras daqueles contos. A sua intenção final também era a de se casar. O diferencial pode ser observado no fato de sua escolha levar abertamente em consideração a posição social ocupada pelo futuro esposo. Entre um e outro pretendente, Rosina não conseguiu mais ocultar o duplo namoro. Acabou por transformar-se em vítima de plano dos rivais, que sem meias palavras mandaram cartas idênticas acusando-a de perfídia. Lendo as cartas, Rosina chorou e essa foi a primeira vez. Porque até então usara o recurso de esfregar os olhos “quando havia necessidade de mostrar a um namorado que se ressentia de alguma cousa”. Agora chorara deveras. Afinal, “ambos lhe fugiam”. Mas ainda restava um último recurso. Foi a procura de Ernesto e inverteu a situação. Não era Rosina quem deveria se desculpar, mas Ernesto por ter duvidado dela. Além disso, se recebera alguma carta de outro homem, o culpado era o próprio Ernesto que desconfiava de seu amor. Tática perfeita, a loureira conseguiu enfim obter o que tanto esperava: três meses depois, foi celebrado, na Igreja de S. Ana, o casamento tão perseguido por aquela moça. E o “rapaz de nariz comprido”? Este “revelou certa magnanimidade”, transformando-se em amigo íntimo da ex-namorada e do rival. Passou a ser sócio de Ernesto em um armário, e fora convidado para padrinho de um filho do casal. Para completar a informação, não se casou e nem pretendia unir-se a ninguém. Situação que se revelou muito proveitosa para Rosina e deve ter colocado os leitores em dúvida: será que a namoradeira terminara com ambos os namorados?

¹¹⁵ Idem. P. 84.

Os múltiplos personagens criados por Machado de Assis apresentavam concepções diferentes sobre o amor e o casamento. As histórias, com jovens loureiras e casadoiras, como Luisa e Rosina, repetem-se por aquelas páginas.¹¹⁶ Trazem questões que muitas vezes são percebidas apenas por personagens na mesma situação que elas. Assim como Luisa é compreendida por Chiquinha, os gestos e olhares de Rosina são percebidos por suas amigas. A partir disso é possível imaginar que tais situações também foram mais bem compreendidas por “leitoras loureiras”. Além disso, a descrição que é feita com relação a essas personagens não se restringia à volubilidade na hora da escolha dos namorados ou futuros maridos, abrangendo também os desejos, esperanças e motivações dessas mulheres. Havia mais que uma dicotomia entre o pensamento correspondente ao bom casamento, alardeado aos quatro cantos, e as atitudes delas. Para demonstrar essa idéia, Machado de Assis usou a estratégia de tornar seu escrito risível. Assim, o humor presente em todas essas histórias pode sugerir o quanto o seu autor relativizava a moral que deveria existir, para figurar em revista dedicada aos interesses femininos. E foi além. Ele não só riu com suas leitoras, como também deixou de lado qualquer lição esperada para jovens “loureiras”. Se alguma leitora, do timbre de Victoria Colonna, estivesse esperando algum castigo, lá nas últimas linhas, mesmo depois de meses de galhofa, a decepção seria grande. Nada de preconceitos ou idéias retiradas de manuais de médicos higienistas tão preocupados com a geração de filhos de casais que tivessem formação física diferente, como já foi visto.

Ao recriar sentidos para o namoro e o casamento, outros personagens, além das namoradeiras, entraram em cena. Desse modo, enquanto as meninas estavam preocupadas em elas mesmas escolher seus casamentos, ou casar sempre, os rapazes avaliavam o dote da escolhida. Nesse sentido, Coelho, do conto “Quem não quer ser lobo...”, é personagem ímpar.¹¹⁷ Isso porque, depois que o rapaz encontrou carteira perdida, e deduziu que quem perdera fora o namorado de uma rica herdeira, resolveu entrar na disputa por tão farto dote, mesmo sabendo das poucas qualidades físicas de Lúcia Soares:

¹¹⁶ Ver também os contos: “O que são as moças” (maio de 1866); “Um dia de entrudo” (junho de 1874); “Casa, não casa” (dez. de 1875 e jan. de 1876) e “História de uma fita azul” (dez. de 1875 a fev. 1876).

¹¹⁷ J. J. “Quem não quer ser lobo...”. In: *Jornal das Famílias*. Abril e maio de 1872.

Ora, se a riqueza fazia de Lúcia uma das três Graças, a natureza tinha a feito uma das três fúrias. Uma testa curtinha, uns olhos vesgos, pequenos e apagados, um lábio superior oblíquo, umas faces grossas, tais eram os dotes negativos que recebera do berço. A inteligência era como os olhos, vesga, pequena e apagada. A educação, porém, fora algum tanto esmerada. Lúcia tocava piano, sabia muitas cousas de costura, desenhava bem, e falava corretamente a língua francesa.¹¹⁸

Para quem se encontrava tão interessado nos dotes financeiros da moça, isso tudo não era problema. Mesmo que em outros tempos acreditasse que riqueza e beleza devessem rimar. Na atual circunstância, aquele era o melhor casamento que poderia almejar. A questão encontrava-se em como se aproximar de Lúcia, e fingir ser o namorado. Ou pior, como pedir e ser aceito pelo tio, que também desejava bom casamento para a sobrinha. Ou seja, “casamento em condições vantajosas”, com noivo rico. A sorte de Coelho foi justamente o fato de a menina ter tantos “dotes negativos”. Por isso, o tio não poderia exigir muito. Quanto à menina, por causa de certo mistério não alcançado por Coelho, apesar de perceber que aquele não era o verdadeiro namorado, nada protestou. Assim, estava preparado o grande golpe. Com a imaginação presa na riqueza que iria parar em suas mãos, Coelho até mesmo dispensou seu escravo do “pontapé matinal de costume” e não mais interrompeu a “ária” que ele costumava assobiar.¹¹⁹ Vantagens para todos, com exceção de Alves, o ex-namorado, que perdera a carteira e o dote da rica herdeira. Esse, aliás, achava-se merecedor de indenização. Afinal possuía o mesmo objetivo de Coelho e se dispunha a abrir mão da futura esposa e da fortuna. Cálculos feitos por Coelho, era melhor deixar escapar alguns contos que toda a algibeira. Combinaram então, para que Alves não entregasse cartas comprometedoras, escritas por Lúcia, que, depois de realizado o casamento, pagaria dez contos de réis.¹²⁰

Tudo parecia correr à revelia das vontades de Lúcia e seu tio. Com razão, os dois rapazes combinavam-se no mais perfeito plano como aproveitadores de heranças. Estes só não contavam que os boatos a respeito da pobreza do tio de Lúcia poderiam ser verdadeiros. Realizado o casamento, conforme o planejado, Alves foi cobrar de Coelho o quinhão que lhe cabia. Como nenhum dinheiro houvera obtido com seu “afortunado” casamento, foi obrigado a

¹¹⁸ J. J. “Quem não quer ser lobo...”. In: *Jornal das Famílias*. Abril de 1872. P. 107.

¹¹⁹ Idem. P. 116.

¹²⁰ J. J. “Quem não quer ser lobo...”. In: *Jornal das Famílias*. Maio de 1872. Pp. 130-132.

contar a verdade ao tio de sua esposa. Nesse momento descobriu a realidade financeira do tio. Sua sorte foi que, ao saber do ocorrido, Alves lhe perdoou a dívida. Para completar, descobriu que até mesmo Lúcia, que imaginava tão ingênua, havia escondido a identidade do verdadeiro namorado, por ter achado o novo pretendente mais bonito.

Estamos novamente diante da galhofa. Se com relação às histórias analisadas no início deste item, Machado enfatizava a maneira como as meninas escolhiam seus namorados, ou futuros maridos, apenas sugerindo rapidamente o interesse dos rapazes no dote de suas escolhidas, aqui tal questão passou a ser central. O que se vê são rapazes que se interessavam tão somente no que iriam lucrar depois de realizados os casamentos. Entretanto, quase nada eles conseguiam. Geralmente eram as meninas que levavam a melhor. Assim, também Leonardo, de “O oráculo”, pensava poder lucrar casando-se com Cecília.¹²¹ Dono da mais afamada má sorte por aqueles tempos, Leonardo já havia tentado de tudo para escapar da pobreza. Fora “mestre de meninos”, mas no final de um ano perdeu todos os seus alunos; depois tentou o emprego público e não se saiu melhor, pois o ministério pediu demissão; tentou também fazer riqueza no comércio, mas a falta de sorte e a “velhacaria de alguns empregados” o levaram à falência; no ramo literário, após ter fundado uma gazeta, descobriu que os seus assinantes liam a folha, mas não pagavam a assinatura. Diante de tantos contratempos, nova idéia surgiu como definitiva: casar-se com Cecília B..., filha do negociante Atanásio B.... Dessa vez, a resolução tinha tudo para ser acertada, porque:

Os dotes desta moça consistiam nisto: um rosto simpático e cem contos limpos, em moeda corrente. Era a menina dos olhos de Atanásio. Só constava que tivesse amado uma vez, e o objeto do seu amor era um oficial de marinha de nome Henrique Paes. O pai opôs-se ao casamento por antipatizar com o genro, mas parece que Cecília não amava muito Henrique, visto que apenas chorou um dia, acordando no dia seguinte tão fresca e alegre como se lhe não houvesse empalmado um noivo.¹²²

Entretanto, Leonardo teve ainda menos sorte que Coelho, pois nem mesmo se casar conseguiu. Isso porque a menina já havia se casado com Henrique Paes, apesar da oposição do

¹²¹ Max. “O oráculo”. In: *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1866.

¹²² Idem. P. 13.

pai dela. Mais uma vez as leituras propostas por Machado de Assis iam de encontro às idéias propaladas por outros colaboradores mais conservadores da revista e, aos poucos, tomava conta da maior parte daquelas páginas. Provavelmente porque suas histórias agradavam muito mais às leitoras. Ainda escreveu outras histórias curtas como essas. Várias delas traziam enredo com “caiporas” em busca de dotes¹²³, pais que impediam a realização de casamentos, devido a diferenças sociais¹²⁴, enfim, modelos que pareciam agradar aos olhos das leitoras de então. Cumpria seu dever de oferecer leitura agradável, embora, a partir de determinada forma de ler aqueles contos, abrisse mão do princípio moralizador.

Até aqui foi possível observar a presença de muitas personagens femininas, a maioria delas jovens moças casadoiras. Estas se interessavam em namorar para passar o tempo. De outro lado, os rapazes queriam se casar por causa do dote de suas pretendentes. E, por fim, as famílias dessas meninas cuidavam para que o “melhor casamento” fosse realizado. Assim, numa mesma história encontramos pais que protegiam o dote de suas filhas, de olho em fortunas muito mais fartas que a sua; meninas que desejavam elas mesmas escolher o seu futuro casamento, cortejando vários candidatos ao mesmo tempo e, às vezes, sendo enganadas por eles. A grande maioria dessas meninas alcançou seus objetivos, e se casou sem receber qualquer lição, por causa dos vários namoros anteriores. Outras chegaram a receber algum tipo de castigo, e ganharam a função de servir de exemplos às leitoras. São essas personagens, com suas possíveis leituras, que agora veremos.

Por seduzir muitos namorados, Onda recebeu esse apelido nos salões que freqüentava.¹²⁵ Na verdade, chamava-se Aurora, mas diziam que não passava de uma “*pérfida como a onda*”. Abrigava em seu coração vários namorados acumulados durante o dia e descartados ao anoitecer. Para descobrir as suas características, traços comuns a todas as namoradeiras, bastava olhar em seus olhos e adivinhar em seus gestos e sorrisos “a vivacidade, a dissimulação, a afabilidade”. Trazia como aliada grande beleza, apesar de esta não ser necessária a quem se acostumara a vencer qualquer batalha, com “simples volver de olhos”. Quando chegou aos vinte e cinco anos, o “capricho” cedeu lugar ao “amor sério”. Passara a

¹²³ Ver, “O rei dos caiporas”. In: CAVALCANTE, Djalma (org.). *Contos completos de Machado de Assis*. Juiz de Fora, MG: Editora da UFJF, 2003. V. 1. T. 2. Pp. 751-764. Ainda sobre a questão do dote, ver “Quinhentos contos”. (jun. e jul. 1868).

¹²⁴ Ver, “Francisca”. In: *Jornal das Famílias*. Março de 1867.

¹²⁵ Máximo. “Onda”. In: *Jornal das Famílias*. Abril de 1867.

contar com a presença, na casa de sua família, de Ernesto, que há pouco chegara da Europa. Avisado das qualidades de loureira da menina, esse novo conviva pretendia “domar” os instintos da casquilha, caso contrário, pagaria a seus amigos “lauto banquete”. Aposta feita, Ernesto via não só a possibilidade de envergonhar seus iguais, como também de se casar com mulher formosa e detentora de fortuna regular. Se Onda possuía suas armas para encantar os pretendentes, Ernesto também era dono de muitas qualidades dos *dândis* daquela época. Ambos usaram das mesmas estratégias e, ao fim do confronto, Onda saiu vitoriosa, contando com mais um namorado arrebatado. Com os namorados, passou o tempo e as rugas começaram a surgir no rosto da bela namoradeira. Restava procurar casamento sério e aposentar suas armas. Com trinta e três anos, já não valia mais a pena esperar pelos romances e amores descritos nos livros e almeçados por tantas leitoras iguais a ela. Definindo o assunto principal desse conto como “um desvio do espírito das mulheres”, Machado informava colocar ponto final na história sem derramar nenhuma lágrima do leitor. A sua única função era a de passar lição às leitoras, que se assemelhavam a Onda. Podiam as loureiras avaliar e brincar com vários pretendentes, mas o tempo traria rugas e com elas a necessidade de encontrar casamento ideal.

Lição mais clara às namoradeiras pode ser observada em “Brincar com fogo”.¹²⁶ A história das amigas Lúcia e Mariquinhas deveria “servir de aviso às que se achem em iguais circunstâncias”.¹²⁷ A primeira delas entrava nos seus dezenove anos e possuía sete “namoros extintos”, enquanto a outra contava dezoito anos e “cerca de seis namoros consecutivos”. Eram muito amigas e quase parentas. Ao namorar não tinham a intenção de casar, apenas passar o tempo, “namoravam para fazer alguma coisa, para ocupar o espírito ou simplesmente debicar o próximo”. Sabiam fazer isso muito bem. Até que na Páscoa de 1868, quando as duas olhavam pela janela, viram “ao longe uma cara nova”. Era a primeira vez que João dos Passos ia aos Cajueiros, lugar onde moravam as meninas. Esse não era menos casquilho que as duas amigas. “Não era bonito nem feio”, usava uma luneta de vidro que era fincada no olho esquerdo, assim que notava alguma moça à janela. Quando as duas avistaram o “petimetre”, as apostas foram feitas. Ambas desejavam aumentar o número de namoros em sua lista e para serem percebidas usavam de certa habilidade. O certo é que combinaram debicar de mais um.

¹²⁶ Lara. “Brincar com fogo”. In: *Jornal das Famílias*. Julho e agosto de 1875.

¹²⁷ Lara. “Brincar com fogo”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1875. P. 210.

João dos Passos não perdia tempo. Passava debaixo da janela de Mariquinhas e visitava a rua de Lúcia. Depois vieram as cartas. Não havia muita diferença entre as que foram enviadas a cada uma das meninas. Elas riam bastante ao ler e comparar os bilhetinhos amorosos. Às vezes, com a finalidade de complicar a situação do namorado em comum, marcavam encontro na mesma hora, e em lugares diferentes. João dos Passos enrolava-se um pouco, mas nada que não pudesse ser solucionado. Assim corria a brincadeira das duas amigas. Depois de algum tempo, “tempo suficiente para aborrecer a comédia”, a situação continuava idêntica, com apenas uma modificação: nem uma nem a outra relatava mais os encontros e cartas de João dos Passos. O riso também já não existia e o assunto preferido – zombar o namorado – tornou-se proibido:

A razão, como o leitor adivinha, é que as duas amigas, estando a brincar com fogo, vieram a queimar-se. Nenhuma delas, entretanto, lendo no seu próprio coração, chegou a perceber que igual cousa se passava no coração da outra. Estavam convencidas de que se enganavam muito habilmente.¹²⁸

Tanto Lúcia, quanto Mariquinhas mentiam sobre o namorado. Imaginavam que enganavam uma a outra, quando, na verdade, eram enganadas por João dos Passos. “Onde irá isto parar”? Refletia o rapaz que não conseguia decidir qual das meninas escolheria. Então, novo fato veio colocar fim em tal situação: ao mesmo tempo, as loureiras dos Cajueiros obtiveram, de seus pais, permissão para que o “mancebo de eminentes qualidades” as pedissem em casamento. Sua primeira idéia foi a de que ambas haviam descoberto o namoro duplicado. Depois, olhando para o espelho, imaginou que aquilo não seria verdade – era amado da mesma forma pelas duas. Resolveu “estudar o caso mais detidamente”, antes de escolher a preferida, e acabou mandando cartas idênticas, com alguma desculpa, por não poder comparecer. Não contava com o engano do portador, que confundiria o destino de cada bilhete. Lúcia recebeu o que era destinado a Mariquinhas e esta o daquela. Passados oito dias, nem João dos Passos havia feito sua escolha, nem descoberto a troca do mensageiro. Coube ao destino levar até sua casa uma “prima da roça, cuja riqueza consistia em dois belos olhos e

¹²⁸ Lara. “Brincar com fogo”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1875. P. 216.

cinco excelentes prédios”. As duas também se casaram com outros pretendentes, contudo não voltaram a ser amigas, apesar da insistência das famílias.¹²⁹

As duas últimas histórias – “Onda” e “Brincar com fogo” – trazem narrativas de meninas loureiras, que acabaram recebendo algum castigo, por causa de seus namoros inconseqüentes. É um tanto irônico o tom usado pelo autor dessas histórias, se comparados a outros escritos, ali mesmo publicados. Mesmo quando foi passar lição seu objetivo, a galhofa continuou a ser a estratégia escolhida. Todas essas meninas loureiras divertiam-se ao ludibriar os seus pretendentes e, com certeza, também fizeram rir às leitoras do *Jornal das Famílias*. Seja por causa de alguma aproximação com situações por elas vividas, ou mesmo pelo gosto de ver e entender claramente as intenções daquelas personagens. Nos cálculos feitos por Onda, Lúcia e Mariquinhas havia a mesma finalidade casamenteira das primeiras histórias, discutidas aqui mesmo. O tom mais severo ficou por conta do possível castigo oferecido nas últimas cenas. Apesar dessas pequenas advertências, essas loureiras tiveram espaço suficiente para fazer valer as suas vontades e ao final acabaram mesmo conquistando alguns de seus objetivos casando-se. A frustração não foi completa. Talvez por isso mesmo fosse preciso destacar bem a provável vontade do narrador de passar a lição para suas leitoras. Caso contrário, tal fim correria o risco de se perder em meio a tantas linhas discrepantes.

Aquilo que a princípio poderia ser concluído, ou seja, que havia nas histórias escritas por Machado de Assis, principalmente naquelas pensadas para o público do *Jornal das Famílias*, situações completamente de acordo com princípios moralizantes ou certo tom conformista diante das situações enfrentadas por diferentes personagens por ele construídas, e muitas vezes identificadas às suas próprias leitoras, parece incerto. Ao analisar essas histórias como um conjunto, formado a partir também dos outros escritos, nessa mesma revista publicados, a moralidade pode aparecer como item essencial. No entanto, o sentido oferecido a ela poderia variar de acordo com o modo de leitura escolhido. Para aquele que seguisse a história de mês a mês, divertindo-se com a personagem e encontrasse apenas nas linhas finais do último número alguma reprimenda, o significado daquela lição poderia ser bastante vazio. De modo diferente, para quem lesse toda a história de uma só vez, o epílogo teria efeito mais incisivo. O sentido empregado pelo literato ao disponibilizar essas histórias pode ser associado

¹²⁹ Lara. “Brincar com fogo”. In: *Jornal das Famílias*. Agosto de 1875. Pp. 239-240.

à tentativa de colocar em discussão as próprias questões levantadas pela revista, polemizando aquilo que parecia dado. Valia, em última instância, provocar o debate, despertar em seu público, nesse caso, em suas leitoras, pensamento muito mais crítico com relação às suas próprias leituras e, quem sabe, até mesmo em situações vividas por elas em seu cotidiano. Desse modo, mesmo quando o objetivo final fosse o de oferecer algum exemplo – que não deveria ser seguido –, procurou alguma aproximação com quem lesse. A sua estratégia foi a de oferecer mais de uma forma de ler a mesma história. A própria forma de publicar os contos divididos em vários números o auxiliou. Pois assim a lição correria ainda mais o risco de ficar esquecida mas, por outro lado, ninguém poderia acusá-lo de não respeitar as regras da moralidade vigentes à época, já que na última linha algumas de suas personagens foram punidas.

5. Triângulos amorosos: a arte e o passatempo

A participação de Machado de Assis no *Jornal das Famílias* como contador de histórias foi regular e definidora dos rumos ali seguidos. Em especial, a partir dos anos de 1870, sua presença passou a ser fundamental até para que o número fosse completado.¹³⁰ Quando sua ausência foi notada, o que prevaleciam eram histórias com forte tom religioso, em “Romances e Novelas”, além das seções de “Medicina Popular”, “Economia Doméstica” e “Mosaico”. As duas últimas sempre assinadas por Paulina Philadelphia. Assim, na imensa maioria das revistas, dividiu espaço com poucos e esporádicos colaboradores. Ao seu lado a maior regularidade foi encontrada nas “senhoras” dedicadas a cuidar da formação das leitoras. Ainda assim, se comparada à participação de Machado, Victoria Colonna pouco significou, restando mesmo as anedotas e dicas culinárias de Paulina. Suas anedotas possuíam o sentido de criticar as leitoras mais vaidosas, ou se concentravam nas piadinhas sobre os tantos condes e fidalgos europeus, que formavam a maior parte da seção. Por isso, é possível acreditar que aquilo que as leitoras gostavam mesmo de ler eram as historinhas escritas por Machado.

¹³⁰ Entre 1871 e 1878, Machado de Assis esteve presente em praticamente todos os números. Apenas nos meses de fevereiro de 1871, setembro de 1874 e setembro de 1878 não foram encontradas nenhuma de suas assinaturas. Nos outros meses ele não só assinou algum conto, como chegou a tomar conta de quase todas as suas páginas.

Ao longo de seus quatorze anos de participação no *Jornal das Famílias*, as personagens mais freqüentes em seus contos foram as viúvas, as donas de casa e as meninas loureiras. Elas estavam lá ao mesmo tempo. Às vezes, até na mesma história. Entretanto, a viúva caracterizada em seus primeiros contos não era a mesma que foi encontrada depois de alguns anos de colaboração. Aos poucos, elas ganharam novos traçados. É como se Machado de Assis ao reler suas histórias, ao “ouvir” as repercussões de cada nova trama por ele escrita, ao ler a colaboração de outros literatos e, até mesmo, ao ganhar mais experiência como escritor de novelas para revista feminina, procurasse inserir aquilo que vinha aprendendo. Essas mudanças, na forma de construir suas personagens, fazem parte do diálogo criado entre o colaborador e os outros escritores do periódico e, especialmente, entre Machado e seus leitores.

A viúva como uma de suas personagens mais e melhor trabalhada esteve presente desde as primeiras até as últimas histórias. Esteve no centro de polêmicas, inclusive fora das páginas da revista, e, finalmente, figurou como a viúva que se casava outra vez e era infiel ao seu novo marido. Assim, se a viúva moça fora acusada como parte de leitura inapropriada para jovens leitoras, mesmo que depois de alguns meses fosse abandonada por seu galante conquistador, talvez para agradar aos “caturras”; mais adiante outra personagem semelhante foi colocada em cena, casou-se novamente, deixou o novo marido pobre e até mesmo o traiu. Isso tudo sem receber lição alguma. Lição, aliás, quase nunca foi o objetivo central de Machado de Assis ao escrever aquelas histórias. Mesmo quando explicitou ser essa a função de um ou outro conto. Ainda assim sua mensagem foi ambígua e lenta. Ou seja, antes de chegar ao último parágrafo, muitas leitoras já haviam se divertido com loureiras que faziam de bobo a vários namorados. Esta provavelmente a sua intenção ao criar tantas namoradeiras. Fazer rir, criticar pais que tentavam impor casamentos, e se posicionar de forma mais próxima de parte considerável de leitoras. Pois, ninguém melhor que as próprias “leitoras loureiras” para entender as estratégias daquelas personagens.

As personagens donas de casa, responsáveis pela criação dos filhos, ou o futuro do país, como acreditava Victoria Colonna, entre tantos outros, também estiveram no centro de muitas daquelas discussões. A leitora de Machado e das receitas culinárias de Paulina aprendeu a servir convidados e cuidar das queimaduras de seus filhos, depois de ler dicas retiradas dos dicionários de Chernoviz, mas também viu o quanto seu novo espaço de atuação

dentro de suas casas estava restrito, se seguisse apenas aos conselhos de médicos e de colaboradores empenhados em moralizar suas histórias. As personagens criadas pelo principal escritor da revista foram além. Não seguiram apenas recomendações religiosas e moralizantes, quando foram ajudar ou educar seus filhos. Além disso, tiveram desejos passíveis de serem realizados apenas se traíssem seus maridos.

Outro tópico importante que deve ser levado em consideração é que muitas dentre essas histórias contadas por Machado de Assis não se restringiram a narrar algum episódio da vida de viúvas, donas de casa ou loureiras. Mesclados à trama dessas personagens, outros detalhes foram colocados em pauta. Foram os temas da escravidão, da arte e da cultura popular, dentre várias questões relacionadas ao próprio andamento da política imperial, conforme veremos mais à frente. Sua literatura, a partir de determinado momento, seguiu direção muito diferente daquela buscada por seus colegas, que assinavam artigos para o mesmo *Jornal das Famílias*. Isso sugere o quanto Machado, mais que qualquer outro, acreditava na capacidade de seus leitores de irem além do escrito. E também indica que essas leitoras interessavam-se por outros assuntos, que não apenas na educação de seus filhos, ou em ser boa dona de casa. O principal colaborador da seção de “Romances e Novelas” foi, portanto, responsável pela criação de personagens e histórias repletas de ironias e assuntos polêmicos, sempre no sentido de colocar-se mais perto de seus leitores, ou então questionar aqueles que insistiam em algumas posições.

O ano de 1871 trouxe histórias especiais para o *Jornal das Famílias*.¹³¹ São narrativas curtas, que não ultrapassaram o mês de janeiro, mas abordando temas distintos e pouco discutidos de forma tão direta como agora. Logo na primeira página, começava a história da escrava Mariana.¹³² Em seguida, estavam as peripécias dos sócios Aires e Vergueiro.¹³³ Esta narrativa começava por volta de 1840. Dentre os vários pretendentes de Carlota, Luiz Vergueiro foi o escolhido para esposo. Fora selecionado não por ser o mais bonito, mas porque tinha outras qualidades, consideradas mais relevantes por aquela mocinha de vinte e dois anos. Começava um “negociozinho de fazendas que lhe ia dando esperanças de

¹³¹ “Mariana” e “Aires e Vergueiro” foram os dois contos publicados por Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*, em janeiro de 1871. Ambos foram assinados com as iniciais J.J.

¹³² Para uma análise desse conto, ver “Mariana”. In: CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Cap. 4. Pp. 131-139.

¹³³ J. J. “Aires e Vergueiro”. In: *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1871.

enriquecer”, constituindo-se este no ponto decisivo, no momento de definição do casamento daquela menina. Por aqueles tempos, a união desses dois jovens fora muito comentada por todos. Era a beleza da noiva, os inúmeros rivais deixados para trás, a pompa da celebração que contou com padrinhos ilustres, como “um deputado maiorista e um coronel do tempo da revolução de Campos”. Tudo havia sido perfeito. Foram morar em casa construída sobre a loja de fazendas do esposo, que daquela forma economizaria tempo e dinheiro. A lua-de-mel só não durou mais devido à chegada de uma irmã de Vergueiro, que acabara de ficar viúva. Como as duas cunhadas logo se simpatizaram, aquela presença inesperada não trouxe nenhum desgosto para o casal.¹³⁴

Luisa Vergueiro era uma jovem viúva, que estava casada por dois anos, quando o marido faleceu. Embora tenha chorado aquela morte, logo encontrou em Pedro Aires, morador da vizinhança, novo pretendente ao seu coração. O namoro foi aprovado tanto pelo irmão, quanto por sua cunhada. Esta foi, aliás, a primeira a notar a troca de olhares. Vergueiro, que “estava no extremo oposto da perspicácia humana”, precisou de algum tempo, e do auxílio de Carlota para perceber o namoro da irmã. Depois disto não demorou muito para que o casamento estivesse acertado. E para que aquela união fosse selada também com a junção da “bolsa”, Aires sugeriu a Vergueiro que se tornassem sócios. Dentro de pouco tempo, passou a figurar nova plaqueta com a indicação – “Aires e Vergueiro”. Tudo corria bem, a firma dava lucros e os casais desfrutavam da mais plena felicidade, quando Luisa ficou muito doente. Do que sofria a moça, os médicos divergiram. O certo é que, “às 4 horas da madrugada de um dia de setembro”, a viúva recém-casada, Luisa, deu seu último suspiro. Aires foi protagonista de cena pouco vista em histórias do *Jornal das Famílias*. “Atirou-se ao caixão” e “não comeu um pedaço de pão durante três dias”. Para livrá-lo de algum mau pensamento, Carlota e Vergueiro exigiram que o viúvo fosse morar com eles. Nesse tempo, foi Carlota quem cuidou do restabelecimento do novo integrante da família. Preparava pratos especiais, distraía-o com jogos e leituras do *Saint Clair das Ilhas*. No fim de um mês, já voltava à vida normal.¹³⁵

Aires e Vergueiro, mesmo depois da morte de Luisa, ou principalmente depois desta, tornaram-se mais amigos. Usavam roupas da mesma cor, compravam chapéus e sapatos no mesmo dia, e eram convidados para os mesmo jantares, bailes e passeios. Apenas não

¹³⁴ Idem. Pp. 14-19.

¹³⁵ Idem. Pp. 21-22.

contavam com perder tanto dinheiro em alguns negócios. Foi o que aconteceu. Não é de se assustar que ambos tivessem a mesma idéia para liquidar aquelas dívidas. Os meios usados é que não eram lá muito dignos: “Consistia em liquidar à sorrelfa; iriam vendendo pouco a pouco as fazendas, e sairiam da corte sem dizer adeus aos credores”.¹³⁶ Depois de cumprido o plano, combinaram também que Vergueiro partiria para Buenos Aires, alegando “negócios comerciais”. Enquanto isso, a esposa e o sócio terminariam de vender tudo e, pretextando ir encontrar-se com o marido que havia adoecido, Carlota partiria com Aires. Para coroar essa história, digna das melhores páginas daquela revista, Vergueiro enviava carta à esposa e imaginava o efeito que aquilo teria:

O plano era excelente, e Vergueiro, lá em Buenos Aires, esfregava as mãos de prazer saboreando os aplausos que receberia do amigo e sócio pela idéia de disfarçar a letra.

Aires aplaudiu efetivamente a idéia, e não menos a aplaudiu a amável Carlota. Determinaram entretanto, não sair com a publicidade assentada no primeiro plano, em vista do qual o sagaz Vergueiro escrevera a referida carta. Talvez mesmo já esse projeto fosse anterior.

O certo é que daí a 10 dias, Aires, Carlota e o dinheiro saíram furtivamente... para a Europa.¹³⁷

“Aires e Vergueiro” é conto fundamental para a compreensão de algumas modificações inseridas por Machado de Assis em suas histórias publicadas no *Jornal das Famílias*. A narrativa é toda estruturada a partir das diferenças entre a capacidade de Carlota perceber até mesmo aquilo que ainda não havia acontecido, e Vergueiro que não tem nada de perspicaz. O pequeno romance, que ainda nas primeiras páginas aborrecia o leitor, com sua “singela narração de ocorrências prosaicas e vulgares, sem nenhum interesse romanesco”, tomava caminho até ali considerado nocivo às leitoras do periódico. Serviria como exemplo, se ao final fosse dado algum castigo à esposa infiel, mas em momento nenhum isso acontece, muito pelo contrário. Significativa é também a data de sua publicação. A partir da década de 1870, em especial, depois da revista em que sai essa história, são publicados, ao mesmo tempo, contos com evidente tom moralizante e tramas com desfechos curiosos, como o apresentado

¹³⁶ Idem. P. 23.

¹³⁷ Idem. Pp. 25-26.

acima. Nesse tempo, Machado já tinha alguma experiência com esse tipo de escrito e contava seis anos de colaboração no periódico de Garnier.¹³⁸ Se o tema central continuava o mesmo – histórias de casamentos –, o comportamento das personagens, aos poucos, ganhava novas nuances. Ao lado das meninas que tentavam encontrar formas para que elas mesmas pudessem escolher o melhor casamento, de acordo com suas idéias, surgiam triângulos amorosos que colocavam em xeque a própria validade dessas uniões.

No último ano de publicação do *Jornal das Famílias*, outra Carlota ou, mais precisamente, Carlotinha, é oferecida aos leitores. Em “O machete”, o cenário é outro.¹³⁹ Já não existiam comerciante bem sucedido, esposa interessada no andamento dos negócios do marido e nem sócio espertalhão. A regência ficava por conta do violoncelo de Inácio Ramos. Tocador de rabeca desde os primeiros anos, Inácio nascera para a música. Com o pai, teve algumas instruções, mas sentia que poderia tocar algo melhor, que correspondesse mais “às sensações de sua alma”. Encontrou no violoncelo instrumento perfeito para suas ambições. Depois de ouvir um alemão que havia “arreatado o público tocando o violoncelo”, Inácio aproveitou a estadia do artista no Rio de Janeiro, obteve algumas aulas e, “mediante economias de longo tempo”, comprou o sonhado instrumento. Naquele período, o jovem artista já não tinha mais pai. Morava apenas com a mãe, que possuía “alma superior à condição em que nascera”. Este requisito fazia dessa “santa senhora” principal, e única apreciadora dos dotes do filho. Ambos viviam daquilo que ganhava como músico, tocando “ora num teatro, ora num salão, ora numa igreja”. O que importa é que nada disso fazia com gosto, pois a rabeca “não era a sua arte, mas o seu ofício”. Prazer encontrava quando fazia soar o violoncelo. Portanto, mãe e filho viviam alheios à sociedade “que os não entendia”.¹⁴⁰

Para abalar essa tranqüilidade, a mãe de Inácio acabou ficando doente e morrendo. Nessa ocasião o jovem violoncelista compôs sua primeira música. Escreveu uma elegia que durante dois anos foi guardada em segredo. Depois de casado, não pôde mais manter na obscuridade “aquele suspiro fúnebre”. Tocou para sua esposa, após alguma insistência, da parte dela:

¹³⁸ Apenas no *Jornal das Famílias*, até 1870, Machado de Assis já havia publicado 33 contos.

¹³⁹ Lara. “O machete”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro e março de 1878.

¹⁴⁰ Lara. “O machete”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1878. Pp. 38-39.

Ao cabo de oito dias, Inácio satisfez o desejo de Carlotinha. Era de tarde, – uma tarde fria e deliciosa. O artista travou do instrumento, empunhou o arco e as cordas gemeram ao impulso da mão inspirada. Não via a mulher, nem o lugar, nem o instrumento sequer; via a imagem da mãe e embebia-se todo em um mundo de harmonias celestiais. A execução durou vinte minutos. Quando a última nota expirou nas cordas do violoncelo, o braço do artista tombou, não de fadiga, mas porque todo o corpo cedia ao abalo moral que a recordação e a obra lhe produziam.¹⁴¹

Ao terminar a execução, Inácio esperava “duas lágrimas” de Carlotinha, mas recebeu uma ruidosa exclamação. Para ele, o trecho não era “lindo”, como foi qualificado pela esposa. De outro modo, era “severo e melancólico”. Isso não conseguia perceber aquela menina de dezessete anos e “olhos negros e travessos”, que contrastavam com os do marido, por possuir um “olhar brando e velado”. Filha de negociante mal sucedido, que depois de morto nada deixou, Carlotinha “era naturalmente faceira e amiga de brilhar”. Contudo, o casamento exigia dela “hábitos menos frívolos”, os quais aceitava com paciência. Viviam felizes e em breve iriam tornar-se pais. Dada essa notícia ao marido, Inácio prometeu que, assim que o filho nascesse, comporia novo canto. Além disso, se fosse menina ensinaria a ela a tocar harpa, enquanto que se viesse menino a família teria outro violoncelista. Afinal, para ele, esses eram os “únicos instrumentos capazes de traduzir as impressões mais sublimes do espírito”.¹⁴²

Veio o menino e com ele os saraus em casa do artista. Inácio tocava com mais regularidade, apesar de saber que não seria compreendido da forma como desejava. Num desses dias, dois jovens estudantes, atraídos pela música, pararam na frente da casa, e escutaram o violoncelo de Inácio. Um deles – Amaral – reconheceu ali verdadeiro artista, o outro – Barbosa – fez iguais cumprimentos, mas com menos louvor. Ambos eram estudantes de direito que passavam suas férias na corte. O mais entusiasmado era “todo arte e literatura, tinha a alma cheia de música alemã e poesia romântica, e era nada menos que um exemplar daquela falange acadêmica fervorosa e moça animada de todas as paixões, sonhos, delírios e efusões da geração moderna”;¹⁴³ o outro não passava de “um espírito medíocre, avesso a

¹⁴¹ Idem. P. 40.

¹⁴² Idem. Pp. 40-41.

¹⁴³ Idem. P.43.

todas essas cousas, não menos que ao direito que aliás forcejava por meter na cabeça”.¹⁴⁴ Apesar disso, ambos passaram a freqüentar a casa de Inácio. Saraus foram organizados até que o violoncelista descobriu que um dos novos convivas também era artista. Tocava machete. Como definido por Inácio, era “outro gênero”. De acordo com *Lara*, o leitor facilmente compreenderia que aquilo, de fato, se tratava de “outro gênero”.¹⁴⁵ Contudo, isso não impediu que o instrumento fosse tocado:

Ali postos os quatro, numa noite da seguinte semana, sentou-se Barbosa no centro da sala, afinou o machete e pôs em execução toda a sua perícia. A perícia era, na verdade grande; o instrumento é que era pequeno. O que ele tocou não era Weber nem Mozart; era uma cantiga do tempo e da rua, obra de ocasião. Barbosa tocou-a, não dizer com a alma, mas com os nervos. Todo ele acompanhava a gradação e variações das notas; inclinava-se sobre o instrumento, retesava o corpo, pendia a cabeça ora a um lado, ora a outro, alçava a perna, sorria, derretia os olhos ou fechava-os nos lugares que lhe pareciam patéticos. Ouvi-lo tocar era o menos; vê-lo era o mais. Quem somente o ouvisse não poderia compreendê-lo.¹⁴⁶

Duas perfeitas descrições de artistas muito diferentes. Enquanto um deles interessava-se mais em atingir a perfeição artística, o outro encantava com sua canção “popular”, facilmente compreendida por todos que o ouviam. Carlotinha transformou-se em sua maior divulgadora. Logo todo o bairro conhecia a perícia do tocador de machete. Ela havia encontrado “infinita graça e vida naquela outra música”. O novo instrumento tomou conta das reuniões. Todo aquele sucesso preocupava Inácio, pois havia uma “rivalidade entre a arte e o passatempo”. Diante dos aplausos, Inácio desejava aprender a tocar o machete. Os serões acabaram sendo cancelados, e os dois estudantes retornaram a São Paulo. Ambos prometeram voltar. Rapidamente cumpriram com o prometido. O artista do machete ainda ficou mais tempo na corte, por causa de uma doença qualquer. Prosseguiu com os serões, embora Inácio

¹⁴⁴ Idem.

¹⁴⁵ Há menos de um ano, Machado de Assis já havia colocado essa questão, no *Jornal das Famílias*. No conto “Silvestre”, assinado por *Victor de Paula*, o personagem Silvestre também era artista que não encontrava, no meio em que vivia, reconhecimento para seu talento. Filho de um procurador que forcejava por mandá-lo ao foro, o menino de apenas quinze anos, imaginava poder pintar uma Vênus, enquanto seu pai não via naquele ofício garantia de sobrevivência. Acabou sendo abrigado na casa de conhecido do pai, que resolvera ajudá-lo em sua ambição. Lá encontrou na esposa do dono da casa, Camila, a inspiração da qual necessitava para compor sua grande obra. Ver. Victor de Paula. “Silvestre”. In: *Jornal das Famílias*. Junho a agosto de 1877.

¹⁴⁶ Lara. “O machete”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1878. P. 44.

já não o acompanhasse. O certo é que, no final das férias, Amaral retornou a casa do artista e encontrou Inácio enlouquecido, afirmando ao filho que deveria aprender a tocar machete e não violoncelo. Afinal, Carlotinha havia ido embora com o outro músico. “Não quis o violoncelo, que é grave demais”.¹⁴⁷

Ambos os contos – “Aires e Vergueiro” e “O machete” – trazem Carlotas que fogem ao final da história. Existem, porém, algumas diferenças importantes entre as duas narrativas. Enquanto a primeira história enfoca um golpe dado em credores e marido, a segunda possui também a função de questionar as próprias preferências musicais do público leitor. O enredo é muito mais sinuoso e deliberadamente provocativo. Ao lado da discussão da traição da esposa, está, da mesma forma, o diálogo com o público sobre aquilo que pode ser considerado arte e aquilo que era apenas popular. O leitor é mesmo questionado de forma direta pelo narrador sobre essa questão. Ao elaborar histórias com essa característica, o sentido da participação de Machado, no *Jornal das Famílias*, torna-se ainda mais diferente daquele percebido em outros colaboradores. O intuito pedagógico é substituído por certa troca de experiências entre escritor e leitor. Aos poucos, questões relacionadas à moralidade, tão caras a colaboradores e leitores, abrem espaço a outras discussões. De fato, ainda persistem, mesmo nos contos assinados por esse escritor, mas passam a conviver com outros enredos, sofrer questionamentos e, muitas vezes, é possível suspeitar de que havia a intenção de fazer com que os leitores fossem além do texto. Se tinha essa intenção, Machado usava seus escritos como forma de alcançar realmente o seu público, oferecer outras leituras, maneiras diferentes de ler seus contos.

Ao entremear suas histórias com episódios que fugiam às regras morais vigentes à época, ele deixava escapar tensões presentes em seu texto e, quem sabe, em sua própria relação com os leitores do periódico. Em “Qual dos dois?”, essa idéia fica mais clara.¹⁴⁸ Conto bastante longo traz, logo em suas primeiras páginas, descrição detalhada de seus personagens. O tom galhofeiro, cada vez mais constante, tem alvo certo. Indiferentes à vida política que ganhava novos rumos diante de seus olhos, Daniel e Valadares gastavam seu tempo em olhar os pés das freqüentadoras de modistas da rua do Ouvidor, e vadiar de um lado para o outro sem qualquer compromisso. Tinham opiniões diferentes sobre o casamento. Enquanto Daniel comparava esse estágio da vida à sepultura, Valadares conseguia unir na mesma frase “dois

¹⁴⁷ Lara. “O machete”. In: *Jornal das Famílias*. Março de 1878. Pp. 72-76.

¹⁴⁸ J. J. “Qual dos dois?” In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1872 a janeiro de 1873.

vocábulo inimigos” – “casamento de conveniência”. Era essa a união que pretendia realizar com Amélia. Mesmo porque, se o noivo não tinha muitas qualidades, a noiva também não era das melhores. A menina iria se casar, para “adquirir a liberdade de estragar”. A cerimônia contou com a presença de muitos convidados, entre eles Augusta e sua família. Essa era uma das moças mais bonitas da festa. Colecionava alguns admiradores, entre os quais havia um por quem nutria especial compaixão. Este rapaz era Luis, que certa vez a pedira em casamento, mas foi recusado. Essas cinco personagens – Augusta, Daniel, Valadares, Amélia e Luis – protagonizaram enredo farto em idéias contraditórias.¹⁴⁹

Logo depois do casamento de Valadares e Amélia, esta, mais rápida do que se pode imaginar, começou a “usar da liberdade que procurara no casamento”. Saía sozinha, escolhia muitos vestidos e possuía idéias próprias a respeito de sua posição:

Amélia casara-se com Valadares como casaria com outro qualquer; simples mudança de estado. Comprou a liberdade sob a forma de uma prisão. Contratou um braceiro para os dias em que lhe conviesse sair a pé; e um protetor para abrigar a sua existência e sua reputação. Com estas condições, qualquer noivo lhe servia. O que estava mais a mão foi escolhido.¹⁵⁰

Com essa imagem, não demorou muito para que o aborrecimento tomasse o lugar reservado a outros sentimentos. Amélia era maliciosa e gostava de fazer intrigas. Levava notícias de Daniel à Augusta, sempre com certo tom ardiloso. Gastava seu tempo nesse leva e traz. Desejava ver seu marido longe, para assim se sentir mais livre. Era “indiscreta e leviana”. Quando visitava alguma casa, fazia questão de observar todos os detalhes. Possuía, de fato, um “espírito frívolo”.¹⁵¹ De acordo com Valadares, os problemas de sua esposa estavam nas “impertinências da mulher faceira, os caprichos, as imposições”.¹⁵² Mas não demorou para que a separação viesse. Primeiro, Valadares mudou-se de casa, para, em seguida, pedir o divórcio.¹⁵³ A sua esposa, como era de se esperar, não sentiu muito aquela situação.

¹⁴⁹ J. J. “Qual dos dois?” In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1872. Pp. 264-271.

¹⁵⁰ J. J. “Qual dos dois?” In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1872. P. 295.

¹⁵¹ J. J. “Qual dos dois?” In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1872. P. 232.

¹⁵² Idem. P. 333.

¹⁵³ O divórcio passou a fazer parte do Código Civil Brasileiro apenas em 1977. No século XIX, divórcio consistia na separação de corpos dos casados. Essa situação era permitida, se durante o primeiro ano de casamento, os esposos resolvessem seguir a carreira religiosa; se ocorresse “fornicação espiritual”; em caso de sevícias graves; e

Permaneceu “alegre como se não houvesse dado na sua vida acontecimento de grande monta”.¹⁵⁴ Para maior surpresa de alguns leitores não havia nem mesmo nas páginas finais dessa história qualquer referência à moralidade ou alguma lição apresentada às leitoras, em relação a essa personagem.

Contudo, para contrastar com a caracterização de Amélia, Augusta recebeu a função de servir como exemplo, que não deveria ser seguido por nenhuma mulher. Ela era “um desses tipos raros, extravagantes, que nunca podem ser a esposa amante, nem a mãe carinhosa; em suma, é a mulher sem nenhum traço augusto”.¹⁵⁵ Todavia, Augusta não passava de uma namoradeira, como tantas outras presentes nessa mesma revista. Estava entre dois pretendentes – Daniel e Luís. Enquanto o primeiro tinha prazer em viver alheio ao mundo, o segundo pretendia torna-se político, com a única finalidade de conquistar o coração da menina. Augusta ia protelando qualquer decisão definitiva:

Não é minha intenção apresentar Augusta como um caráter excepcional, nem como um espírito superior. Os sentimentos da moça eram, em resumo, os mesmos das outras mulheres. O que a dominava, porém, era uma certa frieza de temperamento que a tornava incompetente para os grandes afetos. Acrescente-se a isto uma tal ou qual vaidade de sua beleza e aí temos o que era a filha de Madalena.

Educada pela mãe com uma perfeita independência de espírito, Augusta adquiriu certa aspereza que lhe fazia o caráter antipático. Era imperiosa, altiva, às vezes bondosa, mas bondosa por orgulho, não acreditando muito nem pouco na violência dos sentimentos; o amor para ela era simplesmente uma cousa que ela não compreendia, nem desejava compreender. Parecia-lhe melhor um triunfo numa sala que num coração.¹⁵⁶

Havia necessidade de oferecer algum fim moralizador. Talvez para justificar a escrita da história ou mesmo para trazer, mais uma vez, aquele mesmo enredo ao qual os leitores já estavam acostumados. Se o autor pretendia fazer alguma mudança mais profunda, ainda assim era preciso atender a uma parcela considerável de leitores, que gostariam de ver alguma lição,

de adultério cometido por apenas um dos nubentes. MATTOSO, Kátia de Queirós. *Família e sociedade na Bahia do século XIX*. São Paulo: Corrupio, 1988. Pp. 44-45.

¹⁵⁴ J. J. “Qual dos dois?” In: *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1873. P. 3.

¹⁵⁵ Idem. P. 6.

¹⁵⁶ J. J. “Qual dos dois?” In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1872. P. 323.

para jovens em idade de se casar. Neste sentido, o que pensariam *O Caturra* e seus pares, que acusaram de forma tão enfática o autor de “Confissões de uma viúva moça”, lá nos primeiros anos do *Jornal das Famílias*, diante dessas histórias? Afinal, não só as viúvas, como também as mulheres casadas não eram mais sinônimo de recato e pureza. Provavelmente, ficariam muito indignados com esses literatos que usavam de suas penas para propagar o vício e o “loureirismo”, em periódico dedicado aos interesses das famílias. Contudo, é preciso considerar que os leitores não se restringiam apenas àqueles interessados na educação de suas filhas. Além disso, em quinze anos de publicação mensal, muita coisa aconteceu dentro e fora daquelas páginas. E se o empenho em levar lições que pudessem servir na formação das futuras esposas e mães de família persistiu, o caminho buscado variava a cada nova história contada. Em especial de acordo com os seus colaboradores e com o público leitor por eles imaginado. Antes de qualquer coisa, havia a necessidade de considerar os leitores/leitoras que cada história daquelas queria alcançar. Isso foi sempre muito claro para Machado de Assis, desde seus primeiros contos. Por isso, algumas linhas mais provocativas, outras que levavam em consideração as expectativas das leitoras que ele imaginava menos avessas aos vários namorados, antes de escolher o casamento ideal, e ainda aquelas que discutiam claramente as questões outrora levantadas por outros colaboradores do periódico. O mais significativo disso tudo é a consciência, por parte do escritor, da multiplicidade de seu público e seu desejo de conversar com todos. Para alcançar esse objetivo foi preciso buscar conflitos presentes no cotidiano de suas leitoras, sua linguagem e, também, construir personagens capazes de dialogar, de forma direta, com essas mesmas leitoras. Com isso, muitas vezes, foi mais bem compreendido apenas por aquelas viúvas, namoradeiras, loureiras...

CAPÍTULO II

LITERATURA E POLÍTICA

1. “A parasita azul”

O conto “A parasita azul”, publicado no *Jornal das Famílias* entre junho e setembro de 1872, e depois escolhido para integrar a segunda coletânea de Machado de Assis – *Histórias da Meia-noite* – coloca em discussão temas até então poucas vezes buscados por seu autor naquele periódico. Depois de período de oito anos fora do país, retornava Camilo Seabra da França. Havia deixado para trás Paris e seus encantamentos. Amores fáceis e “uma linda princesa russa”, por quem se dizia apaixonado. Tentou protelar esse momento de todas as formas, pois, como se considerava legítimo “parisiense até a medula dos ossos”, era complicado ter de regressar ao Brasil. Além do mais, por que haveria de se afastar de tudo aquilo que conquistara à custa de muitos empréstimos realizados sem cobranças, ceias fartas e tantas diversões de que gostava, para ir “internar-se em Goiás”? Terra que, depois de passado tanto tempo, parecia ainda mais longe da “civilização” a qual se habituara. O certo é que tivera de se acostumar com essa nova realidade, pois logo os seus pés pisaram a rua do Ouvidor. Esta que para muitos brasileiros era a mais francesa entre todas as ruas, para ele, era nada menos que “um beco muito comprido e muito iluminado”. Mal imaginava que o pior ainda estava por vir, porque sua cidade natal era “ainda menos parisiense que o Rio de Janeiro”.¹

O retorno a casa paterna, na distante cidadezinha de Santa Luzia, foi acompanhado por Leandro Soares, antigo conhecido, dos tempos em que a barba deixava o rosto descoberto e o bigode era apenas um “buço”. Essa presença cumpria o encargo de diminuir o enfado que a longa viagem, entre o Rio de Janeiro e Goiás, iria causar. Já que a Corte proporcionou tão má impressão naquele viajante, a partida foi bastante rápida. No caminho, Soares teve a oportunidade de relatar suas aventuras. Informou ao recém-chegado sobre todas as suas “rixas eleitorais”, “aventuras na caça” e “proezas amorosas”. Embora Camilo fosse pouco observador, notou em seu conhecido certa dose de “fanfarronice”, seja nos assuntos ligados à política, como na caça, nos jogos e até nos amores. Mesmo que neste último houvesse certo

¹ Job. “A parasita azul”. *Jornal das Famílias*. Junho de 1872. P. 175.

tom mais sério, referente à moça que dizia amar de forma arrebatadora, com ciúmes até mesmo do ar que ela respirava. Quando pararam para repousar, Camilo sentiu ainda mais falta daquilo que deixara. Observou a enorme diferença que havia “entre os seus jantares dos *restaurants* dos *boulevards* e aquela refeição ligeira e tosca, num miserável – pouso de estrada, – sem os acepipes da cozinha francesa, sem a leitura do *Figaro* ou da *Gazette des Tribunaux!*”. Enquanto Soares contentava-se com o cigarro de palha, Camilo preferiu o seu charuto. Para contrastar ainda mais, e compor melhor o cenário traçado, “um dos tropeiros sacou a viola e começou a gargantear uma cantiga, que a qualquer outro encantaria pela rude singeleza dos versos e da toada, mas que ao filho do comendador apenas fez *lembrar* com tristeza as roletas da Ópera”. A noite decerto fora longa, além de entremeada por “urros longínquos, de alguma fera que vagueava na solidão. Outras vezes eram aves noturnas, que saltavam ao perto os seus pios tristonhos. Os grilos, e também as rãs e os sapos formavam o coro daquela ópera do sertão”. Para ele, tudo parecia inferior aos acordes parisienses. Dali para frente, a viagem tornou-se mais e mais cansativa. Nada conseguia distraí-lo, nem mesmo as histórias de seu acompanhante.²

Enfim avistou a cidade. Por algum momento, foi possível esquecer-se de Paris, e se entregar à “pequena e honesta pátria dos Seabras”. O dia de sua chegada foi dos mais agitados em casa do comendador. As saudades acumuladas durante os últimos anos ajudaram a amenizar a sensação de perda, produzida depois de várias comparações entre os dois lugares. O que não impediu o sentimento de “nostalgia do exílio”. Enquanto nos primeiros dias Camilo ocupava-se em contar peripécias de viagem, escondendo tudo o que poderia manchar a imagem de médico e filósofo, passados quinze dias tudo aquilo o aborrecia. Para minimizar essa impressão, a Festa do Espírito Santo veio em hora perfeita. Por certo, era uma das festas mais concorridas do distante lugarejo:

Vão rareando os lugares em que de todo se não apagou o gosto dessas festas clássicas, resto de outras eras, que os escritores do século futuro hão de estudar com sofreguidão, para pintar aos seus contemporâneos um Brasil que eles já não hão de conhecer.³

(...)

² Idem. Pp. 177-180.

³ Job. “A parasita azul”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1872. P. 200.

No tempo em que esta história se passa uma das mais genuínas festas do Espírito Santo era a da cidade de Santa Luzia.⁴

A principal questão até aqui colocada é sem dúvida referente à identidade nacional. Como se vê, são várias as comparações feitas entre a Europa – lugar civilizado – e o Brasil, com natureza exuberante, costumes estranhos e povo inferior, tão distante do que acreditava como ideal e deixado para trás. Morar ou estudar fora do país durante algum tempo significava, para muitos brasileiros à época, condição primordial para os colocar acima de quem nunca daqui houvera saído.⁵ Desse modo, a relação entre o enredo proposto por Machado – com datas e lugares tão bem definidos – e o próprio transcorrer da História do país fica evidente. John Gledson, em artigo sobre esse mesmo conto, já chamou a atenção para tal aspecto.⁶ E também, ao estudar alguns contos, organizados na coletânea *Papéis Avulsos*, procurou enfatizar o quanto a visão que Machado tem sobre a História do Brasil influencia no desenvolvimento de sua escrita.⁷ A recorrência à caracterização da festa do Divino Espírito Santo é significativa, nesse sentido. Entre os literatos e memorialistas, os registros sobre o Divino são muito ricos.⁸ Tudo isso deve ter estimulado sua escrita, construída com enredo intrincado e sinuoso para o leitor, que precisava ser perspicaz, como Machado o definia, para não se perder entre parasitas, imperadores e suas próprias expectativas.

Seguindo o princípio de que o leitor era perspicaz, o herói dessa história não poderia ser figura muito digna de credibilidade. Assim, os “traços patéticos da existência” de Camilo Seabra eram curiosos. Filho de grande proprietário goiano, nascera em 1827, e, no ano seguinte, fora batizado por naturalista francês, que ainda em 1810, havia composto alguns poemas. Entre esses havia um em que metrificava a vida de Fúrio Camilo, usado como

⁴ Idem. P. 201.

⁵ Parte considerável da elite política brasileira, no segundo reinado, havia estudado fora do país. Ver, CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 1981.

⁶ GLEDSON, John. “Machado de Assis between Romance and Satire: ‘A parasita azul’” em *What’s past is prologue: a collection of essays in honour of L. J. Woodward*, Edinburgh, Scottish Academic Press, 1984, pp. 57-69, 167-68. Apud. GLEDSON, J. “A história do Brasil em *Papéis Avulsos* de Machado de Assis”. In: CHALHOUB, S. & PEREIRA, L. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

⁷ Idem.

⁸ ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Ver, em especial, o capítulo 2, da primeira parte.

lembrança na hora do batizado e escolha do nome do menino. A esse naturalista fora entregue Camilo, depois de cumpridos “alguns preparatórios”, para que sua formação intelectual fosse completada. Farta mesada, oferecida pelo pai e aumentada com os mimos da mãe, fez de sua vida puro deleite. O único empecilho era o próprio padrinho. Questão logo resolvida, pois o poeta morreria, deixando-o mais à vontade para ter “vida solta e dispendiosa”. Vivendo dessa forma, pôde concluir seus estudos e ainda passear por toda a Europa, até receber a fatídica carta do pai que exigia seu retorno.⁹ Ao ler herói com tais características, a leitora poderia ser tentada a deixar de lado suas expectativas de encontrar cenas românticas de grande monta.

Mesmo assim ainda apareceu alguma coisa com tom mais leve. Camilo Seabra e Isabel são os protagonistas do lado mais açucarado de “A parasita azul”. A menina era a mesma por quem Leandro Soares se dizia capaz das maiores loucuras, nas primeiras páginas da história. O encontro do novo casal só aconteceu no segundo mês de publicação do conto. Até ali, aquelas mais interessadas em cartas trocadas entre namorados, ou outras confidências amorosas, permaneciam sem estímulo, e podiam mostrar algum desagrado. Ou então começariam a encontrar prazer em leituras diferentes das que já estavam tão acostumadas. Essas outras páginas, que começavam a fazer parte do *Jornal das Famílias*, estavam abertas a perguntas, elaboradas ao lado dos próprios personagens do conto, que queriam saber por quais motivos a menina recusava a tantos pretendentes e, em especial, ao insistente Soares. Cada um fazia suas apostas. Para o padre Maciel, ela era, na verdade, uma “grande finória”, e negava o amor de Soares, por esperar “casamento que lhe abra a porta das grandezas políticas”. Camilo buscava mais alguma explicação.¹⁰ O que aconteceu foi que diante da beleza da goiana, que em nada era inferior à princesa russa deixada na Europa, e de tantos mistérios, acabou apaixonando-se. O mais estranho era que a esse amor também recusava, da mesma forma que fazia com os outros pretendentes. Todo o mistério estava em uma parasita, conforme revelou um desconhecido, esposo de ex-mucama de Isabel:

O desconhecido narrou então a Camilo toda a história da parasita, e o culto que até então a moça votava à flor já seca.

⁹ Job. “A parasita azul”. *Jornal das Famílias*. Junho de 1872. Pp. 172-173.

¹⁰ Job. “A parasita azul”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1872. Pp. 202-203.

Um leitor menos sagaz imagina que o namorado ouviu essa narração triste e abatido. Mas o leitor que souber ler adivinha logo que a confiança do desconhecido despertou na alma de Camilo os mais incríveis sobressaltos de alegria.¹¹

O leitor sagaz entenderia o entusiasmo de Camilo, por ter sido informado, páginas atrás, de que, ainda na infância, Isabel havia recebido de um “moço da localidade” uma “linda parasita azul”. Esta flor, colhida em ocasião de grande risco para o menino, passou a ser adorada. Mesmo seca, “Isabel guardou-a como se fora relíquia; beijava-a todos os dias; e de certo tempo em diante até chorava sobre ela”.¹² O referido “moço da localidade” era o próprio Camilo, assim deduziria o leitor, antes mesmo da revelação de *Job*. O que, aliás, era desnecessário, de acordo com sua expectativa, diante dos leitores que imaginava. Os leitores, para quem essa história fora escrita, eram sagazes, e saberiam compreender o seu narrador. Deveriam saber ler, porque perguntavam vivamente, interessavam-se pelo desenrolar da trama, envolviam-se com os personagens, enfim, participavam da construção do conto ao lado do autor. Por isso a história de amor protagonizada por Camilo e Isabel, às vezes tão sem graça, corria sem grandes explicações, buscando enigmas que prendessem o interesse de quem a acompanhava. Depois de recusas da moça em aceitar o amor de Camilo, classificado como recente em relação ao dela, e plano de suicídio do rapaz que pensava assim poder convencer a amada sobre a sinceridade dele, acabaram confirmando casamento já esperado.

Entrelaçada a essa mesma trama, os leitores puderam discutir, conforme já vimos lá no princípio, questões acerca de identidade nacional, entre outras querelas políticas. Antes de se aborrecer com suas próprias histórias, Camilo Seabra gastava a maior parte do tempo contando suas aventuras de viagem. A monotonia foi a principal inimiga do comendador, que forcejava por agradar ao filho. A solução encontrada fora a de ingressá-lo na vida política:

O aborrecimento de Camilo não escapou aos olhos do pai, que quase vivia a olhar para ele.

¹¹ Job. “A parasita azul”. In: *Jornal das Famílias*. Agosto de 1872. P. 235.

¹² Idem. P. 233.

- Tem razão, pensava o comendador. Quem viveu por essas terras que dizem ser tão bonitas e animadas, não pode estar aqui muito alegre. É preciso dar-lhe alguma ocupação... a política, por exemplo.

- Política! Exclamou Camilo, quando o pai lhe falou nesse assunto. De que me serve a política, meu pai?

- De muito. Dá lugar às posições. Serás primeiro deputado provincial; podes ir depois para a Câmara no Rio de Janeiro. Um dia interpeles o ministério, e se ele cair, podes subir ao governo. Nunca tiveste ambição de ser ministro?

- Nunca.

- É pena!

- Porque?

- Porque é bom ser ministro.

- Governar os homens, não é? disse Camilo rindo; é um sexo ingovernável; prefiro o outro.¹³

O diálogo acima é promissor, na medida em que desvenda o significado de “política”, oferecido por alguns personagens. O pai vislumbrava aquilo que poderia obter com o ingresso do filho na carreira política. Almejava certo prestígio, como forma de recompensá-lo às perdas com o retorno ao Brasil, pois aquelas outras terras eram muito mais “bonitas e animadas”. Ao filho bastava governar o sexo feminino. Evitava conversar com a tia de Isabel, por exemplo, que dentre os seus achaques, possuía o defeito de gostar de política. Esta pauta da discussão deixava para o pai, enquanto se ocupava em cortejar a bela dama.¹⁴ Reafirmando a sua falta de vontade para com a opção apresentada pelo pai, quando em situação espinhosa, teve que se livrar do companheiro de viagem a quem sabia apaixonado por Isabel, e capaz de qualquer coisa, ofereceu a ele a proposta de candidatar-se a algum cargo, transferindo aquilo que lhe estava destinado. Assim, depois de saber dos planos de casamento feitos por Camilo e Isabel, Leandro Soares saiu disposto a “tirar uma solene desforra”. Pegou uma faca e partiu ao

¹³ “A parasita azul”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1872. P. 195.

¹⁴ O ingresso na carreira política parecia ser a solução encontrada pela maioria dos pais de *dândis* daqueles tempos e nos contos de Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*. Outro exemplo semelhante pode ser lido em “O caminho de damasco” (Job. *Jornal das Famílias*. Nov. e dez. de 1871). Nesta história, Jorge Aguiar vivia no Rio de Janeiro entre a Rua do Ouvidor e o Alcazar. Era constantemente vigiado pela mãe, mas o pai acreditava ser preciso deixar o filho divertir-se, pois via nisso, até mesmo, “bom agouro para a vida política do rapaz”. Afirmava ser preciso errar na mocidade, para não cometer deslizes na velhice. Assim, agia da mesma forma que o pai de Camilo Seabra, que via na vida política recompensa para certas perdas.

encontro do feliz noivo. Quando o achou, disse um “rosário de impropérios”, até ser surpreendido com um oferecimento, de quem afirmava que em nenhum momento havia deixado de pensar na felicidade do amigo. O parasita mostrava-se convencido a ceder seu lugar de deputado provincial em prol de Soares, e, para isso, tinha até mesmo vencido algumas “resistências políticas”. Soares, com tantas aptidões, não podia mais se dedicar a “servir de degrau aos outros”.¹⁵ Ainda havia mais justificativas, que foram apresentadas ao leitor, no mês seguinte:

Ao mesmo tempo, concluiu o hábil noivo, fui levado pela idéia de prestar um serviço à província. Creia que em nenhum caso, ainda que me devesse custar a vida, proporia cousa desvantajosa à província e ao país. Eu cuidava servir a ambos apresentando a sua candidatura, e pode crer a minha opinião será a de todos.¹⁶

Nobre atitude que nem de relance havia feito parte dos planos de Camilo. Ainda mais que a ele pouco interessava “prestar um serviço à província”. Queria mesmo era livrar-se das ameaças do rival. O fato é que dali para adiante teve que se empenhar, para fazer do amigo candidato aceito. O mais complicado, ou risível, para os leitores, consistia em saber quem era mais apropriado para ajudar nas decisões postas ao país. Estavam diante de parasita, e personagem com qualidades pouco menos relevantes, que dizia aceitar o oferecimento apenas para “afogar” a dor sentida com a perda do grande amor. Leitura atenta, como a esperada, tinha a possibilidade de fazer com que os leitores conferissem sentidos diferentes a situações vividas cotidianamente. Suspeitar das atitudes daqueles personagens transforma-se, assim, numa forma de fazer questionar os próprios atos dos leitores ou daqueles que formavam o alvo principal de Machado de Assis. Era forma de intervir de maneira mais abrangente em determinado meio social. Para além das linhas de costura, sugeridas à mulher preparada para realizar bom casamento, esse conto tem o objetivo de buscar alguns leitores para discutir questões importantes à época. Partindo da estratégia de provocar a atenção dos leitores, foi colocado em cena grande teatro, encenado por Camilo Seabra e Soares, legítimos

¹⁵ Job. “A parasita azul”. In: *Jornal das Famílias*. Agosto de 1872. Pp. 240-241.

¹⁶ Job. “A parasita azul”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1872. P. 257.

representantes de classe que pensava poder manipular eleições, candidaturas e o próprio significado que a política possuiria.

Nesse sentido, o momento de maior tensão é mesmo a festa do Divino, com “restos de outras eras”. Ali o teatro do poder é ainda mais abrangente. Vê-se mais que dois supostos cavalheiros disputando dama, mas uma classe que apresenta seus símbolos de poder para toda a população.¹⁷ A principal característica da festa, enfatizada por Machado, é a coroação do imperador do Divino.¹⁸ Naquele ano, era o tenente-coronel Veiga o responsável pelo baile. Prometia, então, festa jamais vista. O entusiasmo era tamanho que havia dúvida por parte do narrador, se o coronel preferia “ser ministro de Estado a ser imperador do Espírito Santo”. Com isso, é possível ao menos imaginar o quanto de prestígio cobria tal cerimônia tanto para o povo, quanto para a classe à qual pertencia o imperador. Era ocasião oportuna para confirmação de poder diante de platéia numerosa. E para sorte do “imperador”, tudo estava de acordo com a ocasião. Era a natureza que não decepcionava, oferecendo sol radiante, além da própria população que apareceu bem cedo com as melhores roupas, para prestigiar a festa do tenente-coronel, quer dizer, a festa do Divino. Havia naquilo tudo clara disputa política:

O festivo imperador estava literalmente fora de si. Era a primeira vez que exercia aquele cargo honorífico e timbrava em fazê-lo brilhantemente, e até melhor que os seus predecessores. Ao natural desejo de não ficar por baixo, acrescia o elemento da inveja política. Alguns adversários seus diziam pela boca pequena que o brioso coronel não era capaz de dar conta da mão.¹⁹

Era negar essa afirmativa a principal pretensão do coronel com a festa. Para tanto, representava muito bem o seu papel. Além disso, se de seu lado o imperador trajava casaca que rivalizava com “as dos mais apurados membros do Cassino Fluminense”, ostentava “vasta

¹⁷ Sobre o sentido de teatro do poder usado aqui e em todo o texto que se segue, ver THOMPSON, E. P. “Patrícios e plebeus”. In: *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; e SCOTT, James. *Domination and the arts of resistance. Hidden Transcripts*. New Haven: Yale University Press, 1990.

¹⁸ Martha Abreu ressalta que o imperador do Divino era normalmente um menino de pouca idade, em referência à própria família real, já que os herdeiros ao trono, por aqueles tempos, ainda eram crianças. No século XIX, a simbologia dessa festa centrava-se em expressar o poder e a autoridade monárquica, ao mesmo tempo em que conferia certa proteção aos pobres. Parece ser justamente essa a característica buscada por Machado de Assis, no conto em questão. ABREU, Martha. Op. Cit. Pp. 62-3.

¹⁹ “A parasita azul”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1872. P. 203.

comenda da Ordem da Rosa”, e, para maior assombro de Camilo, levava sobre a cabeça “brilhante e vistosa coroa de papelão forrado de papel dourado”; o povo, na Igreja, responsabilizava-se por “rebuliço geral” só para ver passar o imperador e suas insígnias. O ritual era seguido passo a passo. Primeiro havia a expectativa da festa, aguardada desde a semana antecedente; depois cortejo, acompanhado por música, buscava o imperador em sua casa, que o recebia conforme mandavam as regras; dali seguiam para a Igreja, onde eram esperados.²⁰ A encenação protagonizada pelo tenente-coronel Veiga era estudada e correspondente à classe a qual pertencia, conforme proclamava em discurso o major Brás:

O imenso acontecimento que acabamos de presenciar, senhores, creio que nunca se apagará da vossa memória. Muitas festas do Espírito Santo têm havido nessa cidade e em outras; mas nunca o povo teve o júbilo de contemplar um esplendor, uma animação, um triunfo igual ao que nos proporcionou o nosso ilustre correligionário e amigo, o tenente-coronel Veiga, honra da classe a que pertence e glória do partido a que se filiou...²¹

Cada participante desse espetáculo tinha o seu papel muito bem definido. Conheciam as falas, gestos e insígnias correspondentes a situações, como a exposta acima. Machado de Assis possuía talento especial nessas descrições, reproduzindo diálogos e circunstâncias de fácil reconhecimento por seus contemporâneos. Era possível que algum leitor encontrasse semelhanças entre suas atitudes e aquelas enfatizadas tanto de um lado, como do outro do espetáculo. Além disso, esse conto abre a possibilidade de pensar em várias questões importantes tanto à época de sua publicação, no *Jornal das Famílias*, quanto no momento em que a história foi vivida por seus personagens. Tal história foi publicada em 1872, momento marcado por mudanças significativas no modo de Machado abordar seus principais temas. Conforme já vimos, principalmente a partir da revista de janeiro de 1871, sua colaboração tornava-se mais sutil, trazendo à baila questões ligadas ao andamento de alguns temas de suma importância para o próprio país, numa visão mais ampla.²² Em “A parasita azul”, *Job* referia-

²⁰ “A parasita azul”. In: *Jornal das Famílias*. Agosto de 1872. Pp. 225-226.

²¹ Idem. P. 229.

²² Sidney Chalhoub ao analisar o conto “Mariana”, publicado exatamente em janeiro de 1871 no *Jornal das Famílias*, identifica esse momento como de crise política, por causa das discussões em torno de projetos de leis de emancipação dos escravos. De fato, esse parece ser um momento de “crise”, em que Machado dedicou-se a

se à festa ocorrida em 1856, na cidade de Santa Luzia, quando Camilo Seabra retornava da Europa. O momento em questão, portanto, era aquele que ficou conhecido por Conciliação, promovido pelo gabinete do Marquês de Paraná, entre 1853 e 1856. Ao encerrar o seu “Ação, reação e transação”, Justiniano José da Rocha definia esse período como o de extinção das paixões políticas e oportuno para a realização da “grande obra da transação”.²³ A leitura que Machado de Assis fazia desse mesmo período, no conto em questão, parece ser de uma prática política superficial, em que líderes políticos foram forjados de acordo com princípios duvidosos – apenas para afogar determinadas paixões, como Soares ao ceder Isabel para seu rival Camilo. O centro do poder concentrava-se, de fato, na figura do Imperador, ou do imperador do Divino. Este, sim, era ovacionado pelo povo. Aclamado e digno de receber todas as honrarias e homenagens. Em certo sentido, o que havia era a aprovação por parte desse povo à autoridade monárquica, simbolizada no imperador do Divino.²⁴ Conforme veremos a seguir, Machado de Assis dedicou a maioria de seus contos, em que questões relacionadas à política imperial foram discutidas, a repensar esse momento entre os anos de 1850 e princípios de 1860. Muitas vezes, era ele quem estudava “com sofreguidão” e pintava “aos seus contemporâneos” algo do país, de seus costumes, e seu povo, da mesma forma que sugerira ao se referir à festa do Divino. São os conflitos sociais, e seus significados, o lugar da política para diferentes sujeitos, a História em movimento diante dos leitores/leitoras do *Jornal das Famílias*.

Assim sendo, especialmente os contos publicados nos anos de 1870 procuraram mesclar algumas questões específicas a temas mais recorrentes e pertencentes ao cotidiano dos leitores, como o casamento, os amores, e a melhor maneira de as mulheres conduzirem seus lares. Aquele que lesse poderia ou não compreender a mensagem política implícita nesses escritos. Pode ser que para alguns, o maior interesse nesse conto restringir-se-ia a acompanhar

construir releituras, seja em seus contos ou romances, em especial, da década de 1850. CHALHOUB, S. *Machado de Assis, historiador*. Op. Cit.

²³ ROCHA, Justiniano José da. “Ação, reação e transação”. In: MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. *Três panfletários do segundo reinado*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. P. 216.

²⁴ No período do gabinete Paraná, ou imediatamente depois, na década de 1860, importante crítica a essa política da Conciliação foi feita por Joaquim Manuel de Macedo, em vários de seus escritos. Atuando de forma parecida a Machado de Assis que mesclava histórias menos “ácidas” a contos minados por alegorias políticas, como “A parasita azul”, Macedo publicava romances do timbre de *A moreninha*, ao mesmo tempo em que escrevia crônicas em que criticava claramente essa política da Conciliação. Sobre os escritos de Joaquim Manuel de Macedo, ver CANO, Jefferson. *O fardo dos homens de letras: o “orbe literário” e a construção do império brasileiro*. Tese de doutorado em História. Unicamp, 2001.

o amor de Isabel e Camilo. O reencontro de dois jovens que haviam feito promessas de amor ainda na infância. Esse era o mesmo tema, por exemplo, de *A Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo.²⁵ Aos seus leitores contemporâneos, toda essa discussão em torno da política local poderia estar tão presente em suas próprias conversas que o fato de compor uma daquelas histórias não provocaria sentimento novo. Por outro lado, aquela revista, com Machado de Assis, em especial, colocava-se como mais um canal para discutir aquelas idéias. O que quero ressaltar, portanto, são as diferentes maneiras de ler aquelas mesmas histórias. Estavam presentes nesses contos embates políticos, mas também questões corriqueiras relacionadas ao amor, que se tornara tão comum ao longo de seus primeiros anos de publicação. Ao mesmo tempo em que Camilo Seabra representava um *dândi* que se recuperava a cada página por causa do amor de Isabel, a redescoberta desse sentimento pelo protagonista pode fazer referência aos caminhos percorridos por ele até alcançar a virtude política em Santa Luzia. Isso se levamos em consideração a simbologia da cidade mineira – no conto aparece como cidade goiana – para a política àquela época,²⁶ e que em seu epílogo o personagem faz menção a sua felicidade ao lado da esposa em contraposição aquilo que poderia ter acontecido se tivesse permanecido em Paris. São caminhos de leituras que estavam colocados aos leitores, nesse conto e nos próximos que veremos ao longo deste capítulo.

2. Da rua do Ouvidor ao *Jornal das Famílias*

J.J., ao iniciar mais um de seus contos, caracterizava assim a rua do Ouvidor: “é a gazeta viva do Rio de Janeiro. Ali se fazem planos políticos e candidaturas eleitorais; ali correm as notícias; ali se discutem as grandes e as pequenas cousas; o artigo de fundo dá o braço à mofina, o anúncio vive em santa paz com o folhetim”.²⁷ Com enorme desdém pelas

²⁵ Para John Gledson, o fato de Machado buscar “na jovem tradição literária nacional” assuntos para o seu enredo significa uma forma de romper com o passado. Em “A parasita azul”, Machado de Assis redesenha cenas presentes em *A Moreninha*, e também em *O guarani*, de José de Alencar, e nas *Memórias de um sargento de milícias*. Ver GLEDSON, John. “O machete e o violoncelo”. In: ASSIS, Machado. *Contos/uma antologia*. Op. Cit. Pp. 24-25.

²⁶ Sobre o significado de Santa Luzia no ideário político à época, ver MATTOS, Ilmar R. de. *O tempo Saquarema*. Op. Cit. Pp. 103-109.

²⁷ J.J. “Qual dos dois?” In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1872. P. 260.

coisas e tradições de seu país, vimos, logo atrás, que a opinião de Camilo Seabra sobre essa mesma rua era bastante adversa. Considerava-a como “um beco muito comprido, e muito iluminado”, nada mais. Ao longo do século XIX, memorialistas e literatos refletiram, e colocaram muitos de seus personagens, em especial aqueles que discutiam questões ligadas à política Imperial, debatendo nessa rua da Corte.²⁸ Concordando com *J.J.*, *Job* descreveu essa mesma movimentação com entusiasmo contagiante: “A rua do Ouvidor tinha, então, o movimento do costume. Gente parada em frente ou sentada dentro das lojas, gente que descia, homens, senhoras, de quando em quando uma vitória ou um tálburi, tudo isso dava à principal rua do Rio de Janeiro um aspecto animado e luzido. Viam-se aqui e ali alguns deputados, trocando notícias políticas ou conquistando as senhoras que passavam, cousa muito mais deliciosa que uma discussão a respeito do orçamento da guerra, assunto em que, nesse momento, estava falando o respectivo ministro da Câmara”.²⁹ Eleita por muitos como a mais francesa entre todas as ruas, recebeu tratamento especial por parte de Machado de Assis. Dentre os seus pseudônimos/personagens, foi *Lara* o responsável pelo mais eficaz testemunho. Afinal, fora passear por ali quando havia crise ministerial.

“Tempo de crise” é conto narrado em primeira pessoa, e bem diferente de todos os que foram publicados no *Jornal das Famílias*.³⁰ Neste, de fato, o pseudônimo usado pelo literato participava da história, como personagem principal. Com isso, é possível saber algo mais sobre o curioso *Lara*. Nove histórias foram assinadas por ele, nesse periódico. A principal característica observada em seus contos é a presença de personagens femininas vaporosas. Ou seja, meninas loureiras, como as analisadas no primeiro capítulo desta dissertação. “Tempo de crise” foi o segundo conto a figurar com essa assinatura, e para aquele que imaginava que quem se escondia por detrás de tal pseudônimo era alguma mulher, ou no mínimo uma personagem feminina criada por Machado, enganou-se; pois foi apresentado como homem de passagem pela Corte. Por outro lado, se entendermos *Lara* como mais um colaborador da revista, o que teríamos nesse conto poderia ser também a criação de um personagem de passagem pelo Rio de Janeiro. O certo é que o diálogo estabelecido entre ele e os outros

²⁸ Dois importantes memorialistas sobre a rua do Ouvidor são MACEDO, Joaquim Manoel de. *Memórias da rua do Ouvidor*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952; e EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Op. Cit. Pp. 71-78.

²⁹ Job. “O caminho de Damasco”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1871. P. 129.

³⁰ Lara. “Tempo de crise”. In: *Jornal das Famílias*. Abril de 1873.

colaboradores intensificava-se a cada página, seja por meio da criação de personagens, diálogos ou enredos. Usando da estratégia de se criar vários pseudônimos diferentes, Machado enfocou a rua do Ouvidor como lugar privilegiado para discussão política, e convidou não só *Lara, J.J* e *Job*, como também Camilo Seabra e os leitores para pensar sobre os acontecimentos diários daquela rua.

Ao chegar no Rio de Janeiro, o personagem encontrou uma crise ministerial. E como era diferente acompanhar esse acontecimento dali da rua do Ouvidor! Em sua província, as notícias sobre os ministérios chegavam “amortecidas pela distância”, e completas. Enquanto ali era possível observar a constante construção de ministérios, a própria história em movimento.³¹ Em sua excursão, fora acompanhado por amigo, grande conhecedor do local. Para o C., aquela era uma rua aberta a todas as classes:

(...) Queres ver a elegância fluminense? Aqui acharás a flor da sociedade, – as senhoras que vêm escolher jóias ao Valais ou sedas a Notre-Dame, – os rapazes que vêm conversar de teatros, de salões, de modas e de mulheres. Queres saber da política? Aqui saberás das notícias mais frescas, das evoluções próximas, dos acontecimentos prováveis; aqui verás o deputado atual com o deputado que foi, o ministro defunto e às vezes o ministro vivo. Vês aquele sujeito? É um homem de letras. Deste lado, vem um dos primeiros negociantes da praça. Queres saber do estado do câmbio? Vai ali ao *Jornal do Commercio*, que é o *Times* de cá. Muita vez encontrará um coupé à porta de uma loja de modas: é uma Ninon Fluminense. Vês um sujeito ao pé dela, dentro da loja, dizendo um galanteio? Pode ser um diplomata. Dirás que eu só menciono a sociedade mais ou menos elegante? Não; o operário pára aqui também para ter o prazer de contemplar durante minutos uma destas vidraças rutilante de riqueza, – porquanto, meu caro amigo, a riqueza tem isto de bom consigo, – é que a simples vista consola.³²

Era o Rio de Janeiro em resumo. Havia até mesmo a possibilidade de o operário contemplar vitrines tão distantes de sua realidade financeira, e se consolar com apenas ver aquilo que não podia ter. Olhar o movimento e se sentir parte daquela sociedade, capaz de

³¹ Idem. P. 105. Idéia parecida com essa é passada por Joaquim Manoel de Macedo ao relatar a organização de ministério formado entre empadas e doces de uma confeitaria daquela mesma rua. MACEDO, Joaquim Manoel de. *Memórias da rua do Ouvidor*. Op. Cit. Pp. 199-200.

³² Lara. “Tempo de crise”. In: *Jornal das Famílias*. Abril de 1873. P. 107.

fazer confundir pessoas imensamente diferentes. Mesmo porque nada valia mais, para esse amigo, do que a “experiência”. Nenhum caso contado ou história lida tinha o valor de viver e observar. Exemplo oferecido por ele é o fato de um livro que enfada na juventude poder ser lido com prazer aos quarenta anos de idade.³³ Com isso, ficava o convite aos leitores a irem eles mesmos à rua e observar os acontecimentos, participar da troca ministerial, das decisões relativas à guerra do Paraguai, entre outras questões cadentes ali discutidas. Porque era bem provável que, depois desse exercício, até a leitura daquele conto ganharia novo sentido. O ministério que caía e o ministro que ocupava o lugar vago, os olhos do operário para as vidraças, e tudo o mais não se resumiriam apenas a palavras perdidas entre modelos e ensinamentos domésticos. Ao contrário, passariam a compor a própria vida do leitor. Era convite à história que se refaz. Por mais que Machado de Assis tentasse trazer a rua do Ouvidor para as páginas do *Jornal das Famílias* – e isso ele fazia com maestria – ainda assim cada leitura dependeria da experiência dos leitores. Disso o literato tinha consciência, pois usava seus escritos como forma de despertar o leitor também para as transformações políticas e sociais, pelas quais passavam o país. Decisões tinham que ser tomadas na rua com a participação dos leitores. A idéia de *Lara* era a de levar as suas leitoras – entre essas algumas que na rua do Ouvidor voltavam o olhar para as modistas e lojas mais sofisticadas – para aquele lugar, onde todas as classes eram permitidas. De receptoras passivas, seriam transformadas em leitoras participantes não só do ato de escrever e ler histórias em revistas de moda e literatura, como também da organização da política cotidiana da cidade. Nada como observar a crise de perto. Escutar as falas divergentes, vivenciar novas idéias e refazer suas próprias opiniões.

No período imediatamente antecedente à publicação de “Tempo de crise”, crises políticas espalhavam-se por todos os cantos, e os leitores, assim como todos os moradores da cidade e do país, podiam viver experiências diferentes. Na década de 1860, em especial entre 1862 e 1868, várias crises ministeriais assolaram o Império.³⁴ Foram seis ministérios que

³³ Idem. P. 108.

³⁴ Em 1866, uma grave crise ministerial colocou o Imperador em situação complicada. O gabinete do marquês de Olinda pedia demissão e, apesar de saber da quase impossibilidade de contornar ou amenizar a questão, D. Pedro II tentou, de todas as maneiras, conservá-lo. Entretanto, depois que todos os ministros mandaram cartas declarando a intenção de se demitir, nada mais poderia ser feito. O ministério foi substituído, passando Zacarias a assumir a pasta da Fazenda, mas conservando Ferraz como ministro da Guerra. Contudo, o que vem marcar, de fato, uma ruptura na própria continuidade do sistema imperial é a demissão de Zacarias, em julho de 1868, e a

subiram e caíram.³⁵ Isso tudo enquanto o país tentava concentrar seus esforços na guerra com o Paraguai. Como um dos motivos da crise, apontado por aqueles que discutiam na rua do Ouvidor, era “uma questão da guerra”, e a dúvida de C. era se a demissão dos ministros seria aceita,³⁶ não resta dúvida de que Machado fazia clara referência à história recente. Para os leitores, seus contemporâneos, essa associação deveria ser imediata. Nesse sentido, a sua história serviu como fonte de instigação para o envolvimento dos leitores com a própria História. Ao trazer à tona evento que ainda permanecia fresco na memória de cada um que se aventurasse por aquelas páginas, fazia com que refletissem sobre tal organização política, sobre as trocas ministeriais e suas conseqüências para o país. Machado de Assis nesse conto parecia ter opinião interessante sobre essas mudanças ministeriais, sugerindo a forma que os gabinetes eram organizados nas ruas – ou na rua do Ouvidor. Cabe destaque para a falta de posicionamento daqueles que discutiam a crise. Todos diziam ser da oposição, e aqueles que tentavam defender a “vítima”, faziam “sem grande calor nem excessiva paixão”.³⁷ Esse tema também estava em “A parasita azul”.

O debate estava colocado nas ruas, e foi levado para as páginas do *Jornal das Famílias*, periódico de leitoras interessadas em fazer bom casamento, namorar, entre outros entretenimentos menos árduos. Se o que era publicado nessa revista tinha ligação direta com os interesses imediatos das leitoras, ao ler o conto de *Lara*, pode-se imaginar que existiam leitoras diferentes para essas mesmas páginas. Ou que mulheres que se preocupavam com dicas domésticas, culinária, moldes de vestidos e histórias de namoradeiras, também gostavam de discutir questões relacionadas aos ministérios e eleições, por exemplo. Além de gostar, entendiam e dialogavam com o literato que as disponibilizavam. E mais. Machado de Assis imaginava uma revista que circulava em toda a casa. Passava pelas mãos tanto das meninas loureiras, quanto das mães preocupadas com a formação de seus filhos e em como receber visitas em dia de festa. Por outro lado, era acessível também aos pais caturras e a todos aqueles que se interessavam por procurar na leitura espaço de discussão política. Cada um

subida de Itaboraí. Com a queda desse ministério e a ascensão dos conservadores, o país tenderia cada vez mais a instabilidade e a deterioração da monarquia, até ali vigente. Ver NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S. A., 1949. Volumes II e III.

³⁵ CARVALHO, José Murilo de. *Teatro de sombras: a política imperial*. São Paulo: Vértice, 1988.

³⁶ Lara. “Tempo de crise”. In: *Jornal das Famílias*. Abril de 1873. P. 109.

³⁷ Idem. P. 110.

daqueles contos e ensinamentos poderia ser lido por pessoas diferentes, tanto homens quanto mulheres, de várias idades e posições sociais.

Alguns entre os meus leitores mais céticos podem afirmar que essa era apenas uma história no meio de tantas outras tão distintas, pois nem mesmo *Lara* retomou essas questões. Entretanto o que parece é que Machado resolvera inserir linhas diferenciadas em suas histórias. Os debates da rua do Ouvidor não mais estariam restritos aos seus passantes, pois passariam a fazer parte também dos contos no *Jornal das Famílias*. Já que era para colocar a política Imperial em pauta, nada como trazer os panfletos que contestavam a família real, assim como as decisões do governo, para aquelas mesmas páginas. Depois da publicação de “O libelo do povo”, por Timandro – pseudônimo usado por Francisco Sales Torres Homem –, falta de espaço propício àquele tipo de impresso não poderia alegar o coronel Borges, personagem criado por *Job*, em “Valério”.³⁸ Publicado em 1849, o panfleto de Timandro contestava o governo de D. Pedro II, e, em especial, a Casa de Bragança. Entre admiradores de linhas como aquelas e defensores do governo Imperial, as opiniões foram diversificadas. Se no começo de sua carreira, Sales Torres Homem acusava o governo, muito rápido foi sua inserção naquele mesmo sistema, até como ministro. A sua relação com o Imperador foi alvo de muitos comentários à época, e seus discursos, como orador parlamentar, sempre articulados, foram questionados por seus adversários.³⁹ Ao contrário desse panfletista, o coronel Borges, quando publicou o seu *Abaixo as máscaras!*, em 1861, havia feito “papel de mudo” na câmara e rejeitado convite de amigos para participar de uma gazeta. Apesar disso, consta que a sua principal paixão era a política. Isto porque “a política era para ele o sol do mundo moral; quando a política desaparecesse, começaria a morte”.⁴⁰ O importante disso tudo é que ainda existiam pessoas que acreditavam que a morte do coronel seria anterior a da sua grande paixão. E *Job* ainda alertava seus leitores para questão importante:

Não nos enganemos, entretanto. A política do coronel não existe nos livros de Montesquieu nem Maquiavel; tinha outros códigos; a outras leis obedecia. A política do coronel começava no subdelegado e acabava no coronel. Uma remoção de comarca valia para ele um princípio. A guarda nacional e a política eram para ele de toda a opinião pública. Sorria com desdém

³⁸ Job. “Valério”. In: *Jornal das Famílias*. Dezembro de 1874 a março de 1875.

³⁹ MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. *Três panfletários do Segundo Reinado*. Op. Cit.

⁴⁰ Job. “Valério”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1875. P. 40.

quando lhe falavam de outras cousas que não fossem estas cousas práticas. Escudado no axioma que diz que a política é uma ciência de aplicação, o coronel tinha mais respeito a um juiz municipal que a um artigo de lei, por quanto a lei era o tema e o juiz municipal a imagem da aplicação.⁴¹

Com essa advertência aos leitores, ficava claro o entendimento que o coronel tinha sobre a sua grande paixão. Era algo localizado, e restrito a sua própria casa. Ao seu redor, estavam as pessoas com quem podia sempre contar, para fazer valer suas vontades. Em troca, oferecia certa proteção, tão almejada por aqueles tempos. A Guarda Nacional, que ele tanto estimava, podia ser considerada como imitação daquela sociedade tão hierarquizada.⁴² Os juizes municipais, também lembrados pelo personagem, dependiam, muitas vezes, de favores para ser transferidos ou mesmo mantidos em seus cargos, depois de cumpridos os mandatos.⁴³ Tudo isso era muito caro aos princípios do coronel Borges e tantos leitores com ideologias próximas. Por estar, de fato, acostumado com essas práticas, nem mesmo o panfleto, que naquele momento era sua grande realização, havia saído de sua pena. O verdadeiro escritor daquelas “duzentas páginas em que dizia cousas do arco-da-velha ao governo e ao país” era um sobrinho. Depois que um parente de sua esposa fora cortado do governo, o coronel resolveu fazer imprimir aquilo que considerava um grande acontecimento no meio literário. E por falta de conhecimentos gramaticais, encontrou ali mesmo em sua casa quem pudesse ocultar esse pequeno defeito. Coisa fácil de ser resolvida. Assim, o autor do panfleto era nada menos que um sobrinho que andava namorando Hélvia – filha do coronel. Entretanto, depois de alguns desentendimentos, esse parente acabou sendo, provisoriamente, substituído por Valério, que procurava “amizade” e “proteção”.⁴⁴

Valério havia nascido com a revolução de 1831. Nasceu mal. Em seus primeiros anos, contou apenas com os cuidados da mãe, que ao falecer o deixou debaixo da proteção de um

⁴¹ Idem. P. 39.

⁴² A Guarda Nacional foi criada pelos proprietários de terras, com o intuito de conter o exército, e distinguiu, por meio de seus cargos, as classes sociais, fazendo contrastar oficiais com soldados. Ver GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997. Pp. 48-51.

⁴³ Idem. Pp. 94-95.

⁴⁴ Discutindo algumas passagens encontradas em romances e alguns contos de Machado de Assis, Raymundo Faoro identificou essa mesma prática política exercida pelo coronel Borges. De acordo com o analista, em referência à organização de partidos e às eleições, havia nos escritos de Machado certa tendência a minimizar a participação popular, e vincular a luta pelo poder apenas a elite. FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Globo, 2001.

padrinho. Este ofereceu a ele, de boa vontade, os primeiros ensinamentos da língua. Como o menino mostrava interesse, o seu destino seria a faculdade de Direito. Para o seu azar esse primeiro protetor morreu, antes de cumprir com o prometido e, o que é pior, sem testamento. Largado na rua, teve que se contentar com o trabalho de escrevente de cartório e revisor de provas de tipografia. Porque mesmo sabendo alguma coisa da gramática, e tendo encontrado vaga em escola pública, não fora agraciado com o emprego, oferecido a quem havia escrito ao diretor: “*Não consta-me* que haja candidato sério ao lugar que vagou nessa escola. Desejava consultar V. Excia. *à respeito*”. Por certo, candidato sério à vaga era coisa complicada, já que a Valério faltava alguém que o indicasse; quanto ao concorrente carecia de conhecimento gramatical. Foi através do escrivão do cartório onde trabalhava que conheceu o coronel Borges, e a real necessidade de encontrar protetor. Convidado para jantar em casa do escrivão, em princípio tentou recusar motivado pela ausência absoluta de sapatos para a ocasião. A solução foi oferecida pelo próprio patrão por meio de adiantamento, que possibilitou comprar um par quase novo. Isto era o menos importante, pois o que valia era a oportunidade de conviver com outras pessoas e situações às quais não estava acostumado:

Sabem todos com que cara aparece um homem quando vai pela primeira vez *dans le monde*. O acanhamento é visível; não dá um passo que não olhe para todos; esconde-se voluntariamente e sempre que pode. Valério estava nessa situação, acrescentando que o seu vestuário aumentava o contraste da sua pessoa no meio da sociedade em que se achava. Não havia luxo nem elegância nas pessoas convidadas pelo escrivão; a reunião era familiar, e o escrivão não estava em grandes relações com Botafogo. Mas, apesar de tudo, havia entre a sociedade e Valério um abismo. O escrivão recebeu o rapaz com certa afabilidade de superior, que mostrava da parte do homem um vício de educação ou de caráter – porquanto o escrevente do cartório era um convidado de casa, e, como tal, estava nivelado com os outros. Nem o escrivão notava essa diferença, nem Valério deu por ela; o cumprimento do escrivão causou grande prazer ao rapaz, que já estava embaraçadíssimo quando se viu alvo dos olhares das moças e dos rapazes.⁴⁵

Valério não tinha noção desse comportamento de sala, usual em reuniões de sociedade. O cenário desenhado por *Job* é claro. Chega até mesmo a ser, em certo sentido, cômico.

⁴⁵ Job. “Valério”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1875. P. 371.

Talvez por possuir intenção de fazer lembrar aos leitores situações vividas por eles. Encontrar Valérios por aqueles tempos era missão das mais fáceis. Estavam lá, negociando seus espaços e contracenando com coronéis, na tentativa de fazer valer seus próprios desejos. Ainda no baile, em casa do escrivão, essa história de dependência e troca de favores alcançou seu ápice, deixando mais claro, para os leitores, o papel social daqueles personagens, bem como as intenções de seu escritor. Depois de passar toda a noite observando o baile, ao escutar o coronel fazer referência ao opúsculo, meteu-se na conversa, sem grande cerimônia, para desespero do escrivão. Como, da parte de Valério, apenas elogios foram feitos aos escritos, o desajeitado conviva foi tratado com amabilidade. Se para Valério a proteção de homem como aquele poderia ser benéfico, do outro lado, para o coronel, ter por perto um conhecedor da língua era do mesmo modo vantajoso. A partir daquele momento passaram a se relacionar de forma mais próxima. O primeiro passo foi um encontro marcado na casa do redator de *Abaixo as máscaras!* Para essa situação, Valério recebera dicas e conselhos do escrivão que afirmava ser o coronel “excelente homem e dotado de uma inteligência brilhante”.

O ingênuo Valério parecia mandado dos céus para ajudar ao seu protetor. Transformou-se em revisor do folheto, com autorização para fazer qualquer emenda. Depois que este fora impresso, a solicitude continuou: fazia o papel do “oráculo de Delfos do coronel”. Completando a situação, foi até mesmo o escolhido para escrever segundo opúsculo. Dessa vez, o pagamento por seus serviços parecia ser promessa mais real, mesmo sendo do conhecimento de todos a falta de intenção de fazê-lo. Até mesmo o protegido – por mais ingênuo que fosse ou quisesse transparecer – já havia compreendido a causa dessa amizade. O certo é que aquela família estava lucrando muito com a presença do revisor de provas. Para o coronel, “só um homem necessitado e discreto” poderia “substituir um parente amigo”. Além dele, até mesmo Hélvia contava com os seus préstimos. A menina era de uma beleza encantadora o que deixou o rapaz encantado. Chegou a imaginar que a moça nutria algum sentimento por ele. Enganara-se. E ainda serviu de cupido para ela. Transformou-se no responsável pela reaproximação do parente, apesar das resistências encontradas. O sobrinho acabara sendo acolhido novamente por sua prestigiada família, que deixou de necessitar do carente revisor. Dessa forma, quando a menina casou-se, o coronel estava com secretário à mão, disposto a ajudá-lo em seus assuntos políticos. Destituído de seu cargo, doente e precisando de ajuda financeira, só restou a Valério atirar-se ao mar. Afinal, se mesmo quando

precisava do revisor, o coronel fingia não reconhecer o protegido justamente na rua do Ouvidor – aquela que estava aberta a todas as classes – o que seria dele agora?

Ao escrever essa história, Machado convidava seus contemporâneos para discussão sobre determinadas práticas políticas vigentes à época. A leitura poderia variar de acordo com a experiência particular de cada leitor. Por isso personagens tão contrastantes, cenas que provocavam ou faziam rir, sem se esquecer de chamar seus leitores para a própria História. Ler também era forma de participar dessa mesma “História”. Era ato político, na medida em que re-significava o cotidiano vivido, abrindo possibilidades de discussões e de transformação do meio no qual estavam inseridos. Ali, sim, todas as classes eram permitidas, mesmo que cada uma interpretasse a sua forma o texto, passando por cima de detalhes percebidos por uns e negligenciados por outros. Assim, Valério e o coronel Borges devem ter sido compreendidos de maneiras distintas, pelos leitores de *Job*. Se muitos riram da ingenuidade daquele que procurava protetor, havia também quem percebia as intenções dele ao aproximar-se do coronel. O que valia era escrever histórias, até certo ponto, de acordo com as expectativas dos leitores, mas também com algo a mais que pudesse servir de estímulo a novas experiências.

É interessante encontrar essas histórias em periódico dedicado aos interesses das mulheres. O que pode levar a imaginar o quanto Machado de Assis conferia importância a esse público. São várias as maneiras utilizadas para aproximar-se das leitoras, desde usar de temas polêmicos à época, até construir personagens femininas que se interessavam em discutir questões relacionadas à política Imperial. Sara é personagem exemplar e sua história parece ter sido escrita especialmente para as leitoras, que são convidadas a ir com *J.J.* ao Rio Comprido, com a finalidade de conhecer a família da menina.⁴⁶ Filha de imigrante inglês que havia chegado ao Brasil em 1830, Sara nascera no Brasil, algum tempo depois, e contava naquele momento 22 anos. Apesar de “beleza incontestável”, conservava-se solteira. Por falta de pretendentes não era. Nem muito menos de dote, já que seu pai havia construído “brilhante carreira” no comércio local. Três frequentadores de sua casa, depois de combinar certo plano de disputa, pretendiam colocar fim a essa situação. As características desses conquistadores foram resumidas por *J.J.* já que, segundo o próprio narrador, dispensavam apresentações mais detalhadas, muito certamente por fazer parte do conhecimento da maioria das leitoras. Um

⁴⁶ J.J. “Uma águia sem asas”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro e outubro de 1872.

deles chamava-se Jorge e era “advogado principiante”, além de dispor de algum dinheiro do pai; o segundo era o Mateus, “comerciante, sócio de um tio que dirigia uma grande casa”; e o último, Andrade, “não era cousa nenhuma”, mas tinha algum dinheiro, o que o dispensava de praticar o ofício de médico no qual era formado, “por glória da ciência e sossego da humanidade”.⁴⁷ As intenções deles eram do conhecimento de Sara, mesmo sem existir quaisquer declarações, que poderiam ser dispensadas, “porque em geral a mulher sabe que é amada por um homem, antes mesmo que ele o perceba”.⁴⁸ Sara, de alguma forma, aproximava-se da maioria daquelas namoradeiras, muitas vezes presentes nas histórias do *Jornal das Famílias*. Tinha apenas um quê a mais. Era “mais irônica que sincera” e possuía algumas preferências especiais.

Os planos dos rapazes resumiam-se nisto: estudariam o caráter da menina e tentariam reproduzir aquilo que ela imaginava como homem perfeito para o casamento. Nenhum deles amava Sara, tendo objetivos diferentes com aquela união. Jorge queria casar-se para descansar; Andrade por curiosidade, afirmando que “uns dizem que o casamento é delicioso, outros que aborrecido; e todavia os casamentos não acabam nunca”; e Mateus nutria apenas certa simpatia pela moça, o que era diferente de amor. Tudo combinado partiram para o campo de batalha. O primeiro que pensou ter descoberto o ideal de Sara fora Jorge. Observou que a menina “lia muito e era entusiasta dos grandes nomes literários da época”. Sua leitura ia além das linhas, pois “discutia, criticava, analisava”, da mesma forma que a maioria das leitoras imaginadas para aquelas páginas. Dispensava apenas a poesia, pois acreditava que esta se encontrava acima de qualquer análise, “sente-se ou esquece-se”, dizia ela.⁴⁹ Passaram a conversar a partir daí sobre literatura, mas nada daquilo que o rapaz falava despertava algum sentimento mais profundo. Essa situação durou até certo dia, quando Jorge atreveu-se a escrever “carta ardente, poética, nebulosa, carta que nem um filósofo alemão chegaria a entender”.⁵⁰ Depois desta, estava definitivamente colocado para fora da disputa. Os outros dois persistiram. Mateus imaginara que o ideal da menina era homem que desse “sinais de bravura”. Sua campanha foi bastante curta. Restava apenas Andrade. Este, atento a tudo, descobriu que Sara não dava muita atenção à conversa geral da maioria das moças de sua

⁴⁷ J.J. “Uma águia sem asas”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1872. P. 276.

⁴⁸ Idem.

⁴⁹ Idem. P. 280.

⁵⁰ J.J. “Uma águia sem asas”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1872. P. 298.

vizinhança, como as modas; mas que ao se falar sobre ministério que havia caído, sua reação era imediata. Percebeu o rapaz que ela ouvira certa notícia com “atenção profunda demais para o seu sexo, e depois ficara algum tanto pensativa”. Logo depois a surpreendeu lendo livro sobre uma história de Catarina de Médices. Decidido a acabar com todas as dúvidas, mandou a casa dela convites à peça *Pedro*.⁵¹ O entusiasmo de Sara foi tamanho que a conclusão poderia ser feita, sem medo de errar: “Miss Hope era ambiciosa”. Desejava o poder encontrado apenas no exercício da política. A menina dispensava qualquer fragilidade considerada feminina, e nem mesmo medo sentia. Para conquistar seu coração, era necessário muito “entusiasmo”.

Usando de toda sua habilidade, Andrade conseguiu casar-se com Sara. Mudaram-se para “casa poética e romanesca em Andaraí”. Andrade estava feliz, mas sua esposa foi rápida e logo notou que “a política e todas as grandezas do Estado aborreciam sobremaneira o marido. Lia alguns romances, alguns versos, e nada mais aquele homem que pouco antes de casar parecia destinado a mudar a face do globo. Política era para ele sinônimo de dormideiras”.⁵² Mesmo percebendo essa característica, era tarde demais. Restava a ela conformar-se com o novo estado. Para concluir, apesar da incerteza sobre o que a leitora acharia, J.J. fez com que sua personagem “vertesse alguma lágrima”. “Uma pelas ambições abatidas e desfeitas” e a outra “pelo erro que estivera até então”. Apesar de tudo, o coração da menina dizia que “a verdadeira felicidade de uma mulher está na paz doméstica”.⁵³ Talvez esse epílogo tenha decepcionado às leitoras que estavam gostando dos ideais políticos da personagem. A frase final parecia muito mais de acordo com aquilo que afirmavam alguns dos colaboradores do periódico e abria o conto para outras leituras. Destoava da história como um todo, mas a deixava mais próxima da revista e da ideologia à época, reafirmando a necessidade de manter as mulheres dentro da casa, criando para elas até mesmo alguns espaços e funções.⁵⁴ Para consolo de Sara e das leitoras decepcionadas, aquelas mesmas páginas mostravam que o exercício da política não estava apenas fora do alcance das

⁵¹ Idem. P. 300-301. Em 1º de janeiro de 1860, Machado publicava uma crítica sobre a peça *Pedro*, de Mendes Leal Júnior, que havia estreado no teatro de São Januário. A atenção e os comentários elogiosos do crítico voltavam-se, em especial, para a “tendência liberal que têm tomado recentemente os vultos da nova literatura”. Obras Completas de Machado de Assis. Crítica teatral. Pp. 139-143.

⁵² J.J. “Uma águia sem asas”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1872. P. 303.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Sobre os espaços criados para as mulheres dentro da casa, no século XIX, ver D’INCAO, Maria Ângela. “Mulher e família burguesa”. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

mulheres. Estas, de fato, não podiam votar e, nem muito menos, candidatar-se a cargos políticos. Esta era a ambição da personagem, mesmo que fosse por meio de seu marido. De modo diferente, de dentro da família e, principalmente, como leitoras do *Jornal das Famílias*, podiam interferir em várias discussões. Usando das idéias apreendidas com a leitura, podiam conversar com outras mulheres e mesmo com homens de maneira interessada. Transformavam a leitura individual em ato político. Afinal, eram as perspicazes leitoras de Machado de Assis, aquelas que mais do que ninguém compreendiam o texto lido. Se compreendiam, era porque tinham alguma experiência e demonstravam interesse pelas linhas disponibilizadas pelos diversos colaboradores.

Contrastando com a impossibilidade de Sara alcançar vãos mais altos, José Cândido, em “Um ambicioso”, possuía certa paixão pela política.⁵⁵ Contudo, seu caso era diferente. Sua paixão era eleitoral. Além do mais, esse personagem, contrário a Sara, era “mediano em tudo, exceto na inteligência, que era ínfima”. Filho de comerciante viúvo, que possuía “casa de louça, e uns cinco prédios: trinta contos ao todo”,⁵⁶ José Cândido, nos últimos tempos, ambicionava ser eleitor. Tinha a paixão eleitoral, “era um cabalista de primeira força”. Adorava as eleições, as dissoluções de Câmara, “era exímio no meio de angariar votos contrários, em trocar cédulas, preparar fósforos, reunir invisíveis”.⁵⁷ Enfim, conhecia muito bem a organização eleitoral por aqueles tempos. Entretanto, é bom ficar claro que o seu interesse pela política não era manifestado da mesma forma que acontecia na personagem de “Uma águia sem asas”, que se entusiasmava com peças de tendência liberal:

Não lhe perguntassem qual era o seu partido; ele era do partido do capitão. Houve um tempo em que o capitão entendeu conveniente fazer uma viravolta; José Cândido não se alterou; ficou no mesmo lugar; ficou fiel ao capitão. Este era a sua bandeira, programa, sistema. Suas idéias, princípios, simpatias, eram as simpatias, princípios e idéias do capitão, fora dele era tudo abominável. E o capitão sabia de que força era o seu correligionário. Quis um dia arranjar-lhe uma patente de alferes, na guarda nacional, e ele recusou, com uma abnegação romana. José Cândido era desinteressado, puro, incorruptível.⁵⁸

⁵⁵ Machado de Assis. “Um ambicioso”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1877 a janeiro de 1878.

⁵⁶ Machado de Assis. “Um ambicioso”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1877. Pp. 326-327.

⁵⁷ Idem. Pp. 331-332.

⁵⁸ Idem. P. 332

Essa passagem é contundente. A relação estabelecida entre o personagem e o capitão era claro exemplo do funcionamento das eleições no Brasil até 1881. Um líder local que congregava várias pessoas trabalhando em troca de favores, como por exemplo “uma patente de alferes”. O papel exercido por José Cândido, e tantos outros semelhantes a ele, era de fundamental importância no desenrolar dessas eleições. Valia a pena despende tratamento especial, e calculado, na medida certa. A voz do coronel era “doce a mais não poder”, ao recebê-lo em casa. Ainda mais que as notícias levadas eram sempre as mais agradáveis possíveis. Eram o barbeiro e o oficial, todos seus vizinhos, que diziam votar com eles. Promessas recebidas com “riso franco, amigável, paternal”. Esse tempo estava perto de chegar ao fim. Pois o “desinteressado”, José Cândido, passou a ter a ambição de ser eleitor. Estava tão determinado que chegou a ponto de romper com o pai e a namorada. Quem primeiro notou que algo de estranho pairava sobre o espírito dele foi o próprio pai. Suspeitou que o rapaz andava apaixonado por “alguma avoadá”. Por falta de meios para obter essa certeza, passou a tarefa para uma prima, em troca de açucareiro e bule quase perfeito, com apenas “um pequeno defeito na asa”.

A Sra. D. Inácia além de prima do pai de José Cândido era também a mãe da menina por quem o rapaz nutria certo sentimento. Esse namoro agradava muito àquela velha senhora, que via em seu horizonte a possibilidade de renovar todas as suas peças de cozinha. José Cândido imaginava que ela, assim como todas as mulheres nada sabiam ou entendiam de “negócios públicos”, e preferiam falar sobre “linhas e alfinetes”. Contudo, contar os seus segredos à D. Inácia representava a possibilidade de “ter alguém que, ao pé do pai, abrisse caminho ao pedido dos quatro ou seis contos de réis precisos para o cofre dos candidatos”. Ao saber o que o sobrinho escondia, aquela senhora que, para alguns assuntos, parecia ser “pouco mais inteligente do que os seus sapatos”, fez acreditar que de tudo tinha entendido, e ainda colocou o nome de sua filha no meio da conversa, para que o namoro dos dois fosse confirmado mais depressa. Obter o dinheiro parecia ser a parte mais complicada. Pensamento logo desfeito. O pai primeiro negou, para depois se mostrar interessado naquilo que poderia significar o fato de ter um filho eleitor. Foi com a imaginação nessas grandezas políticas, e no

provável retorno financeiro, que resolvera oferecer o dinheiro ao filho.⁵⁹ Com aquela quantia nas mãos, e conhecedor da amizade oferecida pelo capitão, José Cândido não supôs que o empecilho para a sua candidatura viria do “partido”. Para que essa decisão fosse transmitida ao fiel correligionário, o capitão “havia preparado cara análoga ao ato”. As muitas desculpas e promessa para as próximas eleições foram insuficientes para convencer José Cândido que já se considerava eleitor. O cenário havia mudado.

Por aqueles tempos, quando o conto havia saído no *Jornal das Famílias*, as eleições eram realizadas de forma indireta. Primeiro os votantes escolhiam os eleitores, e estes elegiam os deputados. Richard Graham, ao estudar o processo eleitoral no Brasil do século XIX, chegou a conclusão de que aquilo era um verdadeiro teatro.⁶⁰ O palco estava nas igrejas paroquiais, e havia público considerável. O número de participantes era muito grande, o que justificava sua realização, daquela forma. Começavam aos domingos, e todos apareciam devidamente vestidos para a ocasião, de acordo com a classe a qual pertenciam. Além disso, mesmo os isentos de voto, como as mulheres, tinham papel reservado. Muitas delas eram responsáveis por costurar os trajes dos atores principais, propiciando certo envolvimento no processo, assim como D. Inácia que, apesar de nada entender sobre o assunto, foi quem conseguiu o dinheiro para a campanha do sobrinho. Discussões em torno da validade de eleições assim realizadas multiplicavam-se. Em 1868, José de Alencar, ao publicar seu *Systema Representativo*, mostrava-se muito preocupado.⁶¹ Afirmava ser o voto mais que “um direito político”, mas “uma fração da soberania, nacional”.⁶² Sobre as eleições indiretas, fazia crítica severa ao modo como eram escolhidos os votantes:

(...) são os chefes da localidade que arrebanham às turbas para qualificá-las conforme lhes são ou não favoráveis. Entre eles que tem dinheiro a gastar se estabelece a luta; o povo, matéria bruta para eleição, deixa que os fabricantes de deputados o preparem convenientemente para as urnas. Desta forma o cidadão pobre penhora seu voto a quem despende para dar-lhe o título de votante; a dignidade e independência eleitoral não pode existir nas massas.⁶³

⁵⁹ Machado de Assis. “Um ambicioso”. In: *Jornal das Famílias*. Dezembro de 1877. Pp. 356-357.

⁶⁰ GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Op. Cit.

⁶¹ ALENCAR, José de. *O Systema Representativo*. Brasília: Senado Federal, 1996.

⁶² Idem. P. 75.

⁶³ Idem. P. 96.

Era a mesma prática, que, anos depois, fora denunciada por Machado de Assis, em “Um ambicioso”.⁶⁴ José Cândido, em sua vizinhança, angariava pessoas que pudessem votar com ele e o coronel. Para obter sucesso, era necessário além de dinheiro, prestígio. Apesar de conhecer tão bem a forma como os votantes escolhiam seus representantes, e mesmo depois de algum tempo, o personagem não conseguia explicar e, portanto, entender apenas uma coisa: “Por que razão (...) eu, que ajudei a outros a vencer, não pude vencer naquele dia”.⁶⁵ Passado algum tempo, os 37 votos obtidos já não causavam mais vergonha. Pelo contrário, “falava dele com certa fatuidade”. Orgulhava-se pelo fato de ter podido participar daquele processo eleitoral. Assim, partiu para a disputa e conseguiu algum dinheiro que seria gasto com a campanha. Foram quatro contos empenhados em “jantares, charutos, paletós, empréstimos, pagamento de dívidas” e algumas mofinas. “Tudo com o objetivo de arrebanhar às turbas”, além de “derrotar pessoalmente o capitão”. Não foi possível chegar muito longe. Pois, logo o capitão “arranjara no bairro um rival de José Cândido, e mandara-o contraminar o trabalho deste, não por medo de que a candidatura vencesse, mas para não perder alguns votos, que dariam mais força à vitória da chapa”.⁶⁶ O que importa é o quanto José Cândido acreditava na ideologia da qual fazia parte. Pensava poder vencer, mesmo conhecendo os mecanismos eleitorais por aqueles tempos. Enquanto para Machado de Assis, que assinava o conto, era muito clara a relação entre o coronel e seus protegidos; para José Cândido, personagem do conto, as eleições indiretas, como eram realizadas, podiam proporcionar a ele a possibilidade de ser eleito, mesmo sem a ajuda de pessoas mais influentes. Não era apenas um teatro para confirmar o resultado já esperado.

Ao contar essa história, Machado de Assis desejava passar uma mensagem aos seus leitores. Tinha objetivo político definido, tocando em questão tão calorosamente discutida.⁶⁷ Esse conto é tentativa de questionar o processo eleitoral, oferecendo vida e graça a

⁶⁴ Sobre as discussões feitas tanto por José de Alencar, quanto por Machado de Assis a respeito da reforma eleitoral, ver CANO, Jefferson. Op. Cit. Pp. 280-296.

⁶⁵ Machado de Assis. “Um ambicioso”. In: *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1878. P. 10.

⁶⁶ Idem. P. 7.

⁶⁷ Além de José de Alencar, merecem destaque os comentários encontrados em SOUZA, Francisco Belizário Soares de. *O Sistema Eleitoral no Império*. Brasília: Senado Federal, 1979. Livro publicado em 1872, portanto, período anterior à publicação de “Um ambicioso”, no *Jornal das Famílias*, discute, entre outras questões, a importância de uma reforma eleitoral. Aponta todos os problemas do sistema parlamentar na eleição dos eleitores. Para o autor, era ali que estava “a principal causa da intervenção do governo, dos abusos das autoridades locais, das violências, das fraudes, da desmoralização e finalmente da descrença política”. (p. 24)

personagens, que concentravam esperanças e motivação em eleições, com sentidos diversos para cada um dos participantes. Sugeriu a necessidade de fazer algo para mudar tal realidade. A solução, pensada por ele, não estava em excluir as “massas”, como afirmava José de Alencar, entre outros conservadores. O autor de “Um ambicioso” centrava sua argumentação menos na forma como os “votantes” prejudicavam o andamento do processo eleitoral, e mais na maneira como os participantes diretos ou indiretos se envolviam com a escolha de seus representantes. Com isso, desvendou a importância de ser eleitor para o pai de José Cândido e sua família, para o próprio José Cândido, para o coronel, e para tantos leitores semelhantes aos seus personagens. Ao colocar essa visão enfatizou o quão desiguais eram as relações de classe na realização de tal ato, no período em que escrevia. Sua principal intenção era, provavelmente, a de demonstrar a importância para essas pessoas, sejam elas consideradas “massas” ou “turbas”, de participar da escolha de seus representantes. A solução, para o literato, não estava em excluir esses votantes, mas em pensar em maneiras mais justas e eficazes de incluir José Cândido, entre outros, na realização das eleições. Discutia os mais diversos interesses sociais, ao mesmo tempo em que vivia, juntamente com os seus leitores, as discussões de parlamentares. Assim, envolvia-se com questões ligadas à política Imperial.⁶⁸

O objetivo central deste capítulo é o de tentar compreender como que a política imperial fazia parte das leituras disponibilizadas por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*. Até aqui, os contos descritos e analisados jogaram luz em determinada classe dominante que pensava poder manipular e moldar o pensamento de seus dependentes. O literato certamente fez com que alguns de seus leitores acreditassem que capitães ou coronéis eram, de fato, os únicos responsáveis pelo desenrolar daquela política. Talvez porque esses leitores estavam tão próximos desses personagens, que nem conseguiam perceber o quanto de crítica havia em tais escritos. Então, o povo que ia assistir à coroação do imperador do Divino, os Valérios em busca de proteção, os José Cândido que trabalhavam para angariar votos junto aos vizinhos, e os votantes foram delineados como ingênuos e passivos diante do processo político que caminhava à revelia de suas vontades. Essa era a visão senhorial e de parte daqueles leitores, com certeza. Por isso a lente de aumento está direcionada muito mais para as

⁶⁸ Para uma análise historiográfica sobre as eleições no Império, além de Richard Graham, ver CARVALHO, José Murilo de. *O teatro de sombras*. Op. Cit. Ver, em especial, o capítulo 5 – Eleições e partidos: o erro de sintaxe política.

ações de parasitas, coronéis que não sabiam escrever e capitães que precisavam manter pessoas trabalhando por eles para aumentar seu prestígio.

Outra característica relevante encontrada nessas histórias é o sentido de política oferecido por cada um desses personagens. Para os pais desses “parasitas”, o exercício da política estava diretamente relacionado a certa compensação por perdas por causa da idade que avançava. Quando já não fosse mais possível andar sem preocupações pelas ruas, frequentar os lugares mais badalados da rua do Ouvidor, ou continuar viajando eternamente pela Europa, um cargo como o de deputado provincial ou, quem sabe, até mesmo de ministro ajudaria a aplacar a falta de animação do dia a dia. Significava também forma de alcançar prestígio para toda a família, além, é claro, de algum retorno financeiro. Para os grandes representantes dessa prática política, ou seja, para os capitães e coronéis, a política era algo restrito ao meio geográfico, às suas relações, à troca de favores e proteção. Era preciso, portanto, representar muito bem. Saber usar a voz, as palavras, entre outros tratamentos mais adequados, de acordo com cada situação. Esse foi um dos pontos que Machado mais chamou a atenção, quando escreveu tais histórias.

Junto a isso estava lá o convite para viver a experiência de participar do movimento político indo à rua do Ouvidor. Com atenção redobrada para a história recente, com trocas ministeriais e discussões em torno do processo eleitoral. O sentido de colocar essas questões em seus contos pode ser entendido como o de fazer de sua literatura fonte de instigação. A partir disso ele leu juntamente com seus leitores muitos dos principais acontecimentos pelos quais o país passava. Colocou-se como crítico arguto de temas que poderiam mudar até mesmo a direção que o país tomava, levando seus leitores a refletir ao seu lado. Além disso, fez o papel de provocador. Seus personagens acreditavam que às mulheres estava mesmo reservado o espaço de dentro da casa. E que por isso não entendiam e nem se interessavam por discussões relacionadas à vida pública. Entretanto, como leitoras daquelas linhas, elas puderam, mesmo que indiretamente, atuar nesse cenário. Isso porque foram questionadas e chamadas para refazer suas próprias idéias. Sentido reforçado com personagens como D. Inácia, de “Um ambicioso”, que foi essencial para que José Cândido conseguisse junto ao pai dele dinheiro para sua campanha. Não participaram de trocas ministeriais, como gostaria Sara, mas tiveram a possibilidade de ler histórias que não as aconselhavam apenas a ficar quietas e

cuidar do lar, ou do futuro do país, por meio da criação de seus filhos. Muito pelo contrário, esses textos, possivelmente, agiram como convites à História.

Por fim, vale a pena lembrar qual era o público almejado pelo *Jornal das Famílias*. Se levássemos em consideração apenas os contos protagonizados por loureiras e por *dândis* conquistadores, chegaríamos a conclusão de que esse periódico fora pensado apenas para a juventude bem de vida e casamenteira da corte do século XIX. Certamente esses formavam parcela considerável dentre aqueles leitores. Mas é possível que não tenham sido os únicos para quem Machado de Assis escreveu. Para reforçar essa idéia, sabemos que havia mais de uma leitura para essas mesmas histórias. Ainda mais, levando-se em consideração o quanto que tais personagens, representantes dessa classe senhorial, foram caricaturados. Isso, talvez, indique que alguns leitores mais perspicazes viram e leram para além dessa superfície galhofeira de Machado. Para entender melhor as leituras possíveis a essas linhas, o melhor mesmo talvez seja observar mais de perto algumas personagens que mais do que ninguém conheciam as artes da dissimulação.

3. As artes da dissimulação

A história conhece um tipo da dissimulação, que resume todos os outros, como a mais alta expressão de todos: – é Tibério. Mas nem esse chegaria a vencer a dissimulação dos tibérios femininos, armados de olhos e sorrisos capazes de frustrar os planos mais bem combinados e enfraquecer as vontades mais resolutas. (*Job*, “Cinco mulheres”, 1865).

Machado de Assis desde suas primeiras contribuições para o *Jornal das Famílias* ofereceu tratamento particular a um tipo de personagem que ao longo dos anos tornou-se sua maior especialidade. A criação de personagens femininas que sabiam usar de outros recursos, que não o enfrentamento direto, para alcançar seus objetivos, pode ser encontrada em várias de

suas páginas. Desde seus clássicos romances tão bem analisados,⁶⁹ nesse sentido, quanto em suas primeiras histórias, escritas para o público feminino. São mulheres armadas de “olhos e sorrisos capazes de frustrar os planos mais bem combinados e enfraquecer as vontades mais resolutas”, como definiu *Job*. Entretanto, se esses não eram enfrentamentos diretos, também não poderiam ser compreendidos por quaisquer leitores. Compõem histórias escritas para público específico, mesmo dentro das “gentis leitoras”, assinantes do periódico. Isso quer dizer que as diferentes artimanhas usadas pelas personagens de Machado eram entendidas de maneira particular por cada uma de suas leitoras. Há nesses textos espaços de compreensão para leitoras de classes e experiências sociais diversas, dentre essas algumas mais e outras menos perspicazes, como Machado gostava de defini-las. Claro que a leitura de maneira alguma se restringe àquilo que o autor imagina, e disso sabia Machado de Assis, que usou dessa possibilidade como forma de garantir que o diálogo com as leitoras fosse além de suas expectativas, o que fez com que ele mesmo aprendesse algo.

Enquanto em algumas histórias os “tibérios femininos” são de difícil apreensão, ou pelo menos o são passados tantos anos de publicação, em outras o tom chega a ser claramente abusivo. “Miloca”, assinado por J.J., e publicado no *Jornal das Famílias* entre novembro de 1874 e fevereiro de 1875, está entre aquelas em que o autor mais brincou com a possibilidade de demonstrar os antagonismos de classe, para além do seu próprio escrito.⁷⁰ Nessas páginas, em especial, cenas, personagens e diálogos poderiam ser facilmente interpretados de formas diversificadas, de acordo com cada leitura e leitor. Algumas dessas maneiras de ler o texto foram delimitadas pelo próprio Machado de Assis, conforme veremos a seguir. Primeiro a descrição da família da menina. Miloca era órfã de mãe, e fora criada pelo pai, Rodrigo, que,

⁶⁹ A bibliografia que trata das personagens femininas em Machado de Assis é prioritariamente referente aos seus romances. Algumas dessas análises pensam especialmente na personagem feminina dentro do romance machadiano como ponto central para compreender a história narrada. Neste sentido, destacam-se STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1984; XAVIER, Therezinha Mucci. *A personagem feminina no romance de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Presença, 1986; RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói, RJ: EDUFF, 1996. Entretanto, as melhores análises estão mesmo em pesquisas que não se centraram na questão feminina dentro da obra, mas que não deixaram de estudar essa característica fundamental, como os livros de John Gledson, Roberto Schwarz e Sidney Chalhoub. De esses autores ver: GLEDSON, John. *Machado de Assis: impostura e realismo: uma interpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991 e *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986. SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1981; *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990 e *Dois meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997 e CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. Op. Cit.

⁷⁰ J.J. “Miloca”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1874 a fevereiro de 1875.

se já havia sido proprietário de armário “afreguesado”, no tempo em que se passava a história não podia mais contar com essa distinção, por não ter como competir com estabelecimentos mais modernos criados à época. Pai e filha moravam na Cidade Nova com uma parenta. D. Pulquéria da Assunção era viúva e cunhada de Rodrigo. Era senhora de seus sessenta anos que fora casada com um capitão de cavalaria morto em Monte Caseros. Quando resolveu ir morar com o cunhado, foi uma grande alegria. Isto por causa da menina, que precisava de alguém que pudesse fazer o papel de mãe. Ainda mais para Miloca que possuía idéias de compreensão tão complicadas. Com dezessete anos, ela começou a demonstrar alguma beleza natural que aos quinze ninguém suspeitaria. Entretanto, “não tinha (...) a viveza das moças da sua idade; era séria e empertigada demais”. Os rapazes admiravam as suas qualidades, enquanto as outras moças “puseram-lhe a alcunha de *Pescoço de pau*”, pois, quando saía não olhava para ninguém, por considerar o ambiente em que vivia inferior às suas vistas.⁷¹

Tudo corria bem naquela família. A grande preocupação de D. Pulquéria era apenas com “a altivez singular” de sua sobrinha. Ainda assim a perdoava, pois no resto era um modelo. Por esses tempos, foi à procura de Rodrigo, um rapaz chamado Adolfo que se dizia apaixonado, mas sem coragem para confessar o sentimento à amada. Fora imediatamente recusado pelo pai de Miloca, mas, como D. Pulquéria enxergava muito além do cunhado, discordou dessa atitude, pensando que talvez aquele poderia ser um excelente esposo para a sobrinha. Argumentava que Miloca era “uma rapariga muito metida consigo. Pode ser que não ache casamento tão cedo, e nós não havemos de viver sempre. Quer você que ela fique sem proteção no mundo?”⁷² Bem pensado, a mulher até poderia ter razão. Partindo dessas indicações, o candidato a sogro buscou informações sobre Adolfo. Descobriu que o rapaz era tudo o que um pai poderia querer para sua filha: “As informações foram excelentes. Adolfo gozava de excelente reputação; era econômico, morigerado, laborioso, a pérola da repartição, o beijinho dos superiores. Nem com uma lanterna se encontraria marido daquela qualidade, tão à mão”.⁷³ Decididamente D. Pulquéria era mais versada nesses assuntos do que o cunhado, e estava determinada a fazer alguma coisa para ajudar à “Providência Divina”. Essa senhora

⁷¹ J.J. “Miloca”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1874. Pp. 338-339.

⁷² Idem. P. 339-341.

⁷³ Idem. P. 341.

confiava muito mais em seus próprios meios do que em acasos ou ajudas vindas do céu. Logo colocou em ação um de seus planos. Sua idéia consistia em fazer com que o rapaz freqüentasse a casa deles. Nisto foi auxiliada por um acidente sofrido por sua família, quando retornavam da apresentação de uma “peça da moda”.⁷⁴ Neste ponto quem se divertia com os leitores era o narrador, pois, assim que o carro tombou, quem estava lá para socorrê-los era justamente Adolfo. Segundo *J.J.*, dizer isto “seria supor que os leitores nunca leram romances”.⁷⁵ Ainda assim ficou dito. E mais, agora havia algum motivo para transformá-lo em freqüentador da casa e possível namorado de Miloca. Calculava D. Pulquéria, mesmo que a sobrinha não ajudasse muito:

D. Pulquéria recebeu o pretendente com aquelas carícias que as velhas de bom coração costumam ter. Rodrigo desfez-se em solícitos cumprimentos. Só Miloca parecia indiferente. Estendeu-lhe a ponta dos dedos, e nem olhou para ele enquanto o mísero namorado murmurou algumas palavras relativas ao desastre. O intróito foi mau. D. Pulquéria percebeu isso, e tratou de animar o rapaz, falando-lhe com animada familiaridade.⁷⁶

A tia se desdobrava para convencê-la de que Adolfo era boa escolha. Miloca pensava diferente – “Adolfo, um pé rapado...”. Apesar de pobre, equilibrando-se com uma renda minguada, a menina imaginava encontrar no casamento solução para os seus problemas financeiros. Jamais se casaria com Adolfo ou outro qualquer de mesma situação social. Mesmo que o pai e a tia tentassem fazer com que ela notasse que seu nascimento também não era “tão brilhante que pudesse ostentar tamanho orgulho”, ainda assim fingia não compreender. Pensava ter outras maneiras para alcançar seus objetivos, pois havia freqüentado como pensionista um colégio, onde “ficou em contato com as filhas das mais elevadas senhoras da capital”. Visitava a casa de algumas delas e podia ser que dessa forma encontrasse casamento mais de acordo com seus princípios. Além disso, contava com qualidade extremamente importante em pessoas de sua classe social. Como afirmava *J.J.*, “Miloca

⁷⁴ Idem. P. 342.

⁷⁵ *J.J.* “Miloca”. In: *Jornal das Famílias*. Dezembro de 1874. P. 354.

⁷⁶ Idem. P. 355-356.

possuía essa qualidade excepcional de ver sem olhar”.⁷⁷ Foi assim que soube, antes de todos, do amor de Adolfo, e pretendia entrar para alguma família abastada.

Miloca e D. Pulquéria, ao contrário de Rodrigo e Adolfo, sabiam manipular as situações a fim de conquistar seus desejos. “O amor vem com o tempo”, afirmava D. Pulquéria, que tinha consciência do quanto era importante para a sobrinha ter alguém que a protegesse. A menina olhava para cima, e queria casamento mais vantajoso. Foi hostil com Adolfo, sem ceder em nenhum momento. Mal podia imaginar que dias piores ainda estavam por vir. Não tão ruins, se aquela história fosse realidade, objetava *J.J.* Isto porque “geralmente os dramas da vida humana são mais toleráveis no papel que na realidade”. Para o leitor, o melhor era ler e tentar apreender alguma coisa, pois essa era muito mais que uma daquelas histórias, que alguns estavam tão acostumados a ponto de prever o aparecimento de Adolfo, sem ser preciso enunciá-lo. Na história de Miloca, foi preciso gastar muito papel e tinta para narrar as desventuras da menina que pensava poder jogar com armas diferentes. Foi mesmo preciso fazer com que D. Pulquéria e Rodrigo morressem. É difícil de imaginar, mas Miloca fora, a partir desse momento, obrigada a aceitar favores. E o pior, o oferecimento havia partido de uma “família da vizinhança”. A sua única possibilidade era a de aceitar de bom grado a oferta, até que pudesse encontrar maneira mais aprazível para sobreviver:

Não tinha muito que escolher. Só uma carreira lhe estava aberta: a do professorado. A moça resolveu-se a ir ensinar em algum colégio. Custava-lhe isto o orgulho, e era com certeza a morte de suas esperanças aristocráticas. Mas segundo ela disse a si mesma, era isso menos humilhante do que comer as sopas alheias. Verdade é que as sopas eram servidas em pratos modestos...⁷⁸

Essa a nova posição de Miloca. Sozinha e sendo obrigada a se contentar com “as sopas alheias”. Além do mais, se fossem servidas em pratos mais aristocráticos, talvez fosse mais fácil de aceitar, e até mesmo, quem sabe, retomar seus cálculos de se casar com algum herdeiro. Nem tudo estava perdido. Quando freqüentava o colégio, a menina soube fazer amizades, que pudessem socorrê-la, em situação como aquela. Nisso, “um anjo enviado do

⁷⁷ *J.J.* “Miloca”. In: *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1875. P. 2.

⁷⁸ *Idem*. P. 6.

céu” apareceu para restituí-la ao lugar de onde pensava pertencer. Leopoldina entrou na história “como um *deus ex-machina*”. As duas eram puro contraste:

Leopoldina era o contraste de Miloca; tanto uma tinha de altiva, imperiosa e seca, quanto a outra de dócil, singela e extremamente afável. E não era esta a única diferença. Miloca era sem dúvida uma moça distinta; mas era mister estar só. A sua distinção precisava não ser comparada com outra. Nesse terreno também Leopoldina lhe levava muita vantagem. Tinha uma distinção mais própria, mais natural, mais inconsciente. Onde porém Miloca lhe levava a melhor era nos dotes físicos, o que não quer dizer que Leopoldina não fosse bela.⁷⁹

Em suma, temos agora dois pólos opostos. Leopoldina possuía características adquiridas por meio de seu nascimento. Tudo nela era “mais natural”. Enquanto em Miloca, tudo era pura dissimulação, consciente de seus atos, palavras e gestos. Sua subordinação era irreal. Embora tenha aceitado a hospitalidade da amiga, “doía-lhe a posição dependente em que se achava”. Leopoldina também era habilidosa, e “empregou todos os esforços para disfarçar a aspereza das circunstâncias, colocando-a na posição de pessoa da família”.⁸⁰ Cada uma tinha familiaridade com os seus próprios discursos, sabiam em quais lugares queriam chegar. Importava muito mais a *J.J.* discutir a situação de Miloca. Esta parecia ter conquistado seus objetivos. Agora fazia parte daquele círculo de pessoas que tanto sonhava. “Já não via todas as tardes o modesto boticário da esquina ir jogar o gamão com o pai; não suportava as histórias devotas de D. Pulquéria; não via à mesa uma velha doceira amiga de sua casa; nem parava à porta do armarinho quando voltava da missa aos domingos”.⁸¹ Eram outros os costumes. Mesmo assim ainda era apenas uma agregada da casa, nada mais. De acordo com seus planos, aquela situação tinha que ser provisória. O único caminho era mesmo fazer bom casamento, isso é, com vantagens financeiras. Mas como alcançá-lo, se seus pretendentes também desejavam o mesmo e ela não tinha vintém? Miloca parecia mesmo presa à sua situação social. No desfecho desse conto, Adolfo reaparece muito rico. Havia recebido, como de costume, uma herança, e se transformado em “um amável vadio”. Restava a ela tentar reconquistá-lo, e mais rápido do que se podia imaginar, estavam trocando cartas. Neste

⁷⁹ Idem.

⁸⁰ J.J. “Miloca”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1875. P. 33.

⁸¹ Idem.

aspecto, as táticas usadas pelo casal eram corriqueiras. Sobre suas correspondências, *J.J.* afirmava que, “qualquer das minhas leitoras (sem ofensa de ninguém), conhece mais ou menos o que se diz nesse gênero de literatura”.⁸² Dispensava os exemplos, para ser compreendido. Miloca estava agora muito perto de realizar sua tão almejada união. Isto o que todos acreditavam, tanto os personagens do conto, quanto as leitoras imaginadas. Para surpresa de alguns, a menina fugiu com Adolfo, sem se casar, e depois de algum tempo foi abandonada por ele.

Retomando o conto desde seu primeiro mês de publicação no *Jornal das Famílias*, podemos pensar melhor em suas leituras suscitadas. Em novembro de 1874, sua publicação aconteceu ao lado do último mês de um conto de *Lara*, “Muitos anos depois”, uma série de artigos de Filgueiras, e dos “Conselhos”, de Victoria Colonna. Foram publicados nesse mês o capítulo I, e o início do segundo capítulo. Tudo indicava que essa era mais uma história de namorados. Pois, além da caracterização das personagens, os leitores foram informados sobre o interesse de Adolfo por Miloca, e do desejo da tia da menina de casá-la com esse pretendente. Era história como tantas outras que sugeria a necessidade de encontrar no casamento proteção para depois da morte dos pais. No mês seguinte, juntamente com outro artigo de Figueiras, e com o início do conto, “Valério”, estava a continuação do capítulo II. D. Pulquéria continuava insistindo em tentar aproximar sua sobrinha do namorado a quem imaginava ideal. Por outro lado, Miloca fingia não perceber o interesse do rapaz. O lado mais ambicioso da menina também começava a demonstrar seus primeiros traços. Eram a sua vontade de se mudar para o Catete e a maneira como recusava o namoro. Segundo ela, não se casaria sem amor, e “por mais digno que seja o noivo”, este valia o mesmo que “um vendedor de fósforos”. A história de namorados começava a tomar um traçado inesperado, para aquele que tivesse começado sua leitura no mês anterior. Talvez surpreenderia por apresentar personagem tão ambiciosa, que negava se casar por motivos claramente relacionados à falta de condições financeiras do noivo. Por vias sinuosas, Miloca aliava amor a dinheiro. Em janeiro de 1875, o conto foi publicado ao lado da continuação de “Valério”. Trazia o capítulo III e o começo do quarto capítulo. Adolfo fora de forma cruel descartado pela menina. Miloca não era caracterizada simplesmente como moça que procurava se casar com alguém por ela

⁸² Idem. P. 37.

escolhido, conforme os leitores acompanhavam naquelas páginas e poderiam esperar que se repetisse nessa história. Por outro lado, sua família apresentava características necessárias para educar suas filhas, segundo alguns colaboradores do periódico. Tentava de todas as formas modificar a maneira dela pensar. A justificativa para seu “desvio” de caráter, aparecia como referente ao fato de Rodrigo ter oferecido à filha educação correspondente a de moças de outra classe social. Alguns leitores mais interessados em leituras que servissem como complemento à educação de suas filhas provavelmente esperavam alguma forma de corrigir as características de Miloca. Outros se surpreenderiam com a obstinação da menina de procurar no casamento solução para seus problemas financeiros. E ainda havia a possibilidade de ler esse conto apenas interessando-se pela esperteza de uma moça pobre que brincava com os preceitos à época que afirmavam que as mulheres deveriam se casar com o objetivo de apenas dar continuidade à família. Esses casamentos eram vistos como uma negociação. E era exatamente isso que Miloca fazia. Contudo, os papéis estavam invertidos, porque ela era quem pretendia melhorar de vida por meio de seu casamento. Ainda nesse mesmo mês de janeiro, aqueles que esperavam a correção para Miloca começavam a ter seus desejos atendidos pelo narrador. Miloca perdia seu pai e tia, e era obrigada a aceitar favores. Finalmente, em fevereiro de 1875, ao lado de histórias com forte tom moralizador, como “Evangelina”⁸³ e “A virtude laureada”⁸⁴, o conto apresentava desfecho surpreendente, mas que por outro lado deveria atender as expectativas de muitos de seus leitores. Miloca passou a ser dependente de uma de suas amigas da época do colégio. Também não conseguiu se casar, já que os objetivos de seus pretendentes eram os mesmos que os seus – casar-se por motivos financeiros – e ainda viu o retorno de Adolfo, que havia se tornado um rico herdeiro. Em parte era o castigo para a personagem, pois, se ela tivesse se casado, como sugerira sua família, teria conquistado seu objetivo. Para que a lição ficasse mais clara, *J.J.* fez com que a menina fugisse com Adolfo sem se casar e depois fosse abandonada por ele. Como última frase, o narrador reafirmava a possibilidade de ler o conto de diferentes formas e ainda oferecia aos leitores o espaço de eles mesmo escolherem o melhor fim para sua personagem:

⁸³ “Evangelina” era publicado por Heitor da Silveira, desde o mês anterior.

⁸⁴ “A virtude laureada” foi assinada por Victoria Colonna.

Miloca desapareceu tempos depois. Uns dizem que se fora à cata de novas aventuras; outros que se matara. E havia razão para ambas estas versões. Se morreu a terra lhe seja leve!⁸⁵

O que quero demonstrar com isso são os caminhos abertos pelo literato para que seus leitores lessem a mesma história com interpretações diferentes. Havia a leitura em que Miloca aparecia como personagem dependente que tentava por meio do casamento mudar de situação social. Era a menina dissimulada e ambiciosa. Por outro lado, já que o conto fora publicado durante vários meses seguidos, isso fazia com que os leitores pudessem trilhar espaços variados. O conto também poderia ser entendido como mais um de meninas namoradeiras, ou como história com a intenção de passar lição, tanto às de timbre da personagem, quanto aos pais que deveriam saber como educar suas filhas. Enfim essas eram questões que dependeriam da experiência de seus leitores e até mesmo da forma pela qual eles liam – se acompanhavam de mês a mês, se liam e reliam as mesmas páginas, ou se esperavam até que o número se completasse. Vale lembrar que essas possibilidades de leituras foram abertas pelo próprio Machado de Assis. Eram as leituras por ele imaginadas.

Depois da personagem Miloca, foi a vez de D. Joana.⁸⁶ Esta era uma “senhora de quarenta e oito anos, rija e maciça”. A história tem início em setembro de 1868, quando João Barbosa decidira se casar. João Barbosa havia herdado de seu pai e tio grande soma de bens, e convertido todos os “cabedais” em títulos do governo e alguns prédios. Era viúvo com apenas dois sobrinhos que espreitavam a hora da morte do velho tio. Sabedor desse detalhe vivia sozinho. Aliás, morava com D. Joana, quem tomava conta da casa. Para conseguir essa criada, depois de viúvo, João Barbosa colocou anúncio nos jornais, procurando “uma senhora de certa idade, morigerada, que quisesse tomar conta da casa”. D. Joana, pensando em como alcançar o emprego, mentiu sobre sua idade. Além disso, por acreditar que poderia ser incluída em testamento e receber “uma dúzia de apólices ou uma casa ou cousa equivalente”, depois da morte de seu “amo”, agüentou o “grande desprezo da opinião” que suspeitava de sua honestidade.⁸⁷ O certo é que D. Joana estava pronta para tudo, a fim de agradar a João Barbosa. Fazia o possível sem prejudicar a saúde dele, para, quem sabe, ser recompensada

⁸⁵ J.J. “Miloca”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1875.

⁸⁶ Victor de Paula. “A melhor das noivas”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro e outubro de 1877.

⁸⁷ Victor de Paula. “A melhor das noivas”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1877. Pp. 270-271.

mais rapidamente. Sabia esperar e gostava de ser necessária a casa, “um casal não viveria mais unido”:

Quando João Barbosa adoecia, D. Joana era tudo; mãe, esposa, irmã, enfermeira; às vezes era médico. Deus me perdoe! Parece que chegaria a ser padre se ele viesse repentinamente a carecer do ministério espiritual. (...) Pode-se dizer por honra da humanidade que o benefício não caía em terreno estéril. João Barbosa agradecia-lhe os cuidados não só com boas palavras, mas também bons vestidos ou boas jóias. D. Joana, quando ele lhe apresentava esses agradecimentos palpáveis, ficava envergonhada e recusava, mas o velho insistia tanto, que era falta de polidez recusar.⁸⁸

Para completar, jamais adoecia. Era tudo o que o setuagenário João Barbosa precisava. E suas verdadeiras intenções nem de relance passaram pela cabeça dele, que foi sempre muito grato, confiando-lhe todos os seus segredos, e enfrentando os dois sobrinhos para continuar sendo cuidado por sua boa D. Joana. Para azar da agregada, ou talvez sorte, uma rival entrou em cena. Apesar de já velho, João Barbosa acreditava poder encantar corações mais juvenis. Lucinda era jovem viúva, mas com ares de “matrona”, e cheia de ambições que só seriam realizadas casando-se com João Barbosa. Para Lucinda, perceber a inclinação do ricaço foi o mais fácil, afinal, de acordo com *Victor de Paula*, ser mulher correspondia a adivinhar “o que se passava no coração do setuagenário, antes mesmo que este desse acordo de si”.⁸⁹ Ao tomar conhecimento do que estava deixando aquele velho senhor com cara de quem tinha visto “passarinho verde”, D. Joana pressentiu que todos os seus esforços poderiam ter sido inúteis, logo precisava pensar em algo o mais rápido que pudesse.

Antes da presença dessa rival, D. Joana estava satisfeita e segura. Entretanto, ao pensar friamente no que poderia acontecer, se aquele casamento se realizasse, viu que tudo mudaria. Era ruim para ela que João Barbosa “devesse carinhos a alguém mais que não a ela somente”, porque assim “sua gratidão viria a diminuir muito, e com a gratidão o legado provável”. Tinha que fazer alguma coisa para impedir tamanho desastre. A idéia foi aliar-se a um dos sobrinhos do velho, que por sua vez tentaria mostrar ao tio o quão interesseira era a sua futura esposa. D.

⁸⁸ Idem. P. 272.

⁸⁹ Idem. P. 276.

Joana, da sua parte, também demonstraria algum desagrado em relação à escolhida. Esta era a melhor idéia que poderia ter tido, diante daqueles novos fatos. Sabia que se a herança era importante para ela, da mesma forma era para o rapaz, que se esforçaria para ver a intrusa bem longe:

José via o perigo tanto como D. Joana; só não viu que ela lhe contara tudo, para havê-lo de seu lado e fazê-lo trabalhar por desfazer um laço quase feito. O medo dá às vezes coragem, e um dos maiores medos do mundo é o de perder uma herança. José sentiu-se resoluto a empregar todos os esforços para obstar o casamento do tio.⁹⁰

O plano de D. Joana parecia, assim, perfeito. D. Lucinda também insistiu em seus objetivos casamenteiros, colocando o disputado senhor entre ambas as mulheres. Ele chegou até mesmo a imaginar que era amado pelas duas. Em casa, a criada usava de todos os seus recursos. Recebia-o com “a mais doce voz que possuía”, era “afetuosa”, e ainda chorava na sua frente. Nesse entremez, foi ajudada por “ataque de reumatismo”, sofrido por João Barbosa. Então ela aproveitou, e “não se poupou a esforços para readquirir a antiga influência; o velho ricaço saboreou de novo as delícias de outro tempo. Ela o tratava, animava e conversava; lia-lhe os jornais, contava-lhe a vida dos vizinhos entremeada de velhas anedotas adequadas à narração”.⁹¹ Os escritos de *Victor de Paula* sobre D. Joana são minuciosa descrição de como se fazer essencial na vida de um “velho ricaço”, com vistas em sua herança. As artes da dissimulação são levadas ao extremo. A personagem usa de tudo o que é possível para demonstrar subserviência. Mas o narrador deixa claro quais são as intenções dela, chegando a dar a impressão de ser uma maneira de zombar da relação estabelecida entre os dois – criada e patrão. O que fica com tudo isso é a seguinte pergunta: Por que essas histórias foram escritas para o público do *Jornal das Famílias*? Não é por acaso que as principais personagens desses contos – “Miloca” e “A melhor das noivas” – são mulheres. Elas mais do que ninguém conheciam as “artes da dissimulação”, sempre recorrentes nesses escritos e quiçá em suas próprias vidas. São mulheres que sabiam de coisas às quais outras pessoas não tinham acesso. A maioria delas estava acostumada a controlar a casa. Se criadas, assim como D. Joana,

⁹⁰ Victor de Paula. “A melhor das noivas”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1877. P. 299.

⁹¹ Idem. Pp. 302-303.

conheciam a intimidade da família à qual prestavam seus serviços, os segredos, as desavenças e tantas questões que permitiam a elas transitar tanto entre aqueles de sua mesma condição social, quanto entre os próprios patrões.⁹² Usando dessas possibilidades, ao mesmo tempo em que a dominação sobre elas era possível, ainda assim criavam várias maneiras, a fim de conquistar alguma independência. Podiam usar de suas próprias falas, com o objetivo de angariar presentes, confiança, elogios e tantas outras vantagens, pois conheciam aquilo que cada um gostava de ouvir. Quando donas da casa tinham que saber também como tratar seus dependentes, assim como Leopoldina, em “Miloca”. Isso significava disfarçar de alguma forma a submissão do protegido, saber usar as palavras para que ficasse bem claro o lugar ocupado pelo dependente em sua casa, sem que este se sentisse humilhado, por causa de sua condição. Dessa forma, as leitoras de Machado de Assis, conhecedoras dessas falas, conseguiam ser muito mais perspicazes que os outros leitores. Entendiam bem o que Machado queria dizer quando uma Miloca conversava com sua amiga, ou quando D. Joana dissimulava perante João Barbosa. A compreensão era heterogênea, mas capaz de provocar e fazer repensar, a partir dessa política cotidiana dos dependentes tão bem conhecida por suas leitoras.⁹³

Mais uma vez, da mesma forma que aconteceu com Miloca, D. Joana teve seus planos frustrados. No desfecho desse conto, o “velho ricaço” encontrou-se, com um “riso de bem-aventurança”, que era a morte – “a melhor das noivas”.⁹⁴ Marcado o casamento com a criada e chegado o grande dia de triunfo dela, a morte apareceu para jogar seus planos por terra. Se para João Barbosa a morte foi a “melhor das noivas”, para D. Joana pior não poderia ter sido. Embora o conto tenha aí o seu fim, todas as leitoras já estavam acostumadas com histórias de

⁹² Para uma análise sobre as experiências de criadas, no Rio de Janeiro, ver GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e patrões no Rio de Janeiro 1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

⁹³ Natalie Davis, em seu estudo biográfico sobre três mulheres diferentes, ao explicar o sentido da palavra por ela usada – “margens” –, afirma que naquele período – século XVII – as mulheres estavam “longe dos centros de poder político, real, cívico e cenatorial”; e, também, distantes dos centros “formais de aprendizagem e de instituições voltadas para a definição cultural”. Entretanto, homens também estavam fora desses centros, seja por causa de “berço, posses, ocupação e credo”. A sua escolha, portanto, de estudar as “mulheres nas margens” se justificaria pelo fato de que nesse caso “a repressão era mais forte”, podendo “revelar com particular clareza o que estava em jogo para ambos os sexos”. Ver, DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. Pp. 195-6. As personagens femininas criadas por Machado de Assis, nos contos aqui analisados, são importantes também não só por trazerem informações sobre aquilo que se lia ou como que as personagens femininas eram caracterizadas, mas também por conter forte dose de crítica sobre as questões sociais do período em que escrevia.

⁹⁴ Victor de Paula. “A melhor das noivas”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1877. Pp. 305-306.

herança, naquilo que se refere aos dependentes. Sabiam que dificilmente ela obteria algo. Se quisesse continuar ganhando algum presentinho, teria que passar a contracenar com os herdeiros do quase esposo.

4. Questões de herança

Após a morte de João Barbosa, o próximo passo seria a leitura de seu testamento. Enfim D. Joana saberia se sua dedicação teria germinado bons frutos. Os dois sobrinhos também ouviriam atentos à leitura daquelas páginas, assim como todos os possíveis agraciados e envolvidos na partilha dos bens. *Victor de Paula* deixou de narrar esse episódio tão importante para os dependentes do “velho ricoço”, por ele construído. Entretanto, comuns eram histórias que discutiam exigências, algumas vezes absurdas, para que a fortuna fosse, de fato, transferida a quem era destinada. Machado de Assis se deliciava ao comentar casos embaraçosos, em que laços de amizade foram fortalecidos ou criados, casamentos realizados a contra gosto, falsas irmãs integradas ao lar, e tudo o mais com o intuito de obedecer à vontade do falecido. Em geral, ao escutar tais desígnios, ressentimentos foram deixados de lado ou aguçados, porque, mesmo depois da morte, o defunto ainda exercia algum poder sobre seus herdeiros. Essas histórias estão em seus contos, como também nos romances.⁹⁵ Os escritos de Machado, publicados nos anos de 1870, primam por essa característica. E, de certo modo, trazem leitura que o próprio Machado fazia, de momento anterior a essa data. Essas histórias são ambientadas na “brilhante” década de 1850, período de apogeu do Segundo reinado.

No último ano de edição da revista de Garnier, foram publicados, entre outros, “A herança”⁹⁶ e “Divida extinta”.⁹⁷ No primeiro, a submissão com vistas à herança da velha tia é manifesta. Motivos para querer que a senhora morresse o mais rápido não faltavam, ainda mais que “D. Venância possuía bons prédios e só três parentes”. Eram dois sobrinhos, que,

⁹⁵ Magalhães Júnior fez um apanhado de histórias em que Machado de Assis enfocou a leitura de testamentos, bem como as conseqüências da partilha dos bens para os herdeiros. MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. “Machado de Assis e os testamentos”. In: *Machado de Assis desconhecido*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1955. Para uma análise da leitura do testamento do conselheiro Vale, e a reação dos personagens envolvidos, no romance *Helena*, ver CHALHOUB, S. *Machado de Assis, historiador*. Op. cit. Pp. 19-23.

⁹⁶ Machado de Assis. “A herança”. In: *Jornal das Famílias*. Abril e maio de 1878.

⁹⁷ Machado de Assis. “Divida extinta”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro e dezembro de 1878.

apesar de irmãos, quase nada se pareciam, e uma sobrinha. Entre eles, quem mais prestava cuidados à D. Venância era Marcos:

Marcos era o seu mordomo, esposo, pai, filho, médico e capelão. Ele cuidava-lhe da casa e das contas, aturava os seus reumatismos e arrufos, ralhava-lhe às vezes, brandamente, obedecia-lhe sem murmúrio, cuidava-lhe da saúde e dava-lhe bons conselhos. Era um rapaz tranqüilo, medido, geralmente silencioso, pacato, avesso a mulheres, indiferente a teatros, a saraus. Não se irritava nunca, não teimava, parecia não ter opiniões nem simpatias. O único sentimento manifesto era a dedicação a D. Venância.⁹⁸

Como se vê, qualquer semelhança com D. Joana, de “A melhor das noivas”, não é mera coincidência. De fato, Machado de Assis gostava de construir personagens com características e necessidades próximas. A diferença entre esses personagens estava na perspicácia da criada de João Barbosa, tão superior ao jeito deplorável de Marcos. Apesar disso tudo, ou por causa disso, esse rapaz tão cuidadoso nunca foi o sobrinho preferido. D. Venância, na verdade, tinha adoração pelo irmão de Marcos, que era o contrário dele. Emílio não tinha nem um terço dos cuidados do outro com a tia. Fazia visitas rápidas e por cortesia. Nem mesmo titubeou em recusar, quando a tia pensou em casá-lo com a prima dele, Eugênia. A moça era bonita, mas tinha o defeito de ser “santo de casa”. D. Venância logo entendeu e perdeu o rapaz. Marcos foi quem desaprovou tal atitude do irmão. Pensava que Emílio deveria obedecer sempre às vontades da tia. Para ele, a recusa não era “nem bonita, nem prudente”. Seus cálculos eram mais pensados. E calculou tanto, que acabou chegando à conclusão de que, se o irmão havia recusado casamento aparentemente tão conveniente, nada o impedia de aceitar. A confirmação da união entre os dois primos foi rápida, ainda mais que Eugênia tinha idéias muito próximas as de seu agora marido. Estava acostumada a responder com sorrisos, que podiam “dizer muita coisa e nada”. Entretanto, para azar do casal, quando D. Venância faleceu, em seu testamento havia nomeado Emílio herdeiro universal. Aos dois coube algum legado, mas para quem pensava obter partes iguais, e para isso havia se esforçado tanto, tudo aquilo parecia bastante injusto.⁹⁹

⁹⁸ Machado de Assis. “A herança”. In: *Jornal das Famílias*. Abril de 1878. P. 112.

⁹⁹ Machado de Assis. “A herança”. In: *Jornal das Famílias*. Maio de 1878. P. 131.

No conto seguinte, e ao contrário do que aconteceu em “A herança”, a fortuna deixada teve a função de unir parentes. Neste sentido, o tio de Adriano e Anacleto foi categórico:

Os ditos meus herdeiros universais, que por tais os declaro, serão obrigados a usufruir juntos os meus bens ou continuando o meu negócio da botica, ou estabelecendo qualquer outro, sem divisão, da herança que passará dividida aos seus filhos, se os houvessem, caso se recusem ao cumprimento desta minha última vontade.¹⁰⁰

Depois de ouvidas essas palavras, abriram negócio de fazendas e chegaram a ponto de mandar fazer “epitáfio para o nosso chorado tio”. Apesar da briga que tiveram por causa da mesma loureira, que nos negócios do coração agia sempre com “muita arte”, a reconciliação soava muito melhor. A vizinhança suspeitava de que tal união entre parentes, que se tratavam como “cão e gato”, era mesmo impossível. Mesmo assim louvava a atitude do tio dos rapazes que antes de morrer havia pensando em ato tão nobre, com a finalidade de unir os primos. Não foi em vão a ordem, pois já na missa de sétimo dia, os dois demonstravam alguma civilidade. Dois meses depois, a vontade do tio fora cumprida, para surpresa dos vizinhos, e confirmação das suspeitas dos leitores, tão acostumados àquelas histórias. Mesmo porque esse foi o último conto publicado por Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*, que também chegava ao seu último número. Situação mais complicada foi a enfrentada por Gaspar, em “D. Mônica”.¹⁰¹ Ali as exigências do falecido eram muito mais absurdas, e estavam logo nas primeiras linhas do conto:

E reconhecendo as boas qualidades do dito meu sobrinho Gaspar, declaro que o nomeio meu universal herdeiro, com duas condições essenciais; a primeira (deixada ao seu critério), é que há de relar os cabedais que lhe lego como os relei durante a minha vida; a segunda (cujo cumprimento precederá a execução desta parte do meu testamento) é que há de casar com minha tia D. Mônica, senhora de altas e respeitáveis virtudes...¹⁰²

¹⁰⁰ Machado de Assis. “Divida extinta”. In: *Jornal das Famílias*. Dezembro de 1878. P. 366.

¹⁰¹ Lara. “D. Mônica”. In: *Jornal das Famílias*. Agosto a outubro de 1876.

¹⁰² Lara. “D. Mônica”. In: *Jornal das Famílias*. Agosto de 1876. P. 236.

Ao ouvir essas palavras, o pobre Gaspar foi do paraíso ao inferno, onde a tia lhe sorria “com pouco mais de três dentes”. Para quem já fazia planos de se casar com Lucinda, “uma mocinha de dezessete anos, cabelos castanhos, olhos da mesma cor, rosto oval e pé de sílfide”, aquela exigência era das mais difíceis de ser cumprida. Mesmo ouvindo tal impropério, conseguiu manter a expressão do rosto indiferente, mostrando o quanto tinha os músculos faciais treinados para situações embaraçosas como essa. Não esperava receber toda a fortuna, um pequeno legado já o satisfazia. O tio fora além de suas expectativas. Imaginava que o falecido queria mesmo era caçoar dele. O lado obscuro era por que fazia isso, se nos últimos seis anos, “cercava-o de todas as atenções”. Do seu lugar, D. Mônica, com seus sessenta anos, tentava entender tal exigência. Também a ela, pelo menos num primeiro momento, a cláusula pareceu “zombeteira e cruel”. Depois refletiu e se perguntou se deveria ter mesmo esse pensamento. Acreditava que não, primeiro porque “o sobrinho Matias não disporia em testamento um absurdo, uma coisa que lhe ficasse mal a ela”, segundo, “é que ela mesma sentia em si alguns restos das graças de outro tempo”. A partir desse pensamento, estava decidida a cumprir a “última vontade de um morto”.¹⁰³ Diante desse impasse, D. Mônica tentava prender de vez o quase herdeiro, enquanto Gaspar pensava no que era melhor fazer – tornar-se muito rico, mas casado com a velha tia; ou pobre, mas casado com a bela Lucinda.

D. Mônica passou a caprichar muito mais no toalete. Junto a isso, oferecia as mãos para que Gaspar as beijasse “com uma graça estudada” e sorria “com tanta arte” que só mostrava um dos dentes. Usava de todos os meios possíveis, a fim de convencê-lo de que deveriam cumprir a exigência do falecido. Se antes de morrer já o obedeciam, por que agora a situação teria que ser diferente? Bem agora que estavam quase conseguindo tomar posse de toda a herança. Gaspar insistia em querer se casar com Lucinda. O pai desta era quem se mostrava insatisfeito com a nova situação do pretendente à mão de sua filha. Antes da morte do tio de Gaspar, aquele casamento era o que desejava para a menina. Agora as coisas tinham mudado. Sem a tão esperada e desejada herança, como o pai poderia permitir a realização de tal matrimônio? Fez questão de lembrar à filha que nessas condições em que se encontravam Gaspar, quando ela quisesse “um vestido novo ou uma jóia” não iria poder pagar com “um pedaço do coração do marido”. Assim, nem as lágrimas da menina o comoveram. D. Mônica

¹⁰³ Idem. Pp. 237-242.

soube aproveitar-se dessa situação. Foi a mais gentil; tentou mostrar a ele que sua namorada amava, na verdade, era um futuro herdeiro; comparou sua situação com a de outros casamentos, realizados sem romantismo, e muito mais sólidos. Tudo isso o deixava confuso, e, para completar, ainda fora despedido da repartição onde trabalhava. Agora, sim, seria impossível casar-se com Lucinda. Na completa miséria, a tia já parecia até “menos velha do que antes”. Não que fosse moça, “mas a velhice pareceu-lhe mais fresca, a conversa mais agradável, o sorriso mais meigo e o olhar menos apagado”.¹⁰⁴ Contudo, os leitores deveriam ainda se lembrar daquilo que *Lara* mais gostava de frisar; ou seja, os poucos dentes que ornavam o sorriso de D. Mônica. Portanto, seu sorriso estava longe de ser meigo, pelo menos para o sobrinho Gaspar. Toda aquela impressão fora motivada por causa da herança. No final do conto, Gaspar demonstrou-se decidido: casou-se com a quase jovem tia. Decisão firme, porque mesmo depois de Lucinda convencer o pai a aceitar o ex-herdeiro, ainda assim a manteve. E redargüiu, não estava pensando nos trezentos contos herdados, apenas obedecia à vontade do tio, o que, para ele, era muito diferente.

Alguns dos temas abordados por Machado de Assis nesses contos estavam também nas *Memórias do sobrinho de meu tio*, de Joaquim Manuel de Macedo, publicadas entre 1867 e 1868, período coincidente com o de divulgação do *Jornal das Famílias*.¹⁰⁵ A questão de abertura do próprio livro girava em torno do testamento do tio. Segundo o seu narrador, aquele testamento trazia três absurdos: o primeiro, consistia no fato de a terça parte da herança ser legada à prima Chiquinha, o segundo, era os cinqüenta contos deixados aos outros parentes, e, finalmente, a condição imposta pelo tio. Com tom próximo daquele usado por Machado, o tio do sobrinho fazia suas exigências:

Como porém desejo que o meu principal herdeiro seja digno de mim e honre com o seu proceder em relação ao Estado a minha memória, declaro que não só recomendo e exijo em nome da pátria e de Deus, que esse meu principal herdeiro o meu sobrinho F (...) cumpra à risca os seus deveres de cidadão, como ainda muito precisa e terminantemente determino que ele, em presença pelo menos de três parentes, jure, pondo a mão sobre o livro dos Santos

¹⁰⁴ Lara. “D. Mônica”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1876. P. 291.

¹⁰⁵ MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias do sobrinho de meu tio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

Evangelhos, que na vida política e no exercício de cargos públicos e de posições políticas observará sempre e religiosamente os seguintes preceitos:

Primeiro: nunca se afastará da Constituição do Império.

Segundo: será leal ao partido político a que se achar ligado e não mudará de partido sem fortes razões de consciência.

Terceiro: nunca, e sob pena de maldição lançada por mim da eternidade, se venderá, ou venderá o seu voto a ministério algum.¹⁰⁶

Para se livrar dessas imposições, o sobrinho trilhou caminhos tortuosos. Mas o certo é que conseguiu tomar posse da fortuna deixada, sem cumprir nenhum desses “preceitos” e, ainda por cima, casou-se com a herdeira da terça parte da herança, Chiquinha. Apesar de um ou outro ressentimento entre esses dois primos, por causa de um pão-de-ló que fora todo comido pela menina ainda na infância, a união parecia ser a decisão mais vantajosa para ambos. Chiquinha era de uma esperteza sem igual, e demonstrava grande soma de interesse pela política. Antes ainda de acertarem o casamento, a prima Chiquinha era aos olhos do primo “um Maquiavel metido em saia de balão, e com sapatinhos de duraque preto”. Afinal, oferecia lições sobre como e onde “comer”. Afirmava ser preciso “comer o mais possível atrás da porta da despensa, e de inteligência com os cozinheiros, e ostentar sobriedade ante os olhos profanos, ou diante do público”.¹⁰⁷ Idéias perfeitas para um político completamente inescrupuloso que começava a construir sua carreira. Sentia, assim, que não poderia haver melhor casamento. Juntava as bolsas e ainda poderia se aproveitar da inteligência da esposa. Depois de marcado o casamento, a menina nem sequer tentou passar a impressão para o primo de que o amava. Deixou claro que as intenções dela não eram muito diferentes das dele. Casados enfim, Chiquinha queria saber o “que é a política”. Para isso, recebeu explicações detalhadas do esposo. Segundo suas palavras, política era um “meio de vida”. Conforme vimos, o coronel Borges, de “Valério”, acreditava que a política não existia “nos livros de Montesquieu nem de Maquiavel”; enquanto o sobrinho do tio, com eloquência, dizia ainda não

¹⁰⁶ Idem. Pp. 80-81.

¹⁰⁷ Idem. P. 132.

ter determinado em seu espírito se era “ciência, arte, ou ofício mecânico”. Talvez “tudo isso ao mesmo tempo”.¹⁰⁸ Em suas explicações, comparava política ao teatro:

- A política de um Estado, Chiquinha, é a maior das comédias, representada no maior dos teatros: há platéia, camarotes, palco, bastidores, panos de cena e de fundo, todas as possíveis mutações da cena, camarins de atores, e até uma espécie de porão do teatro, onde se atiram os trastes e objetos que não têm mais serventia.¹⁰⁹

A platéia formava-se pelo “povo miúdo, que serve somente para votar e ser guarda nacional”; os camarotes eram ocupados pelas classes mais elevadas; no palco, estavam os atores, que são “mais ou menos deslumbrantes, eloqüentes e bonitos”, além disso, estavam sempre em briga pelos primeiros papéis; dentro dos bastidores, atrás do pano de fundo e nos camarins os atores se atacavam e agrediam uns aos outros. Era descrição minuciosa de certa prática política vigente à época, e que o sobrinho do tio desejava, com ajuda de sua esposa, fazer parte. Chiquinha, aliás, demonstrou ao longo dessa história ser peça fundamental nos planos do esposo. Foi ela quem planejou a primeira viagem do casal à Europa com recursos financeiros do Estado, e, assim que retornaram, nos bailes oferecidos pelos seus padrinhos de casamento – políticos escolhidos a dedo que depois pudessem ajudá-los –, brilhou, conseguindo elogios e “manifestações entusiásticas” pela candidatura a deputado do esposo. Também na escolha do lugar onde iam morar foi a esposa quem demonstrou “perspicácia e sagacidade”. Nas reuniões e bailes freqüentados pelo casal, Chiquinha causava delírios. Entretanto, o sobrinho do tio acreditava, e deixava claro em sua narrativa, que ela fazia tudo isso “sem contudo arriscar-se a comprometimento algum: deixava que lhe fizessem a corte; mas só até o limite que a honestidade permite”.¹¹⁰ Para a sua candidatura, contava com Chiquinha que era conselheira do toalete da esposa de um ministro, e, além disso, dançava com “personagem muito poderoso”. Antes de qualquer coisa, ouvia os conselhos dela. Afirmava a ela que a candidatura era dele, mas os lucros “da firma Sobrinho de Meu Tio e Cia” seriam divididos entre eles. Em seus conselhos ao marido, Chiquinha ponderava que não poderiam dever tantos favores a pessoas diferentes. Porque ao contrário, ficaria “reduzido a

¹⁰⁸ Idem. P. 185.

¹⁰⁹ Idem. P. 189.

¹¹⁰ Idem. Pp. 257-258.

simples filhote de um ou três senhores pretensiosos que se julgarão com o direito de te dar sempre na câmara o santo e a senha”.¹¹¹ A idéia dela era a de eleger-se por importância pessoal própria. E como o primo não possuía tal distinção, deveria ao menos aparentar. A imprensa era a opção sugerida. Mais uma vez, da mesma forma que o coronel Borges, aquele esposo também não tinha muitas aptidões com a escrita, questão que fora resolvida facilmente, e por caminhos iguais, em uma e na outra história. A candidatura gorou. Outra idéia, com a finalidade de fazer prosperar a vida política do marido, foi a de tirar da cadeia o compadre Paciência. A esposa baseava-se na “necessidade e utilidade da oposição”, enquanto o sobrinho do tio queria apenas fazer passar por homem “compassivo e caridoso”. O certo é que passaram a contar com a companhia e com as ideologias daquele velho homem, por idéia também de Chiquinha. Para surpresa daquele casal, o compadre Paciência ainda revelou ser dono de algumas apólices. Teriam, então, que mantê-lo bem perto e cuidado. Chiquinha em tudo fingia concordar com o compadre. Finalmente o sobrinho do tio conseguiu se eleger a deputado. Um de seus lugares preferidos não poderia ser outro que a rua do Ouvidor. Naquele tempo, a organização de sua casa era a seguinte: “a Chiquinha oração principal, eu, oração subordinada, e o compadre Paciência, oração incidente, que algumas vezes sacrificou a gramática, tomando o governo do período”.¹¹² Até aquele momento, o esposo ainda acreditava na fidelidade de Chiquinha. Dizia que ela gostava de brilhar nos salões e distribuía sorrisos sem conseqüências. A esperta esposa declarava não gostar de política, entretanto, “era o diabo em política!” Chegou a ponto de controlar as discussões em sua casa por meio do piano. Por fim, prometia ao marido causar uma crise ministerial. Para execução de tal intento, pedia apenas “carta branca”:

- Não tenha receio: não há cousa mais fácil para uma senhora hábil do que acender esperanças sem prometer gratidão, e sem comprometer-se. Que lhe importa que se inflame a paixão de dous dos meus turificadores?... Por fim de contas a nós ficará o proveito sem descrédito, e eles o ridículo sem proveito.¹¹³

¹¹¹ Idem. P. 284.

¹¹² Idem. P. 435.

¹¹³ Idem. P. 506.

Tudo isso Chiquinha já fazia, mesmo sem o consentimento do esposo. Disso ele percebeu. Entretanto, ela dizia que ainda não tinha abusado, e que zelava o nome dele. Partiu, então, para o campo de batalha. Dançou e fez com que dois políticos prometessem facilidades ao seu marido, com a intenção de colocar um contra o outro. Já havia boatos de que o ministério entrava em crise. O sobrinho do tio regozijava-se. Para o seu azar, em certa noite, ao terminar espetáculo no teatro Lírico, passou a cortejar “uma das ninfas do Alcazar”. Assim que Chiquinha descobriu esse caso, fez com que o ministério, que já estava quase em crise, voltasse aos bons tempos e que todas as vantagens por seu marido tão almejadas ficassem mais e mais distantes.

Nessa história, Chiquinha estava no centro de várias questões políticas. Decisões eram tomadas a partir das vontades dela. Ela controlava não só o marido, como também aqueles que freqüentavam a sua casa. Desde criança, ludibriava e fazia de bobo o sobrinho do tio. Depois de casados, não foi diferente. Cortejava e deixava ser cortejada dizendo ser apenas para ajudar nos planos políticos do marido, que acredita piamente na fidelidade da esposa. Em várias histórias escritas àquela época, as mulheres estavam presentes em discussões que envolviam suas vidas domésticas, mas também naquelas ligadas às decisões políticas do país. Parecia haver grande preocupação com o lugar por elas ocupado. Esse foi um debate corrente encontrado em diferentes escritos. Em revista de moda e literatura, com o galhofeiro Machado de Assis, mas também em outras páginas. Machado de Assis não estava sozinho. Entretanto, o fato de seus contos terem sido publicados primeiramente em revista dedicada aos interesses femininos fazia com que suas leitoras assumissem papel de interlocutores de questões que interessavam a elas mais que a qualquer outro.

Se em alguns enredos escritos por Machado, e aqui neste texto discutidos, o desenrolar da história política do país parecia depender apenas das vontades de senhores, coronéis e capitães, em outras histórias fica claro que também personagens dependentes, e, em especial, as personagens femininas, tinham papel ativo. Apesar do desfecho quase sempre desfavorável, essas personagens sabiam muito bem o que queriam e os narradores enfatizavam isso para o leitor. São histórias que, de fato, trazem descrições criteriosas de como senhores/parentes controlavam, ou queriam controlar, a vida daqueles que os rodeavam, mesmo depois de mortos. Contudo, a dissimulação constituiu-se em ingrediente essencial para a elaboração de alguns dentre esses personagens. Assim, Machado de Assis colocou em pauta a política

Imperial que não estava mais restrita aos passantes da rua do Ouvidor. E foi além. Chamou diferentes sujeitos para discutir com ele, especialmente mulheres que deveriam se identificar com uma ou outra situação ali narrada ou ao menos se sentir estimulada com o escrito. A partir disso deve ter proporcionado debates e conversas para além das próprias páginas da revista.

5. Dependência e escravidão

As primeiras histórias contadas no *Jornal das Famílias* enfocavam uma personagem muito importante, que durante os quinze anos de publicação dessa revista recebeu tratamento especial, como viemos acompanhando. Mais de um colaborador deu vida a agregadas que podem nos ajudar a compreender melhor o sentido de alguns desses escritos tanto para os próprios literatos quanto para as suas leitoras. Vivendo sob a proteção de parentes, ou sendo recebida em casa de seus senhores, como se fossem parte da família, compuseram histórias em que “as artes da dissimulação” são deliciosas de ler ainda hoje. Por outro lado, fizeram parte também de páginas bastante dramáticas daquele mensário. Emília, personagem criada por *Adolpho* – pseudônimo não-identificado – pode ser considerada como exemplar, nesse sentido.¹¹⁴ Filha do tropeiro Manuel Ventura, “verdadeiro homem do povo na sua acepção mais genuína”, a jovem donzela morava apenas com o pai em pequeno quarto de fazenda, “onde a família do proprietário a recebia como parenta”, quando o sertanejo partia com a tropa. “Era uma moça de dezoito anos, alta e esbelta, de rosto moreno e cabelos pretos, e esse ar indolente e requebrado que dá uma particular expressão de voluptuosa graça às filhas do país”.¹¹⁵

Ao compor o enredo de “A filha do tropeiro”, verdadeiro cenário idílico foi construído. Era na época da festa de São João. Naquele ano, em especial, o pai de Emília saíra com a tropa havia poucos dias. Não poderia, assim, participar daquela que era festa tão concorrida, contando mesmo com a presença dos escravos da fazenda, a quem eram concedidas “algumas horas de liberdade”. Fogos, dança, música e muita conversa animavam o local. Naquele dia, a menina fora cortejada por muitos. Contudo, Justino, “um moço de condição mais elevada”, foi

¹¹⁴ Adolpho. “A filha do tropeiro”. *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1864. Pp. 49-55.

¹¹⁵ Idem. Pp. 32-33.

quem mais chamou sua atenção. Apesar das concessões feitas aos escravos e agregados, logo naquelas primeiras histórias, ficava claro que narrativa com moça cortejada por rapaz de classe diferente não terminava bem. Seguindo esse princípio, Justino acaba assassinado por outro cortejador, enquanto Emília fora “fulminada de um raio”.¹¹⁶ Nesta e noutras histórias importava aos narradores frisar a situação de pai e filha que viviam sob a proteção dos donos da fazenda. Cabia aos dependentes servirem a seus amos, em troca de alguma forma de amparo. Além disso, a jovem donzela precisava pensar em se casar, como aconselharam diversos colaboradores da revista; contudo o pretendente deveria ter a sua mesma origem social. Caso contrário, e é o que acaba acontecendo, aquela relação de amor não seria bem sucedida. Ficava explicitada a continuidade de processo no qual pais e filhos perpetuavam a relação de dependência, por meio de suas uniões. Outras histórias, muito parecidas com essa, fazem parte das páginas do *Jornal das Famílias*. Machado de Assis discutia constantemente essas idéias. Escreveu enredos compatíveis e esteve ao lado do leitor, buscando interpretações diferentes para tantas linhas.

A primeira história assinada por Machado, no periódico aqui analisado, fora “Frei Simão”. Foi aqui também que apareceu sua primeira Helena.¹¹⁷ Esta morava com a família de Simão. Era órfã e dependente da boa vontade desses parentes. Acreditava poder se casar com o primo. Entretanto, os pais deste assim que descobriram as intenções do casal, usaram de seus recursos para afastá-los:

(...) É preciso dizer que os referidos pais eram de um egoísmo descomunal. Davam de boa vontade o pão da subsistência a Helena: mas lá casar o filho com a pobre órfã é que não

¹¹⁶ Idem. Pp. 34-35.

¹¹⁷ Machado de Assis tinha preferência especial por nomear suas protagonistas por Helena. No *Jornal das Famílias*, são quatro os contos que trazem personagem com esse mesmo nome. Além de “Frei Simão”, apareceu em “Possível e impossível” (1867), “Quinhentos contos” (1868) e “A menina dos olhos pardos” (1873/4). A personagem de “Possível e impossível”, assim como a de “Frei Simão”, era uma prima que morava de favor e se apaixonou pelo dono da casa. Aqui não houve o final trágico encontrado em sua primeira história. Em “A menina dos olhos pardos”, a Helena também era uma personagem pobre que precisava de favores da família do homem por quem se apaixonou. Apenas a Helena de “Quinhentos contos” não possuía dificuldades financeiras, muito pelo contrário, era de uma família remediada, sendo mesmo disputada por causa de seu dote. Mesmo assim, é clara a insistência de Machado de Assis em construir Helenas muito bonitas, racionais e pobres, tal como a Helena de seu romance.

podiam consentir. Tinham posto a mira em uma herdeira rica, e dispunham de si para si que o rapaz se casaria com ela.¹¹⁸

Os pais de Simão agiam conforme a maioria daqueles que viam suas fortunas prestes a ser dividida. Uma coisa era oferecer algum favor a parentes menos remediados, que se viam sem ter onde morar, como Helena que ficara sozinha no mundo; outra, bem diferente, era consentir união desvantajosa. Isso era o mesmo que se igualar aos agregados, elevando-os de posição. Conforme temos visto, casamentos eram constantemente vistos como parte de negociação. Por isso o melhor era afastar Simão de casa e da menina, sem muitas explicações para ambos. Os jovens apaixonados não chegaram a compreender o que estava acontecendo. Mesmo separados, continuaram trocando cartas e contando os dias para o reencontro. Enquanto isso os tios empreendiam vigilância rígida sobre os atos da sobrinha, e descobriram a correspondência. Sua continuidade foi interrompida. Vetaram “tintas, pena, papel” na casa. Pensaram que dessa forma conseguiriam fazer com que o filho cumprisse os desejos deles. Para surpresa, quando enviaram carta ao jovem enamorado, dizendo que a “boa Helena tinha morrido”, mas que poderia se consolar casando-se “com outra”, que era “moça feita” e além do mais “um bom partido”, o rapaz tomou a decisão de entrar para um convento. Não esperavam tal atitude. O desenlace ainda guardava final ainda mais trágico, com a morte de praticamente todos os personagens, depois do encontro do padre com sua prima, que, na verdade, ainda não havia morrido, como atestara os tios dela.

Muitas das histórias encontradas nas páginas dessa revista tem como centro amores impossíveis, por causa da condição social de um dos amantes. Estes não são capazes de perceber quão duras são as relações sociais das quais faziam parte. São personagens movidos por sentimentos nobres, que acreditavam no amor, capaz de modificar certas desumanidades. A história assinada por *Machado de Assis* e publicada imediatamente depois de “Frei Simão”, em muitos pontos, seguiu o mesmo estilo. E ainda acrescentou mais alguma coisa. “Virginius” colocava em discussão o tema da escravidão,¹¹⁹ e, assim como “A filha do tropeiro”, focalizava seu drama nos festejos de São João.¹²⁰ A história era narrada por advogado que

¹¹⁸ M.A. “Frei Simão”. *Jornal das Famílias*. Junho de 1864. P. 163.

¹¹⁹ Machado de Assis. “Virginius – narrativa de um advogado”. In: *Jornal das Famílias*. Julho e agosto de 1864.

¹²⁰ Ina Von Binzer descreveu a Festa de São João, como momento especial para os escravos, devido ao fato de coincidir com a comemoração do término da colheita do café. Em carta datada de 25 de julho de 1881, ela contou

havia recebido carta, solicitando os seus serviços. Quem a havia enviado tinha sido *Pai de todos*, personagem considerado como a “justiça e a caridade fundidas em uma só pessoa”, e que oferecia tratamento especial aos seus escravos, digno de menção:

Escravo é o nome que se dá; mas Pio não tem escravos, tem amigos. Olham todos como se fora um Deus. É que em parte alguma houve nunca mais brando e cordial tratamento a homens escravizados. Nenhum dos instrumentos de ignomínia que por aí se aplicam para corrigi-los existem na fazenda de Pio. Culpa capital ninguém comete entre os negros da fazenda; a alguma falta venial que haja, Pio aplica apenas uma repreensão tão cordial e tão amiga, que acaba por fazer chorar o delinqüente. Ouve mais: Pio estabeleceu entre os seus escravos uma espécie de concurso que permite a um certo número libertar-se todos os anos. Acreditarás tu que lhes é indiferente viver livres ou escravos na fazenda, e que este estímulo não decide nenhum deles, sendo que, por natural impulso, todos se portam dignos de elogios?¹²¹

Raras são as linhas nessa revista que tratam esse tema de forma tão explícita. Mesmo Machado de Assis, embora tenha iniciado sua participação no *Jornal das Famílias*, contando histórias como essas, poucas vezes colocou dessa forma a situação dos escravos.¹²² Em “Virginius” é possível entender muito das suas intenções, se tomarmos como ponto de partida tal descrição da relação estabelecida entre Pio – *Pai de todos* – e seus amigos, quer dizer, escravos. Há cerca de vinte anos, a historiografia sobre a escravidão no Brasil tem realizado estudos em que os escravos aparecem como agentes históricos, e que muito nos ajudam na compreensão dessas histórias escritas por Machado de Assis e por tantos outros homens de letras.¹²³ *Pai de todos* promovia em sua fazenda anualmente concurso para eleger o “escravo

à amiga com quem se correspondia sobre o envolvimento tanto dos donos da fazenda, quanto dos escravos nessa festa. Comentou também que no ano anterior àquele, a festa não havia sido oferecida pelos senhores da fazenda onde trabalhava como educadora, o que parece ter desagradado aos escravos dali, que em discurso não esqueceram de citar que por esse motivo haviam falado mal de seus senhores. BINZER, Ina Von. *Os meus romanos: Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994. Pp. 34-40.

¹²¹ Machado de Assis. “Virginius – narrativa de um advogado”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1864. P. 194.

¹²² No *Jornal das Famílias*, no ano de 1871, apareceu “Mariana”, outra história em que a situação dos escravos foi discutida por Machado de Assis. Ver, CHALHOU, S. *Machado de Assis, historiador*. Op. Cit.

¹²³ Sobre essa bibliografia ver, AZEVEDO, Célia Marinho. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987; CHALHOU, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, Século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

do ano” e premiá-lo com a liberdade. Como o tratamento por ele oferecido era cordial, segundo o narrador da história, ninguém se interessava em tornar-se livre, portando-se todos igualmente “dignos de elogios”. A alforria, prêmio oferecido por *Pai de todos*, significava, até certo ponto, a continuidade da política de domínio, em que os escravos tornavam-se pessoas livres, mas continuavam vivendo debaixo da proteção de seu ex-senhor.¹²⁴ Era forma de poder dos senhores, que negociavam a liberdade a partir de promessas, desde que esses tivessem bom comportamento, sendo mesmo o melhor escravo entre todos os outros durante todo o ano, por exemplo. Por agir desse modo, *Pai de todos* era considerado como alguém acima do bem e do mal, capaz de reprimir sem usar “instrumento de ignomínia”. Mesmo usando de tal tratamento, é difícil supor que a resposta à última pergunta da citação acima fosse a de que realmente para os escravos de Pio era indiferente viver livres. Afinal, ser livre ali representava também a possibilidade de receber “leite e instrução às crianças”, “pão e sossego aos adultos”, e, quem sabe, até uma porção de terras nas imediações da fazenda. Foi exatamente esta a gratificação oferecida a Julião. Depois de prestar serviços a Pio, aliado às “suas boas qualidades, a gratidão, o amor, o respeito com que falava e adorava o protetor” recebeu de seu “amo” uma “paga valiosa”. Pio ofereceu a Julião e sua filha, Elisa, um sítio e proteção por seus anos de serviço e dedicação. Era, portanto, dependente, mas sem ser escravo. Não era tão indiferente assim ser livre ou escravo naquela fazenda.

O lado mais severo da escravidão é encontrado no personagem Carlos, filho de Pio. Este fora criado juntamente com Elisa, “naquela comunhão da infância que não conhece desigualdades nem condições”. Com o tempo, além de a beleza de Elisa revigorar-se ainda mais, as desigualdades sociais também foram aguçadas no espírito do rapaz. Após passar algum tempo estudando fora, Carlos retornara homem e conhecedor das “condições da vida social”, ficando claro o “abismo (que) separava o filho do protetor da filha do protegido”.¹²⁵ Todas essas questões são levantadas ainda no primeiro mês de publicação do conto. Assim, leitores e colaboradores teriam bom material para refletir sobre a situação e antagonismos do país. Talvez seja exatamente essa a intenção de Machado de Assis ao construir essas primeiras cenas, deixando o espaço aberto às possíveis discussões. Mesmo que, quem sabe, o final da história já tivesse sido escrito, os debates provocados, a partir de questões tão tensas,

¹²⁴ CHALHOUB, S. *Visões da liberdade*. Op. Cit. Ver, em especial, o segundo capítulo.

¹²⁵ Machado de Assis. “Virginius – narrativa de um advogado”. In: *Jornal das Famílias*. Junho de 1864.

interessariam ao escritor que ainda estava criando o seu próprio modo de participação no *Jornal das Famílias*.

A narrativa prosseguiu em agosto e ainda colocou novas questões, não menos importantes, em pauta. O jeito generoso de Pio cedeu lugar às características de caçador do filho Carlos. Este passava o dia a caçar, e, para isso, usava de “todos os cuidados, todos os pensamentos, todos os estudos”. Sua caça não se restringia aos animais selvagens, englobava também as filhas daqueles a quem o seu velho pai prestava proteção. Elisa foi, portanto, uma de suas vítimas. A primeira tentativa do caçador fora frustrada. Mas Carlos não desistiu, mesmo depois de ouvir as súplicas de Julião. Assim, na cena em que o “conflito da inocência com a perversidade” foi contada, o drama alcançava o seu ápice. Julião, seguindo o próprio desejo de Elisa, feria a filha mortalmente com uma faca de caça. Para o advogado e narrador da história, aquilo que acreditava ser romance, na verdade, era uma tragédia. Decerto, até mesmo o título do conto havia sido inspirado na tragédia de Virginius. Para o leitor que conhecesse de antemão tal história, o seu desfecho não surpreenderia. Pois, como ele mesmo conta aos desavisados, Apio Cláudio ao apaixonar-se por Virginia, filha de Virginius, por não conseguir obter dela alguma simpatia, tentou escravizá-la. Com o intuito de salvar a filha, em ambas as tragédias, o pai preferia usar a violência. Tanto em uma, como na outra história a filha foi morta com uma faca cravada no peito.

Enfim, esse conto pode ser entendido como uma denúncia por Machado de Assis da impossibilidade de tornar a escravidão mais viável, mesmo com senhores menos severos. Até mesmo para viabilização do sistema, os escravos, aos poucos, iam conquistando alguma liberdade, mas, ainda assim, não havia como deixar de olhar para a produção e reprodução dessa política de dominação. Se Pio era a forma mais branda que podia existir, seu filho não deixava escapar nem mesmo aqueles que já não eram mais escravos, embora fossem dependentes. Em anedota nada chistosa, escrita por Paulina Philadelphia, alguns anos depois, um senhor de escravos não conseguia conceder liberdade aos seus, nem mesmo depois da morte deles:

Ninguém ignora que o motivo que leva geralmente os negros ao suicídio é a esperança que eles têm de irem ressuscitar na sua terra.

Sabendo um fazendeiro que todos os seus escravos haviam combinado enforcarem-se para se livrarem dos maus tratos que lhes dava, esperando serem felizes depois da ressurreição, dirigiu-se ao lugar em que sabia ter de executar-se o plano projetado, levando também uma corda. Chegando-se a eles, disse-lhes, sem manifestar o menor abalo:

- Meus filhos, eu aprovo a vossa idéia, e venho enforcar-me juntamente convosco; porque como ireis ressuscitar em vossa terra, onde comprei uma grande porção de terreno em que trabalham de há muito os vossos companheiros que se enforcaram antes de vós, lá nos reuniremos, e assim será maior a soma de escravos que terei.

Vendo a disposição em que estava seu senhor de segui-los até depois de mortos, desistiram do intento, morreram na escravidão, com grande aprazimento do fazendeiro.¹²⁶

O tom usado por Paulina Philadelphia é desanimador. Ainda mais se levarmos em consideração que pode ter provocado riso em algum leitor. Contudo, ao ler sua anedota o sentido político do conto “Virginius”, ganhava maior força e clareza. Desde essas primeiras histórias, a intenção de Machado de Assis era a de pensar de forma crítica situações conflituosas na sociedade em que vivia. Para isso, colocou em pauta o tema da escravidão de forma ambiciosa. Ou seja, ao invés de rir de possíveis crenças e costumes dos escravos, com olhar até certo ponto preconceituoso, fez a opção de caminhar por dentro da instituição da escravidão. Colocou em cena senhores que negociavam com seus escravos, e tentou entender qual o significado de conquistar a liberdade e continuar sob a proteção desse mesmo senhor. Tanto no conto, quanto na anedota a morte é pensada como forma de garantir a liberdade. Machado escolheu enfatizar a covardia de um filho de fazendeiro, que pensava poder caçar animais ferozes e “mulatinha” formosa, enquanto Paulina zombava da aparente covardia dos escravos que acreditavam poder ser seguidos, mesmo depois da morte. Ambos podem ter provocado, em seus leitores contemporâneos, sentimento de repulsa e indignação diante de questão idêntica, mesmo que por caminhos tão diferentes.

Assim, a história de *Pai de todos*, Julião e Elisa nos ajuda a entender uma outra política longe da rua do Ouvidor, das discussões em torno de trocas ministeriais e eleições, mas presente no cotidiano dos leitores e colaboradores do *Jornal das Famílias*. São embates e dissensões que se abrem a todos os leitores perspicazes. Estes possivelmente depois de ler

¹²⁶ Paulina Philadelphia. “Anedotas”. In: *Jornal das Famílias*. Junho de 1868. Pp. 185-6.

esses escritos iriam querer saber mais sobre o mesmo tema. Passariam a investigar e reconstruir a cada leitura novas histórias. Nesse sentido, Machado de Assis ainda contou com outro colaborador/personagem: Maria Amália.¹²⁷ Naquele mesmo ano de 1864, saía, em “Mosaico”, artigo intitulado, “Fragmentos de um livro”.¹²⁸ Ali a autora oferecia aos seus leitores indicações de leituras. Para realizar tal objetivo, atacava diretamente a “escola Realista”:

O romance moderno, o romance dessa escola que se apraz em endeusar os vícios e em sustentar como peregrinas as teses mais absurdas, são flagelos que se lançam no seio da sociedade.

E de fato, qual o bom senso que não repugna esse realismo de *madame Bovary*, essa febre de *Fernanda*, de Dumas; das *Cortesãs*, de Balzac; de Jacques e Valentina, de madame *Jorge Sand*?

Eu quisera que por uma vez se abolissem esses livros perigosos das mãos inexperientes, esses filtros daninhos que tanto corrompem a alma, como corrompem também o coração.

Porque não há de vir os romances como os de mistress *Beecher Stow*, miss *Cumming*, mademoiselle *Fredrica Bremer*, e tantos outros primores da literatura estrangeira, enriquecerem as nossas bibliotecas?¹²⁹ (Grifos no original)

A grande preocupação de Maria Amália era com as cortesãs presentes em determinada literatura, que tanto mal causavam às jovens e inexperientes leitoras, segundo sua análise. A autora do texto chegou a oferecer exemplo de uma senhora de vinte anos que, “sem ter tido outra instrução além da leitura desses romances perigosos”, imaginava-se uma “heroína” de Balzac. A tal moça de seu exemplo havia trocado um namorado pobre, que não tinha

¹²⁷ A primeira e única vez que Maria Amália assinou algum artigo para o *Jornal das Famílias* foi em dezembro de 1864. Entretanto, “Fragmentos de um livro” corresponde a uma série de histórias que já vinham sendo contadas na *Revista Popular*. A primeira história saiu naquela revista em 1º de dezembro de 1861, dizendo ser “páginas íntimas de um coração de moça” (p. 271) que N. Álvares iria disponibilizar ao público feminino. São, portanto, seis artigos publicados na *Revista Popular* e um no *Jornal das Famílias*. Geralmente com comentários a respeito de livros ou situações vividas pela “autora”. Maria Amália pode ser, assim, ser interpretada como personagem criada por Nuno Álvares Pereira e Sousa. Este, sim, prosador, poeta e colaborador de periódicos, entre outros ofícios.

¹²⁸ Maria Amália. “Fragmentos de um livro”. In: *Jornal das Famílias*. Dezembro de 1864. Pp. 358-362.

¹²⁹ Idem. P. 359.

conhecimento da fortuna do pai dela, por outro homem que possuía “olhos sagazes” e descobrira o quanto era rica. A decisão de trocar um namorado pelo outro fora tomada, porque o habilidoso conquistador mandara à menina cartas que usavam a mesma linguagem daqueles romances tão apreciados por ela. Entretanto, não demorou muito para que a jovem enganada descobrisse as verdadeiras intenções de seu agora esposo e passasse a viver em profunda melancolia.¹³⁰ Maria Amália seguia os mesmos passos daqueles que chegaram a julgar o editor, o impressor e o escritor de *Madame Bovary*. Esses eram grandes conhecedores do romance de Flaubert. Como eles, Maria Amália tinha lido com cuidado as histórias por ela desaconselhadas. Mas defendia-se. Ela, sim, poderia ler, pois tinha um pai que fazia o papel de “guia dedicado” de suas leituras, portanto estava livre de sofrer qualquer influência.

Dentre as leituras recomendadas, destacam-se os romances de Harriet Beecher Stowe – na impressão do *Jornal das Famílias*, o último nome da romancista aparece sem a última letra, mas deve corresponder à mesma pessoa. *A cabana do pai Tomás*, publicado em 1852, teve grande repercussão.¹³¹ Lido primeiramente em folhetim, no *The National*, e, depois, em livro, foi considerado como panfleto pela causa da emancipação dos escravos.¹³² No Brasil, é provável que tenha provocado também a simpatia dos leitores, pelo menos em Maria Amália. Assim, a sugestão dessa “colaboradora” lida ao lado do conto de Machado de Assis colocava os assinantes daquele periódico diante de questão semelhante. Ao mesmo tempo, ainda nos sugere que as discussões em torno do encaminhamento da escravidão no Brasil estavam abertas a todos os leitores perspicazes. Isto porque estes sabiam relacionar as histórias escritas na revista com suas outras leituras e, principalmente, com o próprio desenrolar da situação proposta e vivida por eles cotidianamente. Mesmo que o fato de o conto de Machado e as indicações de leitura – sem nos esquecermos de que o conto, “A filha do tropeiro”, também fazia referência às concessões feitas aos escravos, na festa de São João, assim como em “Virginius”, e que essa história fora publicada no ano de 1864 – não tenham sido calculadas pelos colaboradores e editor do periódico, para que saíssem no mesmo ano, ainda assim importa notar a relevância oferecida a discussão como essa, em tal momento. O tema da escravidão compunha as histórias escritas para o *Jornal das Famílias*. Seus colaboradores

¹³⁰ Idem. P. 360.

¹³¹ STOWE, Harriet Beecher. *A cabana do pai Tomás*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1969. 5ª edição.

¹³² CONY, Carlos Heitor. “Prefácio”. In: STOWE, Harriet Beecher. *A cabana do pai Tomás*. Op. Cit. S/P.

buscaram maneiras diferentes para abordá-lo, sem deixar de vez ou outra colocá-lo em pauta, direta ou indiretamente.

Entretanto, se esse tema estava aberto a todos os interessados, um artigo do periódico fazia questão de vetar parcela de possíveis leitoras. Em novembro de 1874, Victoria Colonna assinava seção denominada “Conselhos”, que trazia, em destaque, o título, “Linhas que as criadas não devem ler”.¹³³ Logo no princípio, lembrava às suas leitoras o inevitável fim da escravidão, e a conseqüente substituição das escravas, no trabalho doméstico, pelos criados. Por causa disso, sua intenção era a de oferecer dicas de como as senhoras deveriam tratar suas criadas, a fim de obter respeito, obediência e trabalho satisfatório. Segundo a colaboradora, era necessário mais que manter o pagamento em dia, mas também tratar aos seus “fâmulos” com mais bondade, sem essa “ofensiva superioridade que os humilha”, alimentando-os convenientemente, demonstrando “interesse por sua saúde e por seu futuro”, porque assim obteriam mais do que a realização do trabalho para o qual foram designados.¹³⁴ Esses “conselhos” indicam o quanto da ideologia que permeava as relações entre senhores e escravos ainda podiam continuar prevalecendo ao final da escravidão, ao menos de acordo com as idéias da classe dominante. Se em meados de 1874 já não era mais possível ter certeza da continuidade do trabalho escravo, muito pelo contrário; era importante para os ex-senhores aprenderem a cultivar certas formas de tratamento para com seus futuros criados. Isso tudo era essencial para garantir certa submissão tão importante, de acordo com tudo o que acreditavam até ali. Victoria Colonna, nesse sentido, foi bastante direta. Não é possível saber se ela, de fato, acreditava que com sua advertência, logo no título, coibiria algum leitor. Mas uma coisa é muito provável. As “criadas” leram aquelas linhas, e riram da aparente ingenuidade da colaboradora. O efeito causado, a partir da leitura de sua frase inicial, tem muito mais a probabilidade de despertar a curiosidade naqueles a quem ela pretendia vetar, do que mesmo de impedir que essas linhas fossem lidas.

As histórias contadas em todo este capítulo indicam que existiam no *Jornal das Famílias* temas interessantes para “criadas”, agregadas, dependentes. Seus colaboradores ofereciam alguma importância a essa parcela de possíveis leitores. Machado de Assis foi, certamente, quem mais investiu nessa possibilidade. Escreveu histórias, ou selecionou espaços

¹³³ Victória Colonna. “Conselhos”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1874. Pp. 343-345.

¹³⁴ Idem. P. 344.

em seus contos, que provavelmente seriam mais bem entendidos por leitores pertencentes à classe de pessoas com problemas financeiros e que eram obrigados a aceitar alguns favores. Mesmo ao escrever para a grande maioria dos assinantes da revista bem de vida, apostou em outras leituras ou leitores. Em uma passagem de *Iaiá Garcia*, vê-se com clareza o que esse autor esperava e acreditava ao escrever para esse outro público:

Luis Garcia era homem de escassa cultura, sobretudo irregular; mas tinha os dons naturais e a longa solidão dera-lhe o hábito de refletir. Também ele ia à casa de Jorge, cujos livros lia de empréstimo. Era tarde; já não estava moço; faltava-lhe tempo e sobrava-lhe fome; atirou-se sôfrego, sem grande método nem escrupulosa eleição; tinha vontade de colher a flor ao menos de cada cousa. E porque era leitor de boa casta, dos que casam a reflexão à impressão, quando acabava a leitura, recompunha o livro incrustava-o por assim dizer, no cérebro; embora sem rigoroso método, essa leitura retificou-lhe algumas idéias e lhe completou outras, que só tinha por intuição.¹³⁵

Sua idéia era a de propor questões que fizessem com que seus leitores parassem e refletissem sobre o texto lido. Muitas vezes, essa reflexão foi por ele mesmo incitada, a partir de provocações ou outras formas de chamar a atenção. Não se colocou como superior ou como alguém que sabia mais que seus leitores e que por isso deveria ensiná-los algo. Pretendia mesmo era oferecer novos sentidos a questões conhecidas. Simplesmente porque acreditava que seus leitores poderiam aliar o que liam ao cotidiano vivido, retificando algumas idéias e completando outras, da mesma forma que ele mesmo devia fazer como leitor de si mesmo ao reescrever histórias sobre o mesmo tema. Dessa forma, contava histórias também para aqueles leitores que só poderiam ler, se pegassem o *Jornal das Famílias* emprestado a algum dos seus assinantes. E confiava na leitura desses outros seus leitores, que talvez eram até mesmo muito mais perspicazes, verdadeiros leitores de “boa casta”.

Literatura e política constituíram-se, assim, para Machado de Assis, em uma forma de buscar outros leitores para as páginas do *Jornal das Famílias*. Como foi também uma maneira de levar esses mesmos leitores à rua do Ouvidor, por exemplo. Enfim, um de seus objetivos

¹³⁵ Machado de Assis. *Iaiá Garcia*. Capítulo VIII. In: Coutinho, Afrânio (org.). *Machado de Assis, obra completa*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1986, V. I. Pp. 444-445.

foi o de contar histórias que pudessem ser lidas por pessoas e de maneiras diferentes. E que esses, a partir daquela leitura, inserissem em suas vidas algo do que ficou retido, a partir de uma combinação com a própria experiência particular de cada um. Num certo sentido, Machado confiava em algumas interpretações que seus textos poderiam suscitar. Mas havia outras leituras que nem ele mesmo imaginava. Foi a partir dessas “outras leituras” que deve ter aprendido algo com seus leitores, depois de uma conversa ou outra com alguns deles. Este exercício deve ter sido fundamental para a própria definição de sua escrita. Assim, Machado de Assis abriu a revista, da qual era o principal colaborador, para leitores e leituras variadas, a partir de histórias matizadas em que cada leitor via melhor determinada nuance que outro.

CAPÍTULO III

LENDO COM MACHADO DE ASSIS

1. “Quem conta um conto...”

Em sua colaboração para o *Jornal das Famílias*, Machado de Assis vez ou outra fez brincadeiras, com a finalidade de discutir a “arte de contar histórias”. Ao escrever contos sobre como ser um bom contador, colocou em questão a veracidade de suas narrativas e conversou com leitores personagens e reais. Nos últimos anos, tem crescido muito o número de trabalhos vinculados a uma chamada “história da leitura”. A reação dos leitores diante do texto, via de regra, é considerada como de difícil apreensão pelos pesquisadores. Roger Chartier e Robert Darnton destacam-se nessa discussão. O primeiro autor, em seus trabalhos, tende a enfatizar a leitura valorizando os seus suportes materiais, e a perseguir as maneiras de ler, se coletivas ou individuais, por exemplo.¹ Darnton, por outro lado, está mais preocupado em compreender as “redes de comunicação” nas quais os livros se inserem, e tenta alcançar a sua produção, distribuição e consumo. Para ele, a leitura deve ser entendida tanto como determinada pela “natureza do livro como veículo de comunicação”, quanto pelos “códigos” internalizados pelo leitor.² Dessa forma, a maior preocupação de Chartier relaciona-se à recepção do livro, enquanto Darnton pesquisa a sua produção. Não resta dúvida de que ambas as perspectivas são válidas para tentar entender algo mais sobre a leitura em tempos determinados.³

Neste capítulo, o objetivo central é o de delimitar os leitores dos contos publicados por Machado de Assis no *Jornal das Famílias*. Já sabido que esses contos estavam abertos a mais de uma leitura e portanto a leitores de experiências sociais variadas, pretendo delinear tais leitores/leitoras dentro das próprias histórias. Leitores que faziam parte desses contos, porque discutiam com o autor deles. Ora figurando como personagens, ora como aquele que está do outro lado da revista, e que precisa ser convencido a prosseguir com a leitura, mesmo quando

¹ CHARTIER, Roger. “Do livro à leitura”. In: CHARTIER, R. (org.). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.

² DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. P. 203.

³ No Brasil, esses debates têm produzido alguns trabalhos interessantes, como aqueles reunidos no volume organizado por Márcia Abreu. Ver, ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.

esta estiver sem graça, longa e desconexa. Para isso, associar as várias possibilidades de leitura, com seus temas, personagens e questões discutidos nos capítulos anteriores, aos leitores que insistem em aparecer nos contos de Machado, pode ser um bom caminho.

As estratégias usadas por Machado de Assis para incluir seus leitores àquelas páginas variaram bastante. Brincar com a ficcionalidade da história estava entre as suas preferências. Nesse sentido, explicava aos seus leitores como era a arte de contar histórias, o que o conto precisava ter para ser bom e como deveria ser lido. “Quem conta um conto...”, publicada entre fevereiro e março de 1873, e assinada por *J.J.*, é uma dessas histórias. Logo de começo afirmava:

Eu compreendo que um homem goste de ver brigar galos ou de tomar rapé. O rapé dizem os tomistas que alivia o cérebro. A briga de galos é o jóquei clube dos pobres. O que eu não compreendo é o gosto de dar notícias.

E todavia quantas pessoas não conhecerá o leitor com essa singular vocação? O noveleiro não é tipo muito vulgar, mas também não é muito raro. Há família numerosa deles. Alguns são mais peritos e originais que outros. Não é noveleiro quem quer. É ofício que exige certas qualidades de bom cunho, quero dizer as mesmas que se exigem do homem de Estado. O noveleiro deve saber quando lhe convém dar uma notícia abruptamente, ou quando o efeito lhe pede certos preparativos: deve esperar a ocasião e adaptar-lhe os meios.⁴

O ofício de noveleiro era exposto no sentido de quem conta casos. Casos que, à medida que vão sendo passados adiante, ganham mais um detalhe, mais um ponto. O objetivo de *J.J.* era o de demonstrar como que as histórias são contadas e aumentadas. Tanto as histórias do dia a dia dos próprios leitores, quanto aquelas escritas para o *Jornal das Famílias*. A veracidade vai aos poucos se perdendo, assim que mais contadores assumem seus papéis. O bom noveleiro tinha que saber contar. Quando e como dar a notícia. Ainda assim até o melhor contador de casos poderia passar por situações complicadas, como a que aconteceu com Luiz da Costa. Este era conhecido como um modelo no gênero de contador. Sabia escolher o melhor “auditório, a ocasião e a maneira de dar a notícia”. Caiu nas armadilhas de sua arte no dia em que, ao chegar na loja do Paula Brito, comentou sobre a fuga da sobrinha do Gouveia,

⁴ *J.J.* “Quem conta um conto...”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1873. P. 45.

sem saber que este estava dentre os seus ouvintes. Contou todos os detalhes que sabia e imaginava. Os “pormenores da fuga”, a oposição ao namoro, o “desespero dos pobres namorados”, o horário do rapto e a beleza da menina. Até ser surpreendido com a identificação de um de seus ouvintes. A partir daí, foram atrás da pessoa que havia inventado tal história. À medida que o major Gouveia ia chegando aos noveleiros, menor ficava o conto, até descobrir que tudo havia partido de uma observação sua a um amigo, bem diferente daquilo que Luiz da Costa contara com tantas minúcias.

Machado de Assis sugeria aos seus leitores que por mais que algumas histórias trouxessem o distintivo de reais, ainda assim algo de fictício haveria. E que sua obrigação como noveleiro era a de saber o melhor momento de dar a notícia e conhecer o público ouvinte/leitor. Este, aliás, era o grande desafio do bom noveleiro: saber com quem estava falando. Para tanto, o maior colaborador dessa revista falou aos seus leitores por meio de muitos pseudônimos. Quase sempre, a “conversa” percebida entre o autor e o leitor, na verdade, acontecia entre os narradores criados por Machado e os seus leitores. No *Jornal das Famílias*, diversas foram as assinaturas usadas pelo literato. Algumas de fácil reconhecimento, e outras questionadas ainda hoje. As mais freqüentes foram *Max*, *Job*, *J.J.*, *Victor de Paula* e *Lara*. Além, é claro, de seu próprio nome, *Machado de Assis*.⁵ Já foi dito que Machado de Assis foi o principal colaborador dessa revista. Em alguns meses chegou a ser até mesmo o único. Apesar disso a revista oferecia listas de colaboradores, que assinavam textos de pouca regularidade, e afirmava em editorial comemorativo ao aniversário:

Vencidas as dificuldades, inseparáveis às primeiras tentativas, podemos com segurança e afoiteza dizer que o *Jornal das Famílias* vai datar do seu sétimo ano um verdadeiro e progressivo melhoramento.

Novos e ativos colaboradores assegurarão-nos a publicação de interessantíssimos romances, narrativas de viagens, biografias de senhoras ilustres, episódios de história geral e

⁵ Machado de Assis ainda assinou seus contos com as iniciais M.A, J.R, O.O, B.B, com as letras J, M, A, S, X, e com as variantes Maximo, Marco Aurélio e Camillo da Anunciação. Discussões sobre o reconhecimento dessas assinaturas como de Machado de Assis podem ser encontradas em MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. *Vida e obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981; SOUZA, Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1955; e MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870). Ensaio de bibliografia intelectual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

particular, descrições de cidades, vilas, etc., que tiverem maior importância, artigos sobre a educação de ambos os sexos, etc., etc.⁶

A maioria dessas promessas não foi cumprida. A partir de 1869, quem assumiu mesmo a seção de “Romances e Novelas” foi Machado de Assis. O que aconteceu foi que seus pseudônimos passaram a variar mais. No ano de 1868, seus contos começam a aparecer com mais duas novas assinaturas: *Victor de Paula* e *Otto*. Mais adiante, em 1872, *Lara* passa a ser recorrente. A variedade ficava muito mais por conta da criatividade de Machado em assumir várias identidades. Poucos foram os meses que teve mais de uma história com a sua mesma assinatura. Resta saber em que medida tudo isso importava ao público leitor. Será que as “gentis leitoras” conseguiam reconhecer aqueles contos como de Machado de Assis? Se, além de leitoras dessa revista, elas fossem leitoras das coletâneas por ele organizadas, será que havia alguma associação de autoria? E ainda, existia alguma semelhança entre os contos assinados pelos diferentes pseudônimos, ou cada narrador tinha estilo próprio?

Em janeiro de 1870, surgia mais uma assinatura diferente no *Jornal das Famílias*. “A vida eterna” não trazia segredos sobre quem era o seu autor. Em suas últimas linhas, os leitores foram informados de que aquela história era a reprodução de um sonho, e que seu autor fora aconselhado por um amigo a mandá-la para ser publicada por Garnier. *Camillo da Anunciação* não era somente personagem e nem pseudônimo. Era um velho de setenta anos, que havia sonhado que participava de um ritual. Em tal acontecimento, seria servido assado, por velhos canibais, que acreditavam que assim conquistariam a vida eterna. Esse é um dos poucos contos publicados por Machado de Assis nessa revista em que o narrador participa como personagem da história. Já vimos que *Lara*, em “Tempo de crise”, havia assumido papel semelhante. Entretanto, *Lara* parecia ser um colaborador do *Jornal das Famílias*, enquanto *Camillo da Anunciação* e o amigo dele são leitores da revista que tiveram a idéia de transformar o sonho em história contada. Como a revista dizia oferecer espaço, em suas páginas, para esse tipo de colaboração, alguns de seus leitores, talvez até mesmo a grande maioria deles, podem ter acreditado no chiste. Quem sabe, até mesmo, sentido vontade de fazer o mesmo. Pode ser que essa era a idéia ao publicar uma história daquela forma: incitar a participação dos leitores, criando novos colaboradores, como era o prometido.

⁶ “Às nossas leitoras”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro de 1869. P. 38.

No ano de 1875, Machado publicara um número de histórias elevado. Foram onze contos, sendo sete deles publicados completamente nesse ano. A variedade de pseudônimos foi também surpreendente. São seis pseudônimos que assinam oito histórias, e as outras três são assinadas por *Machado de Assis*.⁷ No ano seguinte, o intenso trabalho na revista continuou. São mais vinte e duas partes de histórias, o que significava dois epílogos, sete contos inteiros e o começo de mais uma narrativa.⁸ A necessidade de variar os temas e as assinaturas era clara. Dentre essas histórias, publicadas em 1876, sete foram assinadas por *Machado de Assis*, duas por *Lara*, e uma por *Victor de Paula*. Portanto, alguns dos “colaboradores” mais freqüentes. Uma delas recebeu o curioso título de “Encher tempo”.⁹ A narrativa começava contando todos os pormenores de uma tarde de chuva em dezembro. Primeiro, o calor excessivo pela manhã, e a chuva anunciada à tarde. Tudo de acordo com aquilo que todos os leitores e moradores do Rio de Janeiro, onde se passava a história, já estavam acostumados. Era preciso encher tempo. No meio daquele temporal, a única pessoa que estava na rua era o filho de D. Emiliana. Logo que esse chegou em casa, a narrativa descritiva passou a ser intercalada a ensinamentos “higiênicos”, oferecidos pela mãe ao filho e às leitoras. Mais adiante, é introduzido um padre. Os leitores ficam sabendo, então, que esse desejava que Pedro, o filho de D. Emiliana, seguisse a carreira religiosa. Havia dúvidas por parte da mãe, já que ela queria que o menino desse prosseguimento a sua “dinastia comercial”. A história continuava bem lentamente e cheia de conselhos e lições às leitoras, apresentadas agora pelo padre Sá. Ainda entraram mais três personagens: dois sobrinhos do padre, Lulu e Alexandre, e D. Mônica, uma escrava forra que cuidava da menina e da casa do padre. No decorrer da narrativa, Pedro apaixonou-se por Lulu. Alexandre, quem o padre Sá imaginava que se casaria com a sua sobrinha, decide “tomar ordem”. Depois da longa história, às vezes, até mesmo sem graça, Machado de Assis, pensando sobre o título a ela dado, afirmava:

⁷ As histórias publicadas em 1875 foram: “Miloca” e “A última receita”, assinadas por *J.J.*; “Valério” e “A mágoa do infeliz Cosme”, assinadas por *Job*; “Quem boa cama faz”, assinada por *O.O.*; “Brincar com fogo”, assinada por *Lara*; “Antes que cases”, assinada por *B.B.*; “Um esqueleto”, assinada por *Victor de Paula*; e “Onze anos depois”, Casa, não casa”, e História de uma fita azul”, assinadas por *Machado de Assis*.

⁸ As histórias publicadas em 1876 foram: “Casa, não casa”, “História de uma fita azul”, To be or not to be”, Longe dos olhos”, “Encher tempo”, “O astrólogo” e “Sem olhos”, assinadas por *Machado de Assis*; “O passado, passado”, e “D. Mônica”, assinadas por *Lara*; e “Uma visita de Alcibíades”, assinada por *Victor de Paula*.

⁹ Machado de Assis. “Encher tempo”. In: *Jornal das Famílias*. Abril a julho de 1876.

Mas que tem com esta história o título que lhe pus? Tudo; são umas vinte páginas para encher tempo. Em falta de cousa melhor, lê-se isto, e dorme-se.¹⁰

Sugeria a escrita sob encomenda que deveria ter sido feita a ele, por parte do editor da revista que precisava completar o número. Tinha que não só encher tempo, como também páginas. Isso parecia ser uma constante naquele periódico, mesmo quando a qualidade da história não ficava comprometida. Para os leitores, afastados dos círculos de literatos da época, cada uma daquelas assinaturas deveria ter significado distinto. Provavelmente, sabiam que se tratava de pseudônimos. Afinal, a maioria dos artigos não só do *Jornal das Famílias*, como de outros periódicos, era assinado assim. A identificação, para os mais curiosos e atentos, não deveria ser muito complicada. Pelo menos, no que se refere aos pseudônimos mais recorrentes. Isso porque esses foram usados pelo próprio Machado em outros jornais e revistas onde colaborava. Além disso, quando seus contos foram reunidos em coletâneas, o mistério estava resolvido. Ainda assim, havia uma tentativa de ludibriar alguns leitores menos prevenidos. O cuidado tomado para não se repetir incansavelmente a mesma assinatura é evidente.

De forma geral, não havia distinção muito nítida entre as histórias assinadas pelos diversos pseudônimos, usados por Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*. Os mais freqüentes alternaram histórias sobre casamento, meninas namoradeiras, histórias de viúvas e de dependentes. Quem demonstrou maior regularidade de temas trabalhados foi *Lara*. Com exceção de “Tempo de crise”, seus contos foram compostos por personagens femininas leves, à procura de casamento, ou com viúvas independentes. Ao lado da assinatura de *Machado de Assis*, a mais comum foi *J.J.*, com 14 histórias. Estas apresentavam temas e personagens de acordo com aqueles presentes na maioria das histórias da revista. Com isso, as várias assinaturas usadas pelo colaborador abriram espaço para discutir algumas questões que tinham mais de um debatedor. Não era apenas *Machado de Assis* quem questionava a política imperial, ou que brincava com suas personagens namoradeiras, mas também *J.J.*, *Lara* e tantos outros seus pseudônimos/personagens. Não havia nesses pseudônimos nenhuma intenção de criar características específicas para cada um deles. O uso de assinaturas variadas em histórias próximas poderia ter o sentido de expandir algumas idéias, que não ficavam restritas a apenas um colaborador. Além disso, retomando as idéias de “Quem conta um conto...”, o uso de

¹⁰ Machado de Assis. “Encher tempo”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1876. P. 206.

tantos pseudônimos, pelo mesmo colaborador, pode também sugerir uma maior ficcionalidade e abrir ainda mais tais histórias aos seus leitores. Isso porque nem mesmo a identidade dos narradores era confirmada. Portanto, poderiam sofrer acréscimos de acordo com o próprio contador e/ou leitor. Neste ponto é que entrava a habilidade do literato para conduzir a leitura da forma que considerava mais adequada. Machado de Assis ao tentar guiar seus leitores por aquelas páginas, acabou os inserindo, seja por meio de diálogos ou personagens.

2. Leitores acorrentados

Em outubro de 1866, Machado de Assis iniciava mais um conto no *Jornal das Famílias*. História assinada por *Job*, “Astúcias de marido”, traz narrativa de casal de primos apaixonados, mas separados devido à posição social inferior do rapaz. A forma pela qual o narrador aborda seus leitores, nesse conto, é interessante, e indicativo de várias questões sobre o relacionamento estabelecido entre Machado de Assis e seus leitores/leitoras. Logo de início todos eram prevenidos de que só saberiam o porquê de o casamento de Valentim e Clarinha ser tão morno, se tivessem paciência para acompanhar o desenrolar da trama até o final. Isso significava ser atento na medida certa, saber desviar das armadilhas plantadas pelo narrador, ir além das linhas e buscar significação para as metáforas encontradas ao longo da leitura e, sobretudo, refletir sobre aquilo que estava escrito. Para facilitar a execução desta última advertência, o conto estava dividido em dois meses. O corte era muito bem calculado para que todos tivessem a possibilidade de voltar e repensar sobre o lido, até que o desdobramento viesse no próximo mês. Dessa forma, em outubro, os leitores começavam por ser avisados de que Valentim era um excelente rapaz. Tinha qualidades suficientes para seduzir tanto uma moça, ou seja, “uma beleza varonil e uma graça de cavaleiro”; quanto o candidato a sogro, por possuir “nome e fortuna”. Clarinha também era uma menina perfeita. Era tão bonita quanto prendada. No primeiro encontro do casal, a menina havia acabado de sair da cama, por causa de uma “febre intermitente”.¹¹ O rapaz não lhe inspirara nenhum sentimento mais profundo.

¹¹ Job. “Astúcias de marido”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1866. Pp. 301-302.

De outro modo, Valentim logo se encontrara enamorado. Para se aproximar da menina e da família dela, usou de um “sistema” conveniente:

O pai de Clarinha era doido pelo xadrez e não via salvação fora do partido conservador; Valentim fustigava os liberais e acompanhava o velho na estratégia do *rei* e dos *elefantes*. Uma tia da moça detestava o império e a constituição, chorava pelos minuets da corte e ia sempre resmungando ao teatro lírico; Valentim contrafazia-se no teatro, dançava a custo uma quadrilha e tecia loas ao regime absoluto. Enfim, um primo de Clarinha mostrava-se ardente liberal e amigo das polcas; Valentim não via nada que valesse uma polca e um artigo do programa liberal.¹²

A partir dessas informações, *Job* oferecia ao seu leitor as características principais dos personagens, com ênfase em questões morais e políticas, como acontecia nos contos daquele periódico, e que viemos acompanhando. Nesse jogo com os parentes de sua amada, Valentim algumas vezes acabava por se enrolar. Nada que não conseguisse solucionar depressa. Sendo assim, transformou-se em conviva essencial naquela família. Só não conseguiu conquistar a aprovação e confiança do primo da menina. Ao explicar os motivos da hostilidade daquele parente, apesar dos métodos eficazes usados, o narrador dirigiu-se ao leitor e fez afirmação reveladora:

Não sou romancista que me alegre com as torturas do leitor, pousando, como o abutre de Prometeu, no fígado da paciência sempre renascente. Direi as cousas como elas são: Clarinha e Ernesto amavam-se.¹³

Na tragédia grega, Prometeu havia criado o primeiro homem com argila e água e roubado o fogo sagrado. Por causa disso, fora acorrentado, a mando de Zeus, no pico de uma montanha deserta. Foi condenado, também, a ter seu fígado dia a dia dilacerado por uma ave.¹⁴ Embora o “romancista” afirmasse ao leitor que a sua posição não era a de abutre, os leitores estavam, todo o tempo, colocados diante de uma enorme instabilidade. Em alguns momentos,

¹² Idem. P. 302.

¹³ Idem. P. 303.

¹⁴ Ésquilo. *Teatro Grego*. São Paulo: Editora Cultrix. S/d. Pp. 19-42.

eram mesmo torturados, e tinham sua paciência colocada em xeque. Apesar de afirmação contrária, o narrador criado por Machado de Assis pode ser comparado ao abutre de seu leitor. Restando ao próprio leitor saber como lhe dar com essa situação, de forma a não perder de vez a paciência, se quisesse prosseguir com a leitura. Colocados os personagens em cena, bem como a própria estratégia narrativa do literato, restava acompanhar com calma o desenrolar da trama, sem se esquecer de que quase nunca as cousas são ditas “como elas são”. Ou então que pode haver mais de um significado para tais cousas.

Para completar as apresentações dos personagens, *Job* ainda contou aos seus leitores como se encaminhava o amor proibido entre Clarinha e o primo dela. O rapaz acostumara-se a pedir a mão da moça de três em três meses, sendo-lhe sempre negado. Esse amor não era recente. Datava de dois anos, com esperanças de um desenlace feliz, apesar das condições desfavoráveis. Cada dia que passava, mais complicada ficava a situação dos dois apaixonados, que foram mesmo impedidos de se falar. Restavam a eles os encontros e conversas às escondidas. E assim ficavam os leitores sabendo de mais detalhes daquela história tão convencional, quando outra vez entrava o seu abutre:

Aqui devo eu fazer notar aos leitores desta história, como ela vai seguindo suave e honestamente, e como os meus personagens se parecem com todos os personagens de romance: um velho maníaco; uma velha impertinente, e amante platônica do passado; uma moça bonita e apaixonada por um primo, que eu tive o cuidado de fazer pobre para dar-lhe maior relevo, sem todavia decidir-me a fazê-lo poeta, em virtude de acontecimentos que se hão de seguir; um pretendente rico e elegante, cujo amor é aceito pelo pai, mas rejeitado pela moça; enfim, os dois amantes à borda de um abismo condenados a não verem coroados os seus legítimos desejos, e no fundo do quadro um horizonte enegrecido de dúvidas e de receios.¹⁵

Contrariando muitas outras histórias contadas ali mesmo no *Jornal das Famílias*, essa não possuía nem de longe a intenção de ser narrativa de algum fato real. Estava muito claro para os leitores de que era um romance com personagens fictícias. Real mesmo só quem estava percorrendo aquelas páginas e que a todo o momento entrava na própria narrativa. Porque ao se dirigir ao leitor, Machado o incluía em sua história. Ora transformando-o em

¹⁵ Job. “Astúcias de marido”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1866. P. 304.

personagem, ora naquele que era diretamente inquirido. Era alguém que deveria ser convencido a acompanhar a história, a ter paciência, a mudar de posição física em sua casa, passando de uma cadeira a outra mais confortável. Para alcançar tais objetivos, Machado continuava usando de seus recursos:

Depois disto, duvido que um só dos meus leitores não me acompanhe até o fim desta história, que, apesar de tão comum ao princípio, vai ter alguma coisa de original lá para o meio. Mas como convém que não vá tudo de uma assentada, eu dou algum tempo para que o leitor acenda um charuto, e entro então no segundo capítulo.¹⁶

E no segundo capítulo não desistia de seu intento, chegando a ponto de comparar a experiência do seu “leitor” com a de seu personagem. Para o narrador, se aquele que o estivesse acompanhando já tivesse amado alguma vez, entenderia bem a situação de Ernesto. Um rapaz pobre que via a moça de seus sonhos sendo cortejada por outro. As primeiras interrogações do primo à namorada vieram, e Clarinha mostrou-se fiel ao sentimento que havia tanto tempo cultivava. Por parte dos leitores e de Ernesto, a dúvida girava em torno de saber se a resposta da menina era “cálculo” ou “natural sentimento”. Outra vez, intervinha o narrador: “Nós podemos saber que era cálculo, apesar de me servir este ponto para eu atormentar um bocado os meus leitores”.¹⁷ Mas não havia esse mesmo narrador, há menos de duas páginas, informado-nos de que não era o “abutre de prometeu”? Não é mesmo possível confiar em abutres, por mais simpáticos que eles sejam. Assim, o estratagema usado por Ernesto para saber o que se passava no coração de sua prima/namorada foi declarar que se mataria, sem intenção nenhuma de chegar a esse fim. Depois disso, concluiu que a menina gostava de fato dele e que o enganado era o outro, Valentim. Conclusão errada, já que, de acordo com o narrador/abutre, havia muito cálculo nas idéias e falas de Clarinha. Além disso, já sabemos que aquilo que mais importava para a maioria das personagens femininas de Machado, como essa, era se casar. E que para isso namoravam vários rapazes com o objetivo de escolher melhor o marido, não correndo o risco de aceitar alguma imposição de seus pais. Portanto, Clarinha estava entre dois pretendentes: o primo já aceito, e o valente Valentim.

¹⁶ Idem.

¹⁷ Idem.

Enquanto Ernesto era facilmente controlado, Valentim, acreditando que os gestos da moça eram promessas de amor, acabou por pedir a mão dela em casamento, sem prévia autorização. A situação havia escapado ao seu controle. Mesmo porque era tudo o que o candidato a sogro queria: conseguia um marido rico para a sua filha e afastava de vez a possibilidade de ter o sobrinho como genro. Clarinha até tentou recusar o pedido, mas não foi possível. Para completar, viu seu primo outra vez ser expulso da casa, e fora “obrigada” a se casar. Nesse ponto da história, o leitor personagem de Machado intervém, e exclama: “-Ora, graças a Deus! Já temos um marido”. Restava encontrar as astúcias desse marido. Isto dependia do abutre, que afirmava terminar mais um capítulo, para não ter que contar como acontecera “o casamento e a lua-de-mel”.¹⁸

Resquícius sobre como se passou a lua-de-mel estavam no capítulo seguinte. Por ser forçada a se casar, Clarinha ficara distante de seu marido. Valentim, ao tentar entender o que estava acontecendo, pressentiu que não era amado, conforme imaginava. O narrador contou então como se passavam os pensamentos na cabeça de Valentim. A conclusão que o esposo tirou depois de muito vai-e-vem foi a de que deveria pesquisar, observar tudo, e tentar entender a situação em que se envolvera. Enquanto isso, *Job* continuava a contar a história:

Uma tarde...

O leitor há de ter achado muito singular que eu não tenha marcado nesta novela os lugares em que se passam as diversas cenas de que ela se compõe. É de propósito que faço; limitei-me a dizer que a ação se passava no Rio de Janeiro. Fica à vontade do leitor marcar as ruas e até as casas.

Uma tarde, Valentim e Clarinha achavam-se no jardim.¹⁹

Ao contar a sua história, *Job* construía um personagem leitor, e vez ou outra se dirigia ao leitor real para conversar. Chegou até mesmo a convidá-lo a completar algumas situações. Sua narrativa ficcional estava aberta. Cada um poderia imaginar e colocar os personagens nas ruas e casas que melhor conviesse. Apesar de abutre do leitor, *Job* não deixou de levá-lo para sua “novela”, ora como personagem, ora por meio de diálogos. Talvez exatamente por manter

¹⁸ Idem. P. 306.

¹⁹ Idem. P. 307.

essa posição de abutre, esse narrador acreditava na capacidade de seus leitores acompanhar e completar a história, que não era contada apenas por ele. Prosseguia o diálogo entre os personagens. Valentim já arriscava fazer perguntas mais diretas, chegando a inquirir a moça sobre os sentimentos dela. Em momento algum, o narrador deixava de lembrar que aquela história não passava de mera invenção. A cena seguinte a da conversa do casal fora mesmo inspirada por uma coruja que cantava em sua janela.²⁰ Corujas não aparecem por acaso. Com essa não foi diferente. A idéia levada em seu canto era a de colocar em cena a tia de Clarinha. A senhora foi a casa da sobrinha, e Valentim acabou descobrindo o segredo de sua esposa. Apesar dos disfarces usados por Clarinha, ou por causa deles, Valentim percebeu durante a conversa entre as duas mulheres, na hora do jantar, o grande interesse da menina por saber notícias do primo. A conversa continuou, veio o chá, todos se recolheram e *Job* encontrou o momento certo para colocar ponto final não só no capítulo, mas também no mês.²¹

Depois de passar um mês esperando o próximo número do *Jornal das Famílias*, e com ele o epílogo de “Astúcias de marido”, os leitores puderam dar continuidade àquela história, interrompida com a sugestão de que era para que eles, leitores, acendessem outro charuto. Nesse ínterim, os leitores poderiam ter imaginado diversas formas de colocar o último ponto final. Charutos acesos e apagados, a situação não mudou muito de um mês para o outro. Os leitores começaram por ser informados de que a tia de Clarinha passara não oito dias com a sobrinha como era o combinado, mas quinze. O marido, finalmente, demonstrava mais sua astúcia. Mesmo com a desconfiança aguçada naquele jantar, guardou segredo de tudo e continuou estudando a situação. Junto a isso imaginava contar com o caráter de sua esposa, e com a substituição de um sentimento de infância pelo amor maduro advindo com o casamento. Até que chegou na casa deles o próprio Ernesto. Agora, sim, os leitores poderiam saber quais seriam as “astúcias de marido”. Tudo consistia em colocar o rival numa situação ridícula e enterrar de vez aquele sentimento que nem mesmo deveria existir. O quarto capítulo foi todo dedicado à primeira humilhação de Ernesto. Valentim havia comprado um cavalo que, segundo diziam, era muito arisco. Como o seu rival era afamado cavaleiro, o jovem marido pediu a ele que o domasse. Diante de todos, Ernesto acabou por ser jogado ao chão, debaixo de muito riso das mulheres que assistiam a cena. Valentim com ar de superioridade, de

²⁰ Idem. P. 308.

²¹ Idem. P. 309.

maneira diferente, fez bela figura. Montou o cavalo e recebeu uma chuva de aplausos. No capítulo seguinte, Ernesto continuou sendo envolvido em situações como aquela. Finalmente, a história é concluída, depois de Valentim propor um falso duelo ao seu rival. Tudo não passava de mais uma estratégia para ridicularizá-lo.²² Nesse segundo mês de publicação, a história destoava e o narrador já não era mais tão abutre de seu leitor, como antes acontecia. Até mesmo as intervenções, no sentido de trazer tanto o leitor personagem quanto o real para dentro da narrativa, perderam-se. O que restou foi aquela velha trama com epílogo moralizante. Se logo no princípio, *Job* afirmava que aquela era uma história como tantas outras, mas com um pequeno diferencial, isso ficou restrito ao mês de outubro, por meio das intervenções do narrador e das provocações ao leitor.

Independente dos caminhos tomados pela narrativa, vale a pena frisar a inclusão do leitor, bem como a sua participação ativa, nessa história. Machado tinha clareza de que havia alguém do outro lado da revista. Com isso, os seus leitores passaram a intervir no próprio andamento do texto. O diálogo que é construído entre leitor e narrador salta aos olhos. Ao mesmo tempo em que se vê um leitor personagem, esse adquire outra condição, quando é inquirido pelo narrador. Sendo assim, vemos narrador e leitor conversando, de modo que as respostas aparecem por meio desse leitor personagem, que também tem muito a nos dizer sobre os leitores reais.

A relação de Machado de Assis, ou de seus pseudônimos, com os leitores pode ser percebida em muitas de suas histórias. A partir disso, delinear o leitor/leitora fica bem mais fácil. Ora Machado oferecia espaços aos seus leitores, para que eles os completassem, de acordo com suas experiências particulares, ora zombava daqueles que não o estavam compreendendo, ou então antecipava as reações que esses leitores deveriam ter diante de determinada passagem. Esses espaços concedidos podem ser visualizados tanto por meio de afirmações, como aquela do encontro entre José de Menezes e Nogueira, no conto “Casada e viúva” – “Deixo ao espírito do leitor ajuizar como seria o encontro de amigos que se não vêm há muito”²³ – quanto por meio dos cortes inseridos de mês a mês, nas histórias. Esta era mais uma de suas estratégias, e fica bem evidente a intenção de abrir a história. Em “O que são as moças”, publicado entre maio e junho de 1866, o narrador intrometido e abutre demonstrava

²² Job. “Astúcias de marido”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1866. Pp. 321-328.

²³ Machado de Assis. “Casada e viúva”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1864. P. 316.

as semelhanças entre Júlia e Teresa. Elas eram muito amigas, estavam sempre juntas, tinham a mesma idade, freqüentavam os mesmos lugares e ainda por cima usavam vestidos iguais. Nisto, o narrador e seu leitor personagem interferiam, como vimos acontecer em “Astúcias de marido”:

Já estou a ouvir uma pergunta da parte das leitoras, pergunta que naturalmente dará ainda mais interesse ao meu conto, pela simples razão de que não responderei a ela.

A pergunta é esta. Aquelas duas almas, tão irmãs, tão conformes, namoravam acaso o mesmo indivíduo? A pergunta é natural e lógica, adivinho mesmo os terrores a que pode dar lugar o desenvolvimento dela; mas nada disso me demove do propósito de deixá-la sem resposta.²⁴

Como é possível observar, nesse conto a posição do narrador diante de seus leitores é idêntica àquela da narrativa anterior. As provocações são bem diretas, e possuem a intenção de construir mais um personagem: o leitor. Da mesma forma que esse narrador pode ser visto como abutre de seus leitores, ao deixar perguntas soltas, estas serviam para que os próprios leitores pudessem criar suas respostas. As duas meninas, como as leitoras já deveriam imaginar, mesmo sem a confirmação do narrador, apaixonaram-se pelo mesmo rapaz. Trocaram cartas cheias de confidências, sem saber que ambas falavam de uma só pessoa. O namoro duplicado fora descoberto em um baile, sendo que elas concordaram em não mais pensar naquele caso. A confirmação da promessa feita, só seria revelada no mês seguinte. Porque, como bom narrador, era conveniente deixar algum suspense no ar, saber o melhor momento de dar a notícia:

Mas, quem pode responder pelo coração? Era ainda o coração quem as animava contra o jovem namorado comum. Enganavam-se, talvez; venceria o amor ou a amizade? É o que as leitoras vão saber se tiverem a paciência de passar aos capítulos seguintes.²⁵

Os capítulos seguintes estavam na próxima revista. Para saber o que aconteceria com Júlia e Tereza, a leitora teria que aguardar trinta dias. Nesse conto, o corte foi muito bem

²⁴ Max. “O que são as moças”. In: *Jornal das Famílias*. Maio de 1866. P. 130.

²⁵ Idem. P. 138

calculado. Mas nem sempre era assim. Algumas vezes, Machado chegou a ponto de cortar um diálogo no meio, sem o menor aviso sobre o que viria no próximo mês. Em algumas de suas histórias, o literato usava claramente o recurso dos cortes como forma de despertar a curiosidade e manter a leitura no mês seguinte, em outras pode ser que a história era interrompida simplesmente devido a questões tipográficas, ou porque a revista tinha que trazer sempre um determinado número de páginas. Então, para não ultrapassar o número de 32 páginas ao mês, a história era cortada sem avisos, como se o literato não tivesse marcado aquele lugar propositalmente. Cada vez mais o didatismo do narrador vai sendo deixado de lado, e substituído por um contador abusado, que zomba do leitor sem a menor cerimônia. Nesse conto, o literato ainda oferecia algum crédito àquele que estava do outro lado do periódico, e afirmava isso, logo que recomeçou a história das meninas, no outro mês:

Não pertencço ao número dos narradores que atribuem aos leitores uma cegueira completa para a averiguação de certos pontos das suas narrativas. Fica entendido que o leitor sabe já que o namorado de Júlia e Tereza, e o rapaz entrado às 10 horas na casa do Comendador ***, causando tanto abalo aos convidados, eram uma e a mesma pessoa.²⁶

Por detrás de palavras tão confiantes, havia mesmo era um narrador que pegava nas mãos de seu leitor e o guiava durante o exercício da leitura. Não era simplesmente um ato de confiança. Havia a necessidade de conduzir os leitores página a página. Ensinar a ler era, portanto, um dos objetivos centrais de Machado de Assis no *Jornal das Famílias*. Ler com atenção, procurando todos os significados de cada uma daquelas passagens. À medida que mais espaço é oferecido pelo literato aos seus leitores, narrador e leitor acabam se libertando um do outro. Começa até mesmo a haver diferenciação entre os próprios leitores, de modo que uns são apresentados como mais perspicazes do que outros. No conto, “História de uma fita azul”, o leitor personagem criado é mesmo desprezado, chamado de “ignaro”, quando tenta discutir com o narrador sobre a escolha do nome do personagem:

Gustavo! (interrompe neste ponto o leitor) mas porque Gustavo e não Alfredo, Benedito ou simplesmente Damião?

²⁶ Max. “O que são as moças”. In: *Jornal das Famílias*. Junho de 1866. P. 161.

Por uma razão muito clara e singela, leitor ignaro; porque o namorado de Marianinha não se chamava Alfredo, nem Benedito, nem Damião, mas Gustavo; não Gustavo somente, mas Gustavo da Silveira (...).²⁷

Nem parece o mesmo narrador que, páginas atrás, tentava orientar o leitor tão educadamente. Que o deixava escolher a melhor rua para colocar seus personagens. Mas é melhor não achar que Machado foi a cada página escrita, perdendo mais a paciência com os seus leitores, a quem ele, a princípio, queria convencer a ler mais um pouquinho. O que havia nesse novo narrador por ele criado era certa distinção entre o leitor ideal, aquele que o compreendia mais do que ninguém, e aquele que era menos perspicaz que “um chapéu”. Também para lisonjear as suas próprias leitoras, do *Jornal das Famílias*, as mulheres eram quase sempre aquelas consideradas capazes de compreendê-lo melhor. Neste sentido, “To be or not to be” é uma história importante.²⁸ André Soares foi nesse conto apresentado como representante de uma mediania em todos os sentidos. Seja no físico, seja na inteligência. O leitor real era até mesmo poupado de acompanhar passo a passo “os principais acontecimentos” da vida desse protagonista. Era suficiente saber que no dia 18 de março de 1871 – dia em que “rebentava em Paris a revolução da Comuna” – ele estava no Rio de Janeiro, sendo naquele momento marcado o início de suas peripécias. Tinha André Soares um emprego modesto, e muita vontade de conquistar algo mais. Promessa para isso havia. Mas, como toda promessa, com a possibilidade de não ser realizada. Foi isso, aliás, o que aconteceu. E como o rapaz já havia feito “mil castelos no ar”, pensou em alguma forma de se matar. Escolheu a morte por afogamento. Entrou em uma barca e esperou que chegasse o melhor lugar para realizar o seu intento. Enquanto isso, surgiu uma misteriosa dama. O personagem aproveitava os seus últimos minutos de vida para admirar aquela beleza, quando de repente viu que tinham chegado a São Domingos. A moça saiu e ele também. Ela na frente e ele atrás:

²⁷ Machado de Assis. “História de uma fita azul”. In: *Jornal das Famílias*. Dezembro de 1875. P. 358.

²⁸ Machado de Assis. “To be or not to be”. In: *Jornal das Famílias*. Fevereiro e março de 1876.

No fim de duzentos passos, André Soares estava quase namorado de todo, sobretudo porque a desconhecida duas ou três vezes voltara o rosto e passara ao infeliz um novo cabo de reboque. Cabo de reboque é uma metáfora que o leitor compreenderá bem e a leitora ainda melhor.²⁹

Não há dúvida de que Machado fazia distinção entre leitores e leitoras. Quando a questão principal era ludibriar namorados, eram elas que entenderiam melhor as suas intenções, o seu escrito. Havia partes em seus contos escritas especialmente para as leitoras, ou que só seriam entendidas por elas. Isso não se restringia ao aspecto aparentemente mais banal da revista. Cabiam a elas também discussões em torno da política imperial e da própria percepção dessas leitoras como sujeitos ativos de suas próprias histórias.³⁰ Por certo, não eram apenas as mulheres que liam o periódico. Mas, os elogios feitos por Machado ao seu público via de regra recaíam nelas. No conto “Astúcias de marido”, por exemplo, vemos que para interromper o capítulo, Machado sugeria aos seus leitores que fossem acender um charuto e refletir sobre a história lida. Não deixa de ser interessante ponderar que a grande maioria dos fumantes à época, ou quem sabe até todos, eram homens. Portanto, leitores do sexo masculino deveriam pensar com cuidado para poder entender aquelas páginas, precisando até mesmo de algum tempo. Esse deveria ser mais um chiste do literato e uma forma de debochar desses mesmos leitores. Talvez fosse a sua forma de incentivar assinantes que ainda não tinham adquirido o hábito da leitura, ou que eram semi-alfabetizadas. Aquelas que compravam a revista interessadas apenas em copiar os moldes dos vestidos. Essa parcela especial de leitoras pretendida por Machado ao se identificar com algumas daquelas personagens e situações, e ainda sentir que era capaz de ler aqueles contos, seria tentada a continuar a leitura, mesmo quando o exercício parecesse muito complicado. Tinha o efeito de criar novos leitores para aquelas páginas. Uma revista que se dividia entre seções de literatura, ensinamentos domésticos e modelos femininos deveria atingir também um público de mulheres próximo às

²⁹ Idem. P. 43.

³⁰ John Gledson chegou a afirmar haver certo feminismo em Machado de Assis. Isso por causa dos traços principais de suas personagens, das questões abordadas em seus contos, e por declarações explícitas do literato da necessidade de despender certo grau de instrução às mulheres. Ver, GLEDSON, John. “Leituras femininas (e não-leituras masculinas) em ‘Capítulo dos chapéus’”. In: *Revista do Livro*. Nº 44. Janeiro de 2002. P. 43.

personagens femininas do conto “Folha rota”.³¹ D. Ana Custódia e sua sobrinha Luisa são apresentadas como costureiras:

Luisa Marques tinha dezoito anos. Não era um prodígio de beleza, mas não era feia; pelo contrário, as feições eram regulares, as maneiras gentis. O olhar meigo e cândido. Mediana de estatura, delgada, naturalmente elegante, tinha proporções para vestir bem e primar pelos adornos. Infelizmente, não tinha adornos nem os vestidos eram bem cortados. Pobres, já se vê que deviam ser. Que outras cousas seriam os vestidos de uma filha de operário, órfã de pai e mãe, condenada a coser para ajudar a sustentar a casa da tia! Era um vestido de chita grossa, cortado por ela mesma, sem arte nem inspiração.³²

Os vestidos de Luisa eram cortados sem muito cuidado, mas aqueles levados por sua tia a uma loja na rua do Hospício, conforme anunciava o narrador, logo que o conto teve o seu início, deveriam receber um melhor tratamento. Mesmo que leitoras desse timbre não tivessem condições financeiras suficientes para comprar uma revista como o *Jornal das Famílias*, esse tipo de periódico era acessível a elas, por causa do próprio ofício. Ao estudar o comportamento sexual, em princípios do século XX, Marta Abreu identificou alguns sentidos, oferecidos por diferentes sujeitos sociais, para o namoro e o casamento.³³ Em um dos processos por ela estudados, observa-se mãe e filha que exerciam seus ofícios de costureiras

³¹ Machado de Assis. “Folha rota”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1878.

³² Idem. Pp. 297-298.

³³ Imbuída pelo desejo de explicitar que as relações entre homens e mulheres da *Belle Époque* não eram moldadas pelas falas de profissionais “conceituados”, Martha Abreu buscou em processos de defloramento, estupro e atentado ao pudor os possíveis sentidos que o amor poderia ter para os populares àquela época. Nesse trabalho, é possível observar que as histórias contadas por mulheres defloradas, se aparentemente parecem propagar um mesmo discurso daquilo que seria a melhor atitude de uma mulher diante da possibilidade de perda da virgindade, oferecem visibilidade a um cotidiano duro, em que os sentidos do namoro, casamento e virgindade, por exemplo, eram diversos daqueles propagados por juristas. Essas mulheres freqüentavam espaços considerados proibidos e desafiavam um suposto modelo de mulher que deveria se casar, seguindo passo a passo uma série de regras. Isso não significa dizer que o casamento fosse desprezado, mas, para alcançá-lo, não havia a necessidade de se comportar, como queriam as normas de sexualidade vigentes. Para namorar, e quem sabe se casar, tais padrões, difundidos pela elite, podiam mesmo ser deixados de lado. A análise de tais processos permite, portanto, perceber outras formas de relacionamento diferentes daquelas propostas pela elite. Em contraponto a uma família bem organizada, na qual o pai seria o provedor financeiro, a mãe se ocuparia da formação moral dos filhos, e estes representariam o futuro da nação, o que é possível observar são pessoas que reinventam os seus relacionamentos, buscando, muitas vezes, na solidariedade de seus vizinhos, possibilidades diferenciadas de manter relações de amor. ESTEVES, Martha Abreu. *Meninas perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

para suprir suas próprias necessidades, assim como Luisa e sua tia, Ana Custódia.³⁴ No conto de Machado de Assis, suas personagens assumiam características relevantes. A menina foi impedida por sua tia de namorar o primo Caetano, por causa de antigas desavenças com o pai do rapaz. O epílogo do conto é de um desencanto incrível:

As semanas, os meses, os anos passaram. Caetaninho não foi esquecido; mas nunca mais se encontraram os olhos dos dois namorados. Oito anos depois morreu D. Ana. A sobrinha aceitou a proteção de uma vizinha e foi para casa dela, onde trabalhava dia e noite. No fim de catorze meses adoeceu de tubérculos pulmonares; arrastou uma vida aparente de dois anos. Tinha quase trinta quando morreu; enterrou-se por esmolas.³⁵

As personagens costureiras criadas por Machado, para aquelas páginas, colocavam em discussão a posição social daquelas mulheres, a labuta diária para conseguir sobreviver dignamente, e a luta para não se submeter a um casamento pautado pela humilhação da mulher. A tia de Luisa havia impedido o namoro da menina com Caetaninho, depois de contar a ela como fora o rompimento de relações entre as famílias. Segundo D. Ana, a morte da mãe do rapaz, e irmã dela, havia se dado por falta de cuidados. O pai de Caetano não se importava com sua mulher. Tirou-a de casa, “para perdê-la”. Para completar, assim que ficou viúvo, o cunhado de D. Ana passou a cortejá-la. Como não obteve sucesso, e ainda fora castigado “no rosto”, fez com que D. Ana fosse abandonada por seu marido. Por suspeitar de que o sobrinho poderia ter as mesmas características do pai, a mulher fez com que Luisa jurasse que nunca iria se aproximar de Caetaninho.³⁶ Leitoras que faziam da profissão de costureira meio de vida, e que usavam o *Jornal das Famílias* como fonte de “arte e inspiração” deveriam compor as expectativas de Machado de Assis. Muitas vezes, nota-se o seu posicionamento como o de um escritor que lê com seus leitores. Ajuda-os a compreender algumas passagens de seus contos. A partir do exposto até aqui poderíamos concluir que Machado de Assis acreditava na existência de leitores diversificados para a revista em que colaborava. Chegou a brincar com a suposta ingenuidade de alguns deles, mas ainda assim, não deixou de escrever incluindo-os em

³⁴ Refiro-me ao processo criminal que envolveu Maria Carolina e Vicente discutido pela pesquisadora, Martha Abreu. Op. Cit. Pp. 127-137.

³⁵ Machado de Assis. “Folha rota”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1878. P. 304.

³⁶ Idem. Pp. 302-303.

suas histórias. Outra estratégia usada, e que veremos a seguir, foi a construção de leitores que liam periódicos e romances variados. Caminho que além de mostrar aos seus leitores a melhor forma de ler os contos, ainda tinha por vantagem o fato de sugerir àqueles que não estavam interessados na seção de “Romances e Novelas”, mas que talvez escolhessem uma ou outra história, que ler era um exercício rico e interessante. Contudo, como ficava a discussão em torno da formação dos leitores reais, bem como do maior ou menor índice de alfabetizados? Já que isso poderia ser determinante para o alcance de suas histórias.

3. Personagens leitores

Charles Expilly, em 1863, com o intuito de criticar a escravidão no Brasil, partiu de um caminho já conhecido. Afirmava ser essa instituição a causa do atraso do país com relação à Europa. A mulher brasileira era acusada de ainda não ter compreendido o seu papel “na obra da transformação”. Afirmava que, à época de seu relato, embora o Rio de Janeiro já contasse com um teatro lírico e alguns jornais, estes tinham “horror às discussões sérias”, e aquele localizava-se no “meio de uma praça infecta”. Apesar de tudo isso, algum “progresso” era visualizado pelo viajante. O problema era que as mulheres se mantinham à parte, e adotavam apenas “os vestidos e os chapéus” das européias. Sobre a educação delas, ainda era mais severo:

Hoje ainda a educação de uma brasileira está completa, desde que saiba ler e escrever corretamente, manejar o chicote, fazer doces e cantar, acompanhando-se ao piano, num romance de Arnaud ou de Luiza Puget. Até agora as senhoras não tomaram da civilização senão a crinolina, o chá e a polca. A crinolina... coisa de que afinal elas não têm necessidade. O chá – a mais detestável de todas as bebidas, a meu ver. A polca – dança elegante e leve, que não se adapta nem ao seu temperamento, nem à sua compleição. É verdade que conservaram o *cafune* e o chicote, prova de que elas são as principais escravas da casa.³⁷

³⁷ EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935. P. 405.

Alguns anos depois, a educadora alemã, Ina Von Binzer, não obtivera conclusões menos ácidas.³⁸ Com sua trajetória profissional, no Brasil, ligada ao acompanhamento de filhos de fazendeiros abastados do Rio de Janeiro e de São Paulo, as cartas de Ulla – pseudônimo usado por Binzer – à sua amiga Grete, são relatos de decepções e surpresas, desde a sua chegada, em meados de 1881. A primeira experiência dela fora em uma fazenda do Rio de Janeiro – São Francisco – em que cuidava da educação de sete dos doze filhos do Dr. Rameiro. Foi nessa fazenda onde percebeu a deficiência de seus métodos e criou uma completa aversão aos alunos brasileiros. Mesmo quando demonstravam algum interesse, ou quando pareciam estar aprendendo as lições, a preceptora alemã se aborrecia. Fazia longas comparações entre o seu país e o Brasil, sempre com a intenção de supervalorizar a Alemanha. Permanecia isolada, já que as fazendas vizinhas não possuíam donos com meios financeiros suficientes para contratar um professor. Abandonou aqueles primeiros alunos, depois de ficar doente e impedida de prosseguir suas lições. Assim que se recuperou, passou a lecionar em um colégio no Rio de Janeiro. Ali suas impressões foram igualmente ruins:

As melhores famílias não mandam absolutamente as filhas para colégios, e devido a isso esta sociedade é, em geral, a menos educada ou a mais selvagem que se pode encontrar; exaltam-se, gritam e chegam não raras vezes a ficar com o rosto enrubescidos como cerejas.³⁹

Como é possível observar, tanto para o viajante francês, quanto para a professora alemã os brasileiros estavam longe de possuir uma educação refinada conforme a européia. Binzer considerou São Paulo o melhor lugar para educadoras no Brasil. Com a primeira família a qual prestou seus serviços, não obteve mais sucesso que no Rio de Janeiro. A segunda família paulista foi a única que recebeu algum elogio em seu testemunho. As impressões com relação à educação no Brasil eram as mais preconceituosas possíveis. Ambos os testemunhos apresentam forte caráter denunciador da instituição da escravidão. Consideram a educação no Brasil do século XIX como frágil e deficiente. Em suas críticas, partem de padrões europeus, e oferecem descrições minuciosas dos hábitos das senhoras pertencentes às

³⁸ BINZER, Ina Von. *Os meus romanos: alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

³⁹ Idem. P. 79.

classes sociais mais elevadas, que se preocupavam apenas com o bom andamento dos serviços domésticos e em controlar suas escravas. As condições precárias para oferecer uma instrução de melhor qualidade foram enfocadas, com certo tom de crítica. Nem mesmo as famílias mais abastadas, que podiam mandar seus filhos para escolas ou contratar um professor particular, foram isentadas de censuras. Parecia que, de acordo com esses relatos, aquela sociedade tão preocupada com o andamento do trabalho escravo não tinha tempo para pensar em educar melhor seus filhos. Estavam satisfeitos com mulheres que aprendiam as primeiras letras e, assim, conduziam seus lares. Importa notar a preocupação que havia naquele momento com a educação das mulheres, em especial. Elas deveriam ser preparadas para cuidar da casa e dos filhos, e para isso tinham que receber uma formação adequada. Essa era condição essencial para o melhor desenvolvimento do próprio país. A idéia de que cabia à mãe importante papel dentro da casa espalhava-se por todo o Ocidente, algo que esses viajantes consideravam de fundamental importância, e que foi tratado de várias maneiras no *Jornal das Famílias*, de acordo com o colaborador e seu público leitor imaginado.⁴⁰

A visualização dos problemas em torno da instrução no Brasil não se restringia aos relatos de estrangeiros. Também Machado de Assis, em crônica escrita em 1876, logo que os dados do recenseamento realizado em 1872 foram disponibilizados, trazendo números alarmantes, parecia indignado:

A nação não sabe ler. Há só 30% dos indivíduos residentes neste país que podem ler; desses uns 9% não lêem letra de mão. 70% jazem em profunda ignorância. Não saber ler é ignorar o Sr. Meireles Queles: é não saber o que ele vale, o que ele pensa, o que ele quer; nem se realmente pode querer ou pensar. 70% de cidadãos votam do mesmo modo que respiram: sem saber por quê nem o quê. Votam como vão à festa da Penha, - por divertimento. A constituição é para ele uma cousa inteiramente desconhecida. Estão prontos para tudo: uma revolução ou um golpe de Estado.⁴¹

⁴⁰ Sobre o papel da mulher dentro da casa no século XIX, na Europa, ver PERROT, Michelle. “As mulheres, o poder e a história”. In: *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

⁴¹ ASSIS, Machado. “Histórias de quinze dias”. In: *Obra Completa*. V. 3. Pp. 344-345.

Quando essa crônica foi escrita, em 15 de agosto de 1876, Machado de Assis era o principal colaborador do *Jornal das Famílias*. Mostrava-se muito preocupado com os analfabetos por causa do processo eleitoral. Tema, aliás, tratado com ênfase em seus contos, como visto no capítulo anterior. Hélio de Seixas Guimarães trata a questão da percepção de público diminuto por Machado de Assis como de fundamental importância para o desenvolvimento do próprio literato como escritor.⁴² Isso teria marcado até mesmo a virada em seu estilo, observada a partir do romance, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, publicado em 1881. Já não haveria mais, na narrativa, qualquer intenção didática de convencimento ao leitor, observado nos romances anteriores àquela data. Agora, a posição do narrador seria muito mais de provocação, por meio de afrontas e até mesmo de agressões diretas.⁴³ Para os contos escritos na revista de Garnier aqui estudada, que compreendem aqueles publicados antes do romance divisor da obra de Machado em duas fases, vê-se um narrador que se refaz a cada história. Ao mesmo tempo em que se apresenta como aquele que quer convencer aos seus leitores a apenas prosseguir com a leitura, pedindo paciência, observa-se outro muito mais abusado que brinca com a própria ficcionalidade do leitor. Não há uma distinção muito rígida entre o narrador de uma história para o da seguinte. Muitas vezes, de um mês para o outro o narrador chega a se posicionar de forma completamente diferente, como vimos em “Astúcias de marido”, há poucas páginas, neste texto. O que fica claro é a consciência por parte do escritor das deficiências de seu público leitor, mesmo antes do resultado do recenseamento. Além disso, mesmo depois de saber desses números, que no excerto acima parecia assustar-lhe tanto, ainda assim, a regularidade em seus escritos, para o *Jornal das Famílias*, manteve-se. “Um ambicioso”, publicado entre novembro de 1877 e janeiro de 1878, questiona o processo eleitoral e não deixa de apresentar narrador até certo ponto didático e desabusado para com seus leitores. A confiança de que havia leitores para seus contos daquela revista, e de que esses poderiam mudar de posição com a leitura por ele sugerida ou, pelo menos, questionar suas próprias atitudes, não foi abalada. Havia, sim, a preocupação em mesclar textos com tom mais didático a outros com falas direcionadas aos seus leitores ideais, aos leitores perspicazes.

⁴² GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. Unicamp: Tese de Doutorado em Teoria Literária, 2001.

⁴³ Idem. P. 133.

Mais adiante, no princípio do século XX, Luiz Edmundo também se referira às deficiências na instrução dos brasileiros. O problema, para ele, estava na falta de leitura da produção nacional. A livraria mais importante da cidade, a Casa Garnier, naquele tempo, era também freqüentada por mulheres. Contudo, essas iam à procura de literatura específica:

Há senhoras, quase todas atrás de romances franceses. As que lêem assuntos nacionais e gente nossa, é que escasseiam. Não obstante, sempre aparece lá uma ou outra, de ar histérico e cintura de vespa, a perguntar se já saiu a nova edição da *Carne*, de Júlio Ribeiro, ou do *Mulato*, de Aluísio.⁴⁴

Leitoras, portanto, existiam. Mesmo sem as características desejadas à época. Além disso, o desejo de criar novos leitores estava por toda parte. Até mesmo nas páginas dos procurados romances, *A carne* e *O mulato*. Nas primeiras cenas do livro de Júlio Ribeiro, a protagonista Lenita é apresentada como alguém que havia recebido educação superior à oferecida às mulheres.⁴⁵ De acordo com o pai da menina, essa era a causa de ela não aceitar nenhum casamento. Junto a isso, foi caracterizada como mais semelhante a um homem. Depois da morte do pai, ela vai se afeminando, e até mesmo suas leituras são alteradas. Já não tinha mais tanto interesse pela ciência, preferindo os livros mais sentimentais. Chegou a reler o *Paulo e Virgínia*.⁴⁶ *A carne* fora publicado em 1888, e a história se passava no Oeste paulista, no período em que a escravidão ainda estava presente no cotidiano da fazenda, onde são construídas grande parte de suas cenas. Havia alcançado algum sucesso entre o público feminino, conforme afirmava Luiz Edmundo. Eram as mulheres “histéricas” e com “cintura de vespa”, que iam à procura da nova edição. Do mesmo modo, essas leitoras se interessavam pelo romance de Aluísio de Azevedo, *O mulato*. A protagonista dessa outra história não havia obtido a mesma educação de Lenita. Desde a puberdade, Ana Rosa sabia alguma coisa da gramática, lia o francês, “tocava modinhas sentimentais ao piano e ao violão”, mas se lamentava por não ter recebido formação mais sofisticada. Em sua pequena biblioteca, estava também o *Paulo e Virgínia*.⁴⁷ Ambas sofriam de ataques histéricos, da mesma forma que suas

⁴⁴ EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. V. II, P. 718.

⁴⁵ RIBEIRO, Júlio. *A carne*. Rio de Janeiro: Francisco Alves e Cia, 1911. Pp. 10-13.

⁴⁶ Idem. Pp. 23-24.

⁴⁷ AZEVEDO, Aluísio de. *O mulato*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora S.A., 1970. Pp. 39-40.

prováveis leitoras, como sugeria Luiz Edmundo ao caracterizar aquelas que iam em busca desses romances.

Se o público leitor de meados do século XIX e princípios do XX era composto por mulheres de pouca ou nenhuma instrução, que mal sabiam ler, o editor do *Jornal das Famílias* teve que usar de vários recursos para conseguir manter seu periódico durante tanto tempo. Desde a publicação da *Revista Popular*, uma de suas estratégias consistia em publicar, nos *A pedidos*, comentários elogiosos sobre algum número. Nesse sentido, foi também Machado de Assis um de seus maiores aliados. E bastante interessante foi um dos pseudônimos usado para se referir à *Revista Popular*, ainda em 1859. Antes de ser Brás Cubas, defunto autor de suas memórias, apareceu como *Brás de Cubas*, no *Correio Mercantil*, comentando a antecessora do *Jornal das Famílias*. A análise era sobre a *Revista Popular*, de 20 de julho daquele ano.⁴⁸ Os elogios não se restringiram às seções de literatura, recebendo também algum comentário o modelo apresentado no “frontispício” do número. Demonstrava entender não só de letras aquele *Brás de Cubas*, mas também de bordados. Afirmava ser um “figurino representando as últimas modas parisienses, e dedicado ao belo sexo”. Em seguida, vinham os elogios para os artigos que compunham a parte mais estritamente literária da revista. Sem exceção, tudo o que ali se publicara naquele mês fora recomendado aos leitores. Essa foi uma fórmula que continuou sendo usada quando da publicação do *Jornal das Famílias*. O próprio Machado de Assis, em um número da *Semana Ilustrada*, encarregou-se de comentar a revista da qual era o principal colaborador. Ao analisar o *Mosaico Brasileiro*, de Moreira de Azevedo, sobraram elogios para o editor daquele volume, e também do *Jornal das Famílias*:

O Sr. Garnier é infatigável; publica uma obra quase todas as semanas, sem prejuízo do seu *Jornal das Famílias*, que continua a ser uma revista interessante e lida, graças à variedade dos artigos, à perfeição dos desenhos e à novidade dos figurinos. O *Jornal das Famílias* tem quase a mesma idade da *Semana Ilustrada*. Conta já os seus 8 anos completos, boa idade para afiançar a existência prolongada de uma gazeta. Quando uma gazeta chega aos 8 anos sem desmerecer do passado, pode-se dizer que está segura.⁴⁹

⁴⁸ *Correio Mercantil*, 26 de julho de 1859.

⁴⁹ *Semana Ilustrada*. 30 de janeiro de 1870. P. 3814.

Nesses comentários, Machado de Assis era também leitor de ambas as revistas – *Revista Popular e Jornal das Famílias*. Para recomendar a leitura dos textos ali publicados, lia-os minuciosamente para os seus leitores. Falava do teor instrutivo daqueles escritos, e também de suas preferências pessoais. Como resenhista do livro de Moreira de Azevedo, advertia sobre a falta de admiradores do gênero escolhido pelo escritor, e exaltava a sua utilidade. As qualidades de Garnier como editor daquela revista foram outras vezes merecedoras de comentários. Também na *Gazeta Artística* apareceu nota a um número de sua revista:

Jornal das Famílias: Esta utilíssima publicação, que já conta treze anos de existência, distribuiu o seu 9º número correspondente ao mês de setembro. Além do escolhido texto, vem acompanhado do figurino de modas, estampas de bordados, moldes e tapeçaria, um jogo da viagem, e uma fina gravura, representando a Descida da Cruz.

O incansável Sr. Garnier é digno de sinceros encômios pela perseverança com que prossegue nesta publicação, única que possuímos nesse gênero, e pelos serviços prestados à literatura nacional, promovendo a impressão de tantas obras que, sem o seu auxílio, não seriam, talvez, publicadas.⁵⁰

Saíram, também, na imprensa diária, notas referentes ao *Jornal das Famílias*. Nas páginas do *Jornal do Commercio*, à época de publicação de “Confissões de uma viúva moça”, a revista era lembrada como sucessora da *Revista Popular*, “já conhecida de há quatro anos pelo seu talento e pela moralidade que preside aos seus escritos, que serão sempre variados, instrutivos e amenos”.⁵¹ Afirmação apropriada, quando esses escritos eram colocados em debate, por serem considerados inapropriados para as jovens leitoras. Além das notas e *A pedidos*, incentivos à leitura do periódico de Garnier também estavam nos contos escritos por Machado ali mesmo naquelas páginas. Em “Canseiras em vão”, dois de seus personagens tomavam sorvete na “casa do Carceller”, conversavam sobre inutilidades e observavam as mulheres que passavam, sem deixar de fazer algum comentário malicioso.⁵² Depois de apostarem se um dos rapazes conseguiria casar-se com mulher que havia passado, saem

⁵⁰ *Gazeta Artística*. 5 de setembro de 1875. P. 4.

⁵¹ *Jornal do Commercio*. 6 de maio de 1864. P. 3.

⁵² O.O. “Canseiras em vão”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1872. Pp. 206-207.

andando pela rua do Ouvidor e entram na livraria Garnier. Um deles compra o *Jornal das Famílias* que havia sido encomendado de casa.⁵³ Propagandas em torno dessa revista estavam, então, espalhadas por todos os cantos. Tanto em outros periódicos, como nos próprios contos publicados por Machado de Assis.

Existia a necessidade de se criar um público leitor assíduo. Assinantes que pudessem comprar o número e, quem sabe, criar situações em que as questões disponibilizadas naquelas páginas passassem a compor as suas próprias discussões cotidianas. Conforme temos acompanhado, é possível imaginar que a aceitação dessa revista não se restringia às leitoras alfabetizadas, que tinham condições financeiras de comprar o número. Os temas discutidos naquelas páginas eram de interesse muito mais amplo e variado. Além disso, naquela época era possível e até desejável a criação de círculos de leitura. Ocasões em que uma pessoa lesse em voz alta para as outras. José de Alencar conta-nos sobre a sua experiência de leitor de romances, como *Amanda*, *Saint-Clair das Ilhas* e *Celestina*:

Lia-se até a hora do chá, e tópicos havia tão interessantes que eu era obrigado à repetição. Compensavam esse excesso, as pausas para dar lugar às expansões do auditório, o qual desfazia-se em recriminações contra algum mau personagem, ou acompanhava de seus votos e simpatias o herói perseguido.⁵⁴

Sendo assim, no contexto de edição do *Jornal das Famílias*, havia a necessidade de criar o hábito da leitura. Essa própria revista manifestou tal intenção. Suas páginas, mais do que suportes de textos escritos por diferentes colaboradores, podiam provocar discussões em torno de temas abordados repetidamente. Muitas vezes, tentavam provocar em seus leitores a necessidade de buscar ali informações e divertimento. Porque não apenas distribuía idéias prontas sobre determinados assuntos, como também fazia com que seus leitores pensassem e debatessem o que haviam lido. Entender as estratégias utilizadas por literatos e pelo seu editor ajuda-nos, portanto, a saber quais grupos de leitores eram mais atingidos, além das relações ali estabelecidas. A maior abrangência da revista não dependia apenas do número de

⁵³ Idem. P. 209.

⁵⁴ ALENCAR, José de. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1995. P. 22.

alfabetizados. Mas também de sua disponibilidade, e do interesse do público naquela leitura específica.⁵⁵

Ao preparar seus escritos para o *Jornal das Famílias*, Machado de Assis construiu diferentes perfis de leitores, além de maneiras distintas de ler e compreender o texto. Em “A felicidade”, o Carceller é apresentado como lugar onde os fregueses além de fazer suas refeições, podiam também ler os jornais diários.⁵⁶ Visto que todos os jornais estavam ocupados, e, como informava o narrador, isso não era difícil de acontecer, certo freguês, que chegou por último, teve que esperar até que alguém terminasse a sua leitura.⁵⁷ Aquele que tinha a posse do *Jornal do Commercio* agia com a maior tranqüilidade, e lia de maneira muito particular:

O leitor da gravata amarela tinha a calma natural que a posse inspira ao homem. Já havia engolido o almoço, tinha entre os dentes um alvíssimo palito cuja ponta mastigava, cruzara as pernas, encostara-se à parede e lia voluptuosamente os *a pedido* da folha. Era um destes homens que lêem tudo e não lêem nada; percorria os primeiros períodos de um artigo, ia ler os últimos, voltava aos primeiros, passava a outro artigo, virava e revirava a folha, como se não houvesse para ele nenhuma outra ocupação. Algumas vezes parecia disposto a deitar a folha sobre a mesa, e o outro que o espreitava, ia-se levantando para a ir buscar com medo que outro pretendente adiantasse a mão. Engano! O sujeito da gravata amarela não concluía o gesto e continuava a ler tranqüilamente, como se fosse o único assinante daquele exemplar.⁵⁸

A passagem acima além de fazer referência ao modo como o leitor lia o *Jornal do Commercio*, ainda deixa entrever a possibilidade de realizar leitura com certa calma, sem que para isso a pessoa tivesse que ser assinante do diário, ou comprador do número. A disponibilidade de periódicos não era problema para aqueles que quisessem saber das notícias do dia. Contrapondo àquela forma de passar pelos artigos e seções sem reter nada, o

⁵⁵ Natalie Zemon Davis oferece indicações sobre como entender as relações entre a palavra impressa e o povo. Para a autora, é necessário completar a análise dos textos com evidências sobre os públicos, oferecendo um contexto para o significado e os usos do livro; e entender o livro como “mensageiro de relações”. Isso seria possível, a partir dos dados encontrados nos estudos sobre alfabetização, a compra e o preço dos livros, a política de publicação e de produção. Ver, DAVIS, Natalie Zemon. “O povo e a palavra impressa”. In: *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1990. Pp. 159-160.

⁵⁶ X. “A felicidade”. In: *Jornal das Famílias*. Março e outubro de 1871.

⁵⁷ X. “A felicidade”. In: *Jornal das Famílias*. Março de 1871. P. 76.

⁵⁸ Idem. P. 77.

personagem que esperava ansioso pela folha era “outro gênero de leitor; não deixava passar uma linha desde a primeira até a última, inclusive os anúncios teatrais, posto que não freqüentasse espetáculo”.⁵⁹ O leitor ideal, sugerido por Machado de Assis, era aquele que fazia da leitura um exercício minucioso. Era preciso ler devagar, passando e repassando as palavras, e, assim, retirar delas significados que não são entendidos com a primeira leitura. Era essa forma de ler que Machado tentava incitar em seus leitores. No conto “Dívida extinta”, leitor como esse é outra vez incluído entre os personagens:

Nos demais dias, o sr. Bento Fagundes vendia drogas, manipulava as cataplasmas, temperava e arredondava as pílulas. De manhã, lavado e enfronhado no rodaque de chita amarela, sentava-se em uma cadeira à porta, a ler o *Jornal do Commercio*, que lhe emprestava o padeiro da esquina. Não lhe escapava nada, desde os debates das câmaras até os anúncios teatrais, posto não fosse a espetáculos nem saísse nunca. Lia com igual pachorra todos os anúncios particulares. Os derradeiros minutos eram dados ao movimento do porto. Uma vez inteirado das cousas do dia entregava-se todo aos misteres da farmácia.⁶⁰

Parece ser o mesmo personagem deslocado de conto. A descrição se repete em muitos detalhes. Machado frisava a forma de ler, estudando palavra por palavra, e novamente indicava a falta de necessidade de comprar o jornal para ser seu leitor. Portanto, havia um público muito mais amplo do que aquele pensado, por exemplo, a partir de sua tiragem, ou do relacionamento entre preço do número e classe social. Para ambos os personagens, a leitura diária cumpria a função de deixá-los mais informados sobre os assuntos do dia. Além de comentar as maneiras de ler, Machado ainda inseriu em seus contos publicados no *Jornal das Famílias* aquele personagem que lia para as mulheres da família, da mesma forma que José de Alencar. Em “Encher tempo”, na primeira cena de leitura, era Pedro que lia uma tradução de *Gil Brás*. Sua leitura era desatenta.⁶¹ Logo ao anoitecer, o rapaz transformava-se em leitor para a família:

⁵⁹ Idem. P. 78.

⁶⁰ Machado de Assis. “Dívida extinta”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1878. P. 339.

⁶¹ Machado de Assis. “Encher tempo”. In: *Jornal das Famílias*. Abril de 1876. P. 110.

A noite veio clara e estrelada; e não tardou que a lua batesse de chapa nos telhados e calçadas úmidas da chuva da tarde. D. Emiliania foi fazer meia na sala de costura, à luz de duas velas de espermacete, enquanto Luis recordava a lição, as meninas cosiam, e Pedro lia em voz alta uma novela que a mãe interrompia com reflexões substanciais de moral e disciplina.⁶²

Era a mesma cena descrita por José de Alencar. Essa situação deveria ser corriqueira. Em seguida, quando Lulu ficara doente, Pedro passou a ler também para ela. O rapaz lia “alguns livros morais que achava na estante do padre, ou algum menos austero, ainda que honesto, que de casa levava para aquele fim”.⁶³ Nessa história, a boa leitura era associada a lições morais e exemplos de virtude. Entretanto, Pedro não deixava de ler seus livros “menos piedosos”, mesmo quando imaginava seguir carreira religiosa. Em contraposição a essa leitura com certo tom moralizante, Carlota, personagem de “Aires e Vergueiro”, antes de fugir com Aires, serviu de leitora para ele.⁶⁴ Foi o *Saint-Clair das Ilhas* o escolhido para distraí-lo, assim que ficou viúvo. Pode ter sido nesse momento que as suas relações foram mais estreitadas. As personagens femininas eram as leitoras/ouvintes de romance, por excelência. Em “Linha reta e linha curva”, a felicidade do casal Adelaide e Azevedo é indicada em momento no qual o feliz esposo lê romances em voz alta. Além disso, o interesse pelas folhas de moda francesa não deixava de ser discutido com muito afinco pelas amigas Adelaide e Emília.⁶⁵ Também em “Quem desdenha”, Luisa e Raquel, trocando cartas e leituras, fazem referência aos romances lidos:

Vieram as encomendas logo no dia seguinte ao da minha última carta. E que quer você que eu lhe mande? Tenho aqui uns figurinos recebidos ontem, mas não tenho portador. Se puder arranjar algum por estes dias irá também um romance que me trouxeram esta semana. Chama-se *Ruth*. Conheces?⁶⁶

⁶² Idem. P. 111.

⁶³ Machado de Assis. “Encher tempo”. In: *Jornal das Famílias*. Junho de 1876. P. 170.

⁶⁴ J.J. “Aires e Vergueiro”. In: *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1871. P. 22.

⁶⁵ Job. “Linha reta e linha curva”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1865. P. 289-301.

⁶⁶ Machado de Assis. “Quem desdenha”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1873. P. 307.

Na carta seguinte, não havia a confirmação se Luisa conhecia o romance. Leitor específico é encontrado em “Muitos anos depois”.⁶⁷ Esse possuía uma biblioteca variada:

A sua biblioteca constava de três grandes estantes. Numa estavam os livros religiosos, os tratados de teologia, as obras de moral cristã, os anais da igreja, os escritos dos Jerônimos, dos Bossuets e dos Apóstolos. A outra continha os produtos do pensamento pagão, os poetas e os filósofos das eras mitológicas, as obras de Platão, de Homero, de Epíteto e Virgílio. Na terceira estante estavam as obras profanas que não se ligavam essencialmente àquelas duas classes, e com que ele se deleitava nas horas vagas que lhe deixavam as outras duas.⁶⁸

O padre Flávio era leitor como poucos. Porque, ainda por cima, classificava as obras de sua biblioteca. Algumas vezes, perdia-se no meio daquelas três estantes, e acabava fazendo classificação particular, ou simplesmente deixava o livro sobre sua mesa, como aconteceu com o *Telêmaco*, de Fenelon. Machado deixa perceber que o padre lia aqueles livros sempre que podia. Cada um era lido de maneira diferente. Assim, “encontrava no discurso da montanha consolações para a consciência, tinha nas páginas de Homero deliciosos prazeres ao seu espírito. Não confundia as odes de Anacreonte com o *Cântico dos cânticos*, mas sabia ler cada livro, a seu tempo, e tinha para si (...) que entre as duas obras havia alguns pontos de contato”.⁶⁹ Esse personagem fazia parte, portanto, dos leitores ideais de Machado de Assis. Contudo, os leitores personagens não se restringiam àqueles de formação tão refinada. Comuns eram os leitores de diários, em especial, o *Jornal do Commercio*. Esses estão em muitas das histórias contadas por Machado. Dividiam-se entre aqueles que liam para seus parentes ou protetores, com vistas em suas heranças,⁷⁰ e os que queriam apenas manter-se informados, para participar de alguma discussão em torno da política local, por exemplo. Estes últimos são os leitores (ou não-leitores) mais referidos por Machado. Observa-se, na caracterização feita pelo literato, certo tom de crítica. Um desses leitores está no conto “Luis

⁶⁷ Lara. “Muitos anos depois”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro e novembro de 1874.

⁶⁸ Lara. “Muitos anos depois”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1874. P. 293.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ Ver, no Capítulo II, desta dissertação, discussão sobre a personagem D. Joana, que no conto “A melhor das noivas”, lia os jornais do dia para o seu “amo”, enquanto esse estava doente. Situação idêntica é retomada por Machado de Assis no conto “A herança”, também discutido no capítulo anterior.

Soares”.⁷¹ O personagem de mesmo nome era mais um *dândi* que, depois de gastar toda a sua fortuna, imaginou dar prosseguimento à vida suntuosa casando-se com uma prima, que acabara de receber grande herança. Possuía idéias particulares sobre a leitura:

Não lia jornais. Achava que um jornal era a cousa mais inútil deste mundo, depois da câmara dos deputados, das obras dos poetas, e das missas. Não quer isto dizer que Soares fosse ateu em religião, política e poesia. Não. Soares era apenas indiferente. Olhava para todas as grandes cousas com a mesma cara com que via uma mulher feia. Podia vir a ser um grande perverso; até então era apenas uma grande inutilidade.⁷²

Dentre as suas leituras, encontrava-se apenas “uma página de algum romance” lida antes de se deitar. Outro personagem leitor de mesmo timbre era Moreira, de “Onze anos depois”.⁷³ Ao conversar com um amigo, esposo da mulher por quem o personagem estava interessado, demonstrava grande interesse por notícia do *Jornal do Commercio*, a respeito “de não sei que negócio ministerial”. Moreira, embora discutisse “com muito ardor”, não se interessava pela questão. Contrapondo esses não-leitores àqueles que compartilhavam horas de leituras na família, organizavam suas bibliotecas, ou com o que “lia com igual pachorra todos os anúncios”; observa-se o quanto o fato de o personagem ser leitor, constituía-se em diferença fundamental no desenrolar da trama. Ler era nessas histórias sinônimo de distinção. Ser leitor representava um caminho viável para tornar-se mais culto, como o padre Flávio, que mesmo nascendo pobre e sido criado sem os pais, recebera alguma educação e soube aproveitá-la da melhor forma. Também existia a possibilidade de oferecer maior mobilidade e independência aos seus personagens. Do outro lado estava o leitor que realizava sua leitura de forma até certo ponto como hipocrisia. Era aquele que deseja passar uma imagem falsa sobre si mesmo. Havia certa dose de crítica – às vezes crítica veemente – a esses personagens leitores.

As páginas escritas por Machado de Assis para aquela revista estavam cheias de personagens leitores. Pode haver alguns significados distintos, mas não excludentes, para tal insistência. Um deles seria para motivar a leitura, transformando-a em exercício presente no

⁷¹ J.J. “Luis Soares”. In: *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1869.

⁷² Idem. Pp. 5-6.

⁷³ Machado de Assis. “Onze anos depois”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro e novembro de 1875.

cotidiano de mais pessoas, que se inspirariam naqueles personagens. Outro pode ser entendido como forma de difundir e fazer a propaganda de alguns romances e periódicos específicos, como o *Jornal do Commercio*, lido pela maioria dos personagens, ou do próprio *Jornal das Famílias*, como vimos anteriormente. E, finalmente, com o objetivo de ensinar os leitores a ler de uma determinada forma, que não a simples leitura mecânica de mais uma notícia no diário ou de um romance. Todas essas opções em algum momento fizeram parte das intenções de Machado de Assis com seus personagens leitores. Por outro lado, fica, para os pesquisadores dessa revista algo mais sobre o perfil de seus leitores reais. Eram pessoas que precisavam, a cada página, ser convencidas a continuar a ler. Que ainda estavam criando o hábito da leitura. Embora tal costume já fosse entendido por muitos como prejudicial na formação das meninas. Por isso, não era lido apenas por mulheres, mas também por pais ou por aqueles que pretendiam controlar as leituras de suas filhas. Além disso, posso afirmar que não havia uma classe social prioritária, pensada como público predominante. O que existiam eram espaços e possibilidades de leituras diferentes, de acordo com as experiências sociais de cada um. A questão da grande parcela de analfabetos presentes naquela sociedade foi enfrentada pelo principal colaborador do *Jornal das Famílias* de forma sugestiva. Seja a partir de críticas explícitas a determinados leitores, a partir da criação de alguns personagens, ou até mesmo com a abertura oferecida aos seus leitores reais. A participação de Machado de Assis naquela revista, ao tomar como centro os seus próprios leitores, foi, da forma como viemos acompanhando, uma intervenção política desse literato. Quando sua posição foi a de crítico da política imperial ou de alguns valores morais preponderantes àquela época, seus textos serviram para provocar o debate, a possibilidade de despertar seus leitores para algumas das questões propostas. Por outro lado, colocou-se também como parceiro de seus leitores, e, assim, ajudou a criar um novo hábito, com características específicas. Isso porque para ser seu leitor era preciso estar sempre alerta. Atento ao texto e em tudo aquilo que o envolvia.

4. *Paulo e Virgínia* ou *Fanny*?

Os personagens leitores criados por Machado de Assis, em seus contos escritos para o *Jornal das Famílias*, tinham preferências especiais por alguns romances. Dentre esses se destacam *Paulo e Virgínia*, romance de Bernardin de Saint-Pierre, de 1788, que alcançou inúmeras edições;⁷⁴ e *Fanny*, de Ernesto Feydeau, de 1858.⁷⁵ O primeiro romance era leitura obrigatória para confirmar a ingenuidade e pureza de suas leitoras. Chegou a compor a maioria das bibliotecas dos personagens de Machado, fazendo parte também das leituras de Lenita e Ana Rosa, conforme ficou dito anteriormente. O outro romance muitas vezes contrastava com o *Paulo e Virgínia*.⁷⁶ Ao inserir em seus contos leitores de páginas tão específicas como essas, Machado deixou-nos a possibilidade de procurar entender as disparidades e/ou semelhanças existentes entre os seus personagens e aqueles encontrados nesses romances. Isso significa tentar perceber em que medida a leitura que o próprio literato fez dessas obras influenciou em seus escritos. Outro ponto importante refere-se à sugestão de leitura deixada por aqueles personagens aos leitores da revista, bem como as formas de ler e o perfil de leitor de cada uma daquelas histórias, com relação aos próprios contos escritos por Machado.

Estudando o *Saint-Clair das Ilhas*, Marlyse Meyer observa que esse livrinho foi leitura constante de muitas personagens de Machado.⁷⁷ Logo de começo, a autora afirma que, “*Saint-Clair das Ilhas* é a novela que o romancista Machado de Assis mais oferece no seu mundo ficcional como leitura a muitos de seus personagens, gente tão mediana e de tão parca cultura

⁷⁴ Além de suas várias reedições, foi traduzido para diversas línguas, como o inglês, alemão, espanhol, grego, polonês, italiano, armênio, português, húngaro, holandês e russo. Essas traduções estão registradas no Catálogo da Biblioteca Nacional da França. BOAVENTURA, Rosa Maria. “Apresentação”. In: SAINT-PIERRE, Bernardin. *Paulo e Virgínia*. São Paulo: Ícone, 1986. P. 7. De acordo com Márcia Abreu, o *Paulo e Virgínia* estava entre os livros que seriam vendidos no Brasil, e que foi pego pela censura entre os anos de 1818 e 1822. Constavam 199 exemplares. ABREU, Márcia. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003. P. 50.

⁷⁵ De acordo com a 6ª edição, de 1929, este fora “trasladado para o português, da décima oitava edição”, e a primeira edição daquele volume datava de 1861. FEYDEAU, Ernesto. *Fanny*. Lisboa: Livraria Editora, parceria Antônio Maria Pereira, 1929.

⁷⁶ Em seu trabalho sobre a circulação de livros especialmente no Rio de Janeiro de meados do século XVIII até princípios do XIX, Márcia Abreu notou a elasticidade do gosto dos leitores com relação aos romances. Apreciavam desde histórias com “lances fabulosos e intervenções maravilhosas”, até os romances mais modernos, como *Paulo e Virgínia*. De acordo com aquilo que esperavam “os entusiastas do novo gênero”, a leitura desse romance deveria ser realizada entre muita lágrima. Ver, ABREU, Márcia. Op. Cit. Pp. 333-4.

⁷⁷ MEYER, Marlyse. “Machado de Assis lê Saint-Clair das Ilhas”. In: *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.

como se supõe (como ele supunha?) que fossem as assinantes e ‘gentis leitoras’ de *A Estação e congêneres*”.⁷⁸ Esse romance foi lido tanto pelos personagens de seus primeiros contos, como a Carlota, de “Aires e Vergueiro”, publicado no *Jornal das Famílias*; quanto por D. Úrsula, de *Helena*; e até mesmo por personagens daqueles seus romances considerados da segunda fase, como *Quincas Borba* e *Casa Velha*. Esses personagens, em situações distintas, liam e reliam o livro. Conforme a autora menciona, para Roger Chartier e Robert Darnton, essa era uma “leitura intensiva”, e feita por personagens que procuravam ilustrar-se e distrair. Eram pessoas de instrução precária, que viam naquela leitura dois significados distintos: tanto a novidade, por ser um romance vindo de fora; quanto a possibilidade de identificar certos valores, tão importantes à época.⁷⁹ Tudo isso fez com que a leitura repetitiva do *Saint-Clair das Ilhas*, pelos personagens criados por Machado, tivesse recepções variadas, de acordo com as “situações e temporalidades” em que viviam seus leitores.⁸⁰

O lido e relido *Saint-Clair das Ilhas*, assim como o *Paulo e Virgínia* e o *Fanny*, não estão na lista de livros da biblioteca de Machado de Assis.⁸¹ Teria, portanto, o próprio literato lido esses romances, ou apenas atribuído tais leituras aos seus personagens? Sobre o *Saint-Clair das Ilhas*, para Marlyse Meyer, Machado de Assis não só fez ler os seus personagens, como ele próprio leu e ainda inseriu detalhes em seus enredos, inspirados por tal leitura. Além disso, as próprias “gentis leitoras” deveriam ter lido o romance, que era fácil de ser encontrado.⁸² Sem sombra de dúvida, as conclusões e o percurso da autora são interessantes. De fato, Machado deve ter lido não só o *Saint-Clair das Ilhas* como também o *Paulo e Virgínia* e o *Fanny*, como veremos adiante, para depois inseri-los em suas histórias como leituras de um ou outro personagem. O problema, contudo, está no fato de pensar que o leitor desses romances, e também daquelas revistas, e, em especial, do *Jornal das Famílias* era “gente de parca cultura”. Acreditar que os leitores ficcionais de Machado restringiam-se àqueles que procuravam passar determinada imagem a qualquer preço, como a Sofia, de *Quincas Borba*, por exemplo, é reduzir demais o universo criativo do literato e menosprezar, tanto os seus personagens leitores, quanto as suas leitoras reais.

⁷⁸ Idem. P. 34.

⁷⁹ Idem. P. 90.

⁸⁰ Idem. P. 91.

⁸¹ JOBIM, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

⁸² MEYER, M. Op. Cit. Pp. 92-98.

Outro trabalho relevante é o estudo de John Gledson sobre as leituras da personagem Mariana, do conto “Capítulo dos chapéus”, e as não-leituras do marido dela.⁸³ Dentre as leituras de Mariana estavam a *Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, o qual lera sete vezes; *Ivanhoe* e o *Pirata*, de Walter Scott, lidos dez vezes; e o tão pouco conhecido, nos dias de hoje, *Le mot de l'enigme*, de Madame Craven. Mais uma vez há a constatação da leitura e releitura do mesmo romance pela personagem. Para Gledson, esse dado pode ser associado aos hábitos infantis de Mariana. O que, de fato, interessa ao crítico é a leitura de *Le mot de l'enigme*. Tanto por ter se perdido ao longo dos anos, quanto por ter sido o mais lido pela personagem – ela o leu onze vezes. O livro é descrito como um daqueles de forte caráter religioso e moralizador. Esse também deve ter sido lido pelo próprio Machado, já que existem semelhanças entre o enredo do romance e o do conto.⁸⁴ Interessante também é a relação encontrada por Gledson entre essas leituras de Mariana e a própria caracterização da personagem. Além disso, observa o crítico, enquanto Mariana lera tantas vezes aquelas histórias, os livros que seu marido dizia ter lido provavelmente não o foram. Isso porque um deles ainda não havia sido nem mesmo publicado, no momento em que a história transcorria. Por mais que isso tenha sido apenas um pequeno deslize do literato, Gledson considera tentador pensar que tudo fora propositalmente calculado.⁸⁵ Conforme podemos observar, é bastante profícua análises que consideram as leituras das personagens machadianas, com relação à própria construção narrativa. Tanto Marlyse Meyer, quanto John Gledson abriram essa possibilidade. Resta-nos agora tentar compreender as leituras de dois dos romances mais lidos pelas personagens nos contos escritos por Machado em sua participação no *Jornal das Famílias*.

O melhor caminho talvez seja, primeiro, conhecer o romance e, em seguida, suas leituras, a partir dos contos de Machado. Começarei por *Paulo e Virgínia*, via de regra, leitura das personagens machadianas mais virtuosas. Esse livro fez parte das leituras de muitos personagens ao longo dos anos. Na galeria de leitores criados por Machado, compunha também a eclética biblioteca de Estácio, em *Helena*. Se D. Úrsula lia com regularidade o seu *Saint-Clair das Ilhas*, Estácio concentrava-se em suas leituras sobre geometria, Helena deveria

⁸³ GLEDSON, John. “Leituras femininas (e não-leituras masculinas) em ‘Capítulo dos Chapéus’”. In: *Revista do Livro*. Nº 44. Janeiro de 2002. Pp. 42-55.

⁸⁴ Idem. P. 48.

⁸⁵ Idem. P. 53.

ler o *Paulo e Virgínia*. Isso era o que imaginava Estácio. Veremos o que ela confessa ao falso irmão:

- Pensa que gastei toda a tarde em fazer crochê? Perguntou ela ao irmão, caminhando para a sala de jantar.

- Não?

- Não, senhor; fiz um furto.

- Um furto!

- Fui procurar um livro na sua estante.

- E que livro foi?

- Um romance.

- *Paulo e Virgínia*?

- *Manon Lescaut*.

- Oh! Exclamou Estácio. Esse livro...

- Esquisito, não é? Quando percebi que o era, fechei-o e lá o pus outra vez.

- Não é livro para moças solteiras...

- Não creio mesmo que seja para moças casadas, replicou Helena rindo e sentando-se à mesa. Em todo o caso li apenas algumas páginas. Depois abri um livro de geometria...⁸⁶

Levando-se em consideração tudo o que Estácio imaginava que fosse sua irmã, o mais lógico seria concluir que o livro por ela procurado era o *Paulo e Virgínia*. Entretanto, o lido pela personagem foi um livro não aconselhado a donzelas e, de acordo com a menina, nem mesmo às casadas. Para chegar a essa conclusão, deve ter lido boa parte do romance, ao contrário daquilo que confessara. *Manon Lescaut* contrapunha-se ao *Paulo e Virgínia* da mesma forma que muitas vezes acontecera com o *Fanny*. O que haveria, portanto, naquele livrinho escrito ainda em 1788, que o tornava leitura recorrente das mocinhas da corte nos idos do século XIX? Como era leitura principal das personagens de diversos contos e romances, fora certamente muito lido também pelas leitoras reais daqueles tempos.

Ao resumo, então. A história passava-se na bucólica ilha Maurício, em meados do século XVIII. O narrador havia tomado conhecimento daqueles fatos, por meio de um vizinho

⁸⁶ Machado de Assis. *Helena*. In: *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. V. 1.

e velho amigo das personagens principais do romance. Tudo começara em 1726, quando, ao se casar, o Senhor de la Tour não conseguiu encontrar emprego na França. Por isso, havia partido com sua esposa para aquela ilha, com a intenção de conseguir fortuna. Esse casamento não fora realizado com a aprovação da família da moça, já que o noivo escolhido não era fidalgo, enquanto ela pertencia a uma família antiga e rica. Casaram-se, portanto, em segredo e sem dote. Com a finalidade de comprar alguns escravos, o Senhor de la Tour deixou sua esposa sozinha naquela ilha e partiu para Madagascar. Antes mesmo de retornar, fora acometido por “febres contagiosas” e acabou morrendo, deixando a esposa grávida. O único bem que ficou para a viúva foi uma escrava. Decidida a cultivar aquela terra apenas com a ajuda dessa escrava, encontrou outra mulher em situação muito parecida a sua. A outra se chamava Margarida. Esta morava ali fazia um ano. Fora para a ilha, depois de ficar grávida e ser abandonada. Ao contrário da Senhora de la Tour, Margarida pertencia a uma família humilde. Havia partido para a ilha apenas com um escravo, que comprara com algum dinheiro emprestado, para que, longe de todos, pudesse esconder o seu “erro”.

A Senhora de la Tour e Margarida tornaram-se amigas. O vizinho delas fez a divisão de terrenos, para evitar a invasão de outros colonos. Depois sorteou a quem caberia cada porção de terra, e construiu, junto da casa de Margarida, aquela que pertenceria à Senhora de la Tour. Tudo foi feito de modo que as duas estivessem juntas, mas com suas propriedades bem definidas. Logo que tudo isso foi feito, a Senhora de la Tour teve sua filha. Era uma menina que fora batizada por Margarida e pelo vizinho. Margarida deu a ela o nome de Virgínia. Nesse tempo, o filho da outra mulher – Paulo – contava um ano de idade. Assim que a Senhora de la Tour recuperou-se do parto, começou a fazer produzir os dois sítios. As mulheres recebiam ajuda dos dois escravos que possuíam. Estes, aliás, logo depois que se conheceram, acabaram por se casar. Chamavam-se Domingos e Maria. Assim, enquanto ele cuidava do cultivo das terras; a mulher encarregava-se de cuidar da casa. Ambos são descritos como exímios trabalhadores e fiéis. As duas mulheres tinham o suficiente apenas para o sustento diário. Não eram vaidosas e freqüentavam uma igreja nas proximidades. Não costumavam ir à cidade, por medo de serem desprezadas, devido à pobreza em que viviam. Ambas as mães, com seus filhos nos braços, já pensavam em casá-los. Acreditavam que “seus males provinham de negligenciar o matrimônio e a outra de obedecer às suas leis; uma, de erguer-se acima de sua condição e a outra, de descer dela: consolavam-se pensando que um

dia seus filhos mais felizes, longe dos cruéis preconceitos da Europa, fruiriam, ao mesmo tempo, os prazeres do amor e da ventura, frutos da igualdade”.⁸⁷

As crianças cresciam juntas. Mantiveram-se isoladas e não queriam saber de nada que ultrapassasse as fronteiras daquela ilha. Não aprenderam a ler, nem a escrever. Sabiam apenas que tudo aquilo que os rodeava era comum aos dois. Mesmo vivendo com tamanha harmonia, a Senhora de la Tour não deixava de se preocupar com o futuro da filha. Na França, morava uma tia sua. Esta era muito rica e solteira, e a desprezara por causa do casamento não desejado pela família. A essa tia, a Senhora de la Tour pedia que a ajudasse a oferecer um futuro melhor para Virgínia. Nada obtinha. Em 1738, alguns anos após a chegada de um governador daquela ilha – o Senhor de la Bourdonnais –, a mãe de Virgínia soube que aquele homem possuía uma carta da tia dela. Em tal carta havia muitas recriminações à Senhora de la Tour e elogios à própria remetente, que dizia ter evitado se casar por causa das conseqüências desse ato. Na verdade, a velha tia desejava se casar apenas com homens muito ricos, que não se dispuseram a unir-se com ela, por causa de sua maldade e falta de beleza física. Ao final da carta, a tia recomendava a sobrinha ao governador. O problema é que para justificar seu comportamento perante a sobrinha, acabava caluniando-a. A Senhora de la Tour via-se completamente desamparada, e preocupada com o destino da filha.

Certo dia, em uma das cenas mais marcantes do livro, aparece para as duas crianças uma escrava fugitiva. As suas mães haviam ido à missa, deixando-as sob o cuidado da escrava Maria. Nisso, cai aos pés de Virgínia uma mulher muito magra e mal tratada. Seu dono era um rico colono da região. A escrava havia pensado em se matar, mas quando viu a menina, resolveu pedir-lhe ajuda. Primeiro, Virgínia deu a ela algo para que comesse, e, em seguida, prometeu levá-la de volta para casa, e pedir perdão ao dono dela. A escrava conduziu as duas crianças pelas matas até chegar à casa onde servia. Virgínia falou ao dono daquela mulher, que num primeiro momento não deu muita atenção às palavras da pobre menina, que a ele pareceu tão miserável. Mas logo percebeu que Virgínia possuía algo que a diferenciava. Disse, então, que perdoava à escrava não “pelo amor de Deus, mas pelo amor de Virgínia”. Assustada, deixou a escrava naquele lugar, e seguiu com Paulo, de volta para casa. Como agora não tinham mais quem os guiassem, acabaram se perdendo. Depois de algum tempo, foram

⁸⁷ SAINT-PIERRE. Op. Cit. P. 14.

encontrados pelo escravo Domingos e pelo cão Fiel. Estes haviam seguido as pistas deixadas pelas crianças. Assim chegaram até a casa do senhor de escravos, e descobriram que ambos tinham ido lá pedir perdão a uma escrava, que se encontrava “presa ao tronco, com uma coleira de ferro de três argolas ao redor do pescoço e uma corrente aos pés”. Foram levados de volta às suas mães, conduzidos por alguns negros que os viram ajudando a escrava.

As crianças já estavam mais crescidas. A cada dia ficavam mais fortes e belas. Paulo, “aos doze anos, mais forte e mais inteligente do que os europeus aos quinze”, ajudava Domingos a cultivar a terra. As duas famílias continuavam unidas. No período das chuvas, reuniam-se na casa da Senhora de la Tour que contava histórias, até se separarem ao anoitecer. Outras vezes, a mãe de Virgínia “lia em voz alta alguma história edificante do Antigo ou do Novo Testamento”. Frequentavam a Igreja com regularidade. Lá se encontravam com os colonos ricos. Entretanto, não se aproximavam deles, por acreditar que “os poderosos só procuram os fracos para serem adulados”. Durante as refeições, Paulo e Virgínia encenavam alguma história que havia sido lida pela Senhora de la Tour. Também cantavam e dançavam. À época dos aniversários de ambas as mães, Virgínia preparava bolos e distribuía entre os escravos da região. Corria assim o tempo.

Paulo e Virgínia trocavam carícias, quando estavam juntos, até que a menina começou a demonstrar certa esquivança. Sua mãe entendia bem o que estava acontecendo. Por um lado, Margarida desejava casar logo os filhos, e do outro, a Senhora de la Tour pedia que esperassem um pouco mais, até que estivessem mais completamente formados. Afirmava também que as duas já estavam envelhecendo, e que precisavam de Paulo. Queria que ele trabalhasse, e conquistasse alguma fortuna, no comércio nas Índias. Consultaram o vizinho delas a esse respeito. Chegaram a solicitar, ao governador, licença de embarque. Paulo, contudo, não concordara em viajar, deixando as mulheres desamparadas. Por esse tempo, chegara da França um navio trazendo uma carta à Senhora de la Tour. Nessa carta, a tia da mãe de Virgínia pedia que voltassem para a França, ou que, ao menos, mandasse a menina, para que a ela fosse oferecida uma boa educação. Destinava a Virgínia um bom casamento e a herança de todos os seus bens. A leitura da carta causou geral consternação. A Senhora de la Tour afirmava, porém, não possuir saúde suficiente para suportar a longa viagem, o que deixou a todos aliviados da dor que já sentiam, por causa da provável separação. Diante da decisão tomada, o governador interveio. Segundo ele, a Senhora de la Tour não poderia abrir

mão de tamanha fortuna. E já que a saúde dela não permitia tal esforço na viagem, deveria enviar a menina. Dizia também ter ordens para usar a força, caso a mulher resistisse. A mãe de Virgínia via com bons olhos a possibilidade de afastar por um tempo os dois jovens enamorados. Acabou aconselhando a filha a partir.

Rapidamente espalhou-se pela ilha que a Senhora de la Tour e sua filha tinham ficado muito ricas. Os vendedores começaram a visitá-las, e a mãe de Virgínia quis que a menina comprasse tudo o que a agradasse. Paulo pressentia os males que aquela fortuna inesperada poderia causar. Soube que não passava de um filho bastardo, enquanto Virgínia era uma moça herdeira de uma grande fortuna. Imaginou que isso os separaria para sempre. Apesar de seus pedidos para que Virgínia não partisse, não foi possível a ele impedir esse fato. Paulo desesperou-se. Depois de um período de apatia, quis aprender a ler e a escrever, para, assim, corresponder-se com a namorada. Desejou também aprender algo de geografia e história para entender melhor o lugar para onde Virgínia havia sido levada. De tudo o que foi apresentado a ele, preferiu a leitura de romances, já que podia comparar aquelas histórias a sua própria vida. Passou mais de um ano sem que nenhum deles recebesse alguma carta de Virgínia. Certo dia, a primeira carta chegou, e todos descobriram que a tia estava impedindo que aquela correspondência chegasse ao seu destino. Contava também detalhadamente como eram os seus dias, e como sofria distante de todos. Paulo plantou as sementes que Virgínia havia enviado junto com a carta. Os passageiros do navio que havia trazido a carta de Virgínia diziam que logo a moça iria se casar, pois sua tia já firmara compromisso no nome dela. No princípio, Paulo não acreditou em nada. Em seguida, entretanto, começou a ter dúvidas. Entrevia que acontecesse com sua amada o mesmo que lera nos romances. Imaginava que Virgínia pudesse deixar se corromper pela nova vida luxuosa que estava levando. Ao conversar com o velho vizinho, contava a ele os seus medos e angústias. Esse o aconselhava recordando o caráter exemplar da menina que não seria corrompido. Além disso, afirmava que as mulheres européias eram “falsas”, conforme lera nos livros, porque ali “os homens são tiranos”. Paulo ainda perguntava como poderia um homem ser tirano das mulheres, e o velho respondia que “casando-se com elas sem consultá-las: a moça com um velho, a mulher afetuosa com um homem indiferente”. Tudo aquilo servia de consolo ao jovem rapaz.

A idéia do regresso próximo de Virgínia foi o que mais animou Paulo. Enfim, aos 24 de dezembro de 1744, aportou um barco que, além de uma carta de Virgínia, levava a própria

donzela. A carta informava a sua chegada, e os motivos que a haviam levado de volta. Contava que sua tia-avó queria obrigá-la a se casar. Como se recusava, havia deserdado a menina, e mandado-a embora, apesar de aquele tempo ser perigoso às embarcações, por causa dos furacões. Lida a carta, todos se puseram a esperar por Virgínia. Paulo e seu vizinho foram ao encontro do navio. No caminho, tiveram notícias desencontradas. O certo é que havia previsão de um tufão que estava quase chegando. Não demorou muito para que esse tufão arremessasse o navio – *Saint-Géran* – contra os recifes. Paulo nadou desesperado ao seu encontro, vencendo todos aqueles que o tentavam impedir. Todos os marinheiros já haviam se atirado ao mar. Faltavam apenas um último, e Virgínia. Esse que ficou aproximou-se da menina completamente nu e tentou fazer com que ela também se despisse e se atirasse ao mar. Ela desviou o olhar e, diante do perigo iminente, apenas o marinheiro se jogou ao mar. Virgínia, com uma das mãos em suas vestes e com a outra no coração, foi arrastada até a praia. Seu corpo foi, em seguida, encontrado pelo vizinho e pelo escravo Domingos. Passados dois meses, Paulo morreu inconsolável. A mãe dele, Margarida, resistiu a morte do filho por apenas oito dias. Restava apenas a Senhora de la Tour. Esta havia consolado Paulo e Margarida, até que veio a falecer, pouco depois de um mês.

Essa é a história do tão lido *Paulo e Virgínia*. Não é difícil de entender o porquê de ter feito parte da biblioteca de alguns personagens de Machado de Assis, e, em especial, daqueles que compuseram as histórias do *Jornal das Famílias*. Tal romance deveria agradar inclusive ao próprio literato, que não apenas nos contos em que o colocou como leitura de algum de seus personagens, recorreu aos temas tratados por Bernardin de Saint-Pierre. A abordagem sutil e crítica feita por este escritor com relação à escravidão aproximava-se muito da presente em Machado de Assis. Conforme vimos, no conto “Virginius”, além da aproximação do próprio título com o nome de uma das personagens principais do romance, o literato contrapôs um senhor de escravos com qualidades imensamente superiores a outro com pouca, ou nenhuma, humanidade.⁸⁸ É a mesma denúncia à escravidão feita em *Paulo e Virgínia*. Sua forma de justificar a falsidade das mulheres européias também é interessante, e próxima daquela feita por Machado em seus contos. Na grande maioria de suas histórias escritas para aquela revista, vemos personagens femininas lutando para conquistar o direito de elas mesmas

⁸⁸ Ver o Capítulo II desta dissertação.

escolherem seus casamentos, sem que isso fosse uma imposição de suas famílias. De maneira parecida, em *Paulo e Virgínia*, a justificativa para casamentos infelizes girava em torno de uniões forçadas. Desse modo, essa era uma leitura que correspondia em grande medida ao posicionamento do próprio literato naquele periódico. Por outro lado, também não se afastava dos outros colaboradores. A infelicidade das duas mulheres causada pelo descumprimento de algumas regras sociais não deixa de ser conveniente naquele momento, em que o tema do casamento era insistentemente levado à baila. Também a vaidade, ou falta dela, era um dos temas preferidos, e fora tratado com singular importância pelo autor do romance. Como é possível observar, são muitos os motivos que podem ter feito daquela leitura uma das principais, e associada às personagens mais virtuosas.⁸⁹

Paulo e Virgínia foi, portanto, lido com ênfase especial em alguns pontos, de acordo com cada história em que foi inserido como leitura de algum personagem. Uma de suas leitoras foi Sara, do conto “Questão de vaidade”. A donzela com características opostas à viúva Maria Luiza lia o romance enquanto namorava Eduardo.⁹⁰ Este ao saber da leitura que fazia a menina, sentiu-se ainda mais motivado a continuar com sua trama:

Eduardo pegou no livro e no lenço e foi sentar-se junto de uma janela. Sua vaidade impava de contente. Tinha diante de si um coração virgem, completamente: um coração que ainda podia ler *Paulo e Virgínia*. Amar, conquistar, possuir esta menina, era surpreender a flor no botão; era ensinar o catecismo do amor, soletrar o credo do coração, a uma ignorante, a uma pura, a uma ingênua. Que mais podia ambicionar o caprichoso namorado?⁹¹

Machado de Assis delineava as características de Sara baseando-se no romance por ela lido. A menina é ingênua, pouco vaidosa, e ama Eduardo como Virgínia amava Paulo. Por

⁸⁹ Segundo Renata Wasserman, o romance *Paulo e Virgínia* pode ser interpretado como a construção de uma nova sociedade, diferente da européia. As mulheres, partindo das experiências da Senhora de la Tour e de Margarida, teriam escapado dos códigos de classe e gênero vigentes na Europa e os reinscrito em outro lugar. A comunidade por elas formada, naquela ilha distante, era matriarcal e não levava em consideração o fato delas serem mulheres. Por outro lado, a escravidão é simplesmente tomada como algo “natural”. O que é colocado naquelas páginas é uma vida idílica, mas dependente da tolerância ou proteção externa, caracterizada pelo Senhor de la Bourdonnais, por exemplo. Dessa forma, em grande medida, o romance de Bernardin de Saint-Pierre representa uma crítica aos costumes e valores europeus. WASSERMAN, Renata R. Mautner. “Love in exotic places: Bernardin de Saint-Pierre’s *Paul et Virginie*”. In: *Exotic Nations: Literature and cultural identity in the United States and Brazil, 1830-1930*. Ithaca: Cornell University Press, 1994.

⁹⁰ Ver o capítulo I desta dissertação.

⁹¹ Machado de Assis. “Questão de vaidade”. In: *Jornal das Famílias*. Janeiro de 1865. P. 4.

outro lado, Eduardo também conhecia o livrinho. Era, no entanto, outro tipo de leitor. Saber da história contida naquelas páginas o permitia escolher suas namoradas, tendo por base a leitura que imaginava que uma mulher poderia fazer. Machado sugere uma leitura às avessas do mesmo romance em seu conto. Era aquela que permitia ao leitor reconhecer qualidades nas suas namoradas, com a finalidade de desvirtuá-las. Às vezes, o que fica subentendido é que, para o literato, o bom leitor desse romance deveria ter características especiais. Eduardos poderiam lê-lo, mas só conseguiram, de fato, compreender o escrito se fossem mais virtuosos.

Em outro conto, “O anjo Rafael”, acompanha-se o desenvolvimento de um dos personagens até atingir a “educação” ideal, e se transformar em leitor do romance de Bernardin de Saint-Pierre.⁹² O Dr. Antero da Silva tinha trinta anos, boa saúde, e, se quisesse, poderia constituir alguma carreira profissional. No entanto, estava decidido a se matar. Comprou uma pistola, retornou a casa, mandou servir o jantar, conversou alegremente, enquanto comia, e deu ao seu escravo cinquenta mil réis, para que passasse a noite fora. Em seguida, sentou e começou a ler um volume do *Dicionário Filosófico*. Interrompida a leitura, foi escrever uma carta. Como última vontade, pediu que aquelas linhas fossem publicadas no *Jornal do Commercio*. Quando já estava pronto para disparar a arma, tocaram em sua porta. Era o criado do Sr. major Tomás que levava um bilhete, propondo certo negócio. A idéia do suicídio fora adiada. Partiram o Dr. Antero e o criado do major para uma chácara localizada na Tijuca. Ao chegar a casa, achou tudo com ar de mistério. Fora obrigado a passar a noite ali, sem ao menos falar com aquele que o havia mandado buscar. Assim que acordou, o criado abriu a porta do quarto, levando as folhas do dia. O rapaz só foi recebido pelo misterioso major depois do almoço. Era um velho alto e magro, com características que inspiraram medo ao seu visitante. A primeira informação que obteve foi a de que o seu pai e o major Tomás tinham sido amigos. No decorrer da conversa, soube que o major desejava a sua companhia e que se casasse com sua única filha, Celestina. Em troca, receberia uma grande fortuna. O primeiro protesto do Dr. Antero foi o de que não conhecia a menina, e que era injusto oferecê-la em casamento, sem que ela ao menos conhecesse o noivo. O major argumentava que sua filha não conhecia essas convenções, que era um “anjo na raça e na candura”. Objeção negada,

⁹² Victor de Paula. “O anjo Rafael”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro a dezembro de 1869.

Antero afirmou que, apesar disso, não gostaria de se casar com uma moça, sem amá-la.⁹³ Ainda no primeiro mês de publicação do conto, e mesmo sem a indicação de leitura do romance de Bernardin de Saint-Pierre por algum dos personagens, observam-se muitas semelhanças entre a narrativa de uma e outra história. Como se Machado de Assis fosse buscar subsídio para o seu conto. Os pontos coincidentes aparecem a partir das condições e negativas do casamento entre o Dr. Antero e Celestina.

Esse impasse permaneceu até o próximo mês, quando a menina foi apresentada ao seu futuro noivo. O rapaz já começava a imaginar que se a moça fosse bonita, e ainda por cima dona de uma fortuna, não havia nada que o impedisse de obedecer ao desejo de um amigo de seu falecido pai. No quarto, enquanto fazia esses cálculos, encontrou sobre uma mesa alguns livros. Entre esses estava um romance de Walter Scott. Nesse ponto Machado aproveitava para fazer crítica às leituras contemporâneas, e afirmava que o rapaz estava muito mais acostumado “com o estilo de telegrama dos livros de Ponson du Terrail”. Por isso, adormecera logo na segunda página.⁹⁴ Ao acordar, já fazia mil e um planos com sua provável fortuna. Pagaria os credores, iria a muitos bailes e salões e teria pelo menos uma ou duas mulheres. O criado fora, enfim, chamá-lo. Quando estavam sentados, esperando o jantar, uma criada anunciou a chegada de Celestina. A beleza da menina era surpreendente. E, mais surpreendente ainda, é a proximidade de suas características com as de Virgínia, do romance de Bernardin de Saint-Pierre:

Era, com efeito, um rosto angélico; transluzia-lhe no semblante a virgindade do coração. Os olhos serenos e doces pareciam feitos para a contemplação; os cabelos louros e caídos em cachos naturais assemelhavam-se a uma auréola. A tez era alva e finíssima; todas as feições eram de uma harmonia e correção admiráveis.⁹⁵

Além da beleza, era muito inocente e pura. Enquanto Virgínia adquirira aquelas características por ter vivido afastada dos costumes europeus, Celestina foi enclausurada em sua própria casa, e não conheceu nem mesmo as ruas do Rio de Janeiro. Sobre o casamento, sabia apenas que o Dr. Antero havia sido o escolhido por seu pai. A graça da menina era

⁹³ Victor de Paula. “O anjo Rafael”. In: *Jornal das Famílias*. Outubro de 1869. P. 304.

⁹⁴ Victor de Paula. “O anjo Rafael”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro de 1869. Pp. 325-326.

⁹⁵ Idem. Pp. 326-327.

tamanha, que o noivo chegou a pensar que fora “transportado a uma civilização desconhecida”.⁹⁶ Estava decidido a se casar. No outro dia, da mesma forma que havia acontecido na manhã anterior, o criado levou ao seu quarto as folhas do dia. Com essa leitura, o personagem viu a história de seu provável suicídio narrada no *Jornal do Commercio*. Seguiu o dia tranqüilamente, com Celestina mostrando a ele seu pequeno jardim. Já começava a ver a moça com outros olhos. Sentia mesmo, pela primeira vez, que a amava. Nisso, foi surpreendido pela revelação do major Tomás, que dizia ser, na verdade, o anjo Rafael, enviado dos céus. Mostrou ao rapaz toda a fortuna que estava destinada a ele, assim que se casasse com Celestina. O dia do casamento foi marcado para dali a um mês. As notícias nos jornais sobre o seu suicídio continuavam. E o que mais o deixou admirado foi um convite para uma missa por sua alma. Isso porque essa missa não fora encomendada por nenhum amigo, mas pelo escravo, como retribuição ao dinheiro dado no dia de sua morte. Conversando com a menina, descobriu que ela também acreditava que seu pai fosse um anjo. Imaginou, então, que todos ali estavam loucos. A partir daí, retomou os planos de fuga. Quando estava para fazer isso, ouviu tocar em sua porta. Era a criada de Celestina, e o momento ideal para o narrador encerrar mais um mês.⁹⁷ Nesse mês, *Victor de Paula* mesclou em sua história características dos “contos fantásticos” em voga àquela época a detalhes do *Paulo e Virgínia*. Ao mesmo tempo em que o leitor acompanhava os delírios do suposto anjo, encontrava menções a escravos e ao relacionamento estabelecido entre esses e o seu senhor, a sensação do rapaz de ter sido “transportado a uma civilização desconhecida”, o fato de a menina também ter um jardim, da mesma forma que Virgínia, o casamento como negócio realizado entre pai e noivo, e o amor puro que começava a apresentar suas primeiras características.

No último mês de publicação de “O anjo Rafael”, no *Jornal das Famílias*, os leitores foram informados de que a criada que procurara o Dr. Antero chamava-se Antônia. Ela pedia para que o rapaz salvasse a menina. Naquela circunstância não podia contar tudo o que estava acontecendo. Tinham que esperar até a meia noite, quando o major já estivesse dormindo. Antes dessa revelação e completando o cenário, chegou aquela casa, homem que dizia ser amigo do major e do pai do Dr. Antero. A noite corria calmamente. Antero dirigiu-se para o quarto e encontrou uma cartinha de Celestina, que pedia ao noivo que sonhasse com ela. O

⁹⁶ Idem. P. 327.

⁹⁷ Idem. P. 337.

rapaz ficou encantado com a ingenuidade da moça. Sentou-se e, enquanto esperava pela criada, abriu um livro:

Para matar o tempo o rapaz abriu um dos livros que estavam sobre a mesa. Acertou de ser “*Paulo e Virgínia*”, o doutor nunca havia lido o celebre romance; o seu ideal e a sua educação o afastavam daquela literatura. Mas agora tinha o espírito preparado para apreciar páginas tais; sentou-se e leu rapidamente metade da obra.⁹⁸

Conforme viemos acompanhando, o leitor de *Paulo e Virgínia*, até chegar à leitura daquele romance, passara por várias transformações. Lera escritos diversos, apaixonou-se por uma moça celestial, para poder, finalmente, compreender a trama daquele jovem casal da ilha Maurício. Dessa forma, além de atribuir a sua personagem, Celestina, traços referentes à Virgínia, Machado de Assis ainda acompanhou o desenvolvimento de um leitor até chegar aquelas páginas. Depois dessa leitura, Dr. Antero, em conversa com Antônia, descobriu que o pai de Celestina estava louco e que a menina acreditava mesmo ser filha de um anjo. A criada pedia que o rapaz a ajudasse. A solução estava no casamento. Contudo, ainda restava um último mistério: por que o major Tomás havia enlouquecido? E ainda, onde estava e quem era a mãe de Celestina? Dr. Antero descobriu, por meio da revelação daquele amigo que fora passar uns dias naquela casa, que o major quando estava casado, havia suspeitado de que sua esposa fosse infiel. Expulsou-a de casa. No dia seguinte ao ocorrido, a mulher sem dinheiro, e sem ter o que comer pediu ajuda ao amigo do major, dizendo ser inocente. Esse não acreditou nas palavras da mãe de Celestina. Passados alguns anos, entretanto, esse mesmo amigo encontrou-a em uma província do norte, servindo de criada em uma casa. Descobriu também que havia tido uma “vida exemplar”, que as suspeitas de traição eram infundadas, e que ela queria apenas proteger uma amiga. Assim que soube desses detalhes, esse amigo fora ao encontro do major, mas quando chegou lá ele já havia enlouquecido. Assim que essa história fora revelada ao Dr. Antero, o casamento foi acertado para em breve. Antes da realização do matrimônio, o major faleceu e disso só ficou sabendo Celestina apenas alguns dias depois. Com a mudança que se efetuara no caráter do Dr. Antero, a fortuna de sua noiva já não tinha mais importância, e até se incomodava com a opinião alheia. Vencidos os primeiros

⁹⁸ Victor de Paula. “O anjo Rafael”. In: *Jornal das Famílias*. Dezembro de 1869. P. 360.

escrúpulos, casaram-se, e nenhum deles lembrava-se mais do major Tomás. Nem mesmo a menina, que, aos poucos, acostumava-se mais com a vida mundana da corte, e aguardava pelo retorno da mãe.⁹⁹

Sem dúvida, Machado de Assis lera o *Paulo e Virgínia* e usara em cenas e caracterização das personagens de seu conto reminiscências daquele romance. Embora o leitor que vemos, seja o personagem Dr. Antero, quem mais se aproxima de Virgínia é a própria Celestina. Além das semelhanças entre as duas personagens, a infelicidade e loucura do major Tomás foram causadas devido à suspeita de infidelidade de sua esposa, embora nas últimas páginas do conto ela seja encontrada levando uma “vida exemplar”. É o retorno do mesmo tema que constitui a própria base do romance de Bernardin de Saint-Pierre. A aceitação desse romance entre os personagens leitores de Machado de Assis, assim como por seus leitores reais, haja vista suas sucessivas reedições, pode ser entendida a partir da própria releitura feita pelo literato em suas histórias. Por certo que as leitoras reais de ambos os enredos se identificavam com aquele drama repetido tantas vezes. Para além da leitura edificante, por causa dos valores ali transmitidos, deveriam encontrar conforto ao acompanhar o dia a dia da Senhora de la Tour e de Margarida, que colocaram em xeque algumas regras sociais.

Outro leitor desse romance apareceu em “Francisca”. Aqui o personagem leitor era o próprio narrador, *Maximo*. Para caracterizar a sua protagonista, fazia lembrar as semelhanças entre Rute, Virgínia, Ofélia e a personagem por ele construída:

Ora, Francisca, no tempo em que Daniel a viu pela primeira vez, era um tipo daquela beleza cândida e inocente de que a história e a literatura nos dão o exemplo em Rute, Virgínia e Ofélia; a pureza exterior denunciava a pureza interior; lia-se-lhe na alma através dos olhos límpidos e sinceros; uma sensibilidade sem pieguice, uma modéstia sem afetação, tudo o que a natureza, que ainda se não perverteu, pode oferecer ao coração e aos olhos de um poeta, tudo existia na amada do poeta Daniel.¹⁰⁰

Ao arquitetar suas personagens mais semelhantes à Virgínia, no decorrer da trama, Machado de Assis fazia com que elas se transformassem em “mulher completa, sedutora,

⁹⁹ Idem. Pp. 360-369.

¹⁰⁰ Maximo. “Francisca”. In: *Jornal das Famílias*. Março de 1867. P. 73.

embriagadora”. Isso foi o que aconteceu tanto com Celestina, quanto com Francisca. Contrapondo-se a esses enredos, permanecer com suas características de donzela era o que deseja a personagem Cecília, de “O anjo das donzelas”.¹⁰¹ Essa também era leitora de romances como o *Paulo e Virgínia*. Um dos primeiros contos publicado por Machado de Assis, no *Jornal das Famílias*, teve seu começo definindo o leitor idealizado, como “homem de bons costumes, (que) acata as famílias e preza as leis do decoro público e privado”. Depois o tranqüilizava sobre a moralidade de seu escrito, e apresentava Cecília. A menina terminava a leitura de um livro. A preocupação de *Max* era sobre qual seria aquele livro, lido com tanta curiosidade, apesar da hora adiantada:

Que lê ela? Daqui depende o presente e o futuro. Pode ser uma página da lição, pode ser uma gota de veneno. Quem sabe? Não há ali a porta um índice onde se indiquem os livros defesos e os lícitos. Tudo entra, bom ou mau, edificante ou corruptor, *Paulo e Virgínia*, ou *Fanny*. Que lê ela neste momento? Não sei. Todavia deve ser interessante o enredo, vivas as paixões, porque a fisionomia traduz de minuto a minuto as impressões aflitivas ou alegres que a leitura lhe vai produzindo.¹⁰²

O romance de Bernardin de Saint-Pierre é contraposto ao *Fanny*, de modo a demonstrar que um fazia parte das leituras mais adequadas, enquanto o outro era “corruptor”. A leitora Cecília faz parte daquelas que Machado considerava como as mais perspicazes. Seu modo de leitura assemelhava-se ao dos melhores leitores. Assim que chegava ao fim do romance, que havia lido com tamanha vontade, refletia e passava “em revista na memória todos os sucessos contidos no livro, reproduziu episódio por episódio, cena por cena, lance por lance. Deu forma, vida, alma, aos heróis do romance, viveu com eles, conversou com eles, sentiu com eles”.¹⁰³ O problema nisso tudo foi que a leitura dessas novelas causou-lhe certa repulsa ao amor, porque aprendera naquelas páginas que o “amor era uma paixão invencível e funesta”. Passou até mesmo a não querer se casar. Durante a insônia produzida por causa da leitura da última novela, viu entrar em seu quarto o anjo das donzelas. Era uma figura fantástica, que prometia proteção, e virgindade eterna. Estava livre das paixões e guardada sob

¹⁰¹ Max. “O anjo das donzelas”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro e outubro de 1864.

¹⁰² Max. “O anjo das donzelas”. In: *Jornal das Famílias*. Setembro de 1864. P. 250.

¹⁰³ Idem. Pp. 250-251.

o emblema de um anel, que não poderia ser retirado de seu dedo em caso algum. A partir desse momento, passou a rejeitar todos os possíveis namorados. Apesar dos anos que corriam, e da solidão que apertava, Cecília mantinha o anel em seu dedo, e não se arrependia da promessa feita. Transformou-se em confidente de suas amigas, aconselhando-as a uma “prudente reserva”. Envelhecia. As rugas apareciam juntamente com os cabelos brancos. Seus pais haviam falecido, e ela morava agora apenas com uma irmã viúva. Entre aqueles que iam a casa delas, alguns haviam sido pretendentes de Cecília. Além desses, foram visitadas também por um primo, chamado Tibúrcio. Este havia partido para São Paulo à época da aparição do anjo das donzelas. O primo não havia se casado, e contou que, antes de sua partida, deixara uma prova de amor a Cecília, que era o anel que a moça imaginava ter sido colocado em seu dedo como forma de proteção. Ao ouvir essa história, Cecília não acreditou. Contudo, Tibúrcio afirmava que no interior do anel, como prova de que tudo era verdade, todos poderiam ver as suas iniciais gravadas. Era preciso retirar o anel para conferir, e quebrar a promessa feita naquela noite. Entre a curiosidade de averiguar o dito do primo e a necessidade de cumprir com a promessa, Cecília tentou resistir e não retirar o anel, mas foi vencida. Todos terminaram vendo que, de fato, as iniciais de Tibúrcio estavam ali gravadas.¹⁰⁴

Importa pensar aqui nas leituras e no modo de ler de Cecília. É clara a preocupação com aquilo que as moças liam. O “presente e o futuro” delas estavam diretamente associados à boa leitura, que deveria conter lições. Cecília lia de tudo. Desde *Paulo e Virgínia* até *Fanny*. Foi lendo tais páginas que descobriu os significados do amor. O romance de Bernardin de Saint-Pierre era considerado como auxiliar no bom desenvolvimento de suas leitoras. Do lado oposto estava o romance de Ernesto Feydeau. Resta saber o que haveria nessas outras páginas contrárias ao *Paulo e Virgínia* que poderiam inseri-las no índice de *Max*, e de outros narradores de Machado de Assis. Quem eram suas leitoras e como tal romance era por elas lido?

As duas personagens principais são a Fanny e seu amante Roger. Este era, aliás, o próprio narrador do romance. Roger começava contando sobre o seu isolamento, causado por um grande amor. Da mesma forma que vimos no *Paulo e Virgínia* eram as lembranças de um passado não muito distante. Com a diferença de que agora quem contava a história não era apenas mais um personagem, mas o próprio protagonista da trama. Contava que havia muito

¹⁰⁴ Idem.

tempo que amava Fanny, apesar dos muitos obstáculos que os separavam. Enquanto ele tinha vinte e quatro anos, sua amada já estava com trinta e cinco. Afirmava que apesar de a mulher ser mais velha, “conservava toda a frescura e jovialidade”. E ainda aliava certa experiência que as meninas mais novas não possuíam. Os dois encontravam-se às escondidas durante duas horas por semana. O tempo era restrito, mas Roger a perseguia em todos os lugares, e a definia como “mulher até as pontas dos cabelos”. Seus encontros, descritos com muitos detalhes, terminavam com protestos e juras de amor eterno. Fanny tratava-o como criança e prometia retornar. Tudo corria tranqüilamente, sem que qualquer referência mais direta à vida doméstica de Fanny fosse feita. Isso até o nome de um de seus filhos ser pronunciado. Roger ouviu, então, vários casos sobre aquela família. Reconheceu que o amor de mãe era grande e teve ciúmes daquelas crianças. Quando um deles ficara doente, a mãe passou, vários dias, afastada do amante. Ao pensar na criança, Roger associou-a ao marido de Fanny. Assim que ficara curado o filho, os encontros foram retomados. O rapaz, contudo, já não era mais o mesmo. Queria freqüentar a casa de sua amante e conhecer o marido enganado. Para satisfazer esse desejo de Roger, planejaram aceitar um convite de uma amiga de Fanny.

O marido traído devia ter quarenta anos. Era o oposto de Roger. Ambos os homens chegaram até mesmo a trocar algumas palavras na reunião combinada. Depois disso, os ciúmes do rapaz apaixonado cresceram ainda mais, porque não conseguia esquecer-se do outro homem. Imaginava como Fanny, diante de seu marido, deveria ser mais submissa e frágil. Não conseguia aceitar aquele casamento. Sabia do amor que Fanny afirmava ter sentido por seu marido, mesmo tendo a família dela sido contra, por ser ele “um homem sem posição e sem riqueza”. Não conseguia entender, então, o porquê de ela agora ter um amante. Chegou a acreditar que era apenas “para variar (...) para satisfazer, um contrário exagerado, um desejo mais sentimental, mais delicado”. Diante dos ciúmes de Roger, Fanny tentava lembrá-lo de que, quando o relacionamento dos dois começou, o casamento dela não era segredo. E ainda explicava o porquê de uma mulher ter um amante:

Pois por ventura os nossos maridos pensam em nós? Que mulher tomaria um amante, se o marido lhe desse o que um amante lhe dá? Já não digo os cuidados, as atenções, os bons

modos, a amizade; mas um pouco desse balsamo que é a essência da nossa vida toda – um pouco d’amor!¹⁰⁵

Essas palavras serviram para atenuar um pouco dos ciúmes de Roger. Este já chegava a pensar em todos os perigos que a mulher corria para ir ao seu encontro, as “invenções”, os “cálculos”, os “ardis”. Certo dia, Fanny começou a desconfiar de que seu marido sabia dos encontros que tinha com Roger. Pensou isso por causa de uma tristeza repentina que o acometera. Passado algum tempo, entretanto, a mulher descobrira que a causa daquilo era um risco de falência. Ao revelar esse detalhe ao seu amante, uma fuga foi a sugestão por ele oferecida. A mulher recusou imediatamente, afirmando não poder abandonar a sua casa. Segundo ela, “a casa (...) é o posto de honra confiado à mulher! Mulher que se respeita, não a abandona nunca!”. Roger nada compreendia. A possível falência do marido de Fanny não se concretizou.

Depois de um período afastada de Roger, Fanny voltou a se encontrar com o amante e confessou ser seu marido “um terrível déspota”, ao contrário daquilo que antes afirmava. Casou-se com ela apenas porque queria “enriquecer-se e propagar-se”. Gastava o seu dote cada vez mais. Fanny sentia ter alguma liberdade, e teve até mesmo alguns namorados, sem que o marido soubesse. Porém, um dia uma carta de um suposto namorado dela foi parar nas mãos do marido. A partir daí, a mulher vivia ameaçada. Usando a tal carta, fez várias exigências e tentou obrigá-la a ceder todo o seu dote. Por causa disso, Roger imaginava que sua amante era ou a “mais extraordinária ou a mais vil das mulheres”. Quis saber algo mais sobre o caráter de Fanny, mesmo estando tão envolvido com ela. Sua primeira estratégia foi comprar, em segredo, uma casa ao lado da dela. Com isso, soube de todos os costumes da casa de sua amante. Certa noite, conseguiu entrar pela janela sem ser visto. Observava um dos quartos, quando viu o marido de Fanny. Logo depois, percebeu que a mulher se aproximava de seu marido. Não entendia o que ela havia ido fazer ali aquela hora. Observou o casal conversando, e, em seguida, viu que Fanny, abraçada ao seu marido, cedia aos desejos dele. Roger sentia-se traído. Perdeu os sentidos, e quando percebeu estava em sua casa ao redor de alguns amigos. Fora encontrado com febre nas margens do rio Sena. Delirava um pouco, e todos imaginaram que havia enlouquecido. Fanny, sem saber a causa daquilo, continuava a

¹⁰⁵ FEYDEAU, E. Op. Cit. Pp. 49-50.

freqüentar a casa dele, até ser colocada para fora. Roger pediu a partir daí aos seus enfermeiros que não a deixassem entrar. Foi obedecido. Depois de restabelecido, Fanny conseguiu vê-lo. Soube, então, de tudo o que havia acontecido. Tentou reverter a situação, mas seu amante mostrava-se inflexível. Por fim, para não ceder mais uma vez aos encantos de Fanny, o rapaz fugiu sem dizer para onde estava indo.

Não é difícil de entender o porquê de o repetitivo romance de Ernesto Feydeau ser inserido no índice de *Max*, em “O anjo das donzelas”. Ao contrário de *Paulo e Virgínia*, este aqui restringia sua trama a descrever cada detalhe dos encontros de uma mulher casada com seu amante. Os afazeres do lar, os filhos e o marido são deixados de lado, para que a mulher se encontrasse com outro homem. O amante ciumento ainda fez referência a outros relacionamentos que Fanny havia tido. Eram questões que as leitoras não poderiam nem ao menos imaginar. Apesar disso, as personagens criadas por Machado de Assis em seus contos liam o *Fanny*. Cecília provavelmente o leu. E Augusta, de “O segredo de Augusta”, também.¹⁰⁶ As personagens desse outro conto são assim apresentadas: logo na primeira cena, estava Augusta com o seu livro nas mãos. Os leitores não são informados sobre qual livro a personagem lia. Entretanto, para terminar o capítulo, surgia em sua casa dois caixeiros, “um com alguns vestidos e o outro com um romance; eram encomendas feitas na véspera. Os vestidos eram caríssimos, e o romance tinha este título: *Fanny*, por Ernesto Feydeau”.¹⁰⁷ Augusta é caracterizada como mulher muito vaidosa, que fazia questão de esconder a idade. Tinha plena consciência de sua beleza. Carlota, uma amiga dela, é apresentada como “um segundo volume de Augusta”. Em oposição a essas duas mulheres, Adelaide, filha de Augusta, tinha quinze anos, havia sido criada na “roça”, e fora, por um pretendente, comparada à Virgínia. Seu pai, chamava-se Vasconcelos. Tinha quarenta anos, ia a sua casa a passeio, costumava se deitar tarde, e explicava a filha que fazia aquilo por causa da política, definida como “uma coisa muito feia, mas muito necessária”.¹⁰⁸ Entre os amigos de Vasconcelos, Gomes era o seu candidato a genro. Ambos eram muito semelhantes. Por fim, ainda havia um irmão de Vasconcelos, definido como pessoa sensata e de bons costumes.

¹⁰⁶ Machado de Assis. “O segredo de Augusta”. In: *Jornal das Famílias*. Julho e agosto de 1868.

¹⁰⁷ Machado de Assis. “O segredo de Augusta”. In: *Jornal das Famílias*. Julho de 1868. P. 209.

¹⁰⁸ Idem. P. 210.

Não foi por acaso que Machado de Assis referiu-se à compra do romance de Ernesto Feydeau por Augusta, logo nas primeiras cenas desse conto. No desenrolar da narrativa, acompanhamos a falência de Vasconcelos, e a sua trama para casar a filha, Adelaide, com Gomes, por considerá-lo rico. Mal sabia de que o interesse de seu amigo pela menina era também motivado por falência. Ambos pensaram em usar o casamento como forma de se livrar de dificuldades financeiras. Do outro lado, Augusta tentava impedir a realização do matrimônio da menina. Fazia isso pensando que os filhos que Adelaide teria seriam seus netos. E isso Augusta tentava adiar enquanto fosse possível. Vasconcelos chegou a imaginar que a recusa, sem explicação, ao futuro genro, comprovava que sua esposa era amante de Gomes. Neste sentido, o narrador se perguntava:

As suspeitas de Vasconcelos teriam razão?

Devo dizer a verdade; não tinham. Augusta era vaidosa, mas era fiel ao infiel marido; e isso por dois motivos: um de consciência, outro de temperamento. Mesmo que ela não estivesse convencida do seu dever de esposa, é certo que nunca trairia o juramento conjugal. Não era feita para as paixões, a não serem as paixões ridículas que a vaidade impõe. Ela amava antes de tudo a sua própria beleza; o seu melhor amigo era o que dissesse que ela era mais bela entre as mulheres; mas se lhe dava a sua amizade, não lhe daria nunca o coração; isso a salvava.¹⁰⁹

Augusta é, então, eximida de qualquer suspeita de traição. Ao menos para os leitores. Mas, ao mesmo tempo, Machado de Assis trazia à tona a insatisfação de uma personagem com o seu casamento. Era vaidosa para compensar o tratamento oferecido por Vasconcelos. Apesar de haver certo tom de crítica diante da vaidade exacerbada da mulher, de acordo com aquilo que podia ser encontrado em outras histórias naquelas mesmas páginas, os leitores, a partir da leitura feita pela personagem, foram levados a refletir sobre a “paz doméstica”, sugerida por Machado. Havia, portanto, mais do que uma crítica às vaidosas naquele conto. Em muitos pontos, as histórias de Fanny, Augusta e Eugênia, de “Confissões de uma viúva moça”, aproximam-se. As três personagens demonstravam certa insatisfação com seus casamentos, mas, ainda assim, queriam preservar o lar. As explicações oferecidas por elas tanto para trair

¹⁰⁹ Machado de Assis. “O segredo de Augusta”. In: *Jornal das Famílias*. Agosto de 1868. P. 237.

seus maridos, quanto para tentar manter aquelas uniões frustradas eram semelhantes. Além disso, até mesmo o tão elogiado *Paulo e Virgínia* colocava em discussão tema não muito distante, com a Senhora de la Tour e Margarida, que haviam quebrado tantas regras sociais, a fim de concretizar relacionamentos que fugiam ao costume àquela época. São narrativas que criavam novos lugares para as suas personagens, e que serviam de afronta aos que tentavam construir um certo modelo de mulher. Isso acontecia mesmo quando a leitura mais superficial relacionava-se a manutenção de algumas regras morais e religiosas, por meio de outras formas de ler o mesmo texto, possível apenas a algumas leitoras, como aquelas que freqüentavam o *Jornal das Famílias*.

Fanny ainda teve mais adiante, em “O caminho de damasco”, outro leitor.¹¹⁰ Esse fora descrito como um daqueles freqüentadores da rua do Ouvidor, idêntico ao marido de Augusta. Chamava-se Jorge e tinha o hábito de ler nas poucas horas que ficava em casa. Havia auxiliado um amigo da casa a se casar com Clarinha. Era uma prima de Jorge, que morava na casa dele desde que ficara órfã de mãe, e o pai a abandonara para acompanhar uma italiana. A menina era muito bonita e melancólica, por causa da situação em que vivia. Morava de favor e ainda por cima amava o primo. Este, quando soube da antiga paixão de Clarinha, mesmo já tendo ela se casado e saído de sua casa, ou por causa disso, tentou viver um relacionamento, tal qual aqueles que lia nos livros. Clarinha, todavia, não cedeu as investidas do primo, que se revelou leitor que se inspirava nos livros para seduzir suas namoradas.

A partir do exposto, observa-se que leitores muito diferentes povoavam aquelas histórias. Liam desde as páginas mais indicadas àquela época, quanto os “perigosos” romances desaconselhados até “para as casadas”. Ao fazer seus personagens lerem tais livros, de maneira indireta, Machado de Assis fazia com que seus leitores reais também os lessem. Seja por meio de transcrições de cenas de uma história para a outra, ou recontando situações semelhantes em seus contos. Sendo assim, os leitores do *Jornal das Famílias* liam esses romances com Machado de Assis em seus escritos. Os contos desse literato para aquela revista produziam releituras da literatura contemporânea a ele. Colocavam até mesmo aqueles que tinham pouco conhecimento sobre o que era produzido na Europa em contato com o que era

¹¹⁰ Job. “O caminho de damasco”. In: *Jornal das Famílias*. Novembro e dezembro de 1871.

mais corrente. Fazia isso não apenas como crítica a quem desejasse passar imagem falsa sobre si mesmo, mas também como forma de abrir suas próprias leituras aos seus leitores.

Jornais e revistas:

Revista Popular – 1859-1862

Jornal das Famílias – 1863-1878

A mãe de família: Jornal científico, literário e ilustrado. Janeiro de 1879.

Correio Mercantil – 26/07/1859; 01 e 11/04/1865; 01, 02, 04, 09, 15/05/1865 e 03/06/1865.

Diário do Rio de Janeiro – 02/04/1865.

Jornal do Commercio – 1863-1865.

Semana Ilustrada – 30/01/1870.

Gazeta Artística – 05/09/1875.

Romances e outros:

ALENCAR, José de. *A Viuvinha*. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1951.

_____. *Como e porque sou romancista*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1995.

_____. *O Systema Representativo*. Brasília: Senado Federal, 1996.

ASSIS, Machado. *Obra completa*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986. 3 V.

_____. *Contos completos de Machado de Assis*. Organização e notas de Djalma Cavalcante. Juiz de Fora, MG: Ed. da UFJF. V. 1. 2 T.

AZEVEDO, Aluizio. *O mulato*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora S. A., 1970.

BINZER, Ina Von. *Os meus romanos: Alegrias e tristezas de uma educadora alemã no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938. 3 V.

ÉSQUILO. *Teatro Grego*. São Paulo: Editora Cultrix, S/d.

EXPILLY, Charles. *Mulheres e costumes do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1935.

- FEYDEAU, Ernesto. *Fanny*. Lisboa: Livraria Editora: parceria Antônio Maria Pereira, 1929.
- MACEDO, Joaquim Manuel de. *Memórias da rua do Ouvidor*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1952.
- _____. *Memórias do Sobrinho de Meu Tio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *A moreninha*. São Paulo: Ática, 1976.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de (org.). *Três panfletários do segundo reinado*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.
- MARTINS PENA. “As desgraças de uma criança”. In: *Comédias*. Rio de Janeiro: Ediouro. S/d. Pp. 335-354.
- RIBEIRO, Júlio. *A carne*. Rio de Janeiro: Francisco Alves e Cia, 1911.
- SAINT-PIERRE, Bernardin. *Paulo e Virgínia*. São Paulo: Ícone, 1986.
- SOUZA, Francisco Belizário Soares de. *O Sistema Eleitoral no Império*. Brasília: Senado Federal, 1979.

Biografias e dicionários:

- COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia de Literatura Brasileira*. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001. 2V.
- FONSECA, Gondim da. *Machado de Assis e o hipopótamo: uma revolução biográfica*. São Paulo: Fulgor, 1961.
- MAGALHÃES Júnior, Raimundo de. *Vida e Obra de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981. 4v.
- MASSA, Jean-Michel. *A juventude de Machado de Assis (1839-1870). Ensaio de biografia intelectual*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.
- MENEZES, Raimundo de. *Dicionário Literário Brasileiro*. São Paulo: Ed. Saraiva, 1969.
- OLIVEIRA, Américo Lopes de. *Dicionário de mulheres célebres*. Porto: Lello e irmão – editores. 1981.
- SOUZA, Galante de. *Bibliografia de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: INL, 1955.

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Márcia (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.
- _____. *Os caminhos dos livros*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.
- ABREU, Martha. *O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____. *Meninas perdidas: Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.
- AUGUSTI, Valéria. *O romance como guia de conduta: A moreninha e Os dois amores*. Dissertação de Mestrado em Teoria e História Literária: Unicamp, 1998.
- AZEVEDO, Célia Marinho. *Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- BROCA, Brito. *Machado de Assis e a política*. São Paulo: Polis, 1983.
- BRÜGGER, Sílvia Maria Jardim. *Valores e vivências matrimoniais: o triunfo do discurso amoroso (bispado do Rio de Janeiro, 1750-1888)*. Dissertação de Mestrado em História: UFF, 1995.
- CÂNDIDO, Antônio. *A crônica: o gênero, sua fixação, e suas transformações no Brasil*. Campinas, SP: Editora da Unicamp; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.
- CANO, Jefferson. *O fardo dos homens de letras: o “orbe literário” e a construção do império brasileiro*. Tese de Doutorado em História: Unicamp, 2001.
- CARVALHO, José Murilo de. *A construção da ordem: a elite política imperial*. Brasília: Editora da UNB, 1981.
- _____. *Teatro de sombras: a política imperial*. São Paulo: Vértice, 1988.
- CAVALLINI, Marco Cícero. *O Diário de Machado: a política do Segundo Reinado sob a pena de um jovem cronista liberal*. Dissertação de Mestrado em História: Unicamp, 1999.
- CHALHOUB, Sidney & PEREIRA, Leonardo. *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

- CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis, historiador*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na corte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CHARTIER, Roger (org). *Práticas da leitura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1996.
- CONY, Carlos Heitor. “Prefácio”. In: STOWE, Harriet Beecher. *A cabana do pai Tomás*. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1965.
- DARNTON, Robert. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DAVIS, Natalie Zemon. “O povo e a palavra impressa”. In: *Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- _____. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- D’INCAO, Maria Ângela. “O amor romântico e a família burguesa”. In: *Amor e família no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. “Mulher e família burguesa”. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.
- FAORO, Raymundo. *Machado de Assis: a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Globo, 2001.
- GLEDSON, John. “Os contos de Machado de Assis: o machete e o violoncelo”. In: ASSIS, Machado. *Machado de Assis: Contos/uma antologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Machado de Assis: impostura e realismo: uma interpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- _____. *Machado de Assis: ficção e história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- _____. “Leituras femininas (e não-leituras masculinas) em ‘Capítulo dos chapéus’”. In: *Revista do Livro*. Rio de Janeiro, nº 44, 2002.
- GRAHAM, Richard. *Clientelismo e política no Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.
- GRAHAM, Sandra Lauderdale. *Proteção e obediência: criadas e patrões no Rio de Janeiro 1860-1910*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

- GRANJA, Lúcia. *Machado de Assis, escritor em formação (à roda dos jornais)*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000.
- GUIMARÃES, Hélio de Seixas. *Os leitores de Machado de Assis: o romance machadiano e o público de literatura no século 19*. Tese de Doutorado em Teoria e História Literária: Unicamp, 2001.
- JOBIN, José Luís (org.). *A biblioteca de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.
- MATTOS, Ilmar R. de. *O tempo saquarema*. São Paulo: HUCITEC, 1990. 2ª edição.
- MATTOSO, Kátia de Queirós. *Família e sociedade na Bahia do século XIX*. São Paulo: Corrupio, 1988.
- MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo de. *Machado de Assis desconhecido*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1955.
- _____. *Ao redor de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1958.
- MEYER, Marlyse. *Folhetim: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *As mil faces de um herói canalha e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1998.
- NABUCO, Joaquim. *Um estadista do Império*. São Paulo: Instituto Progresso Editorial S. A., 1949. Volumes II e III.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *O carnaval das letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004. 2ª edição.
- PERROT, Michelle. “As mulheres, o poder e a história”. In: *Os excluídos da história: mulheres, operários e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- RIBEIRO, Luis Filipe. *Mulheres de papel: um estudo do imaginário em José de Alencar e Machado de Assis*. Niterói, RJ: EFFF, 1996.
- SALIBA, Elias Thomé. *Raízes do riso: a representação humorística na história brasileira: da Belle Époque aos primeiros tempos do rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades, 1981.
- _____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades, 1990.
- _____. *Dois meninas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

- SILVA, Ana Cláudia Suriani da. *Linha reta e linha curva: edição crítica e genética de um conto de Machado de Assis*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.
- SCOTT, James. *Domination and arts of resistance. Hidden Transcripts*. New Haven: Yale University Press, 1990.
- SLENES, Robert. *Na senzala, uma flor: esperanças e recordações na formação da família escrava, Brasil Sudeste, Século XIX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- STEIN, Ingrid. *Figuras femininas em Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- THOMPSON, E. P. “Patrícios e plebeus”. In: *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- XAVIER, Therezinha Mucci. *A personagem feminina no romance de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- WASSERMAN, Renata R. Mautner. “Love in exotic places: Bernardin de Saint-Pierre’s Paul et Virginie”. In: *Exotic nations Literature and cultural identity in the United States and Brazil, 1830-1930*. Ithaca: Cornell University Press, 1994.

ANEXO

CONTOS PUBLICADOS POR MACHADO DE ASSIS NO
JORNAL DAS FAMÍLIAS

	Mês/ano	Conto	Assinatura
01	06/1864	“Frei Simão”	M. A.
02	07 e 08/1864	“Virginius”	Machado de Assis
03	09 e 10/1864	“O anjo das donzelas”	Max
04	11/1864	“Casada e viúva”	Machado de Assis
05	12/1864 e 01 a 03/1865	“Questão de vaidade”	Machado de Assis
06	04 a 06/1865	“Confissões de uma viúva moça”	J.
07	08 e 09/1865	“Cinco mulheres”	Job
08	10/1865 a 01/1866	“Linha reta e linha curva”	Job
09	01/1866	“O oráculo”	Max
10	02/1866	“O pai”	M.
11	02 a 04/1866	“Diana”	anônima
12	04 e 05/1866	“Uma excursão milagrosa”	A.
13	05 e 06/1866	“O que são as moças”	Max
14	06 e 07/1866	“Felicidade pelo casamento”	F. e S.
15	09 e 10/1866	“A pianista”	J. J.
16	10 e 11/1866	“Astúcias de marido”	Job
17	11 e 12/1866	“Fernando e Fernanda”	Maximo
18	01 e 02/1867	“Possível e impossível”	Marco Aurélio
19	03/1867	“Francisca”	Maximo
20	04/1867	“Onda”	Maximo
21	05 e 06/1867	“O último dia de um poeta”	Max
22	11/1867	“História de uma lágrima”	J.B.
23	01/1868	“Não é mel para a boca de asno”	Victor de Paula
24	03/1868	“O carro nº 13”	Victor de Paula
25	04 e 05/1868	“A mulher de preto”	J. J.
26	06 e 07/1868	“Quinhentos contos”	Otto
27	07 e 08/1868	“O segredo de Augusta”	Machado de Assis
28	01/1869	“Luiz Soares”	J. J.
29	10 a 12/1869	“O anjo Rafael”	Victor de Paula
30	01/1870	“A vida eterna”	Camillo da Anunciação
31	? e 05/1.870	“O capitão Mendonça”	Machado de Assis
32	09 e 10/1.870	“O rei dos caiporas”	Job
33	?/1870	“Aurora sem dia”	?
34	01/1871	“Mariana”	J. J.
35	01/1871	“Aires e Vergueiro”	J. J.
36	03 e 10/1871	“Almas agradecidas”	Machado de Assis

37	03 e 10/1871	“A felicidade”	X
38	11 e 12/1871	“O caminho de Damasco”	Job
39	01 a 03/1872	“Rui de Leão”	Max
40	04 e 05/1872	“Quem não quer ser lobo”	J. J.
41	05 e 06/1872	“Uma loureira”	Lara
42	06 a 09/1872	“A parasita azul”	Job
43	07 e 08/1872	“Canseiras em vão”	O. O.
44	09 a 12/1872 e 01/1873	“Qual dos dois?”	J. J.
45	09 e 10/1872	“Uma águia sem asas”	J. J.
46	02 e 03/1873	“Quem conta um conto”	J. J.
47	03 e 04/1873	“Ernesto de tal”	J. J.
48	04/1873	“Tempo de crise”	Lara
49	04 e 05/1873	“O relógio de ouro”	Job
50	05/1873	“Decadência de dois grandes homens”	Max
51	06 e 07/1873	“As bodas do Dr. Duarte”	Lara
52	08 a 10/1873	“Nem uma nem outra”	J. J.
53	08 e 09/1873	“Um homem superior”	Job
54	10 e 11/1873	“Quem desdenha”	Machado de Assis
55	12/1873 a 02/1874	“A menina dos olhos pardos”	Otto
56	03 a 05/1874	“Os óculos de Pedro Antão”	J. J.
57	06 a 08/1874	“Um dia de entrudo”	Lara
58	10 e 11/1874	“Muitos anos depois”	Lara
59	11/1874 a 02/1875	“Miloca”	J. J.
60	12/1874 a 03/1875	“Valério”	Job
61	04 a 06/1875	“Quem boa cama faz”	O. O.
62	07 e 08/1875	“Brincar com fogo”	Lara
63	07 a 09/1875	“Antes que cases”	B.B.
64	08 e 09/1875	“A mágoa do infeliz Cosme”	Job
65	09/1875	“A última receita”	J. J.
66	10 e 11/1875	“Um esqueleto”	Victor de Paula
67	10 e 11/1875	“Onze anos depois”	Machado de Assis
68	12/1875 e 01/1876	“Casa, não casa”	Machado de Assis
69	12/1875 a 02/1876	“História de uma fita azul”	Machado de Assis
70	02 e 03/1876	“To be or not to be”	Machado de Assis
71	03 a 05/1876	“Longe dos olhos”	Machado de Assis
72	04 a 07/1876	“Encher tempo”	Machado de Assis
73	06 a 08/1876	“O passado, passado”	Lara
74	08 a 10/1876	“D. Mônica”	Lara
75	10/1876	“Uma visita de Alcibíades”	Victor de Paula
76	11 e 12/1876 a 01/1877	“O astrólogo”	Machado de Assis
77	12/1876 a 02/1877	“Sem olhos”	Machado de Assis
78	03 a 05/1877	“Um almoço”	Machado de Assis
79	06 a 08/1877	“Silvestre”	Victor de Paula

80	09 e 10/1877	“A melhor das noivas”	Victor de Paula
81	11 e 12/1877 a 01/1878	“Um ambicioso”	Machado de Assis
82	02 e 03/1878	“O machete”	Lara
83	04 e 05/1878	“A herança”	Machado de Assis
84	06 a 08/1878	“Conversão de um avaro”	Machado de Assis
85	10/1878	“Folha rota”	Machado de Assis
86	11 e 12/1878	“Dívida extinta”	Machado de Assis